Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

KAREN HORNEY

A PERSONALIDADE NEURÓTICA DO NOSSO TEMPO

Prefácio de
J. SEABRA-DINIS

ENSAIO

MINOTAURO

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Volumes publicados:

DIÁLOGOS SOBRE MÚSICA, por Wilhelm Furtwaengler

RAZÃO E CONTRA-RAZÃO NO NOSSO TEMPO, por Karl Jaspers

A PERSONALIDADE NEURÓTICA DO NOSSO TEMPO, por Karen Horney

A publicar:

O TEATRO E O SEU DUPLO, por Antonin Artaud

INTRODUÇÃO AO EXISTENCIALISMO, por Nicola Abbagnano

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

KAREN HORNEY

A PERSONALIDADE NEURÓTICA DO NOSSO TEMPO

Prefácio de
J. SEABRA-DINIS

Tradução de
FERNANDO GIL

ENSAIO

EDITORIAL MINOTAURO, LDA.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

PREFÁCIO

Independentemente do título «A personalidade neurótica do nosso tempo», a que motivos de circunstância emprestam sabor de quase irresistível chamariz, o aparecimento da versão portuguesa deste livro, em que se discute a validade dalgumas ideias fundamentais da psicanálise e se propõem outras hipóteses, afigura-se-nos bastante prestativo pelo real valor da obra e, ao mesmo tempo, muito oportuno, em razão do interesse social que o tema já desperta hoje entre nós.

Na verdade, pondo de lado um pequenissimo número de tentames isolados, empreendidos ainda antes do fim da última guerra mundial, em particular nos círculos médico e artístico, só agora a psicanálise começa a tomar corpo no nosso País e a ela se vão consagrando, em regime mais ou menos exclusivo, alguns dos seus cultores, que também já empenham esforços, ainda que nem sempre concordantes, para se congregarem associativamente.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

O atraso em relação aos outros países ocidentais é deveras notório, à semelhança do que há muito se tem verificado pelo menos na maior parte dos campos da ciência e da cultura. Já o Eça usava referir-se-lhe com acerba mas bem dirigida ironia, e ainda há pouco um conhecido escritor e crítico recordava a este propósito: «Infelizmente, caminhamos sempre na cauda dos grandes movimentos literários». (1)

Tudo se tem passado como se o nosso recanto peninsular não fizesse parte da Europa, ou como se redundasse quase intransponível a conventual muralha pirenaica que um tanto fatidicamente nos confina. É evidente, no entanto, que, para o explicar, existem demais razões (históricas, sociais e outras), que não são de esmiuçar agora.

No que respeita ao nosso tema, o atraso apresenta-se tanto mais impressionante e deplorável e entristecedor quanto à disseminação e à inflorescência do jardim psicanalítico parece corresponder noutros países o seu relativo estiolamento.

Já há mais de 50 anos, o próprio Freud exprimia o desejo, recentemente lembrado pelo dr. Brody, «de encontrar uma droga capaz de eliminar o longo processo psicanalítico». E, de facto, nos últimos tempos vem sendo fabricada ou descoberta, nos laboratórios, uma interminável série de drogas marcadamente actuantes na dinâmica psicológica, com o resultado de se abrirem multí-

---

(1) João Gaspar Simões: «O Segredo da Glória de Trindade Coelho», in «Diário Ilustrado», 7/7/961.

plices caminhos e promissoras perspectivas naquele sentido, para o qual se orientam, cada vez mais numerosos, os cientistas dos domínios da psiquiatria, terreno inicial e nuclear da psicanálise.

Pessoalmente, porém, não cremos que a questão possa ser posta nos termos simplistas e mecanicistas que lhe deu Freud. Indispensáveis embora as conquistas da psicofarmacologia e da bioquímica cerebral, bem como as de outras orientações biológicas, a elas se não irá reduzir a vida mental, que sempre há-de ter em conta as coordenadas psicológicas, sociais e até históricas, qualitativamente diferentes e que com elas deverão formar um contínuo processo de integração e não apenas de mera coexistência.

Mas não é o momento mais asado para debater tal problema, porquanto apenas pretendemos agora acentuar a precípua influência dos factores sociológicos sobre o curso e repercussão do movimento psicanalítico, deixando de parte a apreciação dos seus conceitos fundamentais, a qual, aliás, já de há muito tem sido feita à incidência das mais variadas luzes, e se bem que, em realidade, os tenhamos a ambos, psicanálise e movimento psicanalítico, por inextricáveis.

Nascido no fim do século passado e princípios do presente, o movimento psicanalítico encontrou grandes dificuldades em romper caminho até à primeira guerra mundial de 1914-18.

Porquê? Idealistamente se acreditava então ainda, nas classes sociais preponderantes, na omnipotência das forças da Razão e do Progresso, que, em marcha ascen-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

sional e ininterrompível, iam levando o homem a um cada vez mais perfeito domínio de si próprio e da natureza. (1)

Claro é que, para quem assim se habituara a pensar, constituía indecoroso contra-senso vir apregoar o «sexo» e o «inconsciente» como as molas reais da vida humana, conquanto as ideias psicanalíticas traduzissem já, em nosso entender, um pouco do novo surto ideológico que se ia forjando, no próprio seio da velha sociedade, em estreita interdependência da evolução social e económica geral. Com o desmoronamento abissal de 14-18, em que esta evolução culminou e durante o qual os homens assumiram ares de serem movidos apenas por instintos e se revelaram inaptos para dirimir pela razão as suas contendas, o ambiente ficou mais receptivo e até impulsionador do movimento psicanalítico, que teve então o seu primeiro grande incremento social.

Entrementes, os próprios pilares da doutrina freudiana iam sofrendo também a influência dos acontecimentos, neles se incorporando, com força reinante, noções mais consentâneas com a época, tal se passou, por exemplo, com o instinto de morte, a agressividade, os sentimentos de culpa, etc.

---

(1) Estas mesmas ideias acham-se explanadas, com maior soma de pormenores, no livrinho que escrevemos em 1944 para a Biblioteca Cosmos sob o título «Psicanálise» e no artigo publicado no «Jornal do Médico» (XXXI (726): 791-795, Dezembro 1956, Porto), por ocasião da comemoração do centenário do nascimento de Freud, e a que chamámos «Raízes Sociais e Integração Histórica da Psicanálise».

As estruturas sociais, políticas, religiosas, etc., então dominantes, exteriores ao homem, mas que ele próprio havia criado, mostram-se impotentes para solucionar os seus problemas. Descrente delas e incapaz de as modificar ou substituir, volta-se ou é voltado para dentro de si mesmo (há quem disso beneficie e ainda incite este movimento introverso), em perigosa cultivação narcísica e onanística, na medida em que busca desinserir-se e desinteressar-se do diálogo, sempre fecundo, consubstancial e imprescindível, com o mundo que o cerca.

A pouco e pouco, porém, vai verificando a precaridade da nova rota e aí pelos anos 30 já fala do «fim da psicanálise». Estoira a seguir a segunda guerra mundial. As mesmas razões atrás aduzidas, agora singularmente exacerbadas, conduzem a um segundo florescimento psicanalítico, que, contudo, se não torna geral. Escapam-lhe todos aqueles países que enveredaram por novos enquadramentos e valores sociais em que crêem ou a que aderiram. Restabelecendo-se assim a sua inserção social, as suas ligações com o ambiente, não é de estranhar, quanto a nós, que neles se dê enérgico combate ao ensimesmamento psicanalítico.

Nos E. U. A., a retumbância da psicanálise alcança o auge após a última grande guerra, conforme era fácil de prever. Tratava-se, todavia, de outro processo de inflação que não tardaria a indiciar na realidade a desmesurada ambição dos propósitos apregoados. E nos últimos tempos, tanto ali como noutros países, entra a registar-se já um movimento de recuo, coincidindo, aliás, com extraordinários progressos noutros campos, em espe-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

cial dentro da farmacologia e da bioquímica cerebral. O recente Congresso Mundial de Psiquiatria, realizado no presente mês no Canadá, confirmá-lo-ia sem grande hesitação.

Do que acima se diz, é fácil compreender-se porque reputamos de servidora e momentosa, pelos dados diferentes que traz à psicanálise, pelos inúmeros problemas que levanta e até pelas portas que abre, a publicação em Portugal do livro de Karen Horney.

Karen Horney é um dos nomes-chave do movimento psicanalítico internacional, representando com Ana Freud, Melanie Klein, Helen Deutsch e poucas mais o primeiro núcleo de mulheres que nele se distinguiram. Nascida em 1885 na Alemanha (Hamburgo), formou-se em Medicina em Berlim em 1913 e não demorou a dedicar-se sobremaneira à psicanálise, passando a tomar parte activa, desde 1920, na preparação didáctica dos alunos do Instituto de Psicanálise de Berlim.

Anos antes haviam-se manifestado já, no movimento psicanalítico, as primeiras grandes dissidências, sobretudo com Adler e Jung, as quais levaram à construção de edifícios teóricos próprios, destacados da casa-mãe freudiana. No terceiro decénio do nosso século davam-se também profundas transformações nas estruturas mesmas desta casa-mãe, com alteração dalguns conceitos fundamentais, como já acima exemplificámos.

Stekel e Rank afastam-se igualmente do mestre de Viena.

A hipótese de Freud sobre a pretensa inferioridade biológica da mulher e o consequente «complexo de cas-

tração», que se encontraria na base de muitas características psicológicas do sexo feminino, é repudiada enèrgicamente por Karen Horney, que, depois de 1930, publica uma série de artigos em que atribui tal inferioridade não a factores biológicos mas às condições da civilização em que vive. Se a mulher manifesta, nas nossas sociedades, frequentes tendências de masoquismo e auto-sacrifício, se vive em constante receio de perder o amor do homem, se limita tanta vez a sua actividade a amar e ser amada, isso se deve, para Karen Horney, às convenções sociais dominantes, que durante séculos mantiveram a mulher afastada das grandes responsabilidades sociais, económicas e políticas, forçada a uma passividade contrariante de toda a iniciativa, coragem ou independência, confinada ao círculo estreito das relações afectivas familiares, e aqui mesmo envolta num halo artificioso de puritanismo em face do amor e do sexo, de molde a desenvolver-se nela um nefasto sentimento de culpa e de autopunição.

Em 1932, Karen Horney emigra para os Estados Unidos, tal como aconteceu por essa altura a muitos outros psicanalistas alemães, acossados pelo hitlerismo, que principiava então a grassar. Em 1938 naturalizou-se norte-americana.

Em íntimo contacto com outro psicanalista berlinense, Erich Fromm, também transplantado para os E. U. A., Karen Horney contribui poderosamente para o desenvolvimento do chamado movimento culturalista. Em 1937, a publicação de «A Personalidade Neurótica do Nosso Tempo» revela já o afastamento dalguns con-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

ceitos básicos de Freud. Mas é em 1939 que publica os «Novos Caminhos da Psicanálise», onde fica estabelecida a profundidade da sua dissidência, que, em 1941, se acentua com a criação do «Jornal Americano de Psicanálise», e depois com mais três livros: «A Autoanálise» (1942), «Os nossos conflitos interiores» (1945) e «Neuroses e crescimento humano» (1950). Morre a 4 de Dezembro de 1952, ainda na pujança dum espírito criador, empreendedor, bastante lúcido e quase sempre insatisfeito.

Na introdução aos «Novos Caminhos da Psicanálise», expõe com clareza a sua tomada de posição: «O desejo de proceder a uma nova avaliação crítica das teorias psicanalíticas nasceu do meu descontentamento com os resultados terapêuticos obtidos. Eu tinha já notado que, dum modo geral, cada doente punha problemas que os nossos conhecimentos recebidos em psicanálise não ofereciam qualquer meio de resolver e que, por esse facto, ficavam sem solução.

«Tal como a maior parte dos psicanalistas, eu atribuía esta incerteza, antes de mais, à minha falta de experiência, quer dizer, de compreensão, ou à existência de alguns pontos obscuros. Recordo-me de andar à volta dos colegas mais experimentados com perguntas como estas:

«— Que entende Freud, ou que entendem eles próprios, pela palavra eu? *Porque é que os impulsos sádicos estão em correlação com o* líbido anal? *E porque é que tendências tão diferentes são consideradas como expressão de homossexualidade latente?*

«Nunca obtive respostas satisfatórias para tais perguntas.

«As primeiras dúvidas reais quanto à validade das teorias psicanalíticas surgiram-me quando estudava a concepção freudiana da psicologia feminina, dúvidas estas que foram reforçadas pelo exame do postulado freudiano do instinto de morte. *No entanto, vários anos passaram até eu chegar a considerar, de maneira crítica, as teorias psicanalíticas.*

«... O sistema de teorias que, a pouco e pouco, Freud desenvolveu é de tal modo coerente que, desde que nos coloquemos dentro dele, dificilmente poderemos fazer observações imparciais. Só tomando consciência do carácter contestável das premissas em que o sistema assenta se pode adquirir uma visão mais clara das fontes de erros que as diversas teorias encerram.

«Considero-me qualificada (com toda a sinceridade o posso crer) para formular as críticas contidas nesta obra, visto que apliquei fielmente as teorias de Freud durante mais de 15 anos».

As novas interpretações ou reavaliações das observações e teorias de Freud, por Karen Horney e por outros psicanalistas dissidentes, revestem-se, pois, de grande valia, não só porque alargam e enriquecem o âmbito do debate mas até porque acusam o quanto de arbitrário e subjectivo impregna as tomadas de posição de uns e de outros.

Sem dúvida, Karen Horney, com a visão culturalista, dilatou, frutificando-o e clarificando-o, o campo de investigação freudiano, que, em alguma medida, se patenteara

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

idealistamente biologizante. Mas não se deve inferir daqui que as relações entre o indivíduo e a sociedade ficaram satisfatòriamente esclarecidas com as novas aproches psicanalíticas, pois também para Karen Horney o fim da psicanálise consiste tão-só em «ajudar o paciente a recuperar a sua espontaneidade, a encontrar em si os critérios de valor, em resumo: a dar-lhe a coragem de ser ele próprio». Para ela, libertar o paciente da angústia é apenas um meio de chegar a este fim.

Tal culto exclusivista da espontaneidade *do indivíduo faz tombar Karen Horney nos mesmos erros do Mestre e, não obstante as sedutoras tintas culturistas, persiste no esquecimento de que a personalidade individual não deve ser concebida senão dentro e através do ambiente que a embebe e a estrutura, à falta do que permanecerá perigosamente hipostasiada num círculo fechado de, pelo menos, imatura e infrutuosa onania.*

Lisboa, 25 de Julho de 1961.

J. SEABRA-DINIS

INTRODUÇÃO

O propósito que nos guiou ao escrever este livro foi oferecer uma descrição fiel do neurótico que entre nós vive, com todos os conflitos que realmente o comovem, com todas as suas angústias, os seus sofrimentos e as múltiplas dificuldades que encontra nas suas relações com os outros e consigo próprio. Não nos referimos aqui a qualquer forma particular de neurose, antes nos cingimos à estrutura do carácter que, sob uma ou outra forma, aparece em quase todos os neuróticos do nosso tempo.

Acentuamos em especial os conflitos reais e os esforços do neurótico para os resolver; as suas angústias actuais e as defesas que levanta contra as mesmas. Semelhante realce da situação actual não implica repudiarmos a ideia de que, na essência, as neuroses surgem de experiências precoces, embora diverjamos de muitos psicanalistas por considerarmos injustificado concentrar a atenção exclusivamente na infância, deixando-nos arrastar por uma espécie de fascínio unilateral e entendendo que

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

as reacções ulteriores não constituem, em última anaálise, senão mera repetição de outras prévias. Propomo-nos demonstrar ser a relação entre as experiências infantis e os conflitos adultos assaz mais complexa do que supõem os psicanalistas que postulam um simples nexo de causa e efeito. Ainda que as experiências da infância originem as condições determinantes da neurose, elas não constituem todavia as únicas causas das perturbações que mais tarde sobrevêm.

Se dirigirmos a nossa atenção para as perturbações neuróticas actuais, reconheceremos que as neuroses não são engendradas ùnicamente por experiências acidentais do indivíduo mas também pelas condições específicas da cultura em que vivemos. Na realidade, as condições culturais não acrescentam apenas peso e colorido às experiências do indivíduo; em última instância, determinam-lhes também a forma peculiar. É um destino individual, por exemplo, ter uma mão dominadora ou «sacrificada», mas só em condições culturais determinadas encontarmos mães dominadoras ou sacrificadas, e, do mesmo modo, só graças a estas condições dadas podem tais experiências influir na vida posterior do sujeito.

Uma vez compreendida a grande importância das condições culturais, relegaremos para segundo plano os factores biológicos e fisiológicos que Freud considera raízes das neuroses. Só deverá ter-se presente a sua influência quando se disponha de sólidas provas que o abonem.

Tal orientação conduziu-nos a algumas novas interpretações de uma série de problemas básicos que as

neuroses apresentam. Embora se refiram a problemas díspares, como o problema do mazoquismo, as consequências da necessidade neurótica de afecto e o significado dos sentimentos neuróticos de culpa, todas essas interpretações têm por base comum o primordial relevo concedido ao papel determinante da angústia na produção dos traços neuróticos do carácter.

Como muitas das nossas interpretações diferem das de Freud, alguns leitores perguntarão se tudo isto é ainda psicanálise. A resposta dependerá do que se considerar essencial nesta ciência. Se se admite que o constitui apenas a totalidade das teorias propugnadas por Freud, então o que aqui expomos não é, na realidade, psicanálise. Se, ao invés, se julga residirem os elementos essenciais da psicanálise em certas orientações básicas do pensamento quanto ao papel dos processos inconscientes e às forças da sua expressão, assim como em determinado tipo de tratamento terapêutico que traz para a nossa consciência esses processos, então o que apresentamos é, decerto, psicanálise. Cremos que a estrita adesão a todas as interpretações teóricas de Freud arrastaria ao perigo de querer encontrar nas neuroses o que as suas teorias fazem supor se deva achar nelas. Este risco não é senão o da estagnação intelectual. Cremos, além disso, que o respeito pela gigantesca produção científica de Freud se deve manifestar edificando sobre os alicerces que ele lançou, do mesmo modo como só assim poderemos contribuir para realizar as possibilidades que a psicanálise promete para o futuro, tanto no sector teórico como no terapêutico.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Estas observações contêm a resposta a outra pergunta, susceptível também de se pôr: se a nossa interpretação não será, quiçá, um tanto adleriana. Oferece, na verdade, certas semelhanças com determinados pontos que Adler destacou, mas, fundamentalmente, não saímos do terreno freudiano. Adler é, com efeito, um bom exemplo de como até uma rica intuição dos processos psicológicos pode esterilizar-se, se é unilateralmente prosseguida e não se funda nas capitais descobertas de Freud.

Uma vez que o intento principal de este livro não consiste em precisar em que sentidos coincidimos e em que outros diferimos dos demais psicanalistas, limitámos em regra as nossas considerações sobre assuntos polémicos a certos temas a respeito dos quais as nossas opiniões divergem bastante das de Freud.

Quanto aqui expomos não constitui mais do que as impressões recolhidas no decurso de um largo estudo psicanalítico da neurose. Se tivéssemos querido apresentar o material em que se apoiam as nossas interpretações, deveríamos ter incluído muitos relatórios clínicos pormenorizados, método injustificadamente árduo para um livro destinado a oferecer um panorama geral dos problemas que suscitam as neuroses. Contudo, embora sem este material, o especialista e inclusive o profano estarão em condições de verificar a validade das nossas afirmações, pois será possível a todo o observador atento comparar as nossas conjecturas com as suas próprias observações e experiências, rejeitando ou aceitando, modificando ou corroborando, sobre tal base, quanto aqui se diz.

Foi esta obra escrita numa linguagem simples e, com

o propósito da clareza, nos abstivemos também de entrar em muitos pormenores. Na medida do possível, os termos técnicos foram excluídos, pois existe sempre a ameaça de os tecnicismos substituírem o discurso nítido. Assim, a muitos leitores e especialmente aos profanos poderá parecer fácil compreender os problemas da personalidade neurótica, mas semelhante conclusão seria errada e, ainda, perigosa. Não podemos iludir a circunstância de que todos os fenómenos psicológicos são profundamente complexos e subtis. Aconselhamos a não ler esta obra quem não esteja disposto a admiti-lo, pois se encontraria perdido num labirinto e defraudado nas suas esperanças de achar fórmulas estritas e terminantes.

O livro destina-se ao profano intelectualmente inquieto, assim como a todos aqueles cuja profissão os ponha em contacto com neuróticos e estejam familiarizados com os seus problemas. Entre tais profissionais, não só apela para os psiquiatras mas para os assistentes sociais e professores e ainda para os antropólogos que hajam verificado a importância dos factores psíquicos no estudo das culturas diversas. Em último lugar, confiamos que o livro possua algum valor para o próprio neurótico. Este, quando não repele por princípio todo o pensamento psicológico como uma intrusão e uma imposição, tem, por via de regra e mercê do próprio sofrimento, uma compreensão mais aguda e subtil do que os seus congéneres de melhor saúde. Infelizmente, não o curarão leituras sobre a sua situação, pois ser-lhe-á muito mais fácil reconhecer outros no que leia do que reconhecer-se a si.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Aproveitamos esta oportunidade para expressar o nosso agradecimento a *miss* Elizabeth Todd, que preparou a edição deste volume. Os autores com quem nos sintamos em dívida de gratidão serão nomeados no texto. O nosso máximo agradecimento, devemo-lo a Freud, por nos haver proporcionado as bases e instrumentos com que trabalhamos: e igualmente aos nossos doentes, pois tudo quanto sabemos resulta do nosso trabalho comum.

I

IMPLICAÇÕES CULTURAIS E PSICOLÓGICAS DAS NEUROSES

A palavra «neurótico» emprega-se hoje com a maior liberalidade, sem que, no entanto, possuamos sempre um conceito claro do seu conteúdo. Constitui muitas vezes apenas uma maneira algo presumida de exprimir reprovação por alguém. Quem outrora se haveria satisfeito em qualificar uma pessoa de preguiçosa, pusilânime, caprichosa ou suspicaz tenderia nos nossos dias a dirigir-lhe o epíteto de «neurótica». Não obstante, necessàriamente imaginamos algo para nos servirmos de tal termo e, escolhendo-o, utilizamos porventura determinados critérios — que, todavia, não examinamos convenientemente.

Em primeiro lugar, os neuróticos divergem nas suas reacções dos seres comuns. Assim, sentir-nos-emos inclinados a considerar neurótica uma rapariga que prefira manter-se no anonimato, recusando aumentos de salário

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

e qualquer identificação com os seus superiores; ou um artista que apenas ganhe trinta dólares por semana quando, se dedicasse mais algum tempo ao trabalho, poderia auferir somas muito superiores — e que, ao invés, opte por gozar a existência na medida em que o consentem os seus modestos réditos, malbaratando boa parte da vida com mulheres e divertimentos. Consideramos tais pessoas neuróticas porque, na nossa maioria, nos encontramos dominados — às vezes exclusivamente — por normas de conduta que condensam a ambição de progredir no mundo, o desejo de superiorização social e de obtenção de maior riqueza do que a requerida para uma estrita subsistência.

Mostram-nos estes exemplos que um dos critérios aplicados para qualificar uma pessoa de neurótica é a concordância ou discordância da sua maneira de viver com alguns dos tipos de conduta aceites na nossa época. Se a rapariga a quem por completo falta o espírito de competição ou, pelo menos, o manifesto desejo de emulação vivesse em alguma tribo dos índios Pueblo, ela seria aí sem dúvida considerada normal; tal como o seria o mencionado artista, se habitasse alguma aldeola da Itália meridional ou do México, pois nesses meios não se concebe que alguém deseje ganhar *mais* dinheiro ou realizar maior esforço do que o estritamente indispensável para satisfazer as exigências do viver quotidiano. Retrocedendo no tempo, querer trabalhar para além do limite das próprias necessidades teria sido na Grécia classificado como a todos os títulos indecente.

Assim, o termo «neurótico», embora procedente da medicina, já não pode utilizar-se sem tomar-se em conta o seu significado cultural. É possível diagnosticar uma fractura de perna sem conhecer o fundo cultural do doente, mas seria muito arriscado qualificar de psicótica uma criança índia pelo mero facto de nos haver dito ter visões em cuja real existência crê (1); pois, nas condições particulares de cultura em que vivem estes índios, consideram-se as visões e as alucinações um dom especial, uma verdadeira bênção dos espíritos que, por conferirem certo prestígio à pessoa, se procura deliberadamente provocar.

Entre nós, seria neurótico ou psicótico quem passasse o tempo a conversar com o seu finado avô, enquanto semelhante comunicação com os antepassados é uma actividade corrente em algumas tribos índias. Uma pessoa que fique mortalmente ofendida por na sua presença se mencionar o nome de um parente falecido será evidentemente também considerada neurótica; pelo contrário, na cultura dos índios apaches Jicarilla (2) apareceria completamente normal. Não menos neurótico

(1) Veja-se H. Scudder Mekeel, *Clinic and Culture* («Clínica e Cultura»), no «Journal of Abnormal and Social Psychology», 1935, vol. 30, pp. 292-300.

(2) M. E. Opler, *An Interpretation of Ambivalence of two American Indien Tribes* («Uma Interpretação da Ambivalência em Duas Tribos de Índios Americanos»), em «Journal of Social Psychology», 1936, vol. 7, pp. 82-116.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

julgaríamos um homem que se aterrorizasse com a proximidade de uma mulher menstruada, enquanto em muitas tríbos primitivas o medo da menstruação é uma atitude corrente.

O conceito do que é normal varia não só com as diversas culturas como ainda, em idênticas condições culturais, com o tempo. Assim e por exemplo, se uma mulher dos nossos dias, adulta e independente, se julgasse «perdida» e «indigna do amor de um homem honrado» pelo simples facto de haver tido relações sexuais, igualmente seria suspeita (pelo menos em muitos círculos da sociedade) de neurose. Semelhante atitude de culpa seria, porém, qualificada normal quarenta anos atrás. A concepção da normalidade também varia com as diversas classes sociais; na aristocracia, por exemplo, considerar-se-ia normal um homem que não trabalhasse e cujas únicas actividades fossem a caça e a guerra, quando se julgaria decididamente anormal o pequeno burguês que adoptasse semelhante conduta. Esta variação observa-se ainda a propósito das distinções sexuais, na medida em que existem, como acontece na nossa cultura ocidental, onde se admite que homens e mulheres possuem temperamentos diferentes. De aí resulta, pois, parecer normal que uma mulher se obseque com o temor da velhice quando se avizinham os quarenta anos, enquanto, por certo, seria neurótico um homem que em tal altura da vida se preocupasse com a idade.

Em certa medida, todas as pessoas cultas sabem perfeitamente estar o normal sujeito a acentuadas variações. Assim, não ignoramos ser a cozinha chinesa diferente

da nossa; possuírem os esquimós diferentes concepções de higiene; curar o feiticeiro primitivo os seus doentes de maneira diversa da do médico moderno. Ao invés, não se encontra tão difundida a noção de que não só os costumes como também os impulsos e os sentimentos estão sujeitos a variações, apesar de os antropólogos a haverem implícita ou explicitamente estabelecido (1). Como faz notar Sapir, um dos méritos da antropologia moderna é a sua permanente redescoberta da normalidade (2).

Por sólidos motivos, todas as culturas se aferram à crença de que os seus próprios impulsos e sentimentos constituem a única expressão normal da «natureza humana» (3), e nem sequer a psicologia pôde escapar a esta regra. Freud, por exemplo, deduz das suas observações ser a mulher mais ciumenta do que o homem, procurando imediatamente justificar, com fundamentos bio-

---

(1) Cf. o excelente material antropológico dos seguintes livros: Margaret Mead, *Sex and Temperament in three Primitive Societies;* Ruth Benedict, *Man and Culture,* e a obra de A. S. Hallowell *Handbook of Psychological Leads for Ethmological Field Workers* («Manual de Directrizes Psicológicas para Estudos Práticos de Etnologia»).

(2) Ed. Sapir, *Cultural Antropology and Psychiatry* («Antropologia Cultural e Psiquiatria»), no «Journal of Abnormal and Social Psychology», vol. 27, 1932, pp. 229-242.

(3) Ruth Benedict, *Man and Culture* («O Homem e a Cultura»), cit.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

lógicos, este pretenso fenómeno geral (1). Também parece admitir que todos os seres humanos experimentam sentimentos de culpa em relação à ideia do homicí-

(1) Em *Algumas Consequências Práticas da Diferença Sexual Anatómica*, Freud expõe a teoria de que a diferença sexual anatómica conduz inevitàvelmente todas as raparigas a invejarem o pénis do varão. Mais tarde, o desejo da posse de um falo transforma-se no desejo de possuir um homem, como portador daquele. Portanto, inveja as outras mulheres no que respeita às suas relações com os homens — em termos mais precisos, no que respeita à sua posse dos homens —, tal como primitivamente invejou o atributo viril. Ao formular asserções como estas, Freud cede à tentação comum do seu tempo: estabelecer, em quanto se refira à natureza humana, generalizações válidas para toda a humanidade, ainda que elas se encontrem fundadas na exclusiva observação de um só meio cultural.

O antropólogo não pretende contestar a validade das observações de Freud, mas só pode outorgar-lhes vigência em determinado sector da população e em determinada cultura e época; em contrapartida, nega valor às suas generalizações, fazendo notar que são iinfinitas as diferenças entre os povos no que se reporta à sua atitude perante os ciúmes; assim, há povos em que os homens são mais ciumentos do que as mulheres; outros em que não existem ciúmes pessoais por parte de qualquer dos sexos, e outros ainda em que os dois sexos são desmedidamente ciumentos. Em face de tal diversidade poder-se-á refutar a posição de Freud — ou de quem quer que a assuma —, ao reduzir as suas observações às diferenças anatómicas entre os sexos. Pelo contrário, o investigador apontará a necessidade de estudar as distintas condições de vida e a sua influência na génese dos ciúmes no homem e na mulher. Dentro das nossas condições culturais, por exemplo, caberia perguntar se a observação de Freud sobre as mulheres *neuróticas* da nossa cultura é também aplicá-

dio (1), mas é indiscutível verificarem-se muito variáveis as atitudes frente ao assassinato. Como demonstrou Peter Freuchen (2), os esquimós não consideram que se deva castigar o assassino, e em muitas tribos primitivas o prejuízo infligido a uma família à qual é assassinado um dos seus membros é susceptível de reparar-se pela oferta de um substituto. Em algumas culturas, os sentimentos de uma mãe cujo filho foi morto podem ser mitigados pela adopção, em lugar dele, do homicida (3).

Prosseguindo na aplicação das comprovações antropológicas, vemo-nos forçados a reconhecer que certas concepções nossas a respeito da natureza humana são bem mais ingénuas, como, por exemplo, a noção de que o sentido de competição, a rivalidade entre irmãos, o vínculo do afecto com a sexualidade constituem características inerentes à natureza humana. Alcançamos o nosso conceito da normalidade adoptando certas pautas de conduta e de sentimento vigentes em grupo determinado

vel às mulheres *normais* que nela vivem. Será preciso formular esta questão, já que os psicanalistas, obrigados a um trato diário com neuróticos, se esquecem frequentemente de que, apesar de tudo, existem na nossa cultura seres normais. Igualmente poderíamos perguntar quais as condições psicológicas que contribuem para exacerbar os ciúmes ou o sentido de posse em relação ao sexo oposto e quais as diferenças que, nas condições de vida de homens e mulheres da nossa cultura, explicam o processo díspar dos ciúmes em ambos os sexos.

(1) Freud, *Totem e Tabu*.

(2) Peter Freuchen, *Artic Adventure and Eskimo* («A Aventura Árctica e os Esquimós»).

(3) Robert Briffault, *The Mothers* («As Mães»).

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

que as impõe a todos os seus membros; mas esquecemos variarem essas pautas com a cultura, a época, a classe e o sexo. A relevância para a psicologia destas considerações é muito maior do que à primeira vista pareceria. O seu resultado imediato consiste em certas dúvidas sobre a omnisciência da psicologia. Semelhanças entre características da nossa cultura e as verificadas em outras não nos permitem inferir que obedeçam ambas a idênticas motivações. Já não é lícito admitir que cada nova descoberta psicológica revela uma tendência universal inerente à natureza humana. A consequência de tudo isto é a confirmação do que já repetidas vezes sustentaram alguns sociólogos: não existe algo que possa designar-se por psicologia normal, extensível a toda a espécie humana.

No entanto, tais limitações compensam-se largamente pela abertura de novas possibilidades de conhecimento. A consequência fundamental destas considerações antropológicas cifra-se na conclusão de que os sentimentos e as atitudes são plasmados em medida surpreendente pelas condições (culturais e individuais e ambas inseparàvelmente entrelaçadas) em que vivemos. Isso, por sua vez, significa que, mediante conhecimento das condições culturais da nossa vida, nos será menos difícil atingir uma compreensão mais funda do carácter especial dos sentimentos normais; e, constituindo as neuroses desvios do tipo normal de conduta, também elas poderão ser assaz melhor compreendidas.

Ao adoptar esta orientação seguimos parcialmente Freud no caminho que o conduziu a um entendimento das neuroses ignorado até então. Ainda que, teòricamente, tenha reduzido as nossas peculiaridades a impulsos instintivos biològicamente dados, Freud sustentou com energia — na teoria e, mais ainda, na prática — não ser possível compreender uma neurose sem conhecer em pormenor as circunstâncias da vida individual e, em particular, as influências afectivas determinantes que a criança recebe na primeira infância. Aplicando idêntico princípio ao problema das estruturas normais e neuróticas em uma cultura dada, chegamos à conclusão de que não podemos compreender essas formações psíquicas sem prèviamente conhecer, nas suas particularidades a influência que tal cultura particular exerce sobre o indivíduo (1).

Por outro lado, porém, esta orientação implica um passo decisivo para além de Freud; avanço possível, desde que baseado nas suas reveladoras descobertas. Efectivamente, se em certo sentido Freud se adiantou muito à sua época, em outro — na excessiva importân-

(1) Muitos autores reconheceram a importância dos factores culturais como influências determinantes das condições psicológicas. Assim, Erich Fromm, no seu trabalho *Zur Entstehung des Christusdogmas* («Sobre a Origem do Dogma Cristão»), publicado na revista *Imago*, 1930, vol. 16, pp. 307-373, foi quem primeiro na literatura psicanalítica alemã apresentou e elaborou este método de investigação, mais tarde adoptado por outros, como Wilhelm Reich e Otto Fenichel. Nos Estados Unidos, foi Harry Stack Sullivan o primeiro a atentar na necessidade de a psiquiatria tomar em conta os factores culturais. Outros psiquiatras americanos que encararam o problema desta maneira são Adolf Meyer, William A. White (*Twentieth Century Psychoatry* — «Psi-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

cia que atribui à origem biológica das determinações mentais — permaneceu arreigado às orientações científicas dela. Na verdade, Freud aceita que as tendências instintivas ou as relações objectais mais frequentes na nossa cultura (como as fases «pré-genitais» biològicamente estabelecidas e o complexo de Édipo) estão biològicamente determinados pela «natureza humana» ou são produto de situações inalteráveis.

O menosprezo de Freud pelos factores culturais, além de conduzir a erróneas generalizações, prejudica fortemente a compreensão das forças reais que motivam as atitudes e os actos. Na nossa opinião, este desinteresse constitui a principal razão pela qual a psicanálise, enquanto seguir fielmente as sendas teóricas traçadas por Freud e apesar das suas perspectivas aparentemente ilimitadas, acabará por se encontrar em um beco sem saída, de que é já testemunho a exuberante produção de teorias abstrusas e o emprego de uma terminologia nebulosa.

Vimos, pois, implicar a neurose um desvio da normalidade: critério na verdade muito importante mas

quiatria do Século Vinte»), William A. Healy e Augusta Bronner (*New Light on Delinquency* — «Nova Perspectiva sobre a Delinquência»). Recentemente, alguns psicanalistas, como F. Alexander e A. Kardiner, interessaram-se pelo significado cultural dos fenómenos psicológicos. Entre os sociólogos que partilham este ponto de vista, cf. muito especialmente H. D. Lasswell (*World Politics and Personal Insecurity* — «A Política Mundial e a Insegurança Pessoal») e John Dollard (*Criteria for the Life History* — «Critérios para a História da Vida»).

insuficiente para resolver o problema. Uma pessoa por certo pode afastar-se da norma geral, sem por isso sofrer de uma neurose. Assim, o já citado artista que se recusa a dedicar mais tempo do que o indispensável a ganhar o seu sustento pode possuir uma neurose — mas pode também, simplesmente, assumir uma muito sábia atitude, não se deixando submergir na torrente da competição material. Por outro lado, numerosas pessoas que à primeira vista parecem achar-se bem adaptadas às normas estatuídas da existência serão, porventura, gravemente neuróticas. Nestes casos, precisamente, torna-se necessário adoptar a perspectiva psicológica ou médica.

Segundo esta perspectiva, por curioso que pareça, não é fácil estabelecer o conteúdo de uma neurose pelo menos na medida em que nos limitarmos a estudar exclusivamente o seu aspecto manifesto, encontraremos dificuldades em fixar características comuns a todas elas. Não sofre dúvidas de que é impossível usar os sintomas — fobias, depressões, perturbações somáticas funcionais — como critério, pois eles podem faltar nas neuroses. É certo existirem sempre inibições de alguma ordem, por motivos que mais adiante veremos, mas podem ser tão subtis ou estarem tão ocultas que escapem à observação superficial. Tropeçaríamos em idênticas dificuldades se, tendo apenas presente o quadro manifesto, pretendêssemos fundar-nos nas perturbações das relações com o próximo, incluindo as anormalidades das relações sexuais. Estas também nunca faltam, mas podem ser muito difíceis de discernir. No entanto, existem duas

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

características susceptíveis de serem apreciadas em qualquer neurose, sem necessidade de um conhecimento íntimo da estrutura da personalidade: primeiro, certa rigidez nas reacções e, em segundo lugar, uma nítida discrepância entre as capacidades do indivíduo e as suas realizações.

É mister explicar melhor as duas características. Por «rigidez das reacções» entendemos a ausência da flexibilidade que nos permite reagir de diversa maneira frente a diferentes situações. Uma pessoa normal, por exemplo, alimenta suspeitas quando sente ou verifica razões que as justifiquem; pelo contrário, a pessoa neurótica poderá estar dominada por incessantes suspeitas, sem tomar em conta a situação dada e tenha ou não consciência do seu estado. O ser normal sabe distinguir um cumprimento sincero de outro falso; o neurótico, pelo contrário, não consegue diferenciá-los ou pode recusá-los totalmente em quaisquer circunstâncias. Uma pessoa normal experimenta irritação quando crê que se lhe quer impor algo sem causa nem motivos razoáveis, enquanto o neurótico responderá com malevolência a qualquer insinuação, ainda quando compreenda ser no seu próprio interesse. Uma pessoa normal poderá sentir-se indecisa em determinados casos, em face de assuntos importantes e de árdua solução; o neurótico contìnuamente se apresenta incapaz de tomar uma decisão.

Não obstante, a rigidez ou inflexibilidade só é índice de neurose quando diverge das normas culturais. A maioria dos camponeses da civilização ocidental manifesta sempre grande desconfiança em relação a tudo

quanto é novo ou estranho, e encontramos na pequena burguesia um estrito sentido da economia que também é exemplo de rigidez normal.

Anàlogamente, a discordância entre a capacidade potencial de uma pessoa e o que realmente cumpre na vida pode sòmente obedecer a factores externos. Em contrapartida, seria índice de neurose se o sujeito continuasse improdutivo apesar dos seus bons dotes, dispondo além disso de todas as possibilidades externas favoráveis; ou então, tendo ao alcance as condições para se sentir feliz, não lograsse gozar o que possui; ou, noutro caso, se uma mulher, apesar da sua grande beleza, se considerasse incapaz de atrair os homens. Por outras palavras, o neurótico tem a impressão de ser ele mesmo um obstáculo no seu próprio caminho.

Afastando-nos do quadro manifesto e atendendo aos dinamismos que intervêm na produção das neuroses, encontramos um factor essencial, comum a todas: a angústia é o factor que desencadeia o processo neurótico e o mantém em actividade. Aclarar-se-á nos capítulos seguintes o significado desta regra, e por isso não citaremos agora exemplos. Necessita todavia de ser explicada, ainda que apenas para provisòriamente a aceitarmos a título de hipótese de trabalho.

Formulada nos termos enunciados, essa regra é evidentemente demasiado geral, pois tanto as angústias ou temores (usaremos por ora indistintamente os dois termos) como as defesas contra eles não só se encontram sem excepção como nem sequer constituem reacções específicas da espécie humana. De facto, achamo-nos

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

exactamente perante idêntica situação de temor e defesa quando um animal assustado por um perigo se defende ou foge. Também intervêm estes dois factores quando, receando as faíscas, instalamos um pára-raios no telhado de nossas casas, ou quando o medo das consequências de possíveis acidentes nos induz a fazer uma apólice de seguro. Em diversas formas específicas, encontram-se os dois factores em qualquer cultura, podendo até institucionalizar-se: por exemplo, a prática do uso de amuletos como protecção contra o mau olhado, a observância de ritos circunstanciais por temor aos mortos e os tabus que interdizem o contacto com mulheres menstruadas como defesa contra o perigo que delas emanaria.

Tais semelhanças poderiam impelir-nos a cometer um erro lógico: se os factores do medo e da defesa são essenciais nas neuroses, porque não ver nas defesas colectivas contra o medo provas da existência de «neuroses culturais»? A falácia deste raciocínio radica em que dois fenómenos não são necessàriamente idênticos por apresentarem um elemento comum. Não nos ocorreria chamar «rocha» a uma casa pelo mero facto de ser construída com o mesmo material daquela. Qual, então, o traço distintivo das defesas e dos temores neuróticos que lhes confere este carácter específico? São talvez imaginários os temores neuróticos? De modo algum, pois também podemos considerar imaginário o medo dos mortos e, tanto num caso como no outro, mais não faríamos do que emitir um juízo fundado em uma compreensão defeituosa. Quiçá devam esse carácter ao facto

de o neurótico ignorar essencialmente a motivação do seu medo? Não, pois tão-pouco o homem primitivo sabe porque teme os mortos. Semelhante distinção nada tem a ver com o maior ou menor grau de consciência ou racionalidade, mas reside nos dois seguintes factores.

Em primeiro lugar, as condições de vida imperantes em cada cultura engendram certos temores que, sem que se tenha em conta a respectiva origem, podem responder a perigos externos (forças da natureza ou inimigos), a formas que as relações sociais revestem (desencadeamento da hostilidade por opressão, injustiça, dependência forçada ou frustrações), a tradições culturais (medo ancestral dos demónios ou da violação de tabus). Um indivíduo pode encontrar-se mais ou menos sujeito a estes temores mas, em termos gerais, deve justificadamente entender-se que eles se impõem a cada indivíduo de determinada cultura, não havendo meios alguns de os iludir. Ao invés, o neurótico não só partilha os temores comuns a todos os indivíduos de uma cultura como ainda se encontra sujeito a outras angústias, distintas pela sua quantidade e qualidade das correspondentes à cultura e que obedecem a certas condições próprias da sua vida individual, vinculadas às condições gerais.

Em segundo lugar, os temores dominantes em certa cultura são por via de regra neutralizados mediante determinados recursos de protecção (como os tabus, os ritos e os costumes). Geralmente estas defesas representam formas mais económicas de resolver a angústia do que as levantadas de distintas maneiras pelo neurótico. Assim, embora deva submeter-se às apreensões e

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

defesas da sua cultura, uma pessoa normal achar-se-á em condições de realizar as suas capacidades e de gozar o que a vida pode oferecer-lhe. Por outras palavras, é possível ao indivíduo normal aproveitar ao máximo as possibilidades oferecidas pela sua cultura e, exprimindo o mesmo em termos negativos, não sofrer senão o inevitável. O neurótico, pelo contrário, sofre sempre mais do que o indivíduo médio, pois se vê contìnuamente obrigado a pagar um preço exorbitante pelas suas defesas. Consiste este na diminuição de uma vitalidade e de expansividade ou, mais especificamente, na restrição das suas capacidades de realização e fruição, restrição que provoca a referida discrepância. Na verdade, o neurótico, inevitàvelmente, sofre, e a única razão por que não mencionámos este facto entre as características gerais das neuroses susceptíveis de se aprenderem pela observação superficial deve-se a ele não ser necessàriamente acessível à observação exterior: pois, inclusivamente, pode suceder nem sequer o neurótico se dar conta do seu sofrimento.

Ao falar de medos e de defesas, pensamos que, nesta altura, não poucos leitores começarão a impacientar-se com esta ampla exposição de um assunto tão simples como é saber o que constitui uma neurose. Em nossa defesa, podemos alegar que todos os fenómenos psíquicos são complexos; que, embora existam problemas na aparência simples, nenhum deles consente solução fácil; e, por último, que a tese aqui sustentada de algum modo é excepcional e antes nos acompanhará através de todo o livro, qualquer seja a questão que tratemos.

A particular dificuldade que apresenta a definição de neurose funda-se em nem os recursos psicológicos, nem os sociológicos, permitirem por si sós fornecer uma resposta satisfatória. Devem aplicar-se alternativamente, primeiro um e logo o outro, como com efeito fizemos. Se pretendêssemos considerar a neurose ùnicamente segundo o aspecto dos seus dinamismos e da sua estrutura psíquica, teríamos de conceder existência objectiva a um ser humano normal que na realidade não existe. Dificuldades ainda maiores se nos apresentam mal atravessamos a fronteira do nosso próprio país ou dos que possuem culturas semelhantes à nossa. Por outro lado, se abordarmos a neurose apenas de uma perspectiva sociológica, conceptuando-a como mero desvio da norma de conduta comum a determinada sociedade, desdenharemos ininteligentemente de quanto sabemos acerca das características psicológicas da neurose, e em nenhuma escola ou país um psiquiatra aceitará tais resultados como lícitos e justificados. A conciliação dos dois pontos de vista alcança-se por um método de observação que conserve presente os desvios da normalidade, tanto no quadro manifesto da neurose como nos dinamismos do processo psíquico, mas sem julgar nenhum dos dois tipos de desvio como anormalidade primitiva e decisiva, pois ambos se encontram combinados entre si. É este o método que temos seguido, ao indicar que o medo e a defesa constituem um dos centros dinâmicos da neurose mas que apenas produzirão uma neurose quando divirjam em qualidade e quantidade dos medos e defesas normais na mesma cultura.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

É preciso darmos mais um passo. Existe ainda outra característica essencial das neuroses: a presença de tendências em conflito, cuja existência ou pelo menos cujo conteúdo preciso o próprio neurótico não reconhece e perante as quais automàticamente procura alcançar certas soluções de compromisso. Foi esta última característica que, sob diversas formas, Freud destacou como elemento indispensável das neuroses. Aquilo que distingue os conflitos neuróticos dos que habitualmente ocorrem em uma cultura não reside no seu conteúdo, nem no facto de na essência serem inconscientes (em ambos os aspectos podem os conflitos culturais comuns revelar-se idênticos), mas, pelo contrário, na circunstância de esses conflitos serem no neurótico mais agudos e acentuados. Este busca e obtém soluções de compromisso — legìtimamente classificadas como neuróticas — menos satisfatórias do que as obtidas pelo indivíduo comum e estabelecidas com grande prejuízo da personalidade total.

Resumindo estas considerações, não podemos contudo proporcionar uma definição concisa da neurose, embora consigamos descrevê-la: a neurose é uma perturbação psíquica produzida por temores, por defesas contra eles e por tentativas de estabelecer soluções de compromisso entre tendências em conflito. Devido a razões práticas, convém sòmente chamar «neurose» a esta perturbação quando ela se aparte da norma vigente na cultura respectiva.

II

FUNDAMENTOS DA «PERSONALIDADE NEURÓTICA DO NOSSO TEMPO»

Como o nosso interesse reside principalmente nos modos por que a neurose afecta a personalidade, o campo de uma investigação deverá ficar limitado em dois sentidos. Em primeiro lugar, há neuroses que podem verificar-se em indivíduos cuja personalidade permanece intacta ou inalterada no restante, produzindo-se a título de meras reacções frente a uma situação exterior recheada de conflitos. Depois do exame da natureza de certos processos psíquicos fundamentais, retomaremos estas simples neuroses de situação e exporemos brevemente a sua estrutura (1). Mas estas não nos interessam agora, pois não traduzem uma personalidade neurótica

(1) As neuroses de situação coincidem em termos gerais com aquelas que J. H. Schultz designou por *Exogene Fremdneurosis* («Exoneuroses»).

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

e exclusivamente a momentânea falta de adaptação a determinadas situações difíceis. Ao falar de neurose, referir-nos-emos às neuroses do carácter, isto é, àquelas condições que, podendo embora apresentar um quadro sintomático exactamente igual ao das neuroses de situação, contêm também a perturbação básica da deformação do carácter (1). Resultam de um insidioso processo crónico que começa em geral na infância e chega a afectar, com maior ou menor intensidade, sectores mais ou menos largos da personalidade.

Superficialmente considerada, também uma neurose de carácter pode originar-se em uma situação actual de conflito, mas o registo minucioso dos seus antecedentes demonstrará que existiam traços anormais do carácter muito anteriores ao surgir da situação de conflito; que a dificuldade momentânea obedece, por sua vez e em grande medida, a perturbações pessoais preexistentes e, por fim, que o indivíduo reage de forma neurótica a uma situação de vida que não encerraria o menor conflito para uma pessoa normal. A situação revela meramente a presença de uma neurose que pode já existir desde há algum tempo.

Em segundo lugar, não nos interessa tanto o quadro sintomático das neuroses quanto, predominantemente, as

(1) Franz Alexander propôs o termo *neuroses de carácter* para aquelas às quais faltam os sintomas clínicos. Não cremos que tal designação se justifique, pois a presença ou a ausência de sintomas não possui, em muitos casos, significado determinante da natureza de uma neurose.

próprias perturbações do carácter, pois as deformações da personalidade constituem o fundamento permanente das neuroses, enquanto os sintomas, em sentido clínico, podem variar ou até faltar por completo. Também do ponto de vista cultural a formação do carácter oferece maior importância do que os sintomas, dado ser aquele, e não estes, o elemento determinante do comportamento. Ao aprofundar o conhecimento da estrutura das neuroses e ao compreender que a cura de um sintoma não significava necessàriamente o desaparecimento da neurose, os psicanalistas têm vindo a desviar a perspectiva, centrando-a na análise das deformações do carácter de preferência a estudarem os sintomas. Em sentido figurado, poder-se-ia dizer que os sintomas neuróticos não constituem o próprio vulcão e antes são as suas erupções, enquanto o conflito patológico, como o vulcão, se encontra profundamente oculto no indivíduo — a tal ponto que ele próprio o desconhece.

Apontadas estas restrições, cumpre perguntar se os neuróticos de hoje possuem em comum traços suficientemente essenciais para podermos falar de uma «personalidade neurótica do nosso tempo».

No que respeita às deformações do carácter que acompanham os diversos tipos de neuroses, as discrepâncias possuem maior relevo do que as semelhanças; assim, o carácter histérico é decididamente distinto do carácter compulsivo. No entanto, as diferenças frisantes radicam nos mecanismos ou, em termos mais gerais, no modo por que se manifestam e resolvem ambas as perturbações. Um exemplo disso é a importância da

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

projecção no tipo histérico, em face da intelectualização dos conflitos no tipo obsessivo. Ao invés, as semelhanças a que aludimos não concernem às manifestações ou aos mecanismos da sua produção mas ao conteúdo do próprio conflito. Com maior exactidão, diremos que essas semelhanças não se referem tanto às experiências que impuseram genèticamente a perturbação como aos conflitos actuais que dirigem a personalidade.

Para conhecer as forças motivadoras e as suas múltiplas ramificações torna-se preciso adoptar uma suposição prévia. Freud, e com ele a maioria dos analistas, entendem preencher-se a finalidade da análise com a descoberta das raízes sexuais (por exemplo, as zonas erógenas específicas) de um impulso, ou então do tipo infantil de reacção que se considera como modelo reproduzido por tal impulso. Embora sustentemos também não ser possível compreender totalmente uma neurose sem uma regressão até às suas raízes infantis, julgamos, por outro lado, que a aplicação unilateral do critério genético mais confunde do que esclarece o problema, pois o referido critério induz a menosprezar as tendências inconscientes actuais, as suas funções e as suas interacções com outras tendências presentes (como os impulsos, os temores e as medidas de protecção). A compreensão genética só é útil na medida em que contribui para a compreensão funcional.

Partindo desta hipótese, ao analisar pessoas dos mais diversos tipos que sofriam as neuroses mais distintas, diferindo também em idade, temperamento e interesses e procedendo de diferentes camadas sociais, sempre en-

contrámos idênticos conteúdos nos seus conflitos dinâmicos centrais e inter-relações essencialmente semelhantes em todos (1). As nossas experiências na prática psicanalítica foram confirmadas pela observação de pessoas alheias a ela e dos personagens literários mais correntes. Se atribuímos aos problemas recorrentes que afligem os neuróticos o carácter fantástico e abstruso que costumam ter, não podemos deixar de verificar que eles divergem sòmente em intensidade dos problemas que afectam todos os seres normais da nossa cultura. Na nossa imensa maioria, vemo-nos obrigados a lutar com problemas de competição, com temores do fracasso, com o isolamento emocional, com a desconfiança do próximo e de nós próprios, para não mencionar senão algumas das múltiplas dificuldades que pode apresentar uma neurose.

A circunstância de, geralmente, a maioria dos indivíduos de uma cultura enfrentar idênticas dificuldades impõe-nos a conclusão de que estas são ditadas pelas condições específicas vigentes naquela. Além disso, o facto de as forças motivadoras e os conflitos de outras culturas aparecerem diferentes dos que a nossa apre-

---

(1) Destacar estas semelhanças não significa em caso algum menosprezar os esforços científicos tendentes a demarcar tipos especiais de neuroses. Pelo contrário, estamos plenamente convencidos de que a psicopatologia alcançou notáveis progressos ao delimitar os quadros circunscritos das perturbações psíquicas, a sua génese, a sua estrutura particular e as suas manifestações peculiares.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

senta permite-nos concluir não serem tais problemas inerentes à «natureza humana».

Assim, ao falar de uma personalidade neurótica do nosso tempo, não só queremos dizer que existem neuróticos com peculiaridades essenciais comuns mas ainda serem estas semelhanças básicas, essencialmente, produto dos conflitos que reinam no tempo e na cultura em que vivemos. Apontaremos sempre, e até onde o consentirem os nossos conhecimentos sociológicos, as dificuldades culturais que se configuram responsáveis pelos conflitos psíquicos de que padecemos. A validade da hipótese proposta acerca da relação entre cultura e neurose deverá ser verificada pelo labor comum de antropologistas e psiquiatras. Os psiquiatras deveriam estudar as neuroses tal como se apresentam em culturas determinadas, mas não ùnicamente segundo os critérios formais da sua frequência, da sua gravidade ou do seu tipo como, especialmente, segundo a perspectiva dos conflitos básicos subjacentes. Quanto ao antropologista, estudará a mesma cultura do ponto de vista das perturbações psíquicas que a sua estrutura peculiar suscita no indivíduo. A semelhança dos conflitos básicos exprime-se, entre outras formas, pela semelhança das atitudes humanas acessíveis até à observação superficial. Entendemos por esta tudo quanto um bom observador pode descobrir sem necessidade de apelar para os recursos da técnica psicanalítica; quer dizer, por meio da observação das pessoas mais próximas — ele próprio, amigos, familiares, colegas profissionais. Para começar, examinaremos brevemente as mais frequentes.

As atitudes assim observáveis podem classificar-se, em grandes linhas, do seguinte modo: primeiro, atitudes respeitantes a dar e receber afecto; segundo, atitudes respeitantes à valorização de si próprio; terceiro, atitudes respeitantes ao problema da autoafirmação; quarto, a agressividade; quinto, a sexualidade.

No que se refere às primeiras, um dos traços predominantes dos neuróticos do nosso tempo consiste na sua excessiva dependência em relação à aprovação ou ao afecto do próximo. Desejamos todos ser amados e sentir-nos apreciados, mas, no neurótico, a dependência do afecto ou da aprovação alheia aparece excessiva quando comparada à importância real que os outros ocupam na sua vida. Embora gostemos todos de agradar às pessoas com quem simpatizamos, o neurótico acha-se dominado por uma necessidade indiscriminada de estima ou afecto, independentemente do seu interesse pela pessoa em questão ou da importância que atribui à sua opinião. Na maioria dos casos, não possui consciência destes desejos insaciáveis mas tradu-los na sensibilidade com que reage se não obtém a ansiada atenção. Assim, por exemplo, pode sentir-se ferido pelo mero facto de alguém não aceitar os seus convites ou deixar passar algum tempo sem lhe telefonar ou apenas divergir de algumas opiniões suas: tal hipersensibilidade é susceptível de velar-se, no entanto, sob uma atitude do tipo «que me importa a mim!»

Além disso, existe uma contradição notável entre o seu desejo de receber carinho e a própria capacidade de o sentir e de o oferecer. A sua desmedida exigência de

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

consideração pelas próprias necessidades pode unir-se a uma ausência não menos cabal de consideração pelo próximo. Esta discordância nem sempre se manifesta superficialmente, pois, pelo contrário, o neurótico pode mostrar-se muito amável e desejoso de ajudar toda a gente, verificando-se então imediatamente que actua sob compulsão e não por espontâneo calor afectivo.

A insegurança interior, revelada por esta dependência em relação aos outros, constitui o segundo traço que uma observação mesmo superficial desvenda no neurótico. Nunca faltam nele os característicos sentimentos de inferioridade e de inadaptação, que podem manifestar-se em uma série de versões — tais como a convicção de incompetência, de estupidez, de fealdade, etc. — e que, mesmo sem o menor fundamento real, poderão subsistir. A convicção da própria estupidez é passível de se verificar até em pessoas de extraordinária inteligência; a de fealdade inclusivamente na mais bela das mulheres. Estes sentimentos de menos valia podem mostrar-se abertamente à superfície, sob a forma de lamentações e preocupações, ou podem também os pretensos defeitos ser aceites como factos irremissíveis, com os quais não valeria a pena desperdiçar o menor pensamento. Mas também por vezes se encontram encobertos por inclinações compensadoras, tendentes ao autoelogio, a uma propensão compulsiva para a ostentação, a fim de impressionar tanto o próprio como os outros com toda a espécie de atributos que conferem prestígio na nossa cultura: dinheiro, propriedade de quadros antigos, relações com altas personalidades, viagens ou superiores conhecimen-

tos. É possível que uma ou outra destas tendências ocupe o primeiro plano, mas na maioria dos casos será visível a aguda presença de ambas.

O terceiro grupo de atitudes, as relacionadas com a auto-afirmação, implica manifestas inibições. Por auto-afirmação entendemos o acto de uma imposição pessoal ou da imposição das pretensões próprias, empregando esta ideia sem nenhuma conotação que indique um excessivo desejo de domínio. Os neuróticos apresentam a este respeito uma ampla série de inibições. De facto, sentem-se inibidos na expressão dos seus desejos, em fazer seja o que for no próprio interesse, em exprimir opiniões ou críticas justificadas, dar ordens, seleccionar as pessoas com quem desejam manter relações, estabelecer ligações com o próximo e assim sucessivamente. Também apresentam inibições quanto ao que caberia chamar «imposição de si próprio», pois mostram-se habitualmente incapazes de se defenderem dos ataques alheios ou de dizer «não» quando não estão dispostos a acatar os desejos de outrem — como, por exemplo, os de uma vendedora que pretende fazer-lhes comprar algo de que não precisam, os de uma pessoa que os convida ou os de uma mulher ou um homem decididos a tentá-los eròticamente. Possuem, finalmente, inibições em saberem o que na verdade querem: dificuldades em tomar decisões, formar opiniões, em se atreverem a manifestar desejos que só respeitam ao benefício pessoal. Necessitam de encobrir semelhantes desejos sob certos rótulos que os disfarcem, como um amigo nosso que nas suas contas incluía o cinema na rubrica «educação» e as bebi-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

das alcoólicas na secção «saúde». Neste último grupo, oferece singular relevo a incapacidade em estabelecer planos (1), quer eles se reportem a uma simples viagem quer à vida inteira: os neuróticos deixam-se arrastar como se vogassem ao sabor das ondas, mesmo tratando-se de decisões importantes — por exemplo, as da vida profissional ou o matrimónio —, em lugar de possuírem ideias nítidas acerca do que ambicionam na sua existência. São exclusivamente impelidos por certos temores neuróticos, como verificamos nas pessoas que acumulam dinheiro por medo à pobreza ou em quantas se lançam em contínuas e incessantes aventuras amorosas para não se empenharem em um trabalho construtivo.

No quarto grupo de dificuldades, o relativo à agressividade, incluímos aqueles actos que, diferentemente dos auto-afirmativos, se dirigem evidentemente contra alguém, evidenciando uma conduta de ataque, ofensa, intrusão ou qualquer outra disposição hostil. As perturbações desta índole manifestam-se por dois modos absolutamente distintos. Um deles consiste na propensão a ser agressivo, dominador e sobremaneira exigente; a mandar, enganar ou criticar. As pessoas sujeitas a tal agressividade dão-se às vezes conta dela, mas, mais frequentemente, não a reconhecem e estão subjectivamente convencidas de que, pelo contrário, não são senão sinceras ou mais não fazem do que exprimir uma opinião; ou ainda de que são muito modestas nas suas exigências,

(1) Na sua obra *Schiksal and Neurose* («Destino e Neurose»), Schultz-Hencke foi um dos poucos psicanalistas que prestaram a consideração devida a este ponto tão significativo.

embora, na realidade, sejam ofensivas e presunçosas. Em outras pessoas, tais perturbações manifestam-se de maneira radicalmente oposta, verificando-se uma atitude superficial que consiste em sentir-se com facilidade enganado, dominado, desprezado, tiranizado ou humilhado. Além do que a generalidade destas pessoas não verifica estar apenas em causa a sua própria atitude; mais correntemente, estão convencidas de que toda a gente se encarniça contra elas, procurando lográ-las.

As particularidades do quinto grupo, as da esfera sexual, podem sumàriamente classificar-se como desejos compulsivos de ter actividades sexuais ou então como inibições frente a elas. Tais inibições são susceptíveis de se manifestar em qualquer das etapas conducentes à satisfação sexual, exprimindo-se ora perante a mera proximidade de alguma pessoa do sexo oposto, ora no galanteio, nas próprias funções sexuais ou no prazer que estas normalmente proporcionam. Todas as peculiaridades descritas nos grupos precedentes se traduzem, ao mesmo tempo, nas atitudes sexuais.

Poderíamos estender-nos muito mais na caracterização das referidas atitudes, mas teremos ocasião de nos debruçar de novo sobre elas e, por outro lado, seria pouco oportuno delineá-las em maior pormenor, uma vez que, nesta altura, pouco ganharíamos em compreensão. De facto, para as compreendermos melhor, temos de prèviamente considerar os precedentes dinâmicos que as geram, pois uma vez conhecidos estes verificaremos encontrarem-se todas essas atitudes, por incoerentes que pareçam, estruturalmente relacionadas entre si.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

III

A ANGÚSTIA

Antes de abordarmos a exposição detida das neuroses da nossa época, será preciso retomar uma das referências que se fizeram no primeiro capítulo, esclarecendo o que compreendemos sob o termo «angústia». Nada é mais importante, pois (já o dissemos) a angústia constitui o núcleo dinâmico da neurose e teremos por conseguinte de a referir constantemente.

Empregámos este termo como sinónimo de «medo», indicando assim um parentesco entre os dois, pois ambos, com efeito, são reacções afectivas perante o perigo, podendo aparecer acompanhadas por sensações físicas, como tremor, exsudação e palpitações cardíacas, fenómenos susceptíveis de atingir tal violência que o medo intenso e repentino pode bem levar à morte. E, não obstante, existem diferenças entre eles.

Falamos de angústia, por exemplo, quando uma mãe receia a morte do filho por lhe haver nascido uma bor-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

bulha na cara ou por ter apanhado uma ligeira constipação; mas, se está aterrorizada por o filho sofrer de grave doença, chamamos medo à sua reacção. Se alguém se atemoriza por se encontrar a certa altitude ou por dever discutir um tópico que conhece na perfeição, qualificamos a sua reacção como angústia; mas, se esse mesmo temor se apresenta ao perder-se nas montanhas durante uma tempestade de neve, tenderíamos a designá-lo por medo. Com o que se deixa dito formula-se uma resposta simples e clara: o medo seria uma reacção proporcionada ao perigo que se tem de encarar, ao passo que a angústia é uma reacção desproporcionada ao perigo ou, até, uma reacção a riscos imaginários (1).

Esta distinção sofre contudo de uma deficiência, pois, para decidir se a reacção é proporcionada, será mister determinar-se a noção média de perigo vigente em uma cultura particular. Mas, ainda que esta noção demonstrasse ser infundada determinada atitude, o neurótico não encontraria a menor dificuldade em construir um fundamento racional para os seus actos. Efectivamente, pretender provar a um doente que o seu receio de ser atacado por um louco furioso não constitui senão angústia neurótica significaria submergimo-nos em infindáveis discussões. Ele afirmaria ser a sua apreensão real,

(1) No capítulo sobre «A Angústia e a Vida Instintiva» das suas «Novas Contribuições à Psicanálise», Freud estabelece uma distinção análoga entre a angústia «objectiva» e a «neurótica», qualificando a primeira como «reacção inteligível perante o perigo».

aduzindo a ocorrência de sucessos análogos ao que teme. Um homem primitivo mostraria idêntica teimosia se se intentasse considerar algumas das suas reacções angustiadas como desproporcionadas ao perigo real. Assim e por exemplo, o membro de uma tribo cujos tabus vedam comer certos animais ficaria mortalmente assustado se, por casualidade, lhe acontecesse ingerir carne de algum deles. Na qualidade de observadores exteriores, qualquer de nós julgaria esta reacção desproporcionada e inclusive a declararia completamente injustificada; mas, conhecendo as crenças da tribo sobre alimentos proibidos, ver-nos-íamos compelidos a compreender que essa situação representa para o selvagem um autêntico perigo: o de que os seus territórios de caça ou pesca fiquem desertos, ou o risco de contrair uma doença.

Há, no entanto, certa diferença entre a angústia do homem primitivo e aquela que na nossa cultura designamos por neurótica. Diversamente da primeira, o conteúdo da angústia neurótica não concorda com as convicções geralmente sustentadas por toda a gente. Os dois tipos de angústia perdem o seu carácter de reacções desproporcionadas quando se consegue penetrar o seu significado. Existem pessoas, por exemplo, contìnuamente dominadas pela angústia de morrer mas nas quais, por outro lado, os próprios sofrimentos alimentam um secreto desejo de morte. Os seus diversos temores em face desta, combinados com as ideias optativas que possuem em relação a ela, suscitam uma poderosa apreensão, um forte e profundo medo de perigos imi-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

nentes. Conhecendo todos estes factores, não se deve qualificar tal angústia perante a morte senão como uma reacção adequada. Encontramos outro exemplo mais simples naquelas pessoas que são presa do terror ao acharem-se na proximidade de um precipício, de uma janela alta ou de uma ponte elevada. Também aqui, vista de fora, a reacção ansiosa não parece possuir alguma proporção em relação ao perigo, mas semelhantes situações são susceptíveis de impor ou desencadear em tais pessoas um conflito entre o desejo de viver e a tentação de se precipitarem no vazio. É justamente este conflito que pode criar a angústia.

Todas estas considerações indicam ser conveniente modificar a nossa definição. O medo e a angústia constituem, ambos, reacções proporcionadas ao perigo, mas no caso do medo o perigo é evidente e objectivo, enquanto aparece na angústia oculto e subjectivo. Por outras palavras, a intensidade da angústia é proporcional ao significado que a situação assume para a pessoa afectada, embora ela possa essencialmente ignorar os motivos da sua ansiedade.

Na prática, a distinção entre medo e angústia reduz-se à inutilidade de todo o propósito que vise libertar o neurótico da angústia mediante uma argumentação persuasiva, pois tal angústia não se refere à situação como objectivamente existe na realidade mas à situação tal como o neurótico a vê. Por conseguinte, o objectivo terapêutico poderá apenas consistir em investigar o significado que determinadas situações têm para ele.

Estabelecido assim o que compreendemos por angústia, é mister fixar noções acerca do papel que desempenha. O homem comum da nossa cultura verifica sòmente a importância que a angústia assume na sua vida. Por via de regra, recorda ùnicamente haver experimentado na infância ansiedade ocasional, haver tido um ou mais sonhos angustiados e haver sentido um medo exagerado em situações estranhas aos seus hábitos quotidianos: por exemplo, antes de exames ou entrevistas decisivas com pessoas influentes.

As informações que os neuróticos nos oferecem carecem da menor uniformidade. Alguns neuróticos dão-se clara conta de que a angústia os acossa, mas as suas manifestações são as mais variáveis; pode aparecer como ansiedade difusa ou sob a forma de acessos ansiosos; mas é também susceptível de surgir vinculada a situações precisas, como altitudes, ruas e aparições em público; pode possuir um conteúdo determinado, como o medo de enlouquecer, o pavor ao cancro ou a engolir alfinetes. Outras pessoas reparam sentir angústia de vez em quando, conhecendo ou não as condições que a provocam mas sem lhes atribuírem a menor importância. Por fim, neuróticos há que apenas verificam sofrer depressões, sentimentos de incapacidade, perturbações da vida sexual e outros transtornos semelhantes, mas não têm a menor noção de jamais haverem experimentado angústia. Uma observação mais pormenorizada, porém, mostra geralmente que isso não é certo, pois, ao analisá-los, invariàvelmente se encontra tanta angústia como nos casos do primeiro grupo ou ainda mais. No decurso

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

da análise, estes neuróticos adquirem consciência da sua angústia prévia, chegando a recordar também sonhos ansiosos ou situações em que sentiram desconfiança ou temor. Não obstante, o volume de angústia que espontâneamente reconhecem não costuma exceder o normal, o que revela ser possível sofrer angústia sem o saber.

Colocando-o assim, este problema não revela toda a sua importância, pois, com efeito, integra uma questão mais geral. Podemos experimentar sentimentos tão fugazes de carinho, cólera ou suspeita que eles jamais invadem a consciência e tão passageiros que logo os esquecemos. Na realidade, tais sentimentos, embora insignificantes e transitórios, não deixam de encerrar uma intensa força dinâmica. O essencial da questão está em o grau de consciência de um sentimento não indicar por forma alguma a magnitude da sua força ou importância (1). Quanto à angústia, isto não só significa podermos encontrar-nos angustiados sem o saber como também que a ansiedade é susceptível de ser o factor determinante da nossa vida sem de tal circunstância possuirmos a mais leve consciência.

Mais ainda: pareceria que nenhum recurso se nos antolhasse excessivo a fim de escapar à angústia ou de evitar senti-la. Tal atitude obedece a múltiplas razões, sendo a mais comum a de que um dos sentimentos mais aflitivos que nos é dado sentir cifra-se, precisamente,

(1) O que não é senão uma paráfrase da descoberta fundamental de Freud, ou seja, a importância dos factores inconscientes.

na angústia intensa. Todo o doente que haja sofrido um acesso violento de angústia nos dirá que preferiria morrer a passar de novo por semelhante experiência. Além disso, certos elementos do afecto ansioso podem revelar-se particularmente insuportáveis para o sujeito. Um deles reside na ausência de defesas. Pode, por certo, uma pessoa mostrar-se activa e corajosa frente ao maior dos perigos, mas sentir-se — na realidade, encontrar-se — por completo inerme em um estado de angústia. A ausência de defesas torna-se muito mais intolerável para aquelas pessoas nas quais o poder, o predomínio e o sentimento da capacidade de superação de qualquer situação constituem ideais prevalentes. Impressionadas pela visível incongruência das suas reacções, ressentem-se por isso, como se elas lhes demonstrassem a sua fraqueza ou cobardia.

Outro elemento próprio da angústia é o seu manifesto carácter irracional. Deixar-se governar por qualquer factor irracional torna-se mais insuportável a alguns indivíduos do que a outros, em especial àqueles que, no fundo, percebem o secreto perigo de serem presa dos seus conflitos irracionais e que aprenderam a sempre exercer, em forma automática, um estrito domínio intelectual sobre si próprios. Assim, não tolerarão conscientemente qualquer elemento irracional; reacção que, para além dos seus motivos individuais, condensa um factor cultural, pois a nossa cultura outorga máximo valor ao pensamento e à conduta racionais, considerando inferior a irracionalidade ou quanto se lhe assemelhe.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

O último dos elementos que discernimos na angústia está, em certa medida, vinculado ao anterior. Precisamente pela sua irracionalidade, a angústia é uma advertência implícita de que algo vai mal em nós e, assim, avisa-nos de que devemos proceder a um acerto do nosso mecanismo. Não quer isto dizer que a compreendamos conscientemente como uma advertência, mas é-o, tàcitamente, aceitemo-la ou não como tal. A ninguém aprazem convites semelhantes e, inclusive, poder-se-ia dizer que nada desperta em nós tanta animosidade como compreender que devemos modificar alguma atitude nossa. No entanto, quanto mais desesperadamente uma pessoa se sente enredada na complexa rede das suas angústias e mecanismos defensivos, quanto mais tenda a aferrar-se à ilusão de que está certa e é em tudo perfeita, com tanto maior energia repudiará instintivamente qualquer sugestão — ainda que só indirecta ou tácita — de que algo não vai bem nela e requer ser modificado.

A nossa cultura oferece-nos quatro vias principais para escapar à angústia: racionalizá-la, negá-la, narcotizá-la ou evitar toda a ideia, sentimento, impulso ou situação capaz de a despertar.

O primeiro destes métodos — a racionalização — é o melhor recurso para iludir toda a responsabilidade. Radica na conversão da angústia em temor racional. Se esquecêssemos o valor psíquico de tal transferência, ser-nos-ia dado supor não haver ele provocado grande mudança. De facto, uma mãe excessivamente zelosa estará igualmente preocupada com os filhos, quer admita possuir angústia ou a interprete como apreensão justificada.

Pode repetir-se até ao infinito a experiência de dizer a esta mãe que a sua reacção não constitui temor racional mas ansiedade, provando-lhe a sua desproporção em relação ao perigo real e a sua motivação pessoal. Não deixará de nos responder repelindo esta insinuação e procurará demonstrar-nos com a maior energia que nos achamos totalmente equivocados. Não é verdade que a Luísa se contagiou na escola? E o João, não foi a trepar para uma árvore que partiu a perna? Porventura não é verdade que, ainda há pouco tempo, um homem tentou seduzir umas crianças oferecendo-lhes caramelos? Quem poderia, pois, duvidar de que exclusivamente o carinho e o sentido do dever ditam a sua conduta?

Sempre que deparamos com uma tão enérgica defesa das atitudes irracionais, poderemos estar seguros de que elas têm importantes funções a cumprir no indivíduo. Assim, em lugar de se sentir indefesa e presa das suas emoções, aquela mãe está convencida de poder enfrentar activamente a situação. Em lugar de se ver forçada a admitir estar a sua atitude saturada de elementos irracionais, sente-a completamente racional e justificada. Longe de reconhecer e de cumprir a advertência segundo a qual deve emendar algo em si própria, pode continuar a atribuir a responsabilidade ao mundo exterior, afastando assim a necessidade de encarar as

---

(1) Veja-se Sandor Rado, *An Over-Solicitous Mother* («Uma Mãe Excessivamente Zelosa»).

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

suas próprias motivações. Tais vantagens momentâneas custam-lhe desde logo o preço de jamais poder libertar-se das suas preocupações e serão especialmente os filhos quem irá pagar esse preço. Mas a mãe não o entende assim e, em última instância, tão-pouco o quer entender, uma vez que, no mais fundo da sua intimidade, se apega à ilusão de nada precisar de reformar em si e de, não obstante, poder conseguir todos os benefícios que semelhante transformação lhe proporcionaria.

Idêntico princípio vigora em todas as tendências a interpretar a angústia como um temor racional, seja qual for o seu conteúdo: medo de obstáculos, doenças, desordens dietéticas, catástrofes ou pobreza.

O segundo recurso para escapar à angústia consiste em negar a sua existência. Na realidade, em tais casos nada se faz em relação a ela *senão* precisamente negá-la, isto é, excluí-la da consciência. O único elemento da angústia consiste nas suas concomitâncias somáticas, o tremor, a transpiração, a taquicardia, as sensações de sufocação, a frequente necessidade de urinar, a diarreia, os vómitos e, na esfera mental, uma sensação de inquietação, de se estar impelido ou paralisado por algo desconhecido. Podemos contudo apresentar todos estes sentimentos e sensações somáticas ao experimentar medo com plena consciência; como também eles podem constituir a exclusiva expressão de uma angústia existente já suprimida. No último caso, o único dado de que o indivíduo dispõe acerca do seu estado são tais manifestações externas: por exemplo, em determinadas condições vê-se obrigado a urinar com frequência, sofre

náuseas quando viaja de comboio, por vezes tem copiosos suores nocturnos, sempre sem a menor causa física.

É, porém, também possível negar conscientemente a angústia, procurando-se superá-la mediante um esforço de vontade, à semelhança do que correntemente se faz quando, para vencer o medo, atrevidamente o negamos. Nesta ordem, o exemplo mais conhecido é o do soldado que, dominado pelo impulso de se sobrepor ao medo, pratica actos de heroísmo.

O neurótico também pode decidir superar *conscientemente* a angústia. Assim, uma rapariga atormentada quase até à puberdade por angústia, sobretudo em relação a ladrões, resolveu conscientemente libertar-se dela dormindo sòzinha no jardim e passeando pela casa deserta. O primeiro sonho que na análise relatou revelou várias formas desta atitude. Continha algumas situações realmente assustadoras que todavia enfrentava com a maior coragem. Em uma delas ouvia passos no jardim e, debruçando-se à varanda, perguntava: «Quem é?» Assim alcançou perder o medo dos ladrões, mas, como nada se modificara nos factores causais da angústia, persistiram outras das suas consequências. Continuou a ser uma rapariga ensimesmada e tímida que se sentia desprezada e não se decidia a efectuar qualquer trabalho produtivo.

Muitos neuróticos não chegam a adoptar semelhante determinação consciente, que amiúde se produz automàticamente. Contudo, a sua diferença em relação ao sujeito normal não se estriba no grau de consciência da decisão mas no resultado atingido. Tudo o que, «fazen-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

do-se forte», pode conseguir o neurótico consiste em sobrepor-se a uma das manifestações da sua angústia, como a rapariga citada que venceu o medo dos ladrões. Não é nosso propósito desmerecer estes resultados, os quais, reforçando a auto-estima, podem efectivamente possuir valor prático e também psíquico. Mas, como é habitual a sua sobrevalorização, convém mostrar ao mesmo tempo a face negativa (1). Não só deixam inalterados os mecanismos essenciais da personalidade, como com o desaparecimento da referida exteriorização das suas perturbações o neurótico perde também um importante incentivo para se libertar delas.

O processo de superação atrevida da angústia desempenha destacado papel em múltiplas neuroses e nem sempre se reconhece a sua verdadeira importância. Por exemplo, a agressividade, que numerosos neuróticos exibem em certas situações, costuma ser considerada expressão directa de uma verdadeira hostilidade, quando na realidade pode, bàsicamente, ser uma dessas ousadas superações da timidez estimuladas por uma agressão. Embora manifeste sempre certa hostilidade, o neurótico pode exaltar em muito a sua verdadeira agressividade quando a angústia o impele a vencer a timidez. Se déssemos de barato estas diferenças, correríamos o perigo de confundir a temeridade com uma cabal agressividade.

(1) Freud sempre o sublinhou, ao assinalar que o desaparecimento dos sintomas não é indício suficiente de cura.

A terceira maneira de libertação da angústia consiste em a narcotizar, quer literal e conscientemente por álcool ou estupefacientes, quer por muitos outros recursos de função anestésica não tão evidente. Um deles é o de uma pessoa se precipitar nas actividades sociais no receio de ficar só, sendo indiferente se esse receio se reconhece como tal ou se ùnicamente aparece como vaga sensação de desassossego. Outra forma de narcotizar a angústia consiste em a pessoa afogar-se em trabalho, método que se traduz pelo carácter compulsivo deste e pela inquietação do sujeito nos domingos e dias feriados. Idêntico fim pode cumprir-se pela necessidade excessiva de dormir, embora, geralmente, dormir não produza nestas condições grande repouso. Por último, também as actividades sexuais são susceptíveis de servir como válvulas de segurança para descarregar a angústia. Sempre se soube que a masturbação compulsiva pode ser provocada por ela, mas o mesmo sucede com toda a espécie de relações sexuais. Aqueles seres para quem estas relações funcionam predominantemente como meio de aplacar a angústia tornam-se muito inquietos e irritáveis quando não têm ocasião para as realizar, ainda que se trate de um breve intervalo.

O quarto expediente para escapar à angústia é, sem alguma dúvida, o mais radical: consiste em recusar toda a situação, ideia ou sentimento susceptíveis de a despertar. Pode tratar-se de um processo consciente como quando uma pessoa com medo da natação ou do alpinismo se esquiva a essas actividades. Em termos mais

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

precisos, um neurótico pode verificar a sua angústia e, ao mesmo tempo, verificar que se lhe procura furtar. Mas pode também ocorrer apenas possuir escassa ou nula consciência da angústia e só vagamente verificar, ou não verificar de todo, a sua tendência para iludir tais actividades. Pode, por exemplo, adiar de forma indefinida a solução de quantos assuntos, sem que o próprio sujeito o saiba, encerram angústia: como, v. g., resolver ir a casa do médico ou escrever uma carta. Ou então «fingir», isto é, despojar subjectivamente certas actividades iminentes de toda a importância que elas possam ter, como participar numa discussão, dar ordens a empregados ou separar-se de outra pessoa. Do mesmo modo pode «fingir» não lhe agradar fazer certas coisas, razão por que as descarta. Assim, uma rapariga para quem as festas condensam o temor de não ser procurada pode por completo ladeá-las, convencendo-se a si própria de que não gosta de reuniões mundanas.

Dando um passo mais, até ao ponto em que tal recusa se produz automàticamente, encontramos o fenómeno da inibição. Revela-se esta na incapacidade de fazer, sentir ou pensar determinadas coisas, e a sua função consiste em evitar a angústia que se produziria se a pessoa pretendesse fazê-las, senti-las ou pensá-las. O sujeito não tem então consciência da angústia nem é capaz de superar a inibição mediante um esforço consciente. A sua forma mais espectacular e dramática encontra-se nas inibições funcionais da histeria: cegueira, mutismo ou paralisação histérica de um membro. Na esfera sexual,

a frigidez e a impotência representam inibições semelhantes, ainda que a estrutura destes impedimentos sexuais possa ser muito complexa. Na esfera mental, são bem conhecidas inibições na capacidade de concentração, na formação ou verbalização de opiniões e nas relações com o próximo.

Valeria a pena dedicar algumas páginas exclusivamente à enumeração de inibições, a fim de oferecer ao leitor uma impressão cabal da variedade das suas formas e do carácter comum da sua aparição. Cremos, todavia, que podemos deixar a seu cargo a tarefa de reexaminar as suas próprias observações a esse respeito, pois as inibições são nos nossos dias fenómenos perfeitamente conhecidos e de fácil individualização, sempre que estejam bem formuladas. Não obstante, convirá expor em poucas palavras as precondições necessárias à verificação da existência de inibições. De outro modo, correríamos o risco de subestimar a sua frequência, pois, por via de regra, não nos damos conta das numerosas inibições que na realidade nos aperreiam.

Em primeiro lugar, será preciso termos consciência do desejo de fazer algo, por forma a podermos notar a nossa incapacidade de o executar. Por exemplo, é mister conhecermos perfeitamente as nossas ambições se queremos surpreender as inibições que nos impedem de as satisfazermos. Caberia colocar a questão sobre se sabemos sempre, pelo menos, aquilo que queremos, e, resolutamente, deveríamos responder que não. Tomemos o caso de uma pessoa que escuta uma conferência e que tem ideias críticas acerca dela. Uma inibição pe-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

quena consistiria, então, em receio de exprimir as suas reservas; uma mais intensa impedi-la-ia de organizar os pensamentos, com o resultado de que eles apenas lhe ocorreriam uma vez encerrada a discussão ou sòmente no dia seguinte. Mas a inibição é susceptível de atingir intensidade de molde a nem sequer permitir a formulação de pensamentos críticos, e, nesse caso, tal pessoa inclinar-se-á a aceitar cegamente quanto ouviu ou inclusive a admirar a exposição do conferencista, julgando ao mesmo tempo assumir uma atitude crítica e evitando assim reconhecer a menor parcela das suas inibições. Noutros termos, se uma inibição chega a anular quaisquer desejos ou impulsos, o sujeito pode não possuir a menor noção da sua presença.

Um segundo factor susceptível de impedir a consciência da inibição intervém quando esta desempenha tão significativo papel na vida do sujeito que ele prefere aceitá-la como facto imutável. Se, por exemplo, experimenta uma angústia invencível perante toda a sorte de trabalho, com a consequência de a menor intenção de empreender uma tarefa lhe produzir imensa fadiga, a pessoa pode insistir em que não dispõe de forças suficientes para se lançar a trabalho algum: esta convicção protege-a sem dúvida, pois, se admitisse a existência de uma inibição, poderia ver-se obrigada a regressar ao trabalho, expondo-se assim à temida angústia.

A terceira eventualidade transporta-nos de novo para os factores culturais. Talvez se verifique impossível qualquer informação sobre as inibições pessoais se estas coincidem com as formas colectivamente aceites ou

com as ideologias imperantes em um meio. Um nosso doente com graves inibições quanto a qualquer tentativa de se aproximar de uma mulher não se dava porém conta delas, pois julgava a sua atitude à luz da ideia dominante de que a mulher é sagrada. A inibição em exigir algo dos outros pode justificar-se fàcilmente mediante o dogma de que a modéstia é virtude; também são passíveis de escapar à nossa atenção as inibições quanto a qualquer pensamento crítico acerca dos dogmas vigentes em política, em religião ou em qualquer outro campo específico do interesse humano. Por último, podemos carecer da menor noção da existência de uma angústia relativa a expormo-nos a castigos, a críticas ou ao isolamento social. A fim de apreciar a situação, será contudo necessário conhecer perfeitamente os factores pessoais. Assim, a ausência de ideias críticas não implica necessàriamente a existência de inibições, pois pode acontecer que ela se deva apenas a preguiça mental, estupidez ou a convicções do sujeito que realmente coincidam com o dogma dominante.

Qualquer destes três factores pode levar-nos à incapacidade de reconhecer as inibições existentes e mesmo um psicanalista experimentado pode encontrar dificuldades em as compreender. Mas, ainda que acreditássemos na possibilidade de as conhecer integralmente, nem por isso o nosso cálculo da sua frequência deixaria de ser demasiado baixo. Teríamos de tomar em consideração todas as reacções, as quais, embora não constituam inibições plenamente desenvolvidas, se encontram

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

a caminho de o ser. Nas atitudes a que nos referimos somos ainda capazes de efectuar determinadas coisas, mas a angústia que elas produzem exerce certa influência sobre a sua realização mesma.

Em primeiro lugar, iniciar actividades que suscitam angústia desperta sensações de esforço, fadiga ou esgotamento. Assim e por exemplo, uma nossa doente em vias de se curar do medo de andar na rua mas sofrendo ainda de uma angústia bastante pronunciada a esse respeito sentia-se completamente estafada depois de um passeio ao domingo. Que este esgotamento não obedecia a qualquer debilidade física, provava-o a circunstância de ser capaz de levar a cabo pesadas tarefas domésticas sem experimentar o menor cansaço. Por certo o que a induzia ao esgotamento era a angústia vinculada ao caminhar; no entanto, tal angústia diminuíra o suficiente para lhe permitir passear, bastando não obstante esta actividade para a deixar estenuada. Muitas das perturbações geralmente atribuídas ao esgotamento não são na realidade causadas pelo próprio esforço mas pela angústia que provocam o trabalho ou as relações com os companheiros de profissão.

Em segunda instância, a angústia condensada por determinada actividade iniludìvelmente acarretará uma perturbação dessa função. Por exemplo, se um sujeito sente angústia em dar ordens, dá-las-á tímida e ineficazmente. A angústia em andar a cavalo engendrará a incapacidade de dominar o animal. Note-se a este respeito ser variável o grau de consciência que o sujeito é sus-

ceptível de ter do seu impedimento. Uma pessoa pode reparar que a angústia o impede de realizar as suas tarefas com prazer ou ùnicamente possuir um difuso sentimento de não ser capaz de fazer nada bem.

Em terceiro lugar, a angústia vinculada a uma actividade destruirá o prazer que ela promove em outras circunstâncias; facto que não se observa nas angústias de menor intensidade, as quais podem, ao invés, contribuir para aumentar a satisfação. Assim, poderia ser mais emocionante patinar com certa apreensão, enquanto, se existe intensa angústia, a patinagem se converterá num suplício. As relações sexuais realizadas com forte ansiedade não proporcionarão o menor prazer e, se o sujeito não se dá conta da sua angústia, terá a impressão de que essas relações nada significam para ele.

Este último ponto talvez provoque confusão, pois ainda agora afirmávamos ser possível utilizarem-se sensações de desagrado como recursos para evitar a angústia e agora estabelecemos que o desagrado pode ser uma consequência desta. Em rigor, ambas as coisas são exactas. O desagrado pode com efeito ser o recurso para evitar e a consequência de experimentar angústia. Eis um pequeno exemplo das múltiplas dificuldades que se opõem à compreensão dos fenómenos psíquicos, fenómenos cuja complexidade e reciprocidade nos impedirão de progredir nos nossos conhecimentos psicológicos se não compreendermos, de forma cabal, a necessidade de conservar presentes as suas inumeráveis e entrelaçadas interacções.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Na exposição das possibilidades de defesa contra a angústia, guiou-nos o propósito de oferecer uma descrição exaustiva de todos os expedientes eventuais. Na realidade, em breve depararemos com processos mais radicais de impossibilitar a aparição da angústia. Aqui, a nossa primordial finalidade foi a de fundamentar a asserção segundo a qual é possível sentir-se na realidade muito mais angústia do que aquela que em nós próprios aparentemente verificamos, ou que é possível experimentá-la sem dela se possuir a menor consciência, apontando a propósito alguns dos pontos em que nos sucede encontrá-la com frequência.

Em suma, pois, a angústia poderá encobrir-se atrás de sentimentos de mal-estar físico, como palpitações e fadiga, achar-se escondida sob uma série de temores que parecem racionais e justificados, constituir a força oculta que nos arrasta ao alcoolismo ou nos precipita em toda a espécie de distracções. Em síntese, descobri-la-emos frequentemente como causa da incapacidade de fazer ou gozar certas coisas, e sempre a encontraremos como factor causal das inibições.

Por motivos que serão depois indicados, a nossa cultura engendra grande quantidade de angústia nos indivíduos que nela participam. De aí que pràticamente todos nós tenhamos erigido no nosso íntimo uma ou outra das referidas defesas. Quanto mais neurótica for uma pessoa, tanto mais impregnada e dominada estará a sua personalidade por tais defesas e tanto maior será o número de tarefas que será incapaz de cumprir ou

nem sequer se proporá acometer, embora, em face da sua vitalidade, das suas capacidades mentais ou da sua educação, pudesse ser legítimo esperar que pudesse realizá-las. Em poucas palavras, quanto maior a neurose, tantas mais subtis ou nítidas inibições apresentará o indivíduo (1).

(1) Na sua obra *Einführung in die Psychoanalyse* («Introdução à Psicanálise») H. Schultz-Henke destacou a suprema importância das *Lücken*, isto é, das lacunas com que deparamos na vida e na personalidade dos neuróticos.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

IV

ANGÚSTIA E HOSTILIDADE

Ao estudar a diferença entre o medo e a angústia estabelecemos, como primeiro dos nossos resultados, ser a angústia um medo que condensa essencialmente um factor subjectivo. Qual é, pois, a natureza de tal factor?

Comecemos por descrever a experiência do indivíduo que sofre angústia. Possui ele o sentimento de um perigo poderoso e iniludível perante o qual se acha completamente inerme. Quaisquer que sejam as manifestações da angústia, trate-se de um temor hipocondríaco do cancro, de uma ansiedade em relação às tempestades, de uma fobia das altitudes ou de qualquer outra apreensão similar, descobriremos sempre dois factores: um perigo opressivo e a ausência de defesas frente ao mesmo. Às vezes a força perante a qual se sente desvalido é sentida como se procedesse do exterior (tempestades, cancros, acidentes e perigos semelhantes); em outras, o risco parece provir dos seus próprios impulsos irreprimíveis

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

(medo de ter de se precipitar no vazio ou de ferir alguém com um punhal); por fim, o perigo é por vezes completamente vago e intangível, como frequentemente acontece nos ataques de angústia.

Estes sentimentos não constituem porém, por si sós, características exclusivas da angústia; podem aparecer perfeitamente idênticos em qualquer circunstância que apresente um temeroso perigo real e uma situação não menos real de carência de defesas em face dele. Imaginamos que a experiência subjectiva das pessoas expostas a um terramoto ou a de uma criança com menos de dois anos sofrendo maus tratos em nada deve diferir da ansiedade frente a tempestades. No caso do medo, o perigo existe concretamente, e o sentimento de a pessoa se sentir mal tratada também é condicionado pela realidade; mas, no caso da angústia, o perigo é determinado ou amplificado por factores intrapsíquicos e a situação de falta de defesas acha-se configurada pela própria atitude do sujeito.

Assim, o problema do factor subjectivo na angústia reduz-se a uma pergunta mais precisa: quais as condições psíquicas passíveis de criar o sentimento de um poderoso perigo iminente e uma situação de ausência de defesas a seu respeito? Tal é, em qualquer caso, a questão que o psicólogo deve formular. De facto, a circunstância de certas condições químicas do organismo se revelarem a um tempo susceptíveis de promover a sensação e as manifestações somáticas da angústia é tão alheia aos problemas psicológicos como é a circunstân-

cia de os factores químicos poderem produzir a excitação ou o sonho.

Como em tantos outros pontos, também quanto a este problema da angústia foi Freud quem nos ensinou o caminho a seguir, mediante a sua fundamental descoberta de que o factor subjectivo implícito na angústia reside nos nossos próprios impulsos instintivos. Por outras palavras, tanto o perigo antecipado pela angústia como o sentimento de ausência de defesa em face dele são desencadeados pela força explosiva dos nossos próprios impulsos. No final deste capítulo examinaremos com maior pormenor os conceitos de Freud, indicando ao mesmo tempo em que sentido divergem as nossas conclusões das suas.

Em princípio, qualquer impulso contém a capacidade potencial de provocar angústia, sempre que a sua descoberta ou a sua realização impliquem a violação de outros interesses ou necessidades vitais e sempre que seja suficientemente imperativo ou apaixonado. Em épocas em que existiam estritos e precisos tabus sexuais, como na era vitoriana, ceder a impulsos eróticos significava amiúde um verdadeiro perigo. Uma rapariga solteira, por exemplo, via-se exposta ao perigo real do remorso ou do ostracismo social, e quem cedia a impulsos masturbatórios devia encarar o não menos real risco das ameaças de castração ou a terrível prevenção de que sofreriam danos físicos ou enfermidades mentais. O mesmo acontece hoje com certos impulsos sexuais preversos, como os exibicionistas ou homossexuais. Actualmente, contudo e no respeitante aos impulsos sexuais

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

«normais», a nossa atitude tornou-se tão indulgente que a sua admissibilidade ou o seu cumprimento prático em poucas circunstâncias significa a assumpção de riscos graves; de aí haverem diminuído em muito neste sector as razões objectivas de medo.

A modificação da posição cultural frente ao sexo pode ser responsável em grande medida pelo facto de, segundo a nossa experiência, ùnicamente em casos excepcionais se demonstrar constituírem os impulsos sexuais a força dinâmica da angústia. Esta asserção pode parecer exagerada, pois é indubitável que, à primeira vista, a angústia pareceria estar vinculada aos desejos sexuais. Com efeito, frequentemente se comprova sofrerem os neuróticos angústia em relação à actividade sexual ou possuírem nesta inibições como consequência daquela. Não obstante, a análise cuidada ensina que, comummente, o fundamento da angústia não radica nos impulsos sexuais em si mas em impulsos hostis vinculados a eles, como a tendência para ferir ou humilhar o companheiro mediante a própria relação sexual.

Em rigor, *os impulsos hostis das mais diversas espécies constituem a fonte principal da maioria das neuroses*. Receamos de novo parecer esta afirmação uma generalização ilícita de um facto que poderia revelar-se certo em alguns casos; mas os casos que mostram a conexão directa entre a hostilidade e a angústia provocada por ela não são a única base das nossas palavras. Como bem se sabe, todos os impulsos hostis agudos podem, se a sua realização contraria os interesses do próprio sujeito, ser causa directa de angústia. Sirva um

exemplo para ilustrar muitos outros. Um jovem, F., empreende uma excursão de alpinismo com uma rapariga, Maria, a quem se encontra profundamente ligado. No entanto, experimenta um violento furor contra ela por qualquer motivo que lhe despertou ciúmes. Ao atravessar uma encosta escarpada sofre um grave acesso de angústia, com respiração débil e palpitações, pois acaba de sentir o impulso consciente de lançar a jovem para o precipício. As angústias desta espécie têm a mesma estrutura das emanadas de fontes sexuais: obedecem a um impulso compulsivo que, a realizar-se, significaria uma catástrofe para o próprio sujeito.

Na grande maioria das pessoas, a conexão causal directa entre a hostilidade e a angústia neurótica está contudo longe de surgir evidente. Assim, para demonstrar porque representam os impulsos hostis a principal força psicológica produtora de angústia nas neuroses do nosso tempo, será mister debruçarmo-nos agora, com alguma minúcia, sobre as consequências psicológicas da repressão da hostilidade.

Reprimir a hostilidade significa «fingir» que tudo vai bem, abstendo-se assim a pessoa de lutar quanto deveria ou, pelo menos, quanto desejaria fazê-lo. De aí que a primeira consequência inevitável de tal repressão seja gerar um sentimento de indefesa ou, para sermos mais exactos, reforçar um sentimento preexistente de absoluta carência de defesa. Se a hostilidade é reprimida quando os interesses do sujeito são atacados, ficará este à mercê dos outros, que assim poderiam aproveitar-se dele.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

A experiência de um químico, C., é um testemunho quotidiano desta espécie. C. sofria do que se julgava um esgotamento nervoso resultante de excesso de trabalho. Era uma pessoa, embora o não reconhecesse, extraordinàriamente dotada e muito ambiciosa. Por motivos que não mencionaremos, tinha reprimido os seus ímpetos ambiciosos, parecendo, por conseguinte, muito modesto. Quando ingressou no laboratório de uma grande fábrica de produtos químicos, um colega, G., algo mais velho e ocupando um posto mais elevado, tomou-o sob a sua tutela e ofereceu-lhe a amizade. Devido a uma série de factores pessoais — dependência do afecto alheio, intimidações sofridas em face de observações críticas prévias, ignorância da própria ambição, incapacidade de a reconhecer no próximo —, C. sentiu-se muito feliz aceitando tais provas de amizade, sem se dar conta de que G. só se preocupava com a própria carreira. Para além disso, nem sequer notou haver G., em certa ocasião, apresentado como original uma ideia valiosa para um possível invento; na verdade cabia a C., que lha havia transmitido numa conversa amistosa. Durante um instante fugaz, C. sentiu desconfiança, mas, como a sua própria ambição despertava nele a maior hostilidade, imediatamente a reprimiu e, com ela, também a legítima crítica e desconfiança. Por isso continuou persuadido de que G. permanecia o seu melhor amigo. Assim, aconselhado por este a abandonar determinada investigação, aceitou o conselho como bem intencionado e, ao produzir G. o invento que ele poderia haver conseguido, acreditou simplesmente serem os dotes e a inteligência de G. muito

superiores aos seus, sentindo-se muito feliz por contar com um amigo de tal modo excepcional. Deste modo, havendo reprimido a sua desconfiança e hostilidade, C. não pôde perceber que, em assuntos capitais, G. era bem mais inimigo do que amigo. Além disso, ao apegar-se à ilusão de ser querido, abandonou toda a eficaz defesa dos seus interesses. Nem sequer foi capaz de compreender que a sua posição se prejudicava grandemente e, portanto, tão-pouco pôde combater para a defender; deixava assim que o outro explorasse a sua fraqueza.

Os temores que a repressão permite superar podem também ser solucionados pelo domínio consciente da hostilidade, mas a opção quanto a dominá-la ou reprimi-la não se acha ao nosso alcance. A repressão é um processo de tipo reflexo que se produz quando, em uma situação particular, se nos afigura insuportável admitir que nos encontramos animados por um impulso hostil. Em tal caso, não existe possibilidade alguma de domínio consciente. As principais razões que tornam intolerável a consciência da hostilidade estribam-se na circunstância de se poder amar ou precisar de uma pessoa que ao mesmo tempo se odeia, em não se querer ver os motivos de tal hostilidade — por exemplo, a inveja ou a cobiça — ou então em revelar-se porventura assustador reconhecer em nós próprios hostilidade contra o próximo. Nestas circunstâncias, a repressão é o caminho mais curto e breve para a imediata recuperação de segurança e serenidade. Graças à repressão, a terrível hostilidade desaparece da consciência ou é conservada longe dela. Quereríamos insistir nisto, pois, na sua simplici-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

dade, constitui uma daquelas afirmações psicanalíticas que só raramente são compreendidas: ao reprimir a hostilidade, o sujeito carece já da menor noção do que é hostil.

Não obstante, a via mais rápida para o conforto e a segurança não é, necessàriamente, a que em última instância oferece maior segurança. Mercê da repressão, a hostilidade — para sublinhar o seu carácter dinâmico, faríamos aqui bem em falar de «raiva» — é excluída da percepção consciente mas não é por ela abolida. Separada da totalidade da personalidade e subtraída assim ao domínio do indivíduo, agita-se neste como um afecto fortemente explosivo, prestes a irromper e tendente a descarregar-se. A intensidade do carácter detonante do afecto reprimido deve-se ao facto de o seu próprio isolamento o fazer assumir dimensões maiores e, muitas vezes, fantásticas.

Enquanto o sujeito possuir consciência da sua animosidade, a expansão dela fica restringida em três sentidos. Primeiro, o exame das circunstâncias dadas em determinada situação demonstra-lhe o que pode fazer e o que não pode em face de um inimigo real ou suposto. Segundo, se a raiva se dirige contra alguém que, por outro lado, o sujeito admira, ama ou de quem precisa, mais tarde ou mais vedo virá ela a integrar-se na totalidade dos seus sentimentos. Por último, na medida em que o homem desenvolveu certo sentido do lícito e do ilícito, também esse factor coarctará os seus impulsos hostis.

A repressão da raiva cerra o acesso a estas possibilidades de restrição, com o resultado de os impulsos hostis

transgredirem as restrições interiores e exteriores, ainda que só em fantasia. Se o mencionado químico houvesse cedido aos seus impulsos, teria contado a outras pessoas como o pretenso amigo abusava da sua amizade ou então insinuado aos superiores haver-lhe ele roubado a sua ideia ou, finalmente, frustrar-lhe-ia a possibilidade de a explorar. Pelo contrário, uma vez reprimida, a sua raiva dissociou-se e expandiu-se, manifestando-se porventura em sonhos; de facto, é muito possível que o sujeito tenha sonhado assassinar alguém em forma simbólica ou que, enquanto os seus próceres fracassavam rotundamente, se convertera num génio admirado.

Justamente devido a tal dissociação, a hostilidade reprimida intensifica-se geralmente por causas vindas do exterior. Por exemplo, se um empregado tem reacções de raiva contra o seu chefe por este adoptar certas disposições sem prèviamente o consultar e se, não se atrevendo a protestar, persiste em a reprimir, decerto o superior continuará dispondo, relegando o seu concurso. Torna-se assim evidente que incessantemente se originarão novas reacções de raiva (1).

(1) F. Künkel, na sua obra *Einführung in die Charakterkunde* («Introdução à Caracterologia»), fez notar que as atitudes neuróticas provocam no ambiente reacções, as quais por seu turno as reforçam, com a consequência de o sujeito se encontrar sempre mais prisioneiro delas, encontrando dificuldades crescentes em lhes escapar. Künkel designa este fenómeno por *Teufelskreis* (círculo demoníaco).

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Outra consequência da repressão da hostilidade resulta do facto de o sujeito registar em si mesmo a presença de um afecto altamente explosivo, que se encontra para lá das suas possibilidades de domínio. Mas antes de discutirmos as consequências desta circunstância devemos considerar uma questão por ela sugerida. Por definição, o resultado da repressão de um afecto ou de um impulso consiste em o indivíduo deixar de verificar a sua existência, ao ponto de, no seu psiquismo consciente, não reconhecer nutrir o menor sentimento hostil contra alguém. Como poderemos então dizer que «regista» em si próprio a existência do afecto reprimido? A resposta funda-se no facto de não haver estrita alternativa entre consciente e inconsciente, pois, como assinalou H. S. Sullivan, existem diversas ordens de consciência. O impulso reprimido não só continua a ser eficaz — foi esta uma das básicas descobertas de Freud — como, para além disso, numa ordem profunda de consciência, o sujeito sabe que esse impulso subsiste nele. Reduzido aos seus termos mais simples, significa isto, fundamentalmente: que não podemos mistificar-nos; na realidade, observamo-nos muito melhor do que cremos, como em geral observamos os outros muito melhor do que supomos — mostra-o, por exemplo, a certeza da primeira impressão que nos causa uma pessoa. Podemos contudo possuir razões decisivas para não tomar conhecimento das nossas observações. Com o fim de evitar repetidas explicações, utilizaremos doravante o termo «registar» para descrever o conhecimento de algo que acontece em nós sem que disso nos demos conta.

Semelhantes consequências da repressão da hostilidade podem, por si sós, bastar para engendrar angústia sempre que sejam suficientemente grandes a hostilidade e o seu eventual perigo para outros interesses do indivíduo. Podem ser assim constituídos estados de angústia vagos e imprecisos. Com maior frequência, todavia, o processo não se detém aqui, pois o indivíduo sente a imperiosa necessidade de eliminar o afecto perigoso que, do interior, ameaça os seus interesses e segurança. Assim se inicia um processo reflexo: o sujeito «projecta» os impulsos hostis para o mundo exterior. A primeira «ficção», a repressão, exige uma segunda: ele «finge» que os impulsos destruidores não surgem do seu íntimo mas de outra pessoa ou de algo exterior. Lògicamente, a pessoa sobre a qual se projectaram estes impulsos hostis será aquela contra quem estavam na origem dirigidos. Essa pessoa assumirá destarte enormes dimensões na mente do sujeito, em parte por ele lhe atribuir a mesma crueldade que possuem os seus próprios impulsos reprimidos, e também por o grau de força com que se enfrenta qualquer situação de perigo não só depender das condições reais, como ainda da atitude que o sujeito exibe em relação a elas. Quanto mais inerme se encontra a pessoa, tanto maior parece o perigo (1).

(1) Em *Autorität und Familie* («Autoridade e Família»), editado por Max Horkheimer, do International Institute for Social Research, Erich Fromm estabeleceu claramente que a angústia com que reagimos em face de um perigo não depende de forma

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Além disso, a projecção, enquanto função derivada, proporciona ainda ao indivíduo a possibilidade de se autojustificar. Não é o próprio indivíduo quem quer enganar, roubar, explorar e humilhar os outros, são estes a procurar fazer-lhe tais malefícios. Uma pessoa que ignore os seus impulsos tendentes a arruinar o marido e esteja subjectivamente convencida de ser a mais abnegada das mulheres, pode, em virtude do citado mecanismo, considerar o marido um bruto que não deseja senão fazer-lhe mal.

O processo da projecção pode ou não ser reforçado por outro mecanismo que visa o mesmo objectivo: referimo-nos ao medo da vingança alheia, susceptível de saturar o impulso reprimido. Quando ocorre, um sujeito que deseje magoar, enganar ou defraudar o próximo receará uma contrapartida. Não decidiremos agora em que medida o medo da desforra é característica geral da natureza humana, até que ponto brota das primitivas experiências de pecado e castigo e até onde pressupõe um impulso de vingança pessoal. Seja como for, é indubitável constituir um factor de primordial relevo na mentalidade do neurótico.

Estes processos originados na hostilidade reprimida têm a angústia por consequência. A repressão provoca precisamente o estado específico da ansiedade: um sen-

directa da importância real de tal perigo: «Um indivíduo que tenha desenvolvido uma atitude de carência de defesas e passividade reagirá com angústia a perigos relativamente pequenos».

timento de ausência de defesas em face do que é sentido um perigo insuperável procedente do exterior.

Ainda que sejam em princípio muito simples os estádios conducentes à angústia, torna-se geralmente difícil compreender na prática as condições sob as quais se apresenta. Um dos factores que complicam a sua aparição reside em, frequentemente, não serem os impulsos hostis reprimidos projectados na pessoa que é o seu objecto real mas em algum outro personagem substitutivo. Assim e por exemplo, num dos historiais clínicos de Freud, o pequeno Hans não desenvolveu um estado de angústia em relação a seus pais mas medo dos cabelos brancos (1). Uma doente nossa, muito sensível a outros títulos, depois de haver reprimido impulsos hostis contra o marido, foi repentinamente vítima de uma angústia motivada pelos répteis que, segundo presumia, existiriam na sua piscina de natação. Claro está que, desde os micróbios às tempestades, nada é insusceptível de se converter em objecto de angústia. As razões de tal tendência para separar a angústia da pessoa objecto dela são assaz compreensíveis. Se a angústia acaba por se vincular a um dos pais, ao cônjuge, a um amigo ou a outro ser querido, é inevitável tornar-se o sujeito vítima da incompatibilidade entre os seus sentimentos hostis e os laços anteriores de autoridade, amor ou respeito. A regra nestes casos é a negação rotunda de qualquer

(1) Sigmund Freud, «Obras Completas», vol. III (da edição americana, T. J.).

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

hostilidade. Pela repressão da própria hostilidade, a pessoa consegue negar que ela exista da sua parte e, pela sua projecção no exterior — por exemplo, em tempestades —, nega também a sua vigência no próximo. Muitos matrimónios ilusòriamente felizes repousam sobre semelhante política de avestruz.

O facto de a repressão da hostilidade levar com inexorável lógica à produção de angústia não implica dever manifestar-se esta sempre que o mencionado processo ocorre. A ansiedade pode ser eliminada instantâneamente por um dos mecanismos de defesa que já considerámos e mais adiante exporemos. Assim, em semelhante situação, é dado ao sujeito proteger-se mediante recursos como, por exemplo, experimentar uma necessidade incoercível de dormir ou de se entregar à bebida.

São infinitas as formas de angústia a que pode conduzir a repressão da hostilidade. Com o fito de facilitar a compreensão das situações resultantes, apresentaremos esquemàticamente as diferentes possibilidades:

A: O sujeito sente que o perigo provém dos seus próprios impulsos.

B: Percebe-o como de origem exterior.

Considerando as consequências da repressão da hostilidade, o grupo A parece representar o resultado directo da repressão, enquanto o grupo B pressupõe uma projecção. Quer o grupo A quer o grupo B podem ser subdivididos em dois subgrupos:

I: Considera-se o perigo dirigido contra o próprio sujeito.

II: Considera-se o perigo dirigido contra o próximo.

Teríamos assim quatro grupos principais de angústia:

A. I.: Percebe-se que o perigo provém dos próprios impulsos e que se dirige contra o próprio sujeito. Neste grupo, a hostilidade orienta-se secundàriamente contra o próprio sujeito, processo este que mais adiante examinaremos.

Exemplo: fobia de saltar de sítios altos.

A. II.: Sente-se o perigo como originado nos próprios impulsos e dirigido contra o próximo.

Exemplo: fobia do impulso de ferir alguém com um punhal.

B. I.: Julga-se o perigo originado no exterior e dirigido contra o sujeito.

Exemplo: medo das tempestades.

B. II.: Julga-se o perigo originado no exterior e dirigido contra o próximo. Neste grupo, a hostilidade projecta-se para o mundo exterior, conservando-se o seu seu objecto primitivo.

Exemplo: a ansiedade das mães excessivamente preocupadas com pretensos perigos que ameaçariam os filhos.

É desnecessário dizer que tal classificação possui valor limitado; embora possa ter a utilidade de oferecer uma rápida orientação panorâmica, de modo algum enuncia todas as eventualidades possíveis. Assim, por exemplo, não seria lícito deduzir que as pessoas do tipo A nunca projectarão a sua hostilidade reprimida, mas só fixar-se que, nesta forma específica de ansiedade, é corrente faltar o mecanismo da projecção.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

A relação entre a hostilidade e a angústia não se esgota ùnicamente na tendência para aquela produzir esta. O processo também poderá operar-se inversamente: a angústia, quando obedeça ao sentimento de ameaça de um perigo, pode por seu turno fàcilmente desencadear uma reacção defensiva de hostilidade. A este respeito, a angústia em nada difere do medo, o qual pode igualmente provocar uma agressão. Também a hostilidade reactiva, se reprimida, é susceptível de produzir angústia, gerando-se assim um verdadeiro círculo vicioso. Semelhante interacção entre a hostilidade e a angústia, que contìnuamente se geram e reforçam mùtuamente, permite-nos compreender porque deparamos na neurose com conteúdos de tão implacável hostilidade (1). A mesma influência recíproca é também a razão fundamental de frequentemente os neuróticos piorarem sem que no mundo exterior se apresentem dificuldades manifestas. Não importa que a angústia ou a hostilidade tenham sido o factor primitivo: o essencial para o dinamismo da neurose consiste em estarem ambas indissolùvelmente entrelaçadas.

O conceito da angústia que sustentamos foi encontrado por métodos essencialmente psicanalíticos. Baseia-se no dinamismo das forças inconscientes e em processos como a repressão e a projecção. Não obstante, se

(1) Se se chega a compreender que a hostilidade pode ser intensificada pela angústia, deixa de ser preciso recorrer a uma fonte biológica especial para os impulsos destruidores, como fez Freud na sua teoria do instinto de morte.

aprofundarmos o estudo, verificaremos divergir em vários sentidos do ponto de vista de Freud.

Freud formulou sucessivamente dois conceitos de angústia. Em síntese, segundo o primeiro, a angústia resultaria da repressão de ímpulsos. Tal processo referir-se-ia exclusivamente aos impulsos sexuais e, fundando-se na crença de que uma limitação na descarga da energia sexual produziria um estado de tensão física no organismo que, por seu turno, se transformaria em angústia, representa uma interpretação puramente fisiológica. Ao invés, de acordo com o segundo, a angústia — ou o que Freud denomina «angústia neurótica» — responderia ao medo frente aos impulsos cuja descoberta ou realização exporiam o sujeito a um perigo exterior (1). Esta segunda interpretação não se refere sòmente aos impulsos sexuais como também aos agressivos. Aqui, Freud não se preocupa já com a repressão ou não-repressão dos impulsos mas ùnicamente com o temor que despertam os impulsos cuja realização condensaria um perigo exterior.

A nossa concepção própria assenta na presunção de que, para abarcar o problema na sua totalidade, as duas interpretações de Freud devem integrar-se. Com tal fim, eliminámos as premissas marcadamente fisiológicas da primeira concepção, combinando-a a seguir com a segunda. Em geral, a angústia não resulta do medo dos

(1) Sigmund Freud, *Novas Contribuições à Psicanálise*; capítulo sobre «A Angústia e a Vida Instintiva», p. 120 da ed. americana.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

nossos próprios impulsos e antes do medo dos nossos impulsos reprimidos. Segundo a nossa opinião, e embora Freud tenha baseado o seu primeiro entendimento em uma engenhosa observação psicológica, ele não pôde aplicá-lo proveitosamente pela simples razão de lhe haver atribuído uma interpretação fisiológica — em lugar de colocar o problema psicológico de saber as resultantes mentais da repressão de um impulso.

Uma segunda discordância de Freud reveste menor importância teórica mas ainda maior valor prático. Concordamos inteiramente com ele quando afirma poder produzir angústia todo o impulso cuja expressão possa acarretar um perigo exterior. É evidente que os impulsos sexuais cabem dentro desta categoria, mas só na medida em que existam estritos tabus individuais e sociais que os tornem perigosos (1). De tal ponto de vista, a probabilidade da produção de angústia motivada pelos impulsos sexuais depende, em boa parte, da atitude cultural dominante em relação à sexualidade. Não concebemos poder a sexualidade, por si só, constituir uma fonte específica de angústia, enquanto, pelo contrário, aceitamos que a hostilidade — ou melhor, os impulsos hostis reprimidos — seja efectivamente motivo de ansiedade. Formulando, pois, em termos simples e práticos o conceito

(1) Numa sociedade como a descrita por Samuel Butler no seu *Erewhon*, onde seriam severamente punidas todas as enfermidades orgânicas, até a predisposição para a doença poderia desencadear angústia.

exposto neste capítulo: sempre que encontramos angústia ou manifestações dela, devemos colocar-nos duas simples questões: Qual o ponto sensível que foi ferido, originando a consequente hostilidade? Que factores explicam a necessidade da repressão? A nossa experiência induz-nos a afirmar ser um estudo orientado nestes dois sentidos apto a proporcionar uma compreensão cabal da angústia.

Um terceiro motivo de divergência com Freud origina-se na sua hipótese de que a angústia apenas na infância poderia ser gerada, desde a suposta angústia do nascimento à angústia de castração, obedecendo toda a angústia posterior a reacções que continuam a ser infantis. «Não cabe a menor dúvida de que os denominados neuróticos permanecem infantis na sua atitude perante o perigo e não lograram superar as antigas condições da própria angústia» (1).

Consideremos separadamente os elementos que compõem esta afirmação. Freud assegura encontrarmo-nos na infância mais predispostos a reagir com angústia, facto indiscutível e abonado por sólidas e compreensíveis razões que radicam na fraqueza relativa da criança em face de circunstâncias desfavoráveis. De facto, todas as neuroses de carácter parecem inculcar que a formação da angústia começa na primeira infância ou, pelo menos, que se fundam nessa época os alicerces do que chamamos «angústia básica». Mas Freud aceita, para além disto,

(1) S. Freud, Id., id.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

permanecer a angústia dos neuróticos adultos ligada às condições que originàriamente a causaram. Assim, por exemplo, um homem adulto encontrar-se-ia tão dominado pela angústia de castração quanto o estivera na infância, embora sob outras formas. É indiscutível só em raros casos poder de novo emergir uma reacção infantil de ansiedade em períodos ulteriores da vida e sempre que intervenham factores propulsores eficazes, sem haver sofrido modificação alguma (1). O que por via de regra acontece não é uma repetição e antes uma evolução. Nos casos cuja análise faculta a compreensão mais ou menos plena do desenvolvimento da neurose, é-nos proporcionado o reexame de toda uma série ininterrupta de reacções, desde a angústia precoce até às peculiaridades do adulto. Por conseguinte, a angústia ulterior conterá, entre outros, todos os elementos condicionados pelos conflitos específicos da infância. Mas, na sua totalidade, a angústia não é uma reacção infantil, e reputá-la como tal significaria confundir duas coisas diferentes, considerando infantil uma atitude que apenas foi originada na infância. Seria tão correcto qualificar a angústia na qualidade de atitude prematura e adulta numa criança precoce como considerá-la reacção infantil num homem.

(1) Em *Neurose, Lebensnot, Ärtztliche Pflicht* («Neurose, Miséria Humana e Dever Médico»), J. H. Schultz descreve um caso desta espécie. Certo empregado mudava frequentemente de posto porque determinados chefes lhe causavam reacções de raiva e angústia. A psicanálise demonstrou só o enfurecerem as pessoas que usavam certo tipo de barba, comprovando-se assim que tal reacção reproduzia exactamente a que havia experimentado em relação a seu pai, aos três anos, numa altura em que este agrediu a mãe.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

V

ESTRUTURA BÁSICA DAS NEUROSES

Uma angústia pode explicar-se inteiramente pela situação actual de conflito. Em contrapartida, se deparamos com uma situação causadora de angústia numa neurose de carácter, devemos tomar sempre em consideração estados angustiosos preexistentes, a fim de podermos explicar porque, nesse caso particular, surgiu certa hostilidade, imediatamente reprimida. Descobriremos haver sido tal angústia prévia, por sua vez, resultado de uma hostilidade anterior, e assim sucessivamente. Para compreendermos como se iniciou todo o processo, ver-nos-emos compelidos a retroceder até à infância (1).

Será esta uma das poucas oportunidades em que nos ocuparemos das experiências infantis. Referimo-nos à

(1) Não consideramos aqui a medida em que o retrocesso até à infância é também necessário para o tratamento.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

infância com menor assiduidade do que é uso na literatura psicanalítica, não por atribuirmos menor significado às experiências infantis, mas por neste livro nos dedicarmos mais à estrutura actual da personalidade neurótica do que às experiências individuais que nela culminam.

Examinando a história infantil de grande número de neuróticos, verificámos fundar-se o denominador comum de todas elas num ambiente, o qual, em combinações diversas, apresenta as seguintes características.

O factor nocivo básico é, sem excepção, a falta de autêntico afecto e carinho. Uma criança pode suportar uma grande parte das vivências habitualmente consideradas traumáticas — o desmame repentino, alguns castigos corporais, experiências sexuais — desde que, no seu íntimo, sinta ser querido e amado. Supérfluo será dizer que a criança percebe agudamente se o amor é genuíno, tornando-se impossível enganá-la com qualquer espécie de demonstrações simuladas. O principal motivo que impede uma criança de receber suficiente carinho reside na respectiva incapacidade dos pais de dar afecto, resultante da própria neurose destes. A nossa experiência ensinou-nos disfarçar hàbilmente, na maioria dos casos, a ausência fundamental de carinho, pretendendo os pais só se preocuparem com o bem-estar dos filhos. As teorias pedagógicas e o excesso de zelo ou a «abnegação» de uma mãe «ideal» constituem os agentes básicos criadores de certa atmosfera, a qual, mais do que qualquer outro factor, lança os germes de posteriores sentimentos de profunda insegurança.

Por outro lado, determinadas acções ou atitudes dos pais não podem senão suscitar hostilidade: a sua preferência por outras crianças, as repreensões injustas, o saltos imprevistos de uma superindulgência para um desprezo sobranceiro, o não-cumprimento de promessas e, finalmente mas não em último lugar, uma atitude perante as necessidades da criança que oscila entre a eventual ausência da menor atenção e a permanente interferência nos seus desejos mais legítimos, como a intromissão nas amizades dos filhos, a troça das suas ideias independentes, a preocupação de lhes quebrar todo o interesse pelos próprios empreendimentos, sejam estes artísticos, desportivos ou mecânicos. Numa palavra: uma atitude paternal que, embora não o intente deliberadamente, redunda em diminuir a vontade da criança.

Os trabalhos psicanalíticos sobre os factores que desencadeiam a hostilidade infantil sublinham, em primeira análise, a frustração dos desejos da criança, especialmente a sexual, assim como os ciúmes infantis. É possível que a hostilidade da criança seja, em parte, provocada pela atitude proibitiva assumida pela cultura a respeito dos prazeres em geral e da sexualidade infantil em particular — quer esta se exprima em termos de curiosidade sexual, masturbação ou brincadeiras eróticas com outras crianças. Mas a frustração não é, evidentemente, a única fonte de uma hostilidade rebelde. A observação verifica de forma iniludível serem as crianças, tal como os adultos, capazes de tolerar muitas mais privações desde que as reputem justas, necessárias, acertadas ou motivadas por certa finalidade. Assim e por exemplo,

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

uma criança não oferece excessiva resistência à adopção de hábitos higiénicos se os pais não os impuserem com desmedida rigidez ou mercê de actos de crueldade mais ou menos atenuados ou grosseiros. Tão-pouco é importante um ou outro castigo sempre que se sinta segura de ser amada em geral e possa julgá-los medidas equânimes e não aplicados na intenção de a magoar ou humilhar. É difícil decidir se a frustração, enquanto tal, provoca hostilidade, pois em ambientes onde se infligem múltiplas privações à criança é frequente existirem também outros factores propulsores. Mais do que as próprias frustrações, é importante o espírito com que elas são impostas.

Fazemos ressaltar este ponto porque, preocupados com os supostos perigos exclusivamente condensados pelas frustrações, muitos pais deixaram-se levar para mais longe do que visava o próprio Freud, abandonando, a pretexto do lhe poderem causar traumatismos, toda a intervenção na conduta da criança.

Os ciúmes, nas crianças como nos adultos, podem certamente constituir motivos violentos de ódio. Não sofre dúvidas o papel que são susceptíveis de desempenhar os ciúmes entre irmãos (1), os ciúmes de um dos pais ou a influência permanente que podem determinar na vida futura. Coloque-se porém a questão de saber

(1) David Levy, *Hostility Patterms in Sibling Rivalry Experiments* («Padrões de Hostilidade em Experiências de Rivalidade Fraternal), em «American Journal of Orthopsychiatry», vol. VI, 1936.

quais as condições que engendram tais ciúmes. As reacções de ciúme, tal como se observam na rivalidade fraterna ou no complexo de Édipo, deverão produzir-se necessàriamente em cada criança ou serão suscitadas por circunstâncias determinadas?

As observações de Freud acerca do complexo de Édipo efectuaram-se em neuróticos, verificando-se sem reacções violentas contra um dos pais suficientemente destrutivas para despertar ansiedade e perturbar definitivamente a formação do carácter e as relações pessoais. Havendo notado a frequência deste fenómeno nos neuróticos do nosso tempo, Freud consagrou-lhe carácter universal; não só considerou o complexo de Édipo o próprio núcleo da neurose como, simultâneamente, procurou interpretar sobre esta base intrincados fenómenos de outras culturas (1). É esta generalização, precisamente, que possui valor duvidoso. Algumas reacções de ciúme podem ocorrer com facilidade na nossa cultura, entre irmãos ou entre pais e filhos, como ocorrem em qualquer grupo que viva fortemente unido. Mas não existem provas de que as reacções de ciúmes permanentes e destrutivas — e são essas a que se referem o complexo de Édipo ou a rivalidade entre irmãos — sejam na nossa cultura tão frequentes como pretende Freud; e para nem sequer analisarmos outras formações culturais diferentes. Verificam-se nas relações humanas em geral mas, no entanto, podem ser artificialmente engendradas pela atmosfera em que a criança cresce.

(1) Freud, *Totem e Tabu*.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Mais adiante, quando estudarmos as consequências gerais dos ciúmes neuróticos, poderemos também determinar quais os factores responsáveis pelos ciúmes, mas devemos desde já mencionar, a título de elementos coadjuvantes, a falta de espontaneidade emocional e o espírito de competição. Além disso, os pais neuróticos que criam tal atmosfera espiritual estão por via de regra pouco satisfeitos com a sua própria vida, carecem de relações afectivas ou sexuais satisfatórias e, por conseguinte, tendem a tornar os filhos objecto do seu amor. As expressões deste afecto não possuem sempre tónus sexual mas têm sem excepção uma elevada carga emocional. É muito duvidoso que as correntes sexuais subjacentes às relações da criança com os pais possam, em alguma circunstância, atingir suficiente intensidade para produzir uma perturbação potencial; em qualquer caso, não conhecemos algum exemplo em que não tenham sido os pais neuróticos quem, mediante o terror ou a ternura, hajam imposto ao filho laços de afecto de tal modo apaixonados e com todas as implicações de ciúmes e inveja que Freud lhes atribuiu (1).

Costumamos aceitar que a aversão hostil para com a família ou contra algum membro dela prejudica o desenvolvimento da criança e, decerto, é desfavorável dever

(1) Estas observações, expostas genèricamente e divergentes da concepção freudiana do complexo de Édipo, fundam-se em este não constituir um fenómeno biològicamente estabelecido mas culturalmente condicionado. Dado este critério haver sido discutido por alguns autores — Malinowski, Böhm, Fromm, Reich —, limi-

ela lutar contra o comportamento de pais neuróticos; mas, se o seu antagonismo é fundado, o risco em quanto se refere à formação do carácter não reside tanto em experimentar ou exprimir um protesto como em reprimi-lo. A repressão de críticas, protestos ou acusações encerra diversos perigos, constituindo um deles tender a criança a assumir toda a culpa e a sentir-se indigna de ser amada, situação cujas consequências ulteriormente analisaremos. O perigo que nos concerne agora é o de a hostilidade reprimida poder suscitar angústia e, assim, desencadear o processo descrito. Variadas razões, que operam com diferente intensidade e em múltiplas combinações, se afiguram susceptíveis de incitar uma criança criada em ambiente semelhante a reprimir a sua hostilidade; entre elas, contam-se a ausência de defesas, o medo, o amor e os sentimentos de culpa.

A ausência de defesas de uma criança é frequentemente considerada um mero facto biológico. Embora a criança esteja por largos anos dependente do meio para satisfazer as suas necessidades (uma vez que dispõe de menor força física e experiência do que os adultos), conferiu-se excessivo significado ao aspecto biológico desta questão. Passados os dois ou três primeiros anos de vida,

tar-nos-emos à simples menção dos factores susceptíveis de engendrar o complexo de Édipo na nossa cultura: a falta de harmonia conjugal, como resultado dos conflitos entre os sexos; o ilimitado poder autoritário dos pais; as proibições impostas a todas as vias de descarga sexual acessíveis à criança; a tendência para mantê-la no seu nível infantil e em dependência afectiva dos pais, propendendo a isolá-la do mundo.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

tal dependência converte-se, com efeito, em um tipo de dependência que inclui a vida mental, espiritual e intelectual da criança, subsistindo até o adolescente atingir a idade adulta e adquirir assim a possibilidade de pautar a vida por si próprio. Existem, não obstante, profundas diferenças na medida em que as crianças permanecem sujeitas a seus pais. Tudo depende da finalidade da educação que os pais ministram aos filhos: se a tendência é no sentido de tornar os filhos fortes, corajosos, independentes e aptos a enfrentar toda a espécie de situações ou se se dirige primordialmente a amparar a criança, a mantê-la obediente e ignorante da vida — numa palavra, a infantilizá-la até aos vinte anos ou mais ainda. Nas crianças que crescem em condições adversas, a ausência de defesas reforça-se frequentemente e artificialmente por processos de intimidação ou pelo facto de elas serem colocadas num estado de dependência emocional. Quanto mais indefesa permaneça, tanto menos se atreverá a sentir ou a mostrar a menor oposição — e tanto mais se aplicará esta. O sentimento subjacente a esta situação, o seu lema, é: *Tenho de reprimir a minha hostilidade porque preciso de ti.*

O medo pode ser provocado directamente por ameaças, proibições e castigos ou por acessos de ira e cenas presenciadas; mas pode também responder a intimidações indirectas, como ameaçar a criança com os maiores perigos, micróbios, autocarros, gente estranha, pessoas más, subir a árvores, etc. Quanto mais tímida ela for, tanto menos se atreverá a mostrar ou, inclusive, a sentir

hostilidade, situação cujo lema é: *Tenho de reprimir a minha hostilidade porque tenho medo de ti.*

O amor é também uma das razões que levam à repressão da hostilidade. Faltando o verdadeiro carinho, costumam os pais substituí-lo por enfáticas declarações de amor pelo filho e de como estariam dispostos a verter por ele a última gota de sangue. Uma criança, sobretudo se se encontrar intimidada por outros motivos, pode agarrar-se a estes sucedâneos do autêntico amor, receosa de manifestar uma rebeldia que implicaria o risco da perda do prémio da sua docilidade. Em semelhantes situações, o lema fundamental seria: *Tenho de reprimir a minha hostilidade para não perder o teu amor.*

Examinámos até agora os casos em que a criança reprime hostilidade contra os pais por medo de a menor expressão dela significar perturbação das relações com aqueles. Ao proceder assim, impele-a o mero temor de ser abandonada por tais gigantes, de ser privada da sua reconfortante benevolência ou, ainda, de que se volvam contra ela. Além disso, nas mesmas condições de cultura, a criança acha-se por via de regra obrigada a sentir-se culpada por qualquer sentimento ou evidência de hostilidade ou oposição, isto é, faz-se sentir a criança indigna e desprezível se ela se aventura a exprimir ou a sentir algum ressentimento contra os pais ou a transgredir as regras estabelecidas por eles. Este dois motivos dos sentimentos de culpa encontram-se intimamente interdependentes. Quanto mais se haja inculcado na criança um sentimento de culpa pelas suas incursões em terreno proibido, tanto menos se atreverá ela a ex-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

perimentar rancor ou a assumir uma atitude acusadora em relação aos pais.

É na esfera sexual onde, na nossa cultura, mais frequentemente se originam sentimentos de culpa. Quer se formulem as proibições por meio de verdadeiros silêncios audíveis ou por ameaças e castigos declarados, a criança acaba muitas vezes por se convencer de que não só lhe estão vedadas a curiosidade e as actividades sexuais como deve ainda considerar-se indecente e desprezível se ousar incorrer nelas. Se tem fantasias e desejos sexuais em relação a um dos pais (embora permaneçam inexpressos devido à atitude proibitiva em face da sexualidade em geral), tais sentimentos fá-la-ão com facilidade sentir-se culpada. O lema desta situação será, pois, o seguinte: *Tenho de reprimir a minha hostilidade pois, se o não fizer, serei uma criança má.*

Em diversas combinações, qualquer dos factores mencionados é susceptível de conduzir uma criança à repressão de hostilidade, produzindo-se a subsequente angústia.

Mas desembocará porventura toda a angústia infantil em neurose? Os nossos conhecimentos não são de molde a permitir uma resposta satisfatória a esta pergunta. Julgámos constituir a angústia infantil uma condição necessária mas não suficiente para o desenvolvimento da neurose. Pareceria que circunstâncias favoráveis, assim como oportunas mudanças de ambiente ou influências em sentdo contrário de qualquer espécie, poderiam evitar a decidida evolução até à neurose. Em contrapartida, se as condições de vida não concorrem

para a diminuição da ansiedade (como com efeito pode acontecer), não só elas facilitarão a sua subsistência como ainda — adiante o veremos — a exacerbarão gradualmente e desencadearão todos os mecanismos que constituem a neurose. Entre os factores que podem estimular o desenvolvimento da angústia infantil, um existe que requer exame mais minucioso. Decerto configurarão situações muito diferentes a reacção de hostilidade e de angústia que se limita a pessoas do meio onde a criança vive e a reacção que se transforma em uma disposição hostil e ansiosa para com a humanidade em geral.

Assim, e por exemplo, se a criança tem a sorte de viver com avós carinhosos, professores compreensivos ou alguns bons amigos, tais experiências podem fazer com que ela não espere ùnicamente maldade de toda a gente. Mas quanto mais árduas forem as experiências no círculo familiar tanto maior se tornará a sua tendência para produzir não só reacções de ódio em relação aos pais e outras crianças como ainda atitudes desconfiadas e rancorosas em face de toda a gente. Quanto mais isolada estiver e mais desanimada for em arriscar-se a outras experiências pessoais, com tanto maior facilidade cairá na evolução descrita. Por fim, quanto mais encubra o seu ressentimento contra a própria família, vergando-se, por exemplo, a todas as atitudes dos pais, em mais alto grau projectará a angústia para o mundo exterior, convencendo-se assim de que o inteiro «mundo» é perigoso e terrível.

A ansiedade geral perante o «mundo» pode também gerar-se ou aumentar gradualmente. Uma criança cres-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

cida dentro de semelhante atmosfera não se atreverá, nas suas relações com o próximo, a ser tão empreendedora ou corajosa como ele. Haverá perdido a ditosa certeza de ser amada e apreciada e interpretará como uma cruel ofensa até a brincadeira mais inocente. Sentir-se-á mais fàcilmente ferida e magoada do que os outros e revelar-se-á menos capaz de se defender.

Os factores mencionados, e outros afins, favorecem ou produzem um estado caracterizado pelo sentimento insidiosamente progressivo e avassalador de que a pessoa se encontra só e mal-querida diante de um mundo hostil. As agudas reacções individualizadas em face de estímulos individualizados cristalizam-se numa atitude de carácter que, enquanto tal, não constitui ainda neurose mas é o terreno fértil em que esta pode a cada momento germinar. Conservando presente o papel capital que tal atitude desempenha nas neuroses, demos-lhe a designação capital de «angústia básica» — compreendendo-se que se encontra indissolùvelmente ligada a uma análoga hostilidade básica.

Ao elaborar na análise as formas distintas que a ansiedade pode adoptar, reconhece-se com maior e melhor clareza constituir a angústia básica o fundamento de todas as relações com os outros. Enquanto as manifestações isoladas da angústia podem ser provocadas por causas actuais, a angústia básica persiste contìnuamente, ainda que não existam estímulos específicos na situação actual. Se comparássemos a situação global da neurose com um estado de agitação política da nação, a angústia e a hostilidade básica equivaleriam ao descon-

tentamento subterrâneo e ao protesto latente contra o regime. Num como noutro caso podem faltar todos os sinais superficiais ou aparecerem eles nos mais diversos modos. No Estado traduzem-se em greves, tumultos, comícios e demonstrações, mas também na ordem psicológica podem as modalidades de angústia apresentar-se como sintomas da mais variada índole. Independentemente dos seus estímulos particulares, todas as expressões da angústia emanam de um mesmo fundo comum.

Nas neuroses de situação, relativamente simples, falta a angústia básica. Estas neuroses são constituídas por reacções neuróticas a condições actuais de conflito e ocorrem em indivíduos cujos vínculos pessoais não se acham perturbados. O seguinte servirá como exemplo destes casos, tal como eles frequentemente surgem na prática psicoterápica.

Uma mulher de quarenta e cinco anos queixa-se de palpitações e estados nocturnos de angústia, acompanhados de copiosa transpiração. Não apresenta alterações orgânicas, e todas as observações sugeriam ser ela saudável. Parecia uma pessoa sincera e cordial. Vinte anos antes, por motivos que não obedeceram tanto à sua vontade como a circunstâncias exteriores, casara com um homem vinte e cinco anos mais velho. Fora muito feliz, encontrando-se sexualmente satisfeita e tendo três filhos que se desenvolveram excepcionalmente bem. Era uma dona de casa diligente e capaz. Nos últimos cinco anos o marido tornara-se algo maníaco e muito menos viril, mas suportara esta situação sem evidenciar qualquer

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

reacção neurótica. As complicações haviam começado sete meses atrás, quando um homem da sua idade, simpático e em situação de poder casar-se, começara a cortejá-la. Desenvolveu-se nessa mulher, pouco a pouco, um ressentimento contra o marido envelhecido; reprimiu-o por motivos muito poderosos, tendo em conta a sua estrutura mental e social e as relações conjugais essencialmente satisfatórias. Graças à ligeira assistência prestada em poucas sessões de psicoterapia, pôde enfrentar a situação de conflito, libertando-se assim da angústia.

Nada mostra melhor a importância da angústia básica como a comparação das reacções individuais nas neuroses de carácter com as verificadas nos casos que, como o anterior, pertencem ao grupo das simples neuroses de situação. As últimas encontram-se em pessoas sãs, as quais, por motivos compreensíveis, são incapazes de resolver conscientemente um estado de conflito; isto é, revelam-se impotentes para enfrentar a existência e a natureza do conflito e, por isso também, impotentes para tomar uma decisão nítida. Uma das diferenças mais salientes entre os dois tipos de neurose reside na maior facilidade em obter resultados terapêuticos nas neuroses de situação. Nas neuroses de carácter, pelo contrário, o tratamento tropeça em graves dificuldades e, por consequência, prolonga-se por largos períodos de tempo, frequentemente demasiado largos para que seja possível ao doente esperar a cura. As neuroses de situação, comparativamente, resolvem-se com facilidade. Nestas, a discussão compreensiva do estado actual traduz-se muitas vezes numa terapêutica não só sintomática mas causal. Noutros casos, a terapêutica causal consiste em eliminar o obstáculo exterior, modificando-se o ambiente (1).

Assim, enquanto colhemos a impressão de que nas neuroses de situação a resposta neurótica é proporcional ao conflito, idêntica relação parece faltar nas neuroses de carácter. Aqui, como veremos com maior minúcia, a angústia básica preexistente pode desencadear as mais intensas reacções às provocações mais ínfimas.

Embora seja infinita e variável com os diferentes indivíduos a gama das formas manifestas da angústia ou dos recursos de protecção contra ela, a angústia básica aparece relativamente igual em todos, diferindo só em amplitude e intensidade. Pode ser descrita, em grandes traços, como um sentimento de pequenez e insignificância, de ausência de defesas, de abandono e sujeição ao perigo, de entrega a um mundo disposto a abusar, mistificar, agredir, humilhar, atraiçoar e invejar. Uma das nossas doentes traduziu este sentimento através de um desenho espontâneo que representava uma rapariguinha indefesa e nua, rodeada por monstros (humanos e animais) assustadores e prontos a atacá-la.

Os psicóticos costumam sentir agudamente o efeito desta angústia, que nos paranóicos se restringe a uma ou várias pessoas determinadas, enquanto nos esquizofrénicos toma às vezes a forma de uma intensa noção da hostilidade potencial do mundo que os rodeia, a ponto

(1) Nestes casos a psicanálise não é necessária nem conveniente.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

de inclusivamente as demonstrações de amabilidade tenderem a ser por eles interpretadas como possíveis ameaças hostis.

Os neuróticos, ao invés, raramente verificam a sua angústia ou hostilidade básicas, ou, pelo menos, não lhes concedem a medida e a importância que possuem em relação à totalidade da sua vida. Uma doente nossa, que em sonhos se via um ratinho escondendo-se num buraco para não ser esmagado — ilustrando assim, por meio de uma imagem apropriada, o seu efectivo modo de viver —, não possuía a mais remota ideia de na realidade recear alguém, declarando ignorar o que pudesse ser a angústia. Uma desconfiança básica em relação à generalidade das pessoas pode encobrir-se pela convicção superficial de toda a gente ser muito simpática, coexistindo com relações sociais aparentemente boas.

Embora a angústia básica respeite a seres humanos, é possível carecer em absoluto de carácter pessoal, transformando-se num sentimento de pavor de cataclismos, convulsões políticas, micróbios, acidentes, alimentação, ou de se encontrar a pessoa condenada pelo destino. O observador perspicaz reconhecerá com facilidade a base de todas estas atitudes, mas requer-se uma intensa elaboração psicanalítica para o próprio neurótico verificar não se referir a sua angústia a micróbios ou perigos análogos mas a pessoas reais, não ser a sua ira contra estas — ou não só ser — reacção adequada e justificada em face de uma real provocação, mas haver-se ele próprio tornado bàsicamente hostil para com o próximo e desconfiado de toda a gente.

Antes de descrevermos as consequências da angústia básica nas neuroses, examinemos um problema que porventura já terá surgido no espírito de muitos leitores. Na verdade, a atitude de angústia e hostilidade básicas em relação ao próximo, que considerámos elemento essencial nas neuroses, não será acaso uma atitude «normal» de que todos participamos, embora talvez em menor grau? Ao abordar este tema, será preciso distinguir dois pontos de vista.

Se usamos o termo «normal» no sentido de uma atitude humana genérica, caberia dizer que a angústia possui, efectivamente, um corolário normal do que a filosofia alemã e a linguagem religiosa vieram a chamar *Angst der Kreatur* (angústia da criatura). Esta expressão exprime o facto de nos sentirmos inermes perante forças mais poderosas do que nós, como a morte, as doenças, a velhice, os cataclismos naturais, os acontecimentos políticos e os acidentes. A primeira vez que reconhecemos isto é na infância, ao descobrirmo-nos sem defesas; mas trata-se de um dado que nos acompanhará por toda a vida. Tal angústia de *Kreatur* partilha com a angústia básica o seu característico sentimento de fraqueza em face dos poderes que nos são superiores, mas não implica a crença em uma hostilidade por parte destes.

Pelo contrário, se empregamos o termo «normal» no sentido do que é normal na nossa cultura, conviria acrescentar o seguinte: por via de regra, na nossa cultura, a experiência conduzirá uma pessoa — sempre que a sua vida não seja demasiado cómoda — a assumir maior re-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

serva em face dos outros, a, na medida em que se vai tornando mais madura, ser mais prudente na sua confiança em relação ao próximo, a familiarizar-se com o facto de os actos humanos não serem amiúde sinceros e antes ditados por cobardia e conveniência. Se se trata de uma pessoa honesta, não hesitará em aplicar este critério a si próprio; outrossim, verificá-lo-á mais fàcilmente nos outros. Em suma, pois, desenvolverá uma atitude evidentemente análoga à angústia básica, da qual, contudo, a distinguem as seguintes diferenças. A pessoa saudável e adulta não se sente inerme perante os defeitos humanos, nem se acha dominada pela ausência de discriminação que exibe a atitude neurótica básica. Com efeito, conserva a capacidade de conceder uma boa dose de genuína amabilidade e confiança a determinadas pessoas. Estas dissemelhanças quiçá se expliquem pela circunstância de o indivíduo saudável haver sofrido a maior parte das suas experiências infelizes numa idade em que foi capaz de as assimilar — enquanto o neurótico as sofreu quando não lhe era ainda possível dominá-las, tendo, devido à sua fraqueza, reagido com angústia a elas.

A angústia básica apresenta certas e determinadas consequências no que concerne a atitude do sujeito frente a si e aos outros. Significa, realmente, isolamento emocional, tanto mais difícil de suportar quanto vem acompanhado por uma sensação de debilidade intrínseca. Condensa também o enfraquecimento do próprio fundamento sobre que repousa a autoconfiança. Estabelece o germe de um conflito potencial entre o desejo de

confiar no próximo e a incapacidade de o fazer, motivada esta pelas profundas desconfianças e hostilidade experimentadas. Implica ao mesmo tempo e devido à sua fraqueza interior sentir-se a pessoa desejosa de lançar toda a responsabilidade para o próximo, de ser protegida e amparada, ao mesmo tempo que a hostilidade básica a torna assaz desconfiada para ceder a este desejo. Por último, a sua invariável resultante é ver-se o sujeito constrangido a dedicar a maior parte da energia a recuperar a tranquila segurança perdida.

Quanto mais intolerável for a angústia, mais completas deverão ser as medidas de precaução contra ela. Dispomos na nossa cultura de quatro recursos fundamentais para esse efeito: o afecto, a submissão, o poder, o isolamento.

Em primeiro lugar, a procura de qualquer espécie de afecto pode constituir uma forte protecção contra a angústia, mecanismo a que quadra o lema: *Se gostas de mim, não me farás mal.*

Em segunda instância, a submissão pode subdividir-se segundo respeite ou não a pessoas ou instituições determinadas. Um destes focos definidos consiste, por exemplo, na sujeição a normas tradicionais, ritos religiosos ou exigências de algum personagem poderoso. Nestes casos, a obediência a tais regras ou o acatamento de semelhantes exigências redundarão em motivos determinantes da totalidade do comportamento, atitude susceptível de obrigar o sujeito a «ser bom» (embora as conotações de «bom» variem segundo as exigências ou as regras que se cumprem).

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Em contrapartida, se a atitude de docilidade não se reporta a alguma instituição ou pessoa específica, assume a forma mais geral de complacência com os possíveis desejos alheios, evitando-se quanto seja possível de despertar ressentimento. Em semelhantes casos, o indivíduo reprime qualquer exigência ou crítica, mostrando-se disposto a deixar os outros abusarem de si, sem defesa alguma, e prestando-se sempre a ajudar indiscriminadamente o próximo. Dá-se às vezes conta de serem os seus actos motivados por angústia, mas geralmente não o reconhece e encontra-se ao invés persuadido de agir movido por um ideal de altruísmo e abnegação que chega até à renúncia aos desejos próprios. Tanto na sua forma definida como genérica, o lema central da submissão é: *Se ceder, não serei magoado.*

A atitude de submissão pode ainda servir o propósito de alcançar a tranquilidade mediante o afecto. Quando este atinge tal importância que dele depende o sentimento de segurança na vida, o indivíduo encontrar-se-á disposto a pagar seja que preço for pelo carinho — disposição que, no fundo, implica a sujeição aos desejos alheios. Mas o neurótico acha-se frequentemente incapaz de acreditar em qualquer afecto; a sua atitude de submissão não visará então a conquista de afecto, e tão-só almejará lograr protecção. Existem pessoas que só se sentem em segurança quando rìgidamente submetidas; a angústia é nelas tão intensa e tão completa a desconfiança do afecto que nem sequer concebem a possibilidade de o alcançar.

O terceiro expediente de protecção contra a angústia básica consiste no recurso ao poderio, em tentar-se obter o sentimento de segurança através da conquista de poder ou êxito real, riqueza, admiração dos demais ou superioridade intelectual. O lema que governa estes propósitos de resguardo é: *Se sou poderoso, nada poderá atingir-me.*

O quarto meio de preservação reside no isolamento. Os grupos anteriores de esquemas protectores possuem em comum o intento de lidar com o mundo, a disposição de, por uma ou outra maneira, o vencer. Mas pode também conseguir-se o sentimento de protecção pelo afastamento total do mundo. Isto não significa a fuga para um deserto ou reclusão em radical solidão, mas alcançar-se uma independência do próximo na medida em que este afecta as necessidades interiores ou exteriores da pessoa. Assim, por exemplo, a emancipação das necessidades exteriores pode conseguir-se através da acumulação de riqueza. Tal motivação do sentido de propriedade difere por completo da que impele o fito de, por ela, se alcançar influência ou poder — sendo também muito diferente a utilização conferida à riqueza. Quando esta é acumulada com o objectivo de total independência, o sujeito sente por via de regra excessiva angústia para poder usufruí-la; tesauriza-a avaramente, pois a sua única finalidade consiste na prevenção contra todas as eventualidades. Outro expediente que preenche idêntico propósito traduz-se na restrição das necessidades pessoais.

A independência que se reporta às necessidades interiores pode, por exemplo, obter-se através de uma des-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

vinculação sentimental do próximo, de maneira a ninguém nem nada poder defraudar-nos: o que significa afogar todas as exigências afectivas. Expressão deste desprendimento é a atitude, frequente em círculos intelectuais, de nada se tomar a sério, inclusive a própria pessoa. A própria pessoa não se tomar a sério é assaz diferente da ausência de presunção, podendo até constituir atitudes contraditórias.

Estes recursos de isolamento apresentam certas semelhanças com os mecanismos de submissão e complacência, pois todos implicam a demissão das próprias ambições. Mas, enquanto nos últimos a renúncia se acha ao serviço da ideia de «ser-se bom» ou da submissão aos desejos alheios a fim de a pessoa se sentir segura, a ideia de «ser-se bom» não desempenha relevância alguma no primeiro grupo, e o objecto da renúncia consiste simplesmente na aquisição de independência em relação ao próximo. Neste caso, o lema director é: *Se me isolo, nada poderá acontecer-me.*

Para apreciarmos a função que estes diversos ensaios de protecção contra a angústia básica desempenham nas neuroses, será mister valorarmos a sua intensidade potencial. Não são impostos pelo desejo de satisfazer uma ambição de prazer ou felicidade mas pelo impulso de conquistar um sentimento de segurança. Não obstante, isto de modo algum implica serem eles menos poderosos ou imperiosos do que as pulsações instintivas. A experiência demonstra poder ser o impacto de uma apetência de ambição, por exemplo, tanto ou mais forte do que um impulso sexual.

Qualquer destes quatro mecanismos, perseguidos exclusiva ou predominantemente, é, sempre que a sua situação vital os permita aplicar sem incorrer em conflitos, susceptível de oferecer ao indivíduo a almejada tranquilidade. Deve contudo apontar-se que a prossecução exclusiva de uma só tendência emparelha por via de regra com um empobrecimento da personalidade integral. Assim e por exemplo, uma mulher que se decida pelo caminho da submissão pode alcançar paz e grandes satisfações secundárias em uma cultura que exija da mulher obediência à família ou ao marido e sujeição às normas tradicionais. Se é um monarca que desenvolve um indomável apetite de poder e de riqueza, o seu resultado pode também ser a consecussão de segurança e o êxito na vida. No entanto, a busca decidida de um só objectivo raramente logrará a sua finalidade, porque as exigências impostas aparecem de tal modo incomportáveis ou despidas de escrúpulos que necessàriamente implicam conflitos com o ambiente. Nas mais das vezes, a segurança contra uma profunda angústia subjacente não é visada sòmente por uma via mas por várias, as quais, além disso, são frequentemente incompatíveis entre si. Isto é: o neurótico pode simultâneamente sentir-se compelido a dominar toda a gente e a pretender ser amado por todos, a submeter-se aos outros e a impor-lhes a sua vontade, a desligar-se das pessoas e a querer o afecto delas. São estes conflitos, na verdade insolúveis, que quase sempre constituem o núcleo dinâmico das neuroses.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

A ambição de afecto e a de domínio constituem as duas tendências que mais frequentemente se digladiam, razão por que delas nos ocuparemos mais pormenorizadamente nos próximos capítulos.

Tal como a descrevemos, a estrutura das neuroses não contradiz a teoria freudiana segundo a qual, na sua essência, as neuroses seriam resultantes de conflitos entre tendências instintivas e exigências sociais ou a sua representação no «super-ego». Mas, se concordamos ser o conflito entre as tendências individuais e a pressão social do ambiente uma condição iniludível de todas as neuroses, não julgamos constituir ela uma condição suficiente. O choque entre os desejos individuais e as exigências sociais não produz necessàriamente uma neurose, mas pode igualmente conduzir a restrições reais na vida, isto é, à simples supressão ou repressão de desejos — ou, mais genèricamente, ao sofrimento real e concreto. A neurose sòmente surgirá se este conflito provocar angústia e se as tentativas para a calar por seu turno despertarem tendências defensivas, as quais, embora não menos peremptórias, se revelam contudo incompatíveis entre si.

VI

A NECESSIDADE NEURÓTICA DE AFECTO

Não oferece dúvida poderem, nas nossas condições culturais, adquirir decisiva importância na vida de muitas pessoas estas quatro formas de protecção contra a angústia. Contam-se entre essas pessoas: aquelas que acima de tudo desejam ser amadas e estimadas, utilizando qualquer expediente para satisfazer tal desejo; aquelas cujo comportamento se caracteriza pela tendência para a submissão, a transigência, a não-adopção de quaisquer atitudes afirmativas; aquelas cujos desejos se encontram governados pela ambição de êxitos e de poder; e ainda quantas propendem a isolar-se do mundo e tornar-se independentes do próximo. Poder-se-ia contudo perguntar se teremos o direito de afirmar que estes desejos representam uma protecção contra a angústia básica. Não serão porventura expressão de impulsos que cabem na alçada dos limites normais das possibilidades humanas? Argumentando assim, cometemos o erro de equacionar a questão de um modo alternativo. Na realidade, os dois pontos de vista não se contradizem

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

nem mùtuamente se excluem; encontramos em todos nós, nas mais diversas combinações e sem significarem de algum modo reacções neuróticas, o desejo de amor, a tendência para a submissão, o desejo de domínio ou êxito e a tendência para o isolamento.

Por outro lado, qualquer destas atitudes pode constituir a atitude predominante em certas culturas, facto que de novo revelaria a possibilidade de se tratarem de características normais da espécie humana. Assim, as atitudes de carinho, zelo maternal e submissão à vontade alheia vigoram na cultura Arapesh, descrita por Margaret Mead. As tendências para conquistar prestígio por forma assaz brutal são normas aceites e vigentes entre os Kwakiutl, como fez notar Ruth Benedict; e a tendência para o afastamento do mundo é um traço dominante da religião budista.

A nossa perspectiva não pretende negar a índole normal de tais impulsos mas apenas destacar que são todos susceptíveis de operar no sentido de evitar a angústia e que, além disso, ao assumirem tal função protectora, mudam as suas qualidades, convertendo-se em algo inteiramente diverso. Semelhante diversidade pode ser melhor descrita por uma analogia. Podemos trepar a uma árvore para provar a nossa força ou destreza ou porque queremos contemplar a paisagem, mas, porventura, também por nos perseguir uma fera. Trepamos para a árvore nos dois casos, mas por motivos muito diferentes. Por prazer no primeiro caso, enquanto no segundo nos impelem o medo e razões de segurança. Além disso, temos ali liberdade para trepar ou não, quando

aqui nos obriga uma necessidade premente. Na primeira hipótese, ainda, é-nos dada a escolha da árvore; inversamente, na outra possuímos a exclusiva possibilidade de recorrermos ao que encontramos e que, desde que preencha os requisitos de segurança, pode bem ser um mastro ou uma casa em vez de uma árvore.

A diferença entre as forças propulsoras tem como corolário uma diferença de conduta e sentimento. Se nos move o desejo directo de alcançar uma satisfação qualquer, a nossa atitude será espontânea e discriminada; ao invés, se existe angústia, os sentimentos e actos serão compulsivos e indiscriminados. Há, evidentemente, estados intermédios. Assim, nos impulsos instintivos, como a fome e o impulso sexual, determinados em grande parte por tensões fisiológicas resultantes de privação, a tensão física pode por tal forma acumular-se que a sua satisfação se imponha com muito intensa urgência e indiscriminação — em outras circunstâncias só verificadas nos impulsos determinados pela angústia.

Esta diferença influi ao mesmo tempo sobre o tipo de satisfação, que, sem entrarmos em pormenores, se pode reduzir à diferença entre o prazer e o sentimento de segurança (1). A distinção é porém menos marcada

(1) H. S. Sullivan, no seu trabalho *A note on the Implications of Psychiatry, as Study of Interpersonal Relations for Investigation in the Social Sciences* («Uma Nota sobre as Implicações da Psiquiatria, como Estudo das Relações Interpessoais, para a Investigação Sociológica»), publicado no «American Journal of Sociology», vol. 43, 1937, assinalou que os anseios de satisfação constituem princípios básicos reguladores da vida.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

do que poderia parecer à primeira vista. A satisfação de impulsos instintivos como a fome e o impulso sexual proporciona geralmente prazer, mas, se a tensão física produzida por eles chegou a acumular-se, a satisfação alcançada mediante a sua descarga é muito semelhante à da libertação da angústia. Nos dois casos se alivia uma intolerável tensão. No que se reporta à respectiva intensidade, o prazer e o sentimento de segurança podem ser igualmente poderosos. Uma satisfação sexual, ainda que diferente em espécie, é susceptível de se revelar tão enérgica como os sentimentos de quem acaba de se libertar de violenta angústia. Em termos gerais, portanto, é possível não só serem as tendências em vista à recuperação da tranquilidade tão vigorosas como as instintivas, como motivarem ainda uma satisfação não menos intensa.

Os desejos de segurança que examinámos no capítulo precedente proporcionam também outras fontes secundárias de satisfação. Assim e por exemplo, o sentimento de se ser amado ou apreciado, de se alcançar êxito ou influência, pode verificar-se sumamente satisfatório, para lá do benefício que oferece em quanto concerne a segurança. Além disso, como adiante veremos, as diferentes vias que conduzem ao sentimento de segurança permitem simultâneamente uma considerável descarga da hostilidade acumulada, fornecendo deste modo outra forma de diminuir a tensão. Vimos poder ser a angústia a força propulsora ocultada atrás de certas tendências e examinámos os mais importantes impulsos assim engendrados. Debruçar-nos-emos agora com maior vagar sobre as duas tendências que na realidade desempenham papel

primordial nas neuroses: a necessidade de afecto e o desejo de poder e domínio.

A necessidade de afecto é tão comum nos neuróticos e de tão fácil apreensão por qualquer observador idóneo que pode ser considerada um dos mais fiéis indicadores da angústia e da sua intensidade aproximada: o que não admirará se nos não esquecermos de que o neurótico, sentindo-se totalmente desarmado frente a um mundo ameaçador e hostil, procurará obter carinho e amor — os mais lógicos expedientes para se tornar objecto de benevolência, ajuda ou apreço.

Se as condições psíquicas do neurótico fossem na realidade tais como lhe aparecem, ser-lhe-ia muito fácil conquistar o afecto dos outros. Se é lícito dizer por palavras o que o neurótico muitas vezes apenas suspeita vagamente, serão aproximadamente estas as suas impressões: é tão pouco aquilo que pretende, sòmente que as pessoas sejam amáveis, que o aconselhem, que compreendam ser ele uma alma infeliz, inofensiva e solitária, desejosa de agradar e de não ferir a sensibilidade alheia. É isto quando percebe ou sente. Não se dá conta, em contrapartida, de como a sua hipersensibilidade e hostilidade latente e as suas rigorosas exigências dificultam relações sociais; tão-pouco é capaz de verificar o efeito que produz nos outros ou as reacções alheias ao seu comportamento. Como resultado, torna-se-lhe impossível compreender porque tão amiúde fracassam o casamento, os amores, as relações profissionais. Tende a concluir, pelo contrário, caber a culpa aos demais, gente sem consideração, desleal, abusadora — ou, por alguma incom-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

preensível razão, carecer ele de popularidade. Persegue assim incenssantemente o fantasma do amor.

Se o leitor se recordar de que observámos ser a angústia engendrada pela hostilidade reprimida e suscitar por seu turno hostilidade, ou seja, encontrarem-se indissolùvelmente entrelaçadas a angústia e a hostilidade, sem dificuldade reconhecerá como, pensando desta maneira, o neurótico se engana a si próprio, e quais os motivos dos seus insucessos. Sem o saber, o neurótico está prisioneiro do dilema de, sendo incapaz de amar, ao mesmo tempo necessitar angustiantemente do amor do próximo. Deparamos aqui com uma pergunta aparentemente elementar e que todavia é de difícil solução: o que é o amor? ou: que entendemos por amor na nossa cultura? O amor é vulgarmente definido como a simples capacidade de dar a receber afecto, resposta que, se encerra alguma verdade, é não obstante excessivamente sucinta para esclarecer as dificuldades em que tropeçamos. Somos todos ocasionalmente afectuosos, mas esta qualidade pode emparelhar com uma total inaptidão para amar. O importante é a atitude onde entronca semelhante afectuosidade: constitui expressão de uma atitude básica positiva em face dos outros ou, por exemplo, será produto do medo de perder o outro ou de o querer completamente dominar? Por outras palavras, não é possível adoptar para critério do amor qualquer das suas atitudes manifestadas.

Embora seja muito difícil estabelecer o que seja o amor, é possível verificar sem deixar lugar a dúvidas o que não é ou quais os elementos que lhe são alheios.

Podemos experimentar um profundo afecto em relação a uma pessoa e, contudo, irritarmo-nos por vezes com ela, negarmos-lhe a satisfação de certos desejos ou querermos ficar sós. Mas estas reacções circunscritas de zanga ou afastamento são muito diferentes da atitude do neurótico, permanentemente em guarda contra o próximo, experimentando como menosprezo o menor interesse dedicado a outros, interpretando qualquer pedido como imposição e qualquer crítica como humilhação. Isto, decerto, não é amor. Do mesmo modo, não é incompatível com o amor a crítica construtiva a certas atitudes ou qualidades, objectivo de contribuir para, na medida do possível, as emendar; mas, evidentemente, não será amor exibir, como por via de regra faz o neurótico, uma intolerável exigência de perfeição, um pedido que implica um hostil «ai de ti se não fores perfeito!»

Também julgamos inconcebível com a nossa ideia do amor a utilização de uma pessoa sòmente com vista a determinados propósitos, isto é, por exclusiva ou principalmente responder a certas necessidades. Isto sucede por exemplo quando o próximo apenas é desejado como objecto sexual ou, no matrimónio, como factor de prestígio. Mas nem sempre as situações se apresentam tão simples, em particular quando são de ordem psíquica as necessidades que intervêm. Assim, uma pessoa poderá fàcilmente enganar-se e julgar amar outra se, por exemplo, apenas dela precisar pela aprovação cega que lhe testemunha. Em tais casos, contudo, o outro pode ser fàcilmente abandonado (ou converter-se até o amor em hostilidade) mal comece a assumir uma atitude crí-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

tica, deixando assim de preencher a atitude de admirador mercê da qual era amado.

Mas, na exposição das diferenças entre o que é e o que não é amor, devemos proceder atentamente e ter o cuidado de não sermos demasiado estritos. Embora seja incompatível com o amor a utilização da pessoa amada com o fito de obtenção de benefícios próprios, esta circunstância não significa dever ser o amor total e exclusivamente altruísta e abnegado. Tão-pouco é certo sòmente merecer o nome de amor o sentimento que nada exige para si. As pessoas que formulam semelhantes convicções traem mais a sua própria resistência a dar afecto do que manifestam uma convicção profunda. É natural desejar-se algo da pessoa que se ama: pedimos-lhe satisfações, lealdade, auxílio; se for caso disso, podemos inclusive exigir-lhe sacrifícios. As mais das vezes, a capacidade de formulação de tais desejos, ou, até, de lutar por eles, é indício de saúde psíquica. A diferença entre o amor e a necessidade neurótica de afecto funda-se em ser o sentimento afectuoso primordial no primeiro caso, enquanto o sentimento básico do neurótico reside no impulso para a recuperação de segurança, sendo apenas secundária a ilusão de amar. Evidentemente, existe uma enorme gama de estados intermédios.

Se alguém precisa de afecto alheio como protecção contra a própria angústia, quase nunca o notará conscientemente, pois ignora achar-se dominado pela ansiedade e, portanto, buscar desesperadamente qualquer forma de carinho a fim de reconquistar a perdida segurança. Sabe ùnicamente encontrar-se perante uma pes-

soa que lhe agrada, em quem confia ou por quem sente atracção. Não obstante, aquilo que sente como amor espontâneo pode apenas constituir uma reacção de gratidão por qualquer amabilidade ou por uma emoção de esperança ou de afecto que alguém ou algo suscitou nele. A pessoa que, explícita ou implìcitamente, infunde esperanças desta natureza será automàticamente investida de grande importância: sentimento que se manifestará mediante a ilusão do amor. Tais esperanças podem ser despertadas pelo mero facto de sermos tratados com gentileza por alguém com poder ou influência ou que meramente pareça possuir maior segurança. Podem também animá-los intenções de sedução erótica ou sexual, ainda que nada tenham a ver com o amor. Podem alimentar-se de qualquer espécie de vinculação que implìcitamente contém uma promessa de ajuda ou de apoio emocional: laços familiares, de amizade, ou os que ligam o doente ao seu médico. Muitas destas relações ocorrem sob a capa do amor, isto é, com a convicção subjectiva de afecto — quando, na verdade, tal amor consiste em o sujeito prender-se aos outros para satisfazer as suas próprias necessidades psíquicas. É evidente faltar nestas casos um dos factores essenciais que integram a nossa noção do amor: a solidez e a constância do sentimento.

Uma última característica da incapacidade de amar foi já tàcitamente enunciada, mas voltaremos agora a desenvolvê-la: referimo-nos à ausência de consideração pela personalidade, pelas peculiaridades, defeitos, necessidades, desejos e desenvolvimento do outro. Tal ausên-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

cia de consideração é, em parte, ditada pela mesma angústia que impõe ao neurótico uma tenaz união com outra pessoa. Quem está em vias de se afogar e se agarra a um nadador não pensa geralmente na disposição ou na capacidade deste de o salvar. Tal ausência de consideração é ainda expressão da hostilidade básica em relação ao próximo — hostilidade cujos conteúdos mais comuns são o desprezo ou a inveja. Pode encobrir-se sob desesperados esforços de atenção, mas semelhante empenho não consegue usualmente impedir que emerjam certas reacções indiscretas. Assim, uma esposa pode estar interiormente persuadida da sua profunda devoção pelo marido e, apesar disso, mostrar-se ressentida, queixando-se ou ficando deprimida quando o cônjuge dedica muito tempo ao trabalho, a outros interesses ou às amizades próprias. Uma mãe exclusivamente zelosa pode estar convencida de sacrificar tudo em favor da felicidade do seu filho e, apesar disso, desatender por completo à necessidade de que o filho cresça com independência.

Os neuróticos cujo mecanismo de defesa consiste no desejo de receber afecto dificilmente verificarão a própria incapacidade de amar. A maioria confunde a necessidade do próximo com uma pretensa predisposição para amar, quer determinada pessoa, quer a humanidade em geral. Leva-os uma imperiosa razão a sustentar e defender tal ilusão, pois abandoná-la implicaria revelar o dilema em que se debatem: o sentimento simultâneo de uma hostilidade básica perante o próximo e a necessidade premente do afecto dele. Não é possível desprezar

uma pessoa, desconfiar dela, querer destruir a sua felicidade ou a sua independência e, ao mesmo tempo, ansiar pelo seu afecto, a sua ajuda e o seu apoio. A fim de alcançar ambos os objectivos, em rigor inconciliáveis, será preciso que o neurótico mantenha a disposição hostil totalmente ausente da consciência. Por outras palavras, a ilusão do amor, embora resultante de um compreensível equívoco entre autêntico apego e necessidade neurótica, cumpre a definida função de tornar possível a busca do afecto.

Ao tentar satisfazer a sua fome de carinho, o neurótico depara ainda com outra dificuldade fundamental: se, pelo menos transitòriamente, lhe é dado obter o ambicionado afecto, vem, em última análise, a revelar-se incapaz de o aceitar. Seria de esperar que o acolhesse com as mesmas ânsias de um homem sequioso saciando-se de água. Na verdade assim sucede, mas só momentâneamente. Os médicos conhecem a influência que podem exercer a amabilidade e a consideração. Todas as perturbações orgânicas e psíquicas são susceptíveis de desaparecer prontamente, ainda que se tenha proporcionado ao doente apenas uma atenção hospitalar adequada ou haja sido meramente submetido a um exame clínico pormenorizado. Uma neurose de situação, por muito grave que seja, pode esfumar-se radicalmente quando a sua vítima se sente amada por alguém. Elizabeth Barret Browning é um célebre testemunho do que dizemos. Inclusivamente nas neuroses de carácter, semelhantes atenções (quer consistam em amor, interesse humano ou cuidados médicos) poderão ser su-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

ficientes para libertar a angústia, melhorando assim o estado psíquico.

Qualquer demonstração de afecto pode proporcionar ao neurótico tranquilidade superficial ou mesmo uma sensação de felicidade, mas, no fundo, essas manifestações chocam-se com a sua desconfiança ou desencadeiam resistência e ansiedade. Não crê nelas por estar firmemente convencido de que ninguém poderá amá-lo — sentimento que muitas vezes se converte em convicção consciente, e irremomível até por experiências reais que a contradigam. Pode mesmo dizer-se nunca chegarem tais experiências a verdadeiramente o preocupar, pois, por contraditório que pareça, essa convicção mostra-se tão imperturbável como se sempre houvesse sido consciente. Pode também disfarçar-se sob uma atitude de indiferença, quase sempre ditada pelo orgulho, e neste caso a sua revelação provàvelmente tropeçará em grandes obstáculos. A convicção de ser indigno do amor vincula-se intimamente à incapacidade de o sentir e, de facto, é um reflexo consciente dela. Uma pessoa realmente capaz de experimentar afecto pelos outros não duvidará nunca de poderem experimentar os outros idêntico afecto por ela.

Se a angústia é profunda, todo o afecto oferecido provocará desconfiança, e inclusivamente se suspeitará de obedecer a interesses ocultos. Na psicanálise, por exemplo, doentes deste tipo julgam que o analista apenas quer ajudá-los com o fito de satisfazer ambições ou que ùnicamente por motivos idênticos lhes dedica palavras de apreço ou de estímulo. Assim, uma nossa doente

sentiu-se muito humilhada quando, por ocasião de profunda comoção, propusemos fazer-lhe companhia durante um fim de semana. Todo o carinho ostensivamente manifestado é interpretado fàcilmente como insulto. Se uma rapariga atractiva demonstra afecto por um neurótico, ele inclinar-se-á a interpretá-lo como troça ou mesmo deliberada provocação — pois não lhe é possível acreditar que a rapariga sinta verdadeiro amor por ele.

Não só pode o carinho dedicado a tais pessoas suscitar o seu temor como ainda uma cabal ansiedade. Reagem como se ceder a um sentimento implicasse o aprisionamento numa teia de aranha ou como se confiar no afecto equivalesse a abandonar a menor prudência numa tribo de antropófagos. Um neurótico prestes a compreender que alguém lhe testemunha sincero carinho ou amor é susceptível de, inclusive, experimentar verdadeiro terror.

Por último, as demonstrações de afecto são passíveis de despertar temor à dependência. Como veremos a seguir, a dependência afectiva constitui um autêntico perigo para quem não sabe viver privado do amor do próximo, e toda a circunstância que de longe se lhe assemelhe pode promover uma desesperada luta em sentido contrário. Tais pessoas têm de iludir de qualquer maneira as reacções emocionais positivas da mais variada espécie, porque estas acarretariam o perigo da submissão. A fim de o evitar, precisam de se fechar à compreensão da amabilidade ou solicitude alheias, procurando negar a menor manifestação de afecto e

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

persuadindo-se intimamente de que os outros são brutais, indiferentes e até maldosos. A situação assim originada equivale à da pessoa que não ousasse tocar na comida que se lhe oferece por medo de ficar envenenada.

Em suma, pois, quem esteja dominado pela sua angústia básica e requeira o afecto alheio como meio protector desfruta escassas probabilidades de o alcançar, pois a mesma situação que configura essa necessidade também impede a respectiva satisfação.

VII

OUTRAS CARACTERÍSTICAS DA NECESSIDADE NEURÓTICA DE AFECTO

Na nossa maioria, desejamos ser queridos, gozamos com gratidão o sentimento de o sermos e sentimo-nos ofendidos se o não somos. Como já dissemos, o sentimento de ser amado pelos pais tem primordial importância para o desenvolvimento harmonioso da criança. Mas quais as características peculiares que permitem considerar neurótica a necessidade de afecto?

Na nossa opinião, ao qualificar-se arbitràriamente esta necessidade como infantil, não se comete apenas uma injustiça para com a criança; também se esquece nada terem a ver com a infantilidade os factores essenciais da necessidade neurótica de afecto. A necessidade infantil e a neurótica apresentam em comum ùnicamente um elemento — a ausência de defesas —, embora ele possua base diferente em cada um dos casos. Além disso, a necessidade neurótica surge sob precondições muito diferentes, que, como já dissemos, são: angústia, sentimento de ser indigno de amor, incapacidade de confiar em afecto algum e hostilidade indiferenciada.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Assim, é a compulsividade a primeira característica que nos chama a atenção na necessidade neurótica de afecto. Quando se é impelido por intensa angústia, carece-se sempre de espontaneidade e flexibilidade. Em termos mais simples, isto significa que, para o neurótico, obter afecto não é um luxo, nem fundamentalmente um motivo de maior energia ou prazer, mas uma genuína urgência vital. A diferença poderia exprimir-se por duas fórmulas: por um lado, *desejo ser amado e agrada-me sê-lo*, por outro lado, *preciso de que me amem a todo o custo*. Do mesmo modo, poderíamos distinguir uma pessoa que come por apetite, podendo saborear e escolher manjares preferidos, de outra prestes a morrer de fome e que deva aceitar qualquer comida e pagar qualquer preço por ela.

Esta atitude conduz necessàriamente à sobrestimação da importância real do facto de ser querido. Na verdade, não é tão terrìvelmente importante agradar a toda a gente, e inclusive pode acontecer só determinadas pessoas nos apreciarem especialmente: as que por seu turno nos agradam, aquelas com quem devemos partilhar a vida ou o trabalho ou às quais nos convém produzir boa impressão. Fora destes casos, é mais ou menos indiferente agradarmos ou não (1). O neurótico,

(1) Estas palavras poderiam levantar protestos nos Estados Unidos, onde, como factor cultural, intervém o facto de a popularidade se haver convertido num objectivo da competição social, adquirindo assim uma dimensão que não assume noutros países.

pelo contrário, comporta-se sempre como se toda a sua existência, felicidade ou segurança dependessem de ser ou não querido.

Os seus desejos podem fixar-se em qualquer pessoa, sem discriminação, desde o cabeleireiro ou o desconhecido que se encontra numa festa até aos colegas ou amigos ou mesmo a todos os homens e todas as mulheres. Por conseguinte, um cumprimento, uma chamada telefónica ou um convite, expressados com maior ou menor amabilidade, são susceptíveis de perturbar o seu espírito e toda a sua maneira de encarar a vida. Deve aqui mencionar-se um problema concorrente: a incapacidade de ficar só, que oscila entre ligeira inquietação e incomodidade é um cabal terror à solidão. Não nos referimos às pessoas de escassos dotes, que fàcilmente se aborrecem de si próprias, mas às inteligentes e engenhosas, as quais, embora sós, poderiam entregar-se a infinitos prazeres. Por exemplo, existem pessoas que apenas são capazes de trabalhar com companhia, sentindo-se intranquilas e infelizes se se encontram obrigadas a fazê-lo sós. Nesta exigência de companhia podem intervir outros factores, mas o quadro geral é o de vaga angústia, de necessidade de afecto ou, com maior exactidão, necessidade de qualquer contacto humano. Estas pessoas têm a sensação de se encontrarem perdidas no universo, e qualquer vínculo representa um alívio para elas. Às vezes é possível observar quase experimentalmente como a incapacidade de ficar só corre paralela ao aumento da angústia. Alguns doentes apenas suportam a solidão na medida em que se acham envolvidos pelos

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

muros de protecção de que se rodearam: mas, uma vez perturbados pela análise tais expedientes, descobrem-se sùbitamente incapazes de suportar a solidão. É este um dos inevitáveis resultados do processo analítico.

A necessidade neurótica de afecto pode centrar-se numa pessoa determinada, o marido, a mulher, o médico, o amigo. Em tal caso, a devoção, a simpatia, a amizade e a própria presença dessa pessoa alcançarão enorme importância. Importância contudo paradoxal, pois, por um lado, o neurótico anseia pela sua simpatia e presença, sentindo-se desprezado e repelido quando longe, mas, por outro lado, não se encontra feliz ao pé do seu ídolo. Se tal contradição chega a tornar-se consciente, fica perplexo; no entanto, com base no que já dissemos, é evidente que a ânsia da presença de outrem não é expressão de genuíno apego mas ùnicamente traduz a urgência de conforto e segurança que a presença dele proporciona. (É claro que um genuíno afecto e a necessidade de obter afecto tranquilizador podem concorrer, mas as duas tendências podem não coincidir).

A necessidade de afecto é susceptível de também se manifestar em relação a determinados grupos de pessoas, por exemplo, em relação àquelas com quem havermos interesses em comum, políticos ou religiosos, por exemplo, ou circunscrever-se então a um dos sexos. Quando a necessidade de afecto se limita ao sexo oposto, o sujeito pode parecer superficialmente «normal» e por via de regra assim será considerado pela pessoa em relação à qual manifesta tal atitude. Há inclusive mulhe-

res que se sentem infelizes e angustiadas quando não têm homens a seu lado; são dadas a relações amorosas que logo interrompem, para depois se sentirem de novo infelizes e angustiadas e dispostas a iniciarem outro namoro, e assim sucessivamente. Os conflitos que estas relações acarretam e o seu carácter pouco satisfatório demonstram não se tratar de um genuíno desejo de laços amorosos. Pelo contrário, essas mulheres recorrem indistintamente a qualquer homem, movidas pela exclusiva ambição de o terem ao lado e sem verdadeiramente se apaixonarem por ninguém. Frequentemente nem sequer alcançam satisfação física. Na realidade, claro está, a totalidade do quadro é mais complicada: apenas sublinhámos a parte que corresponde à angústia e à necessidade de afecto (1).

Podemos encontrar nos homens estruturas semelhantes: verificar-se-ão serem dominados pela necessidade de agradar a todas as mulheres e não se sentirem à vontade na companhia de outros homens.

A necessidade de carinho que se fixa no mesmo sexo pode chegar a constituir um dos factores da homossexualidade latente ou explícita, como acontece quando a aproximação do sexo oposto se encontra vedada por uma angústia excessiva. Falta acrescentar que tal angús-

(1) Karen Horney, *The Over-Valuation of Love, a Study of a Common Present Day Feminine Type* («A Sobrestimação do Amor: Um Estudo sobre um Tipo Feminino Comum dos Nossos Dias»), em «Psychoanalytic Quartely», vol. 3, 12934, pp. 605/638.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

tia não tem de ser manifesta e pode ocultar-se atrás de desprezo ou indiferença em relação ao sexo contrário.

Porque a obtenção de carinho possui para ele vital importância, o neurótico, sem quase nunca se notar que o está fazendo, encontra-se pronto a pagar qualquer preço a fim de o alcançar. As formas mais correntes revestidas por este tributo consistem numa atitude de submissão ou de dependência emocional. Por seu turno, a submissão apresenta-se normalmente como incapacidade do sujeito em dissentir do próximo ou criticá-lo em alguma coisa, mostrando devoção, admiração e docilidade.

As pessoas deste tipo que se permitem fazer observações críticas sentem imediata angústia, ainda que as suas palavras tenham sido inofensivas. A atitude de complacência e submissão pode atingir extremos em que o neurótico afoga em si não só o menor impulso agressivo como também as próprias tendências de auto-afirmação, deixando abusarem de si e, por mais prejuízos que acarretem, fazendo todos os sacrifícios imagináveis. Esta abdicação de si próprio é passível de, por exemplo, se manifestar por um desejo de se ficar diabético pela mera razão de se dedicar ao estudo desta doença a pessoa cujo amor se visa; tal desejo implicará a convicção de que através da doença se conquistaria a sua simpatia.

A dependência emocional surgida da necessidade neurótica de vinculação a alguém que ofereça perspectivas de protecção é afim da atitude de submissão e interpenetra-se intimamente com ela. Semelhante dependência, além de originar incessante sofrimento, pode veri-

ficar-se verdadeiramente destruidora. Assim e por exemplo, existem relações em que uma pessoa queda inteiramente à mercê de outra, embora saiba perfeitamente ser tal situação insustentável. Está convencida de que o mundo ruirá se não obtiver da outra uma palavra gentil ou um sorriso; pode inclusivamente sofrer verdadeiros acessos de angústia quando se aproxima o momento em que espera o seu telefonema, sentindo-se perdidamente desconsolada se ela se acha impossibilitada de a ver. Apesar disto, é incapaz de se afastar da pessoa adorada.

A estrutura da dependência afectiva mostra-se geralmente mais complexa. Em todas as relações que incluam sujeição de uma pessoa a outra intervém sempre uma boa dose de ressentimento. Repugna à pessoa dependente a própria servidão, por se achar adstrita a outra, mas continua escrava por temor a perdê-la. Ignorando ser a sua angústia a causa desse estado, fàcilmente chega a supor haver-lhe sido imposta esta. O ressentimento assim suscitado deve necessàriamente reprimir-se, pois o sujeito experimenta a insuperável necessidade de obter o afecto alheio — enquanto tal repressão engendra por sua vez nova angústia, com a subsequente necessidade de novo reconforto, e por isso um redobrado impulso para prender-se ao outro. Deste modo, a dependência emocional produz em muitos neuróticos o muito real e até justificado receio de que alguém esteja a arruinar a sua vida; e, se semelhante temor alcança grande dimensão, podem, tentando proteger-se contra esta dependência, não se prender afectivamente a ninguém.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

A atitude de uma pessoa quanto à dependência modifica-se por vezes. Depois de haver suportado uma ou várias dolorosas experiências deste género, pode lutar cegamente contra tudo quanto exiba a mais ligeira semelhança com elas. Assim, uma jovem que tivera várias ligações amorosas, todas rematadas na sua sujeição ao homem amado, desenvolveu pouco a pouco uma atitude de desapego em relação aos homens em geral, procurando ùnicamente dominá-los e sem disso em alguma medida comprometer quaisquer sentimentos.

Estes processos também se manifestam na atitude do doente durante a análise. O seu interesse pessoal obriga-o a aproveitar a sessão analítica para a compreensão de si próprio; mas em muitas oportunidades porá de lado tal conveniência, para se empenhar em agradar ao analista e obter o seu favor. Apesar de possuir fundas razões para acelerar o progresso — seja por sofrer ou se sacrificar em proveito da análise, seja por dispor de escasso tempo —, estes factores perdem às vezes todo o significado para ele. Entrega-se então, durante horas, a narrativas intermináveis com o único fito de receber uma resposta favorável do analista, ou, tentando entretê-lo e demonstrando-lhe a sua admiração, procurará que a sessão se torne interessante para ele. Pode atingir o ponto de inclusivamente as suas associações e sonhos se encontrarem dominados pela preocupação de agradar ao analista; noutros casos, chegará a sentir uma viva inclinação por ele, convencendo-se a si próprio de que nada lhe importa salvo o amor do analista, e a querer persuadi-lo da sinceridade dos seus sentimentos. Também

aqui se manifesta o factor indiscriminação, a menos que se aceite ser todo o analista um padrão dos valores humanos ou revelar-se ele perfeitamente capaz de satisfazer as preferências pessoais de todos os seus doentes. Pode acontecer ser acaso o analista uma pessoa que em qualquer circunstância o doente amaria, mas isso não explicaria a importância emocional que adquire para ele.

É este o fenómeno a que costumamos referir-nos quando falamos de «transferências». Tal emprego do termo é porém totalmente incorrecto, pois a transferência compreende a soma das reacções irracionais do doente em relação ao analista e não sòmente a sua dependência afectiva. Neste caso o problema não radica nos motivos pelos quais tal dependência aparece na análise — pois qualquer pessoa necessitada de protecção se prenderá a alguém, médico, assistente social, amigo ou parente — mas na sua específica energia e na circunstância de tantas vezes surgir. A resposta é assaz mais simples: analisar, entre outras coisas, significa destruir as defesas erigidas contra a angústia e despertar assim a ansiedade que se encobre atrás das barreiras protectoras. É justamente tal exaltação da angústia que leva o doente a apegar-se desesperadamente ao analista.

Deparamos aqui novamente com uma diferença em relação à necessidade infantil de amor: a criança precisa de mais afecto ou apoio do que o adulto apenas por se encontrar mais desvalida, mas na sua atitude não intervém qualquer factor compulsivo. Só uma criança já angustiada se agarrará com ansiedade às saias da mãe.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Uma segunda característica da necessidade neurótica de afecto (que ao mesmo tempo a distingue fundamentalmente da necessidade infantil) consiste na sua insaciabilidade. É certo que uma criança também pode ser maçadora, exigindo atenção desmedida e incessantes provas de ser amada — mas em tal caso defrontamo-nos evidentemente já com uma criança neurótica. A criança sã, desenvolvida numa atmosfera de calor afectivo e confiança, sente-se segura de ser querida e não exige constantes provas desse facto, satisfazendo-se com o auxílio que de momento necessita.

A insaciabilidade do neurótico é susceptível de manifestar-se num traço geral do carácter, na qualidade de avidez, verificada, por exemplo, na gula, em compras, ou na impaciência. Pode estar reprimida a maior parte do tempo e irromper sùbitamente, como, por exemplo, quando uma pessoa normalmente modesta no seu vestuário devido a um estado de angústia compra de uma só vez quatro sobretudos novos. Pode manifestar-se quer sob a forma menos incómoda de empréstimo habitual, quer sob a mais agressiva de um comportamento de polvo.

A avidez, em todas as suas variantes e inibições consecutivas, designa-se como «atitude oral» (1), e com esse nome foi perfeitamente descrita na literatura psicanalítica. Embora as premissas teóricas implícitas nesta terminologia tenham sido muito úteis para integrar em

(1) *Karl Abraham, Entwicklungsgeschichte der Libido* («História do Desenvolvimento da Líbido»), em «Neue Arbeiten zur ärztlichen Psychoanalyse», Heft II, 1934.

síndromas bem definidos traços até agora isolados, é duvidosa a hipótese de todos eles provirem de sensações e desejos orais. Funda-se tal asserção na observação, correcta, de que a voracidade se manifesta muitas vezes através da gula e da maneira de comer, assim como nos sonhos, que podem mais rudimentarmente exprimir as mesmas tendências: por exemplo, em sonhos de canibalismo. Mas semelhantes fenómenos não demonstram estarmos perante desejos primária e essencialmente orais. Por isso, seria mais legítimo admitir-se que, por via de regra, a comida apenas constitui a forma mais simples de satisfazer a voracidade, tal como nos sonhos comer é a expressão simbólica mais concreta e primitiva dos desejos insaciáveis.

É também mister fundar melhor a presunção de que os desejos e as atitudes orais sejam manifestação da líbido. É indubitável que uma atitude de voracidade pode exteriorizar-se através da esfera sexual por meio de verdadeira insaciabilidade erótica ou em sonhos que identifiquem o acto sexual com morder. Mas também se revela não menos claramente na ânsia da posse de dinheiro ou vestidos ou na prossecução de ambições ou prestígio. tensidade dos impulsos sexuais. No entanto, na medida em que não se aceite originarem-se na líbido todos os impulsos apaixonados, será preciso demonstrar que, em si mesma, a voracidade constitui impulso sexual e pregenital.

O problema da voracidade é complexo e ainda não foi resolvido. Tal como a compulsividade, é evidentemente estimulada pela angústia, facto muitas vezes paten-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

te, por exemplo, na masturbação desmedida ou na gula. Esta conexão pode também verificar-se pela circunstância de a voracidade se atenuar ou desaparecer quando a pessoa de algum modo volta a encontrar-se segura, quer por se sentir amada, quer por haver alcançado êxito, quer por realizar qualquer trabalho construtivo. O sentimento de ser amado, por exemplo, pode imediatamente diminuir a energia do desejo compulsivo de comer. Uma rapariga que esperava pelas refeições com uma ansiedade notável, começando a desenhar modelos, ocupação que lhe proporcionava grande prazer, passou a esquecer-se da fome e inclusivamente das horas das refeições. Pelo contrário, pode aumentar na medida em que aumenta a hostilidade e a angústia: um indivíduo pode sentir-se compelido a fazer compras antes de uma actuação em público que teme ou a comer àvidamente depois de haver sido repudiado.

No entanto, existem muitas pessoas angustiadas que não se tornam vorazes, assim se provando deverem intervir outros factores específicos. A respeito deles apenas será lícito dizer que as pessoas vorazes desconfiam da própria capacidade, de criar algo sòzinhas, vendo-se então constrangidas a recorrer ao mundo exterior a fim de satisfazerem as suas necessidades; mas também julgam não haver ninguém disposto a conceder-lhes seja o que for. Os neuróticos insaciáveis na sua necessidade de afecto mostram geralmente idêntica avidez quanto a objectos: sacrifícios de tempo ou dinheiro, conselhos objectivos em situações concretas e auxílio real nas dificuldades, presentes, informações e satisfações sexuais.

Em alguns casos, estes desejos traduzem claramente a urgência em obter provas de afecto. Noutros, porém, tal explicação não seria convincente; colhemos neles a impressão de que o neurótico apenas deseja conseguir algo e que, a existir, a sua ânsia de carinho representa ùnicamente um pretexto para explorar certos favores ou benefícios tangíveis.

Estas observações colocam assim o problema de saber se não constituirá a ânsia de coisas materiais em geral porventura o fenómeno básico, e a necessidade de afecto exclusivamente uma das vias para alcançar tal fim. Evidentemente, o problema não admite a mesma resposta em todos os casos. Como veremos em seguida, a ânsia de possuir é uma das defesas fundamentais contra a angústia; mas a experiência também demonstra que a necessidade de afecto, embora represente o principal mecanismo de defesa, é em certos casos susceptível de se encontrar tão profundamente reprimida que não apareça à superfície. Então, transitória ou definitivamente, a ânsia de coisas materiais pode ocupar o seu lugar.

A respeito do papel desempenhado pelo afecto, cabe à primeira vista distinguir três tipos de neuróticos. Os casos do primeiro grupo indubitàvelmente anseiam por carinho, sob qualquer forma que se lhes apresente ou por qualquer método pelo qual possam consegui-lo.

Os do segundo grupo também visam o afecto alheio, mas, se não o alcançam através de uma relação humana — e por via de regra estão condenados ao desaire —, não recorrem depois a outra pessoa, afastam-se delas em

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

geral. Em lugar de tentarem prender-se a alguém, apegam-se compulsivamente às coisas, vendo-se obrigados a comer, comprar, ler ou, em termos gerais, obter algo. Semelhante susbtituição pode frequentemente assumir formas grotescas, como quando, depois de um desastre amoroso, certas pessoas começam a comer de maneira em tal grau compulsiva que em breve lapso de tempo aumentam dez ou quinze quilos, voltando a perdê-los ao iniciarem novo namoro e recuperando-os novamente se este fracassa. Por vezes encontramos conduta idêntica nos doentes: depois de aguda decepção com o analista, entregam-se a uma gula compulsiva e aumentam de peso a ponto de se tornar difícil reconhecê-los; mas perdem-no prontamente mal melhoram as relações. Tal gula pode também achar-se reprimida, sendo então possível chegar a manifestar-se através da perda de apetite e de perturbações gástricas funcionais de qualquer espécie. Nos casos deste grupo, as relações pessoais sofrem uma perturbação de maior profundidade do que nos do primeiro, pois, embora anseiem também por afecto e se atrevam a procurá-lo, o menor desapontamento poderá destruir o laço que os une ao próximo.

As pessoas do terceiro grupo foram feridas tão grave e tão precocemente que a sua atitude consciente se transformou numa profunda desconfiança em relação a qualquer afeição. A sua angústia é tão intensa que se satisfazem com a impossibilidade de serem magoadas. Podem adoptar uma atitude de escárnio e cinismo quanto ao amor em geral, preferindo ver realizados os seus de-

sejos concretos de auxílio material, conselhos ou satisfação sexual. Só depois de libertada grande parte da angústia voltam a ser capazes de desejar e apreciar afecto.

As diferentes atitudes destes três grupos podem reduzir-se às fórmulas seguintes: no primeiro, insaciabilidade no que respeita ao afecto; no segundo, necessidade de afecto alternada com uma atitude geral de voracidade; no último, carência de toda a necessidade manifesta de afecto mas evidente atitude geral de voracidade. De grupo para grupo se verifica um simultâneo aumento de ansiedade e hostilidade.

Voltando ao tema principal da nossa discussão, devemos agora considerar o problema das formas especiais pelas quais se manifesta a insaciabilidade de amor. As suas expressões principais são os ciúmes e a exigência de amor incondicional.

Diferentemente dos ciúmes do sujeito normal (que podem constituir reacção adequada em face da perda iminente do amor de alguém), os ciúmes do neurótico são completamente desproporcionados ao perigo. Ditam-nos o incessante medo de perder a pessoa amada ou o seu amor; e, portanto, todo o interesse que esta possa dedicar a outras coisas encerra um perigo potencial. Os ciúmes deste tipo poderão chegar a verificar-se em todas as relações humanas: na atitude dos pais em relação aos filhos que desejam criar amizades ou casar-se; na dos filhos em relação aos pais; entre cônjuges; em qualquer vínculo amoroso. Tão-pouco a relação com o analista representa uma excepção, pois surgem nela no

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

modo de aguda sensibilidade à eventualidade de o analista ver outro doente ou ainda à simples menção deste. O lema de tal atitude é: *Só deves amar-me a mim.* O doente pode dizer: Reconheço que me trata com amabilidade, mas, *como provàvelmente também trata assim os outros, as suas deferências para comigo nada valem.* Todo o carinho que deva partilhar-se com outros seres ou outros interesses queda imediata e totalmente desvalorizado.

Aceita-se geralmente serem os ciúmes excessivos consequência dos experimentados na infância em relação aos irmãos ou a um dos pais. A rivalidade fraternal — ciúmes do irmão recém-nascido, por exemplo — ocorre nas crianças sãs por forma a não deixar rasto quando a criança se sente segura de nada ir perder do amor e dos cuidados de que até então haja usufruído. A nossa experiência diz-nos que os ciúmes excessivos provocados na infância e nunca depois superados obedecem a traços neuróticos da criança similares aos anteriormente descritos no adulto. Estas crianças apresentam já uma insaciável necessidade de afecto, resultante de angústia básica. A relação entre ciúmes infantis e adultos formula-se por via de regra ambìguamente na literatura psicanalítica qualificando-se os segundos como «repetição» dos primeiros. Se por esse termo se quiser afirmar ter uma mulher adulta ciúmes do marido por já os haver experimentado em relação à mãe, será uma asserção insustentável. Os ciúmes violentos que descobrimos nas relações com pais ou irmãos não são a causa

última dos posteriores mas emanam ambos de idênticas fontes.

A necessidade de afecto insaciável acaso se exprimirá, melhor ainda do que no ciúme, pela exigência de amor incondicional. O modo por que mais frequentemente surge na consciência é condensado na fórmula: *Quero ser amado pelo que sou e não pelo que faço.* Apenas nestes termos tal desejo não deveria ser considerado algo fora de comum, pois, evidentemente, desejamos todos ser amados pelo que somos. Mas a exigêngia neurótica de amor incondicional é muito mais ampla do que o desejo normal, e, na sua forma extrema, torna-se impossível satisfazê-la. Trata-se de uma exigência de amor literalmente isenta de qualquer limite ou reserva.

Semelhante exigência inclui, em primeiro lugar, a ânsia de ser amado independentemente de qualquer atitude ofensiva da própria parte. O neurótico requer este desejo como expediente de protecção, pois sente secretamente encontrar-se cheio de hostilidade e de exigências incomportáveis; e, nessa medida, possui o compreensível e justificado temor que, se tal hostilidade chegar a transparecer, o outro possa afastar-se, enfurecer-se ou vingar-se. Um doente deste tipo exprimira a opinião, por exemplo, de ser muito fácil e nada custar amar uma pessoa simpática e de que o amor deveria mostrar a sua consistência suportando toda a sorte de atitudes ofensivas. Entende-se a menor crítica a título de perda de amor. No decurso da análise, se o neurótico é incitado a alterar algum traço do seu carácter

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

— embora seja esta a finalidade da análise —, pode suscitar-se o seu ressentimento, pois interpreta qualquer convite deste género como uma tentativa de frustração dos seus desejos de afecto.

Em segundo lugar, a exigência neurótica de amor incondicional encerra o desejo de ser amado sem qualquer reciprocidade. Tal desejo é necessàriamente inevitável, uma vez que o neurótico se sente incapaz de proporcionar carinho ou amor, resistindo mesmo a isso.

Em terceiro lugar, este desejo inclui a exigência de ser amado sem a menor vantagem para o próximo. Também este desejo é necessário: qualquer vantagem ou satisfação que o outro pudesse receber através do amor imediatamente despertaria no neurótico a suspeita de ser apenas querido em função de tais vantagens ou satisfações. Nas relações sexuais, as pessoas deste tipo invejam o prazer que o companheiro obtém, pois crêem ser apenas amadas pela satisfação que proporcionam. Na análise, invejam igualmente o contentamento que o analista experimenta em os ajudar e menosprezam o seu auxílio; ou, ainda que intelectualmente a reconheçam, não experimentam a menor gratidão. Podem também tender a atribuir uma melhoria a outro motivo eventual, um medicamento ou os conselhos de um amigo. É claro que geralmente também regateiam os honorários; embora reconheçam intelectualmente retribuírem estes o tempo, a energia e os conhecimentos que se lhes dedica, consideram na realidade o pagamento ao analista uma prova de este não se interessar por eles. As pessoas de semelhante tipo mostram-se igualmente pro-

pensas a não oferecer presentes, pois temeriam que só por isso fossem queridas.

Finalmente, a exigência de amor incondicional implica o desejo de ser amado com sacrifícios. Sòmente se por amor do neurótico o próximo renunciar a tudo se convencerá ele de ser querido. Tais sacrifícios podem respeitar a dinheiro ou tempo, mas podem também referir-se a convicções ou à integridade pessoal. Esta exigência inclui a esperança de que o outro partilhe a sua sorte, inclusive em exageros desastrosos. Há certas mães que, um tanto ingènuamente, se consideram com direito a esperar uma devoção cega e toda a espécie de sacrifícios por parte dos filhos, «porque os deram à luz com grandes dores». Outras, reprimindo desejos de amor incondicional, podem oferecer aos filhos ajuda notável e apoio positivo; mas não obtêm a menor satisfação nas suas relações com eles. Como nos citados exemplos, estão convictas de apenas serem amadas pelo que dão, e deste modo invejam secretamente quanto lhes oferecem.

A exigência de amor incondicional, com tudo o que encerra de desconsideração desapiedada e sem escrúpulos pelo próximo, revela, mais claramente do que qualquer outra circunstância, oculta hostilidade das solicitações neuróticas de afecto.

Em contraste com o tipo normal do vampiro (susceptível de possuir a consciente intenção de explorar os outros até onde puder), o neurótico não tem por via de regra a menor noção de como é exigente. Por poderosos motivos tácticos, necessita de ignorar as suas exi-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

gências, pois a ninguém poderia declarar francamente: *Quero que te sacrifiques por mim sem receber a menor compensação*. Vê-se por isso obrigado a basear os seus pedidos em alguma razão justificável, como encontrar-se doente e precisar, por conseguinte, de todos os sacrifícios possíveis. Outra sólida razão para não conhecer as próprias exigências reside em ser-lhe difícil abandoná-las, uma vez estabelecidas — e a compreensão da sua natureza irracional constituiria o primeiro passo para o seu abandono. Elas encontram-se fundadas, para além de outros motivos já apontados, na profunda convicção neurótica de não ser possível ao sujeito viver pelos próprios meios, dever ser-lhe dado sem uma hesitação tudo quanto necessita, incumbir aos outros, e não a si mesmo, toda a responsabilidade pela sua vida. Nessa medida, o abandono das exigências de amor incondicional pressuporia uma viragem da sua atitude global em relação à vida.

Todas as características da necessidade neurótica de afecto possuem em comum a circunstância de as próprias tendências em conflito barrarem o caminho ao amor que o neurótico requer. Quais, então, as suas reacções perante um preenchimento parcial dos seus desejos ou perante o total repúdio deles?

VIII

MODOS DE ALCANÇAR O AFECTO E SENSIBILIDADE À REJEIÇÃO

Tendo em conta precisarem imperiosamente os neuróticos do afecto alheio, mas como lhes é difícil aceitá-lo, caberia supor que o clima emocional adequado fosse uma temperatura aprazível e temperada. Mas intervém aqui outra complicação. Os neuróticos são dolorosamente sensíveis a qualquer repúdio ou mero desdém, por leve que seja; e uma atmosfera moderada, embora em certo sentido tranquilizadora, provocar-lhes-ia o efeito de uma repulsa.

É difícil qualificar o grau da sua sensibilidade ao desprezo. A falta a um encontro, uma larga espera, a ausência de imediata resposta a uma carta, o desacordo com as suas opiniões, em suma, qualquer não-satisfação dos seus desejos é sentida como rejeição. Tal rejeição não os precipita apenas novamente na angústia básica; também a consideram equivalente a uma humilhação,

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

atitude que depois explicaremos. Porque possui este conteúdo de humilhação, o desprezo produz uma ira imensa no neurótico, ira que pode inclusivamente tornar-se visível; por exemplo, uma rapariga enfureceu-se por o gato permanecer insensível às suas carícias e atirou-o violentamente contra a parede. Se têm de esperar alguns minutos por alguém, interpretam tal ocorrência como manifestação de desprezo — como se fossem considerados tão insignificantes que não valesse a pena ser pontual com eles; em certos casos, esta «ofensa» pode provocar reacções de ódio e pôr fim a qualquer sentimento, mostrando-se frios e herméticos, embora minutos atrás houvessem esperado com a maior impaciência o momento do encontro.

É mais corrente manter-se inconsciente o nexo entre o sentimento de repúdio e a irritação consecutiva, até por o repúdio poder haver sido tão leve que não tenha alcançado a consciência. Em tal caso, o sujeito sentir-se-á irritado, tornar-se-á melindroso, rancoroso, fatigado, deprimido, ou, sem sequer remotamente calcular porquê, sentirá dores de cabeça. Por outro lado, a reacção hostil não só pode aparecer em relação a um repúdio ou a algo que como tal tenha sido interpretado como ainda ser motivada pela menor intuição antecipada da ofensa. Uma pessoa, por exemplo, pode fazer um pedido irritadamente por já mentalmente antecipar uma recusa; ou desistir de mandar flores à noiva por presumir que ela suspeite de ocultas intenções no presente desinteressado. Por idêntico motivo, poderá experimentar o maior temor em exprimir qualquer sentimento positivo, quer de carinho, gratidão ou apreço, aparecendo, perante si e perante os outros, como uma pessoa mais fria e dura do que realmente é. Por último, pode escarnecer das mulheres, vingando-se antecipadamente do pressentido desdém.

Se o medo do repúdio adquire intensidade, é susceptível de conduzir à supressão de quaisquer riscos de eventuais frustrações. Esta abstinência pode oscilar entre não pedir fósforos e a recusa de solicitar um emprego. Quem tema um provável desaire coibir-se-á de formular exigências amorosas à pessoa amada enquanto não estiver seguro de elas serem aceites. Os homens deste tipo sentem geralmente embaraço em convidar uma rapariga para um baile; temem que ela possa aceitar por mera cortesia e estão convencidos de que as mulheres, por não poderem tomar a iniciativa, se encontram em melhor situação a este respeito.

Por outras palavras, o medo do repúdio pode levar a uma série de graves inibições que ingressam na categoria da timidez, servindo esta de defesa contra o perigo da repulsa. A convicção de se ser indigno de amor também se aplica com igual finalidade de protecção. Sucede como se as pessoas deste tipo pensassem: *Em qualquer caso, as pessoas não me querem; e, se assim é, melhor será ficar no meu canto, ao abrigo de todo o possível desprezo.* O desejo de afecto vê-se assim profundamente prejudicado pelo medo do repúdio, pois este impede que o neurótico mostre aos outros desejar a sua simpatia. Além disso, a hostilidade provocada pelo sentimento de repúdio contribui poderosamente para manter

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

a angústia e até para a reforçar, fornecendo um importante factor na formação de um quase insolúvel «círculo vicioso».

Tal círculo vicioso, estabelecido pelas múltiplas exigências da necessidade neurótica de afecto, pode reduzir-se ao seguinte esquema elementar: angústia; exagerada necessidade de afecto, incluindo exigências de amor incondicional e exclusivo; sentimento de ser desprezado se semelhantes exigências não encontram eco; reacção de intensa hostilidade em face do repúdio; necessidade de reprimir a hostilidade em face do temor a perder o afecto; tensão devida à ira difusa; angústia exacerbada; necessidade redobrada de aumentar a segurança... e assim sucessivamente. Deste modo, os próprios meios utilizados como protecção contra a angústia criam por seu turno nova angústia e nova hostilidade.

A formação de um círculo vicioso não é apenas típica no contexto em que aqui foi contemplada; em termos gerais, aparece um dos processos mais importantes nas neuroses. Todo o mecanismo protector pode possuir, para lá da sua virtude tranquilizadora, a qualidade de engendrar nova angústia. Uma pessoa entregar-se-á à bebida para aplacar a angústia, e imediatamente receará que também o álcool possa fazer-lhe mal; ou masturbar-se-á para diminuir a ansiedade, e logo temerá que a masturbação possa arruiná-la; ou, finalmente, decidir-se-á a algum tratamento contra a angústia, para depois se angustiar com o medo de também o tratamento poder fazer-lhe mal. A formação dos círculos viciosos é o principal motivo da tendência das neuroses para piorar, mesmo sem se verificarem alterações nas condições externas. A revelação dos círculos viciosos, com todas as suas sequelas, é uma das mais importantes funções da psicanálise — e o neurótico por si próprio não poderá conseguí-la. Apenas percebe as consequências deles, sentindo-se prisioneiro de uma situação desesperada. Este sentimento de aprisionamento constitui a sua reacção forte a conflitos que não logra superar, pois qualquer caminho que prometa uma saída o arrasta até novos perigos.

De que expedientes, pois, dispõe o neurótico para obter o afecto que, apesar de todos os obstáculos interiores com que se defronta, está resolvido a alcançar? Na verdade, são dois os problemas que tem de resolver: primeiro, como conseguir o afecto de que carece; segundo, como legitimar esta necessidade frente a si próprio e aos outros. Os vários recursos possíveis podem reduzir-se aos seguintes termos: suborno; apelo à piedade; invocação de justiça; e, finalmente, ameaças. Tal classificação, como qualquer classificação de factores psicológicos, não é rìgidamente categórica e antes aponta tendências gerais. Estes diversos expedientes não se excluem recìprocamente; alguns são susceptíveis de utilização cumulativa ou alternativa, conforme a situação, a estrutura global do carácter e o grau de hostilidade. Com efeito, a ordem pela qual os indicámos corresponde aos graus crescentes de hostilidade.

O lema que caracteriza o neurótico procurando obter carinho mediante o suborno poderá designar-se assim: *Amo-te profundamente; por isso deves amar-me por tua*

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

vez e tudo abandonar em benefício do nosso amor. O facto de semelhantes tácticas serem na nossa cultura mais empregadas por mulheres do que por homens resulta das condições da existência. Durante muitos séculos o amor não constituiu apenas o domínio especial da mulher na vida; na realidade, constituía o único ou o principal recurso graças ao qual podia efectivar os seus desejos. Enquanto o homem se educava na convicção de que para alcançar algo seria preciso fazer algo, as mulheres compreendiam que pelo amor, e só mediante ele, lhes seria possível alcançar segurança, felicidade e prestígio. Esta diferença de posições culturais ocupou primordial importância no desenvolvimento psíquico do homem e da mulher. Não cabe aqui discutir a transcendência de tal influência, mas assinalaremos consistir um dos seus efeitos neuróticos em, com maior frequência do que o homem, servir-se a mulher do amor para recurso estratégico. E, ao mesmo tempo, a convicção subjectiva do amor funcionar como justificação das exigências feitas.

As pessoas deste tipo correm especialmente o perigo de caírem em dolorosa dependência nas suas relações amorosas. Suponhamos, por exemplo, que uma mulher neuròticamente necessitada de afecto se prende a um homem de tipo psicológico semelhante, o qual, não obstante, se afasta, enquanto ela pretende conquistá-lo; a mulher reagirá a tal repúdio com intensa hostilidade — que reprimirá com medo de o perder. Mas, se por seu turno se afasta, ele começará a cortejá-la novamente, e a mulher não só reprimirá a hostilidade como

a encobrirá com exaltada devoção. Será outra vez repudiada e outra vez reagirá, provàvelmente mais exaltadamente ainda. Assim, convencer-se-á gradualmente de se encontrar possuída por uma indomável «grande paixão».

Outro expediente que constitui uma forma de suborno é a procura de afecto pela compreensão do próximo, ajudando-o na sua vida espiritual ou profissional, solucionando-lhe as dificuldades, e assim por diante. Esta táctica é perfilhada igualmente por homens e mulheres.

Um segundo modo de conseguir afecto reside no apelo à piedade. O neurótico exibe os seus sentimentos e a sua infelicidade aos outros, e o lema que se lhe aplica é: *Deveis amar-me porque estou indefeso.* Ao mesmo tempo, o sofrimento serve-lhe para justificar o seu direito de o exigir aos demais.

Este apelo faz-se por vezes assaz abertamente. Assim, um doente que porventura pretenda ser o mais grave dos nossos doentes e, portanto, merecer a maior atenção do analista chega a desprezar quem lhe pareça gozar melhor saúde; em contrapartida, odeia quem aplica idêntica artimanha com maior êxito.

O apelo à piedade inclui maior ou menor hostilidade. Com efeito, o neurótico pode simplesmente invocar o nosso bom coração, ou, inversamente, extorquir favores pelos meios mais drásticos, como pode ainda envolver-se em situações difíceis que nos obriguem a socorrê-lo. Quem através da assistência social ou do tratamento médico tenha trabalhado com neuróticos reco-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

nhecerá a importância desta táctica, verificando quão diferente é o neurótico que expõe parcimoniosamente o seu sofrimento daquele que, pela dramática representação das suas queixas, tenta provocar a compaixão. Iguais tendências, com idênticas variantes, se podem encontrar em crianças de qualquer idade: quer, queixando-se de algo, procuram ser consoladas, quer, produzindo inconscientemente um quadro aterrador (como incapacidade em comer ou urinar), procuram extorquir a simpatia dos pais.

Só recorrerá à comiseração quem esteja persuadido da sua inaptidão em alcançar amor por outra forma; esta convicção é susceptível de se disfarçar sob a capa de cepticismo geral em relação ao amor ou manifestar-se como crença de, nas condições dadas, não poder conseguir afecto por outra maneira.

O lema do terceiro processo para lograr afecto, a invocação da justiça, pode ser assim enunciado: *Fiz algo por ti; que farás tu por mim?* Na nossa cultura, as mães gostam de marcar quanto fizeram pelos filhos, assistindo-lhes, portanto, o inteiro direito a exigir deles uma inesgotável devoção. Nas relações amorosas a cedência a súplicas pode ser aproveitada como fundamento para toda a espécie de pretensões. As pessoas deste tipo estão muitas vezes dispostas a sacrificar-se realmente pelo próximo — com a secreta esperança de, na retribuição, alcançarem tudo quanto desejam, sentindo-se profundamente defraudadas se o próximo não se mostra por igual forma disposto a fazer outro tanto por elas. Não nos referimos aqui às pessoas conscientemente

calculistas mas àquelas a quem é alheia toda a expectativa consciente de uma possível recompensa. A sua compulsiva generosidade poder-se-ia acaso qualificar de um gesto mágico. Fazem pelos outros quanto quereriam que fizessem por si. O doloroso aguilhão do desengano atraiçoa a secreta esperança de ver recompensados todos os seus pretensos favores. Mantêm às vezes uma espécie de conta corrente mental, atribuindo-se nela um extraordinário crédito por sacrifício na verdade inúteis (como passar uma noite em claro), mas diminuem ou inclusive desconhecem quanto se fez por elas, falsificando a situação ao ponto de se sentirem com direitos a exigir especiais atenções. Esta atitude repercute-se no próprio neurótico, pois é possível que se torne extremamente receoso de contrair obrigações. Como instintivamente julga os outros à sua medida, receia que, aceitando um favor, possam por sua vez explorá-lo.

O apelo à justiça pode também fundar-se em quanto, se lhe fosse dada uma oportunidade para isso, faria o neurótico pelo próximo. Notará então como, se estivesse na posição alheia, se sacrificaria ou seria amável, e considera justificadas as suas pretensões — pois apenas pede ao próximo aquilo que ele mesmo faria. Na realidade, a psicologia de semelhante justificação é ainda mais complexa do que julga o próprio neurótico. A imagem que forma de si próprio resulta de inconscientemente se atribuir a conduta que exige aos demais. Nem tudo é todavia engano nessa atitude! Na verdade, ele é animado por certas tendências abnegadas — procedentes das mesmas fontes da sua falta de auto-afirmação, da

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

sua identificação com os desgraçados e da sua propensão para ser tão indulgente para os outros como quereria que estes fossem para ele.

A hostilidade susceptível de se ocultar no apelo à justiça exprime-se com a maior nitidez quando semelhante exigência é sustentada com o pretexto de por ela se reparar uma suposta ofensa. Nesse caso, o lema é: *Fizeste-me sofrer ou fizeste-me mal; tens, por isso, a obrigação de me ajudar, de cuidar de mim e de me apoiares.* Esta táctica é análoga à utilizada nas neuroses traumáticas. Não temos experiência pessoal delas, mas pensamos incluírem-se também nesta categoria, aproveitando-se esses neuróticos do prejuízo sentido a título de justificação para as exigências que de todas as maneiras propenderiam a estabelecer.

Vamos dar alguns exemplos reveladores da capacidade do neurótico de despertar sentimentos de culpa ou de obrigação a fim de parecerem justas as suas aspirações. Uma mulher adoece como reacção a uma infidelidade do marido, sem lhe lançar a menor acusação e inclusive sem porventura o sentir conscientemente. Não obstante, a sua doença é implìcitamente uma espécie de acusação viva, destinada a provocar sentimentos de culpa no marido e a dispô-lo a devotar-se-lhe inteiramente.

Outra neurótica do mesmo tipo, mulher com sintomas obsessivos e histéricos, insistia frequentemente em ajudar as irmãs na lida doméstica, mas, após um ou dois dias, queixava-se amargamente de que elas a exploravam, vendo-se obrigada a recolher ao leito devido ao

agravamento dos seus sintomas. Assim, as irmãs não só tinham de trabalhar sem a sua cooperação como lhes cabia ainda o trabalho adicional de a tratar. Igualmente neste caso, piorar significava uma acusação e consentia exigir reparações dos outros. A mesma pessoa desmaiou uma vez em que uma das irmãs a criticava, demonstrando assim o seu ressentimento e forçando um tratamento mais solícito.

Em certo período da análise, uma nossa doente piorou consideràvelmente e imaginou que o tratamento, além de lhe fazer mal, também ia deixá-la sem dinheiro. Por isso, dali em diante entendeu que teríamos de nos encarregar do seu futuro e tomar sob completa protecção. Ao mesmo tempo sobrevêm reacções mais leves, como a seguinte: o estado psíquico de um doente sofre acentuado agravamento sempre que o analista tem férias. Com esta atitude, explícita ou implìcitamente, o doente procura exprimir haver piorado por culpa daquele e ter portanto especial direito à sua atenção. Este exemplo poderia fàcilmente verificar-se na experiência quotidiana.

Como demonstram tais casos, estes neuróticos estão dispostos a pagar o preço do sofrimento — e até do mais intenso sofrimento —, pois por essa forma e sem disso terem consciência conseguem exprimir recriminações e exigências, julgando agir segundo os seus direitos.

Quando uma pessoa utiliza ameaças como arma táctica a fim de obter carinho, pode esmagar e ferir os outros ou ela própria. Por exemplo, cometer um acto

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

desesperado: arruinar a reputação ou efectuar agressões físicas ou agredir-se a si própria. As ameaças e as tentativas de suicídio são casos familiares a toda a gente. Esgrimindo essas ameaças, uma das nossas doentes conquistou dois maridos. Quando o primeiro a avisou de que ia deixá-la, atirou-se ao rio na parte concorrida e central da cidade; quando o segundo opôs reticências ao casamento, abriu o gás quando estava certa de ser descoberta. A sua evidente intenção era demonstrar não ser capaz de viver sem esse homem.

Uma vez que o neurótico espera obter a satisfação das suas exigências mediante ameaças, não as porá em prática enquanto conservar esperanças de alcançar esse fim, mas, se as perde, poderá cumpri-las, impelido pelo desespero e pela ânsia de se vingar.

IX

PAPEL DA SEXUALIDADE NA NECESSIDADE NEURÓTICA DE AFECTO

A necessidade neurótica de afecto toma muitas vezes a forma de paixão sexual ou de insaciável sede de prazeres eróticos. Cabe portanto perguntar se a totalidade dos fenómenos da necessidade neurótica de afecto não seria provocada pela insatisfação sexual; se toda essa ânsia de amor, simpatia, apreço e apoio, mais do que produto de uma necessidade de segurança, não resultaria acaso da líbido insatisfeita.

Freud inclinar-se-ia para tal explicação, pois observou que muito neuróticos anseiam fixar-se em consequência da líbido insatisfeita. Tal entendimento funda-se porém em duas premissas. Dá por suposto que as manifestações em si mesmas não sexuais (como o desejo de receber conselhos, encómio ou apoio) exprimem necessidades sexuais atenuadas ou «sublimadas». Pressupõe, além disso, que a ternura é uma expressão inibida ou «sublimada» dos impulsos sexuais.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Mas estas premissas são inconsistentes. As conexões entre os sentimentos amorosos, as expressões do carinho e a sexualidade não são tão íntimas como costuma admitir-se. Os antropólogos e os historiadores informam-nos de que o amor individual é um produto do desenvolvimento cultural. Briffault (1) sugere que a sexualidade teria mais afinidades com a crueldade do que com a ternura, embora as suas afirmações não sejam muito convincentes. Em todo o caso, através de observações realizadas na nossa cultura, sabemos ser a sexualidade susceptível de se apresentar sem amor ou ternura e, reciprocamente, poderem existir este afectos independentemente de sentimentos sexuais. Assim, nada prova que a ternura maternal ou filial seja de natureza erótica; tudo quanto podemos confirmar — e em virtude da descoberta de Freud — é a possibilidade de nela intervirem elementos sexuais. Existem múltiplos nexos entre a ternura e a sexualidade: a primeira pode motivar a segunda; é possível, possuindo-se apenas consciência de sentimentos de carinho, experimentarem-se desejos eróticos; e os desejos sexuais podem estimular os desejos de ternura e ainda converter-se neles. Embora tais transições entre a ternura e a sexualidade indiquem indubitàvelmente a íntima relação que as vincula, convirá, no entanto, sermos cautelosos e aceitarmos a existência de duas categorias autónomas de sentimentos, capazes de coincidir entre si, converterem-se um no outro ou mùtuamente se substituírem.

(1) R. Briffault, *The Mothers*, cit.

Além disso, se aceitarmos a teoria de Freud de que a líbido insatisfeita constitui a força dinâmica que impele a perseguir o afecto, dificilmente se poderá compreender por que encontramos idêntica ânsia de afecto, com todas as implicações apontadas, (ânsia de posse, amor incondicional, sentimento de ser desprezado, etc.) também em pessoas cuja vida sexual é inteiramente satisfatória do ponto de vista físico. Contudo, por ser indubitável a real ocorrência destes casos, impõe-se a conclusão de que, pelo menos quanto a eles, tal fenómeno não obedece à líbido insatisfeita, sendo os seus motivos exteriores à sexualidade (1).

Por último, se a necessidade neurótica de afecto não constituísse senão um fenómeno sexual, tornar-se-ia assaz difícil compreender os inúmeros problemas que implica, como a ânsia de posse, de amor incondicional, o sentimento de ser repudiado. É certo que todos estes problemas foram estudados e pormenorizadamente descritos por Freud: os ciúmes, por exemplo, são reduzidos à rivalidade fraternal e ao complexo de Édipo; o amor incondicional é atribuído ao erotismo oral; a ânsia de posse explica-se como consequência de erotismo anal, etc. Mas não se compreendeu que, na realidade, toda a gama de atitudes e reacções apontadas nos capí-

(1) Casos como estes, com acentuadas perturbações na esfera emocional e, ao mesmo tempo, com plena capacidade de satisfação sexual, sempre constituíram enigma para alguns analistas; mas a circunstância de não concordarem com a teoria da líbido não as impede de existirem.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

tulos anteriores forma um conjunto, são partes constituintes de uma única estrutura integral. Se não se vê na angústia uma força dinâmica que impulsiona a necessidade de afectos, não se compreenderão as condições precisas segundo as quais esta se exalta ou atenua.

Mercê do engenhoso método da associação livre, criado por Freud, torna-se possível examinar com rigor, no decurso da análise, o vínculo entre a angústia e a apetência de afecto, prestando especial atenção às variações desta no doente. Depois de certo período de trabalho construtivo durante o qual o doente coopera com o analista, é possível produzir-se sùbitamente uma alteração na sua conduta, começando-se a exigir-lhe maior atenção ou desejando fervorosamente a sua amizade, admirando-o cegamente, tornando-se excessivamente ciumento, preocupado e infeliz por ser «apenas um doente». Ao mesmo tempo, a angústia cresce — o que se revela em sonhos, nervosismo ou sintomas típicos, como diarreia ou frequente necessidade de urinar. O doente não reconhece estar angustiado ou originar-se na angústia a sua maior fixação ao analista. Se o analista descobre esta conexão e a explica ao neurótico, descobrirão ambos que, prèviamente ao brusco eclodir de paixão, haviam sido tocados certos problemas profundos que suscitaram ansiedade no doente; assim, este pode ter interpretado certa conclusão do analista como uma acusação injusta ou como uma humilhação.

A ordem das reacções parece ser a seguinte: surge um problema cuja discussão motiva intensa hostilidade contra o analista; o doente começa a odiá-lo, a sonhar

que está a morrer; imediatamente reprime os seus impulsos hostis, assusta-se e, devido à urgência que sente em tranquilizar-se, apega-se ao analista; uma vez elaboradas todas estas reacções, voltam a diminuir a hostilidade, a angústia e, com elas, a exaltada necessidade de afecto. O aumento da exigência de afecto representa um índice tão constante da ansiedade que, sem receio de nos equivocarmos, deve ser interpretado como sinal de alarme indicando haver determinada angústia aflorado à superfície e a requerer ser aplacada. Este processo não é de modo algum exclusivo da situação analítica; verificam-se reacções idênticas em todas as relações humanas. No casamento, por exemplo, o marido pode prender-se compulsivamente à mulher, tornar-se ciumento e possessivo, idealizá-la e admirá-la, ainda que no fundo a odeie e tema.

Caberia falar aqui de uma devoção exagerada sobreposta a uma hostilidade oculta, à maneira de «sobrecompensação»: mas só se se tiver em conta que o termo apenas sugere uma descrição grosseira e não explica os dinamismos do processo.

Se, pelo que vimos dizendo, não aceitamos a etiologia sexual da necessidade neurótica de afecto, coloca-se-nos o problema de saber se exclusivamente por casualidade por vezes se combina esta com um desejo sexual — ou aparece mesmo apenas nessa forma —, ou se existem determinadas condições em que a necessidade de afecto se revela através de manifestações sexuais.

Até certo ponto, a expressão sexual da necessidade de afecto depende de ser ou não favorecida pelas con-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

dições exteriores; ou seja, depende, em certa medida, da diversidade de cultura, vitalidade ou temperamento sexual. E, finalmente, de ser ou não satisfatória a vida sexual do sujeito; pois, em caso negativo, achar-se-á mais propenso a reagir sexualmente do que as pessoas dotadas de actividades eróticas satisfatórias.

Embora em conjunto estes factores sejam evidentes e exerçam indubitável influência nas reacções pessoais, não bastam para explicar as diferenças básicas individuais. Num certo número de pessoas que mostram necessidade neurótica de afecto, tais reacções variam de indivíduo para indivíduo: encontramos alguns cujos contactos imediatamente assumem, quase compulsivamente, uma coloração sexual de maior ou menor intensidade, mas outros em que, ao invés, a excitabilidade ou as actividades sexuais se mantêm dentro dos limites do sentimento e do comportamento normais.

Pertencem ao primeiro grupo as pessoas — homens e mulheres — que, sem intermitência, passam geralmente de uma situação à outra. Analisando detidamente as suas reacções, verificamos sentirem-se inseguras, desprotegidas e perdidas quando não têm relações eróticas ou enquanto não vêem possibilidade imediata de as iniciar. Ao mesmo grupo, mas com mais inibições, pertencem quantos, tendo embora escassas relações, criam entre si e os outros, e estejam ou não atraídos por eles, uma atmosfera de intenso erotismo. Cabe por fim considerar dentro deste grupo as pessoas que, possuindo contudo grandes inibições sexuais, se excitam sexualmente com facilidade e se acham dominadas pela neces-

sidade de ver em todo o homem ou toda a mulher uma possível presa dos seus desejos. Neste último subgrupo, a masturbação compulsiva pode substituir as relações sexuais, embora não necessàriamente.

Existem grandes variações neste grupo em quanto respeita ao grau de satisfação física alcançado. Todos os casos têm não obstante em comum — à parte a natureza imperativa das necessidades sexuais — uma pronunciada ausência de discriminação na escolha dos objectos amororos. Apresentam as mesmas características que se enumeraram quando examinámos genèricamente a necessidade neurótica de afecto, mas verifica-se neles ainda uma discrepância entre a sua vontade — real ou imaginária — de relações sexuais e a profunda perturbação dos seus vínculos afectivos. Esta perturbação assume maior profundidade do que a verificada nos indivíduos vulgarmente dominados pela angústia básica. Não só descrêem do amor como são na realidade susceptíveis de ficar imediatamente perturbados — e até impotentes, se homens — quando lhes é oferecido amor. Podem ter consciência da sua atitude de defesa, ou então sentirem-se inclinados a atribuir as culpas ao companheiro. Neste caso, convencem-se de que nunca encontraram uma mulher ou um homem dignos de ser amados.

As relações sexuais representam para eles, além de uma libertação de tensões sexuais específicas, também o único meio de estabelecer conexões humanas. Se uma pessoa se persuadiu de lhe ser pràticamente impossível obter afecto, o contacto físico pode servir como sucedâneo dos laços afectivos. Em tal caso, a sexualidade

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

converte-se na principal ou acaso na exclusiva ponte entre si e os outros, adquirindo assim inusitada importância.

Em certas pessoas, a falta de discriminação verifica-se em relação ao sexo do possível companheiro erótico; de facto, algumas buscam activamente relações com os dois sexos; outras cedem passivamente a exigências sexuais, sem atender à sua proveniência masculina ou feminina. O primeiro tipo não nos interessa aqui, pois (embora a sexualidade se encontre nelas também ao serviço do estabelecimento de relações humanas difíceis de obter por outra forma) a motivação essencial não reside tanto na necessidade de afecto quanto na ânsia de conquistar ou subjugar os outros. Este pode ser tão imperioso que se torna mais ou menos insignificante a diferença sexual. Precisam de submeter homens e mulheres, quer sexualmente quer de outra maneira. Pelo contrário, as pessoas do segundo tipo, predispostas a ceder às seduções eróticas de qualquer sexo, acham-se impelidas pela sua insaciável necessidade de amor — especialmente por medo de ficarem sem o outro se repudiarem uma exigência sexual ou se se atreverem a resistir a qualquer outra que se lhes faça, justa ou injusta. Não querem perder o companheiro por lhes ser tão terrìvelmente preciso o contacto com ele.

Na nossa opinião, seria má interpretação tentar a explicação do fenómenos das relações indiscriminadas com ambos os sexos partindo de uma «bissexualidade» estabelecida; estes casos não apresentam sinal algum de genuína inclinação para o mesmo sexo. Os traços apa-

rentemente homossexuais tendem a desaparecer na medida em que a angústia se atenua em benefício de uma sólida auto-afirmação, desaparecendo com ela a indiscriminação em relação ao sexo oposto.

O que se deixa dito a respeito das atitudes bissexuais pode esclarecer ao mesmo tempo o problema da homossexualidade. Na realidade, existem muitos estados intermédios entre o que se designa por tipo «bissexual» e o verdadeiro tipo homossexual. A evolução deste último apresenta certos factores que explicam a exclusão das pessoas do sexo oposto para companheiros sexuais. O problema da homossexualidade é, evidentemente, assaz complexo para poder ser compreendido segundo uma única perspectiva. Basta aqui dizer não havermos ainda encontrado um homossexual que não aproveitasse também os factores mencionados no grupo «bissexual».

Durante os últimos anos, diversos psicanalistas salientaram serem os desejos sexuais passíveis de se reforçarem pelo facto de a excitação sexual e a sua satisfação funcionarem como válvulas de escape para a ansiedade e as tensões psíquicas acumuladas. Esta explicação mecanicista poderá ser válida, mas julgamos, não obstante, existirem factores *psíquicos* que conduzem da ansiedade ao aumento das necessidades sexuais e que estes processos podem ser objectivamente reconhecidos. Tal convicção funda-se na observação psicanalítica e no estudo da história destes doentes conjuntamente com os seus traços de carácter alheios à esfera sexual.

No início da análise, os doentes deste tipo fixam-se muitas vezes apaixonadamente no analista, exigindo-lhe

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

com impetuosidade algum sinal de amor ou, mantendo-se então muito distantes, transferem a sua necessidade de vinculação sexual para outra pessoa estranha ao tratamento, a qual opera como substituto daquele — como o prova a sua semelhança com o analista ou o facto de serem ambos identificados em sonhos. Finalmente, a citada necessidade de contacto sexual com o analista pode aparecer ùnicamente em sonhos ou em excitação sexual durante as sessões. Estes doentes mostram-se às vezes muito espantados perante tais inequívocos sinais de desejo sexual, uma vez que não estão atraídos pelo analista nem sentem por ele o menor apego. De facto, a atracção sexual emanada do analista desempenha um papel imperceptível. Tão-pouco o temperamento sexual de tais doentes é especialmente impetuoso e incontrolável ou a sua ansiedade particular. Caracteriza-os uma profunda desconfiança de qualquer forma de afecto autêntico. Estão cabalmente convencidos de que o analista apenas se preocupa com eles para satisfazer mesquinhos interesses, de que no fundo os despreza, e, segundo todas as probabilidades, decerto lhes fará mais mal do que bem.

No decurso de toda a psicanálise e devido à hipersensibilidade do neurótico, surgem reacções de ódio, raiva ou suspeita, mas, quando, como nos casos que consideramos, as necessidades sexuais são particularmente fortes, tais reacções chegam a constituir uma atitude rígida e permanente. Fazem parecer existir uma muralha invisível e impenetrável entre ele e o analista. Perante um problema embaraçoso da própria neurose,

o seu primeiro impulso é abandonar tudo e interromper a análise. O quadro que apresentam é a cópia fiel de quanto têm feito durante toda a existência. A diferença reside apenas em que, antes da análise, se conseguiam iludir sobre a precaridade e a complexidade reais dos seus vínculos pessoais. A circunstância de eles adoptarem frequentemente coloração sexual permitia-lhes confundir a situação, induzindo-os a julgar significar a sua facilidade em estabelecer contactos sexuais uma aptidão para desfrutar de boas relações humanas em geral.

As atitudes a que acabamos de nos referir encontram-se ligadas: com tal regularidade que, quando no início de uma psicanálise um doente nos revela os seus desejos, fantasias ou sonhos sexuais referidos ao analista, preparamo-nos sempre para encontrar nas suas relações pessoais perturbações particularmente profundas. De acordo com todas as observações, o sexo do analista possui escassa importância, pois doentes tratados sucessivamente por analistas dos dois sexos exibem igual curva de reacção perante ambos. Nestes casos, portanto, poderia constituir grave erro tomar ao pé da letra os desejos homossexuais formulados em sonhos ou de outra forma.

Assim como «nem tudo o que luz é ouro», também, mais genèricamente, «nem tudo o que parece sexualidade o é». Grande parte do que se afigura sexualidade tem na verdade muito pouco a ver com ela e afigura-se antes uma manifestação da ânsia de segurança. Se não se tiver presente esta circunstância, fácil será exagerar o papel daquela.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Quem, sob o ignorado império da angústia, sinta as suas necessidades sexuais exacerbarem-se tenderá ingènuamente a atribuir tal intensidade ao seu temperamento inato ou a uma pretensa emancipação dos convencionalismos sociais. Fazendo-o, comete erro idêntico ao dos indivíduos que atribuem excessiva importância à necessidade de dormir, pensando reclamar a sua constituição dez horas de sono ou inclusive mais, quando, na realidade, semelhante necessidade de dormir, porque o sono é susceptível de iludir conflitos, pode depender de muitas e variadas emoções reprimidas. O mesmo se dirá da vontade compulsiva de comer ou beber. Comer, beber, dormir, sexualidade: são todas necessidades vitais; a sua grandeza não varia ùnicamente com a constituição individual mas com muitas outras condições: clima, carência ou existência de outras satisfações, ausência ou presença de estímulos externos, intensidade do trabalho físico, estado geral do organismo. Mas todas essas necessidades podem ao mesmo tempo ser aumentadas por factores inconscientes.

A conexão entre a sexualidade e a exigência de afecto esclarece o problema da abstinência sexual, que, segundo as diversas culturas e indivíduos, pode tolerar-se melhor ou pior, dependendo neste último caso de vários agentes físicos e psíquicos. Contudo, é fácil compreender que um indivíduo requerendo a sexualidade como saída de socorro destinada a aliviar a angústia terá especial incapacidade de suportar qualquer privação de tal índole, por breve que ela seja.

Estas considerações convidam-nos a reflectir sobre o papel que a sexualidade desempenha na nossa cultura. Tendemos a acentuar com certo orgulho e complacência a nossa atitude liberal a este respeito; decerto algo progredimos desde a época vitoriana, pois existe hoje maior liberdade nas relações sexuais e são mais largas as possibilidades de as realizar. Esta última questão reveste especial importância quanto às mulheres: já não se julga a frigidez condição normal delas e é pelo contrário entendida como deficiência. Apesar de tudo, tal progresso não possui toda a importância que lhe é conferida, uma vez que grande parte da actividade sexual continua a constituir mais uma válvula de escape para as tensões psíquicas do que uma descarga autênticamente sexual — devendo portanto ser considerada um sedativo de preferência a genuíno prazer ou felicidade erótica.

Esta situação cultural também se reflecte nos conceitos psicanalíticos. Um dos maiores méritos de Freud foi haver contribuído para atribuir à sexualidade a sua importância devida; mas, mais em pormenor, interpretam-se como sexuais numerosos fenómenos que na realidade apenas são expressão de complexas condições neuróticas, principalmente da necessidade neurótica de afecto. Por exemplo, os desejos sexuais do doente em relação ao analista são por via de regra qualificados de repetição da fixação sexual ao pai ou à mãe, quando muitas vezes nem sequer constituem verdadeiros desejos sexuais e só tentativas de estabelecer relações reconfortantes que mitiguem a angústia. É indubitável relatar amiúde o doente associações ou sonhos — significando,

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

por exemplo, o desejo de se acolher ao seio da mãe ou de regressar ao útero — que sugerem «transferências» relativas ao pai ou à mãe; mas não deve esquecer-se que tal transferência aparente pode apenas representar uma forma de exprimir um desejo actual de afecto ou protecção.

Embora se aceitasse configurarem os desejos sexuais em relação ao analista repetição de outros análogos dirigidos ao pai ou à mãe, isso não demonstraria que os laços da criança com os progenitores fossem, por seu turno, genuìnamente sexuais. Existem abundantes provas de todas as manifestações de amor e ciúmes verificadas nas neuroses do adulto — e atribuídas por Freud ao complexo de Édipo — poderem haver existido na infância, mas é uma ocorrência muito menos comum do que Freud supunha. Conforme já dissemos, julgamos ser o complexo de Édipo resultado de vários factores diferindo entre si e não se manifestar um progresso primário. Poderia, antes, revelar-se uma resposta relativamente simples da criança, originada em carícias dos pais com certa coloração sexual, contemplação de cenas sexuais, cega devoção que um dos pais tenha cristalizado na criança. Pode também representar o termo de um processo muito mais complicado. Como já dissemos, em situações familiares que sirvam de terreno fértil para o complexo de Édipo germinar, a criança é por via de regra vítima de intenso medo e hostilidade, cuja repressão conduz ao desenvolvimento da angústia. Nestes casos parece-nos provável ser o complexo de Édipo produzido pela fixação da criança num dos pais, em quem

busca uma segurança reconfortante. Na verdade, um complexo de Édipo perfeitamente desenvolvido, como Freud o descreveu, apresenta todos os traços característicos da necessidade neurótica de afecto: excessiva exigência de amor incondicional, ciúmes, ânsia possessiva, ódio motivado por repúdio. Cabe pois concluir que nestes casos o complexo de Édipo não é origem da neurose mas uma formação neurótica autónoma.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

X

A ANSIA DE PODERIO, PRESTÍGIO E POSSE

A procura de afecto é um dos meios frequentemente aplicados na nossa cultura a fim de se obter segurança contra a angústia. Outro recurso é a ânsia de poderio, posse e prestígio.

Talvez convenha explicar porque consideramos aspectos de um mesmo problema o poderio, o prestígio e a posse; pois, entrando em pormenores, não há dúvida de que o predomínio de um ou outro destes fins acarreta grandes diferenças para a pessoa. A prevalência de um ou outro depende das circunstâncias externas e das diferenças de dotes individuais e estrutura psíquica. Se os examinamos unitàriamente, é porque possuem todos algo a distingui-los da necessidade de afecto. Conquistar carinho significa obter segurança mediante um contacto mais estreito com os outros, enquanto o desejo de poderio, fama e posse implica um robustecimento através de certa perda de contacto e de certo predomínio da própria posição.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

O desejo de dominar, de ganhar prestígio e adquirir riquezas, não constiui na essência uma tendência neurótica, tal como a ânsia de afecto não é, em si, neurótica. Para compreendermos as características do impulso neurótico dirigido a esses objectivos, será mister compará-lo com a atitude normal. O sentimento do poderio pode, por exemplo, surgir numa pessoa normal que nota a sua própria superioridade — quer consista em maior força física ou maior destreza, capacidade mental, maturidade ou sabedoria.

A ambição normal de poder vincula-se geralmente a uma qualquer causa particular: a família, o grupo político ou profissional, a pátria, uma ideia religiosa ou científica. A ânsia neurótica de poderio, pelo contrário, nasce da angústia, do ódio ou de sentimentos de inferioridade. Em termos categóricos: o desejo normal de poderio nasce da força; o neurótico da fraqueza.

Também aqui intervém um factor cultural. Com efeito, o poder, o prestígio e as riquezas individuais não ocupam idêntico relevo em todas as culturas. Assim, entre os índios Pueblo, por exemplo, pugnar pela conquista de prestígio é objecto de decidida reprovação, e apenas são toleradas diferenças mínimas de riqueza individual, por isso carecendo de importância também esta aspiração. Nessa cultura, não teria sentido a ambição de qualquer tipo de predomínio como forma de requisição de segurança. Na nossa, pelo contrário, os neuróticos escolhem tal caminho porque, de acordo com a estrutura social vigente, o poderio, a posse e o prestígio podem conferir um sentimento de maior segurança.

Investigando as condições produtoras destas motivações, verificaremos que, geralmente, só aparecem depois de se ter manifestado impossível a conquista do afecto alheio. Citaremos um exemplo comparativo.

Certa rapariga estava fortemente ligada ao irmão, quatro anos mais velho, por vínculos afectivos de natureza mais ou menos sexual; quanto atingiu os oito anos, ele repudiou-a bruscamente, afirmando já serem demasiado crescidos para semelhantes brincadeiras. Pouco depois, a rapariga revelava na escola uma repentina e ardente ambição que, a todos os títulos, obedecia à decepção sofrida nas suas aspirações de afecto; frustração tanto mais dolorosa quanto não tinha muitas pessoas em quem apoiar-se. O pai mantinha relações de indiferença com os filhos e a mãe não dissimulava a sua preferência pelo irmão. Mas não era apenas frustração o que experimentava, e ainda uma terrível ofensa ao seu amor-próprio; ignorando evidentemente que a alteração da atitude do irmão se devia simplesmente à sua próxima puberdade, sentiu-se envergonhada e humilhada, até porque a sua autoconfiança repousava já em fracas bases.

Em primeiro lugar, não era querida pela mãe, e a beleza dela fazia-a sentir-se insignificante; depois, o irmão não só era o predilecto da mãe: também gozava da sua confiança. Os pais constituíam um matrimónio pouco feliz e a mãe confidenciava ao filho todas as suas preocupações, sentindo-se a rapariga totalmente excluída da família. Assim (pouco tempo depois da dolorosa experiência com o irmão), enamorando-se de um rapaz que

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

conhecera numa excursão, realizou mais uma tentativa de conquistar o afecto de que carecia. Chegou a entusiasmar-se e a tecer sonhos fantásticos em torno do rapaz, mas, quando este por sua vez a abandonou, reagiu ao novo desengano caindo numa depressão.

Como frequentemente sucede em tais casos, quer os pais quer o médico da família atribuíram estas perturbações ao facto de estar muito adiantada para a idade. Mandaram-na por isso para uma colónia de férias descansar, ingressando depois na classe anterior àquela em que estava. Foi então, aos nove anos, que evidenciou uma quase desesperada ambição, tornando-se-lhe insuportável não ser a primeira da aula. Ao mesmo tempo pioraram as suas relações com os colegas, até então muito amistosas.

Este exemplo ilustra os factores típicos que se conjugam para engendrar a ambição neurótica: sentia-se insegura por não ser querida; produziu-se assim considerável hostilidade, que não pôde exprimir-se porque a mãe, figura dominante da família, lhes exigia admiração cega; o ódio reprimido provocou, pois, intensa angústia; a sua autoconfiança nunca teve oportunidade de se desenvolver: sofrera repetidas humilhações e, para remate, ficara evidentemente traumatizada pela experiência com o irmão; e assim falharam todas as suas tentativas de obter afecto como meio de restabelecer a autoconfiança e a segurança.

Os desejos neuróticos de poderio, prestígio e posse não servem apenas de protecção contra a ansiedade; são também úteis como canais por onde a hostilidade

reprimida se descarrega. Examinaremos primeiro as condições em que cada um destes desejos oferece especial resguardo contra a angústia e em seguida os diversos mecanismos pelos quais podem contribuir para libertar a hostilidade.

A ânsia de poder constitui, antes de mais, protecção contra a carência de defesas, a qual, como vimos já, aparece como um dos elementos básicos da angústia. De tal maneira repugna ao neurótico tudo quanto em si possui a mais leve aparência de fraqueza e ausência de defesas que recusará situações perfeitamente correntes para qualquer pessoa normal: aceitar alguma indicação, conselho ou ajuda, toda a espécie de dependência pessoal ou circunstancial, qualquer concessão aos outros ou concordância com eles. Este protesto contra a carência de defesas não irrompe de jacto; aumenta gradualmente. Quanto mais tolhido se sentir o neurótico pelas suas inibições, tanto menos capaz será de se impor — mas, inversamente, quanto mais fraco se tornar, com tanto maior ansiedade tentará evitar tudo quanto possua a mais longínqua semelhança com fraqueza.

Em segundo lugar, a ânsia de poderio serve-lhe de protecção contra o risco de se sentir ou ser considerado insignificante, forjando o neurótico uma ideia rígida e irracional do seu poder — que o leva a convencer-se de ser capaz de superar qualquer situação, dominando-a imediatamente por mais difícil que se apresente. Esse ideal vem a ligar-se com a soberba, e o neurótico acaba por considerar a fraqueza não só um perigo como ainda uma ignomínia. Classifica os homens em

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

dois grupos, os «fortes» e os «fracos», admirando os primeiros e desprezando os segundos. Vai também a extremos naquilo que considera ser fraqueza. Sente maior ou menor desprezo pelas pessoas que concordam consigo ou cedem aos seus desejos e por aquelas que mostram inibições ou não dominam as suas emoções por forma a manter sempre uma expressão impassível. Mas menospreza igualmente essas qualidades em si mesmo, sentindo-se humilhado quando é forçado a reconhecer a sua ansiedade ou as suas inibições; assim, despreza-se por ter uma neurose, tentando ansiosamente mantê-la secreta. E, finalmente, despreza-se por não ser capaz de a vencer pelos seus próprios meios.

As modalidades que semelhante ânsia de poder é susceptível de assumir dependem da falta de predomínio mais temida ou desprezada. Citaremos algumas das suas expressões mais frequentes.

Em primeiro lugar, o neurótico tanto desejará subjugar os outros como tentará dominar-se a si próprio. Nada deve acontecer que ele não tenha iniciado ou aprovado. Esta ânsia de domínio pode revestir a forma atenuada de, outorgando conscientemente ao próximo a sua liberdade, insistir em saber o que ele faz, irritando-se se algo lhe é ocultado. As tendências dominadoras podem reprimir-se ao ponto de não só o próprio neurótico como as pessoas com quem lida ficarem convencidos da sua profunda generosidade em permitir todas as liberdades. Mas, quando uma pessoa reprime tão completamente o seu desejo de domínio, sempre que alguém marque um encontro com outros amigos ou se

atrase inesperadamente sentir-se-á porventura deprimida ou experimentará intensas dores de cabeça ou perturbações gástricas. Desconhecendo a causa das perturbações, poderá atribuí-las a condições atmosféricas, a um alimento ou a outros motivos sem importância. Muito do que aparece como curiosidade é também determinado por um secreto desejo de dominar a situação.

As pessoas deste tipo pendem também a julgar haver sempre razão, e fàcilmente se irritam quando, ainda que em pormenores ínfimos, se lhes prova estarem erradas. Hão-de saber tudo melhor do que ninguém, atitude que por vezes se manifesta extremamente antipática. Pessoas a outros títulos sérias e dignas de confiança, deparando com perguntas a que não sabem responder, simulam saber ou inventam qualquer coisa, mesmo quando a sua ignorância nada apresente de humilhante. Às vezes o mais importante para elas é saber de antemão o que vai passar-se, isto é, conseguir predizer todas as eventualidades. Esta atitude pode prolongar-se em irritação em face de quaisquer situações que envolvam factores imprevisíveis, pois procuram cuidadosamente evitar o menor risco. A preponderância que concedem ao domínio de si próprias reflecte-se na reticência que experimentam em abandonar-se a um sentimento. A atracção que uma mulher neurótica sente por um homem, se por seu turno este se enamora dela, é passível de transformar-se em desprezo. Os doentes deste tipo têm relutância em entregar-se às associações livres, que significariam perda do domínio sobre si e deixarem arrastar-se para territórios desconhecidos.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Outra actividade característica da ânsia de poder nevrótico reside na exigência de tudo ser feito conforme a vontade do sujeito. Tal exigência é susceptível de constituir fonte de incessante irritação se os outros não cumprem exactamente o que deles espera ou se o não fazem no preciso momento em que entende dever ser feito. A impaciência encontra-se em estreita relação com este aspecto da ânsia de poderio. Toda a espécie de demora, uma espera forçada, mesmo quando exclusivamente devida a sinais de trânsito, podem ser motivos de ira. O próprio neurótico quase nunca se dá conta da sua atitude autoritária ou, pelo menos, da sua importância. Não lhe convém reconhecê-la ou modificá-la, pois desempenha para ele notáveis funções protectoras. Tão-pouco os outros devem verificá-la: correria o perigo de nessas circunstâncias perder o seu afecto.

Semelhante ausência de reconhecimento possui importantes consequências nos vínculos amorosos. Assim, uma mulher neurótica sentirá que o marido ou o amante já não a ama caso não faça cabalmente tudo quanto espera dele ou chegue tarde, não lhe telefone ou parta em viagem. Em vez de verificar que sofre uma mera reacção de angústia perante a falta do cumprimento absoluto dos seus desejos, quase sempre excessivos, interpreta tudo como prova de já não ser querida. Esta falácia é muito corrente na nossa cultura e contribui em grande parte para a convicção de não se ser amado, factor decisivo em muitíssimas neuroses. Em geral são os próprios pais quem dá o exemplo: por exemplo, uma mãe tirânica, irritada pela desobediência do filho,

julgará e declarará que ele não a ama. Produz-se muitas vezes uma estranha contradição que pode perturbar profundamente qualquer laço amoroso: uma rapariga neurótica não poderá amar um homem «fraco» porque detesta toda a fraqueza, mas tão-pouco é capaz de se defrontar com um homem «forte» — pois exige que ele se vergue perante ela; daí, secretamente, procurar sempre o «herói», o homem superforte, ao mesmo tempo tão fraco que ceda dòcilmente a qualquer exigência sua.

Outra atitude que integra a ânsia de poder reside na recusa a cedências. É experimentado como fraqueza estar de acordo com uma opinião ou aceitar um conselho, ainda que seja considerado acertado, e a simples ideia de assim proceder desencadeia a rebelião. As pessoas em quem prevalece esta atitude tendem a reagir contra tudo e, por estrito medo de ceder, assumem a posição inversa.

A expressão mais corrente de tal atitude manifesta-se na oculta exigência do neurótico em o mundo se adaptar a ele em vez de se adaptar ele próprio ao mundo. Surge daqui uma das principais dificuldades do tratamento psicanalítico. Com efeito, o objectivo último da análise não é adquirir maior conhecimento ou compreensão mas aplicar semelhante compreensão na modificação de atitudes; contudo, reconhecendo embora que uma modificação redundaria em seu benefício, o neurótico execra a perspectiva de se emendar, que para ele significaria uma concessão fatal. Tal incapacidade de ceder aos outros influi também nas relações amorosas. O amor, seja qual for o seu significado a outros títulos,

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

implica sempre uma entrega, isto é, transigência em relação aos desejos do ser amado e em relação aos próprios desejos. Quanto mais dificilmente uma pessoa, homem ou mulher, tolerar concessões, tanto menos satisfatórias serão as suas relações amorosas. O mesmo factor pode também intervir na frigidez, pois atingir o orgasmo pressupõe, justamente, esta capacidade de total abandono aos próprios impulsos.

A influência que verificámos assumir a ânsia de poder nas relações amorosas permite-nos compreender com maior profundidade várias consequências da necessidade neurótica de afecto. De facto, só é possível penetrar em numerosas atitudes vinculadas à necessidade de amor examinando o relevo que nelas ocupa a ânsia de poder.

Como também já se notou, é um recurso protector contra a ausência de defesas e a inferiorização. Partilha esta última função com a ânsia de prestígio.

O neurótico deste segundo grupo experimenta premente necessidade de impressionar, ser admirado e respeitado. Tem por via de regra desejos de deslumbrar os outros pela sua inteligência, a sua beleza ou algum feito notável; gasta dinheiro ostensivamente; sabe falar sobre os livros mais recentes e está a par das últimas estreias; conhece toda a gente importante. Não suporta que alguém, marido ou mulher, amigo ou empregado, deixe de o admirar. Toda a sua auto-estima se cifra em ser admirado, e sente-se desamparado se a admiração falha. Excessiva sensibilidade e um persistente temor da humilhação convertem a sua vida em martírio. Nem

sempre se dá conta de que se sente humilhado, pois tal reconhecimento tornar-se-ia demasiado doloroso; mas, tenha ou não disso conhecimento, reagirá sempre contra este sentimento com ira desproporcionada à dor sofrida. Assim, a sua atitude conduz à constante produção de redobrada hostilidade e angústia.

Com fins meramente descritivos, poder-se-ia qualificar tal pessoa de narcisista; mas, se a contemplarmos dinâmicamente, o termo aparece equívoco: embora sempre preocupada em exaltar o eu, não o faz primordialmente por amor real a si própria mas para se proteger do sentimento de insignificância e diminuição — ou, em termos positivos, para restabelecer um auto-apreço mutilado.

Quanto mais distanciadas estiverem as suas relações com os outros, tanto mais entranhada se achará esta ânsia de poderio, manifestando-se então como necessidade de infalibilidade e de se ser extraordinário aos próprios olhos. Qualquer defeito, verificado ou meramente pressentido, é considerado verdadeira humilhação.

A protecção contra a carência de defesa e contra a insignificância ou a humilhação também pode, na nossa cultura, conseguir-se mediante a ânsia de posse, já que, por seu turno, a riqueza outorga poder e prestígio. Encontra-se tão difundida na nossa cultura a ânsia irracional de posse que só comparando-a com outras poderemos compreender não se tratar de um instinto humano genérico (quer o concebamos instinto aquisitivo quer sublimação de impulsos biològicamente fundados). No entanto — e até na nossa cultura —, mal

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

diminui ou se elimina a angústia que o determina, o desejo compulsivo de posse desaparece.

O medo específico contra o qual a posse é uma defesa consiste no empobrecimento, na miséria, na dependência dos outros. Este medo pode constituir um permanente acicate que conduza a trabalhar sem descanso e a não se perder ocasião alguma de ganhar dinheiro. O seu carácter defensivo traduz-se na incapacidade de aproveitar o dinheiro obtido para prazeres pessoais. Além disso, a ânsia de possuir não se refere necessàriamente a dinheiro ou coisas materiais; pode também verificar-se em relação aos outros e servir de protecção contra uma perda eventual de afecto. Não aduziremos exemplos particulares acerca do fenómeno da ânsia de posse, por ser bem conhecido — especialmente pela sua frequência nos matrimónios, onde a lei fornece a base legal para ele. Por outro lado, as suas características são muito semelhantes às da ânsia de poderio já descrita.

Como assinalámos, estes três impulsos não facilitam sòmente a defesa contra a angústia; são também saídas de socorro para a hostilidade. Esta, conforme o impulso que prevaleça, pode configurar-se tendência para dominar, tendência para humilhar ou tendência para despojar os outros.

A tendência dominadora não aparece necessàriamente sob a forma de hostilidade aberta contra o próximo. Pode também mascarar-se em modalidades socialmente valiosas ou humanitárias, como, por exemplo, atitudes que se traduzem em dar conselhos, tendência para dirigir os assuntos alheios, tomar a iniciativa ou a direcção. Mas, se estas atitudes albergam hostilidade encoberta, o próximo — filhos, cônjuges ou empregados — percebê-la-á e, submetendo-se ou rebelando-se, reagirá. O neurótico não se dá por via de regra conta da sua hostilidade disfarçada; e embora se enfureça quando não decorre tudo à medida dos seus desejos, continua a afirmar ser uma alma profundamente dócil e pacífica, apenas preocupada porque as pessoas cometem o grave erro de se lhe opor. Mas a verdade consiste em a hostilidade do neurótico haver sido forçada a assumir modalidades civilizadas, apenas irrompendo quando o sujeito não logra impor-se. Os motivos dos seus acessos de ira podem verificar-se de índole a não serem considerados pelos outros antagonismos e tão-só meras divergências de opinião ou recusa a seguir os seus conselhos. Não obstante, o neurótico irritar-se-á violentamente com semelhantes futilidades. A atitude dominadora poderia ser comparada a uma válvula de segurança através da qual se descarrega inòcuamente certa dose de hostilidade, pois — porque essa atitude é já por si uma expressão atenuada da hostilidade — proporciona um meio de coarctar os impulsos realmente destrutivos.

A ira despertada pela oposição é passível de se reprimir e, como vimos, a hostilidade reprimida é por seu turno susceptível de provocar renovada angústia, traduzindo-se esta em depressão ou fadiga. Dado que os motivos de tais reacções são tão nímios que escapam à atenção (e porque o neurótico não reconhece as próprias reacções), pode acontecer parecerem espontâneos

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

tais estados depressivos e ansiosos e fundados em real carência de estímulo exterior. Só a observação muito atenta permitirá gradualmente descobrir o vínculo entre os sucessos motivadores e as reacções consequentes.

Outra característica derivada do impulso de domínio reside na incapacidade de estabelecer relações recíprocas. O neurótico precisa de dirigir, sob pena de se sentir totalmente perdido, submetido ou inerme.

É tão autocrático que tudo quanto não seja domínio significa para ele sujeição. Se reprime a irritação que isso lhe causa, esta repressão pode deprimi-lo, abatê-lo ou fatigá-lo. Aquilo que é sentido como carência de defesas pode contudo ser apenas um expediente dissimulado destinado a assegurar o domínio ou a formular hostilidade pelo facto de não ser capaz de comandar. Assim, para citar um exemplo, certa mulher percorrendo uma cidade estrangeira com o marido guia-o por bairros que prèviamente estudara no mapa; mas, chegando a sítios desconhecidos que não consegue reconhecer, deixa ao marido a exclusiva responsabilidade pela orientação. Embora até então se tenha sentido alegre e activa, fica repentinamente fatigada e mal pode dar um passo. Todos conhecemos relações conjugais, fraternais e de amizade em que o neurótico actua como um negreiro, arvorando a sua carência de defesas para constranger o outro a servi-lo e a tributar-lhe contínua atenção e ajuda. Característico destas situações é nunca beneficiar o neurótico dos sacrifícios com que o cumulam. Responde-lhes com novas queixas e exigências ou, o

que é pior, com acusações de ser desprezado ou de abusarem dele.

Pode observar-se a mesma conduta no processo da análise. Os doentes deste tipo clamam desesperadamente por um auxílio e, todavia, não só resistem à menor sugestão como inclusive exprimem ressentimento por não serem apoiados. Se, compreendendo com a ajuda do analista alguma particularidade sua, realmente melhoram, voltam depois a cair no anterior desgosto e, como se nada se houvesse passado, conseguem anular o progresso obtido mercê dos árduos esforços daquele, forçando-o a recomeçar o trabalho, de novo condenado ao fracasso.

Com esta atitude, o doente poderá obter uma dupla satisfação: ostentando a sua ausência de defesas, alcança uma espécie de triunfo, pois obriga o analista a esgravizar-se por sua causa; ao mesmo tempo, tal estratégia tende a despertar uma carência de defesas no próprio analista. Encontra assim a possibilidade de dominar destrutivamente, já que os seus conflitos o impedem de o fazer por forma construtiva. Inútil será dizer que a satisfação assim obtida é totalmente inconsciente, tal como a técnica que com esse objectivo aplica o neurótico. O doente apenas tem consciência de precisar desesperadamente de auxílio e de não o conseguir. Por isso, além de se sentir completamente justificado agindo como age, crê ao mesmo tempo ter direito a irritar-se contra o analista. Mas, simultâneamente, não pode deixar de notar não ser limpo o seu jogo, receando, pois, ser descoberto e castigado. Portanto, e para se proteger,

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

considera necessário reforçar a sua posição; e fá-lo invertendo as posições: não é ele quem secretamente conduz uma agressão destruidora mas o analista que não se interessa por si, o engana e abusa dele. Não obstante, só quando realmente se sente vítima lhe é dado assumir e manter convictamente esta atitude. Nestes termos, o neurótico não só recusa reconhecer não ser maltratado como inclusive possui grande interesse em conservar esta crença. Semelhante insistência em considerar-se ferido costuma dar a impressão de querer em verdade ser agredido. Mas, no fundo, deseja-o tão pouco como qualquer um de nós; apenas aconteceu haver assumido a sua convicção de ser maltratado uma importância tão elevada que não se lhe torna fácil abandoná-la.

Pode haver na atitude dominadora hostilidade encoberta em volume suficiente para gerar nova angústia, que, por seu turno, é susceptível de conduzir a inibições como incapacidade de dar ordens, tomar decisões, formular opiniões precisas, com o resultado de o neurótico aparecer muitas vezes excessivamente submisso, chegando assim a confundir as suas inibições com uma docilidade nata.

Nas pessoas em quem a ânsia de prestígio predomina, a hostilidade adopta geralmente a forma de propensão a humilhar os outros. Este desejo reveste suprema importância naquelas cuja autoestima foi ferida por humilhações e que em consequência anseiam por vingança. Na maior parte dos casos, sofreram na infância grande número de experiências humilhantes, quer em virtude da

situação social na qual se criaram — como pertencer a um grupo minoritário, ou ser pobre, embora com parentes ricos —, quer em virtude da própria posição individual: repúdio em benefício de outras crianças, maus tratos, pais que os manejam como meros joguetes, castigos corporais, mimos alternados com atitudes ásperas e humilhantes. Muitas vezes, devido ao seu carácter doloroso, esquecem-se tais experiências; mas, quando aclarados os problemas respeitantes à humilhação, reafloram à consciência. Apesar disso, nunca é possível observar em neuróticos adultos os resultados directos de semelhantes circunstâncias infantis e apenas os indirectos, que o seguinte «círculo vicioso» reforça: sentimento de humilhação, desejo de humilhar o próximo, aumento de sensibilidade à humilhação, motivado pelo medo da vingança alheia; e, finalmente, desejo exaltado de humilhar.

As tendências para humilhar estão profundamente reprimidas, em geral porque o próprio neurótico, sabendo por experiência própria quanta dor e quanto rancor provoca a humilhação, instintivamente receia nos outros estas reacções. Algumas de tais tendências podem contudo aparecer sem que o neurótico as reconheça, fazendo-o esperar ou colocando-o impensadamente em situações embaraçosas, inferiorizando-o, etc. Ainda quando o neurótico não tenha a menor consciência do desejo de inferiorizar ou de o haver realmente feito, as suas relações encontrar-se-ão saturadas de ansiedade difusa, a qual se revela em constante receptividade a censuras e humilhações. Mais adiante, quando estudarmos o medo do fracasso, voltaremos a ocupar-nos destes temores. As

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

inibições resultantes de semelhante sensibilidade à humilhação apresentam-se geralmente como necessidade de evitar tudo quanto possa aparecer aos outros humilhante. Estes neuróticos, por exemplo, não são capazes de criticar, recusar uma oferta ou despedir um empregado, pelo que frequentemente parecem amáveis e deferentes.

Em último lugar, a tendência para humilhar pode esconder-se atrás da tendência para admirar. Embora sejam atitudes diametralmente opostas infligir humilhações e manifestar admiração, a segunda proporciona o melhor expediente para disfarçar a primeira. Também por isso se descobrem muitas vezes os dois extremos na mesma pessoa. As duas atitudes são susceptíveis de se distribuirem por várias formas, que dependem do sujeito. Assim, podem aparecer separadamente, em diversos períodos da vida, sucedendo um período de desprezo geral a outro de adoração pelo herói; ou, então, admiram-se os homens e desprezam-se as mulheres ou vice-versa; ou se admira cegamente uma ou duas pessoas, detestando-se não menos cegamente o resto da humanidade. Só mediante a análise é possível verificar que, na realidade, as duas atitudes coexistem: um doente pode simultâneamente admirar e desprezar obsecadamente o analista, quer suprimindo um dos sentimentos, quer oscilando entre ambos.

Na ânsia de posse, a hostilidade assume muitas vezes a forma de tendência para defraudar os outros. O desejo de enganar, explorar ou frustrar não é em si neurótico, pois pode chegar a constituir uma norma cultural, justificar-se pela situação actual ou ser usualmente consi-

derado uma questão de conveniência. No neurótico, contudo, estas tendências ocorrem com uma grande carga emocional; ainda que as vantagens positivas por elas obtidas sejam muito pequenas ou de escasso valor, sentir-se-á feliz e triunfante sempre que consiga aplicá-las; por exemplo, com o fito de adquirir uma pechincha, será capaz de gastar tempo e energias inteiramente desproporcionadas à economia feita. A sua satisfação com o êxito origina-se em duas fontes: por um lado, no sentimento de que venceu os outros e, por outro, na convicção de que os prejudicou.

A tendência para despojar o próximo reveste-se de múltiplos aspectos. Um neurótico pode experimentar ressentimento contra o médico por este não o haver tratado gratuitamente ou com honorários mais baixos, ou irritar-se contra os empregados porque não se mostram dispostos a trabalhar horas extraordinárias de graça. Em relação a amigos ou filhos, defenderá a propensão para a exploração alegando gratidão devida. Com os sacrifícios que lhes exigem, os pais podem aniquilar realmente a vida dos filhos. Mesmo quando tal indignação não surge sob uma forma tão destrutiva, qualquer mãe que se comporte segundo a crença de o filho apenas existir para lhe dar satisfação está condenada a explorá-lo emocionalmente. Um neurótico deste tipo pode também tender para subtrair coisas aos outros, guardando dinheiro que devia entregar, informações que poderia fornecer, não oferecendo o prazer sexual cuja expectativa criou. Estas tendência traduzem-se muitas vezes em repetidos sonhos de roubo ou em impulsos conscientes, mas coarctados,

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

para roubar; e, inclusive, o neurótico pode ser durante algum tempo cleptomaníaco.

As pessoas deste tipo não possuem muitas vezes consciência de defraudarem propositadamente os outros. A ansiedade que tal desejo lhes provoca pode, quando o próximo espera algo delas, produzir uma inibição. Assim, por exemplo, esquecem-se de comprar um presente de anos ou, se uma mulher cede às suas solicitações, tornam-se impotentes. Não obstante, a ansiedade nem sempre conduz a uma verdadeira inibição; pode também evidenciar-se como medo assustador de explorar alguém — coisa que de facto fazem, embora, se ela lhes é atribuída, repilam indignadamente semelhante intenção. Um neurótico pode chegar ao ponto de exibir este receio em relação a atitudes suas que na realidade não estão dominadas por tais impulsos, enquanto não consegue reconhecer que, noutras, efectivamente se aproveita do próximo.

Uma atitude emocional de ciumenta inveja acompanha estas tendências. Na nossa maioria, sentimos certa inveja quando os outros obtêm determinados benefícios que quereríamos para nós; mas, na pessoa normal, o elemento predominante é aquilo que ela para si própria deseja; inversamente, no neurótico predomina a inveja por não haver alcançado algo, ainda que de facto o não ambicione. As mães desta índole invejam a alegria dos filhos, dizendo-lhes: «Quem canta antes do pequeno almoço chorará antes do jantar».

O neurótico tentará dissimular a dureza da sua atitude ciumenta procurando apresentá-la como fundada inveja.

As vantagens dos outros, quer se concretizem numa boneca, numa noiva, comodidades ou empregos, pareceram-lhe tão magníficas e desejáveis que sente justificada a sua inveja. Mas esta legitimação apenas se torna possível quando inadvertidamente falseia os factos: subestima o que ele próprio possui e forja a ilusão de os benefícios alheios serem os únicos verdadeiramente desejáveis. Semelhante autoengano pode chegar a fazê-lo julgar encontrar-se na maior miséria quando não participa de certo bem que outrem possui, esquecendo totalmente que porventura em muitos outros aspectos não gostaria de inverter os papéis. O preço deste engano é a incapacidade de gozar e apreciar as próprias possibilidades de felicidade, impedimento que não obstante o preserva da muito temida inveja do próximo. Não se priva deliberadamente de gozar o que possui (como muitos seres normais, com boas razões para se percatarem da inveja alheia, que fingem ser menos afortunados do que na verdade são). O neurótico, pelo contrário, vai muito mais longe, privando-se realmente de todos os prazeres e destruindo-se por isso a si próprio: quer possuir tudo mas, devido aos impulsos destrutivos e à angústia, acaba por ficar com as mãos vazias.

É evidente que a propensão para despojar ou explorar — como todas as tendências hostis já citadas —, surgindo de relações pessoais deficientes, por seu turno as perturba ainda em maior grau. Sobretudo se é mais ou menos inconsciente, como geralmente acontece, esta tendência torna o sujeito necessàriamente apreensivo e tímido em face do próximo. Assim, as suas atitudes serão

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

livres e naturais com pessoas de quem nada espere, mas sentir-se-á coibido sempre que há possibilidade de obter o menor benefício de alguém. Benefício que pode referir-se a coisas materiais, a informações ou recomendações, ou reportar-se meramente a circunstâncias muito menos concretas, como a simples possibilidade de ulteriores favores. O mesmo se verifica nas relações eróticas. Uma neurótica deste tipo poderé ser franca e natural com homens que não lhe interessem, mas sentir-se-á mal e coibida junto de um homem de quem deseje gostar, pois, para ela, obter o seu afecto identifica-se com uma extorsão.

Estes neuróticos podem possuir excepcional capacidade para ganhar dinheiro, dirigindo assim os seus impulsos para finalidades proveitosas; mas, mais frequentemente, sofrem de inibições, hesitando exigir uma retribuição ou efectuando trabalhos exagerados com a mínima recompensa. Parecem por isso assaz mais generosos do que na realidade são. Tendem a sentir-se insatisfeitos com os seus minguados recursos, sem que, muitas vezes, conheçam a razão de tal descontentamento. Se as inibições do neurótico chegam a desenvolver-se ao ponto de saturarem a sua inteira personalidade, a consequência será uma incapacidade de se sustentar por si mesmo, devendo socorrer-se do apoio alheio que lhe permitirá levar uma existência parasitária e satisfazer assim as suas tendências explorativas. Tal atitude parasitária não se traduz necessàriamente numa convicção do tipo *a humanidade deve sustentar-me*. Por via de regra apresenta-se na forma muito mais subtil de esperar favores

dos outros, que estes tomem a iniciativa, sugiram; numa palavra, aguarda que o próximo assuma a responsabilidade pela sua existência. Resulta daqui uma singular atitude em relação à vida: o neurótico não se dá conta de que se trata da sua própria existência e de que lhe cabe aproveitá-la ou desperdiçá-la. Vive antes como se o que lhe acontecesse não fosse da sua alçada; como se o bem e o mal viessem sempre de fora, sem que lhe seja possível fazer nada para os modificar; como se lhe assistisse o direito de esperar todo o bem dos outros e de lhes imputar todo o mal. Dado que em tais circunstâncias o mal supera geralmente o bem, uma crescente amargura contra o mundo surge quase por força. Esta atitude parasita, especial e que toma a forma de ânsia de favores materiais, pode igualmente encontrar-se na necessidade neurótica de afecto.

Outra derivação frequente da tendência neurótica para despojar e explorar consiste em ansiedade quanto a ser por seu turno explorado e enganado. O neurótico pode chegar a viver num temor perpétuo de que alguém se aproveite dele, de que lhe roubem dinheiro ou ideias, reagindo em relação a qualquer pessoa com medo de ela poder querer algo de si. Quando é realmente enganado — por exemplo, se um condutor de táxi escolhe o percurso mais longo ou um criado de café cobra mais de que o devido —, a sua explosão de ira não apresenta a menor proporção com o motivo real. É evidente o valor psíquico da projecção das próprias tendências abusivas sobre os demais. É muito mais agradável sentir uma justa indignação contra outros do que ver-se obri-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

gado a enfrentar um problema próprio. Por outro lado, os histéricos usam frequentemente acusações como meio de intimidação ou provocam sentimento de culpa no próximo, levando-o assim a deixar-se enganar. Ao analisar o carácter da senhora Dodsworth, Sinclair Lewis descreveu brilhantemente esta espécie de estratégia.

Os fins e as funções da ânsia neurótica de poder, fama e posse podem *grosso modo* esquematizar-se assim:

OBJECTIVOS	PROTECÇÃO CONTRA	HOSTILIDADE EXPRESSA COMO
posse	carência de defesas	tendência para dominar
fama	humilhação	tendência para humilhar
poder	pobreza	tendência para despojar o próximo

O maior mérito de Adler foi haver verificado e haver dado o necessário relevo à importância destes impulsos, ao papel que desempenham nas manifestações neuróticas e às formas sob as quais se encobrem. Não obstante, Adler aceita constituirem elas tendências últimas da natureza humana e não requererem por seu turno ser explicitadas (1); explica a sua exacerbação nos neuróticos por sentimentos de inferioridade e defeitos orgânicos.

Também Freud observou muitas resultantes destes impulsos, mas não as encarou como formando um todo. Atribui a ânsia de prestígio a tendências narcisistas. No

(1) Em *Der Wille zur Macht* («A Vontade de Poderio»), de Nietzsche, deparamos com igual sobrestimação do desejo de poderio.

que toca à ânsia de poder e de posse e à hostilidade que engendram, considerou-as inicalmente derivações da «fase sádico-anal», mas logo reconheceu não ser possível reduzir tal hostilidade a uma base sexual, interpretando-a então como expressão de um «instinto de morte» e permanecendo assim fiel à sua orientação biologista. Nem Adler nem Freud reconheceram o papel da angústia na produção destes impulsos nem suspeitaram da significação cultural das suas manifestações.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

XI

A COMPETIÇÃO NEURÓTICA

Os processos de obtenção do poder, prestígio e fortuna diferem nas distintas culturas. Podem originar-se no regime legal das sucessões ou em certas qualidades individuais apreciadas pelo grupo cultural (como coragem, astúcia, capacidade de curar doentes ou de comunicar com poderes sobrenaturais), em instabilidade mental, e assim sucessivamente. Também se podem adquirir por virtude de actividades extraordinárias ou bem sucedidas ou mercê de certas qualidades ou de casuais circunstâncias favoráveis. Na nossa cultura, a herança de posição e a riqueza desempenham seguramente um importante papel. Quando, diversamente, o poderio, a fama e a posse têm de se conquistar pelos próprios recursos, o indivíduo necessàriamente entrará em competição com o próximo. A competição irradia do seu centro económico em direcção a todas as outras actividades e satura ainda o amor, as relações sociais e as diversões. A competição aparece nessa medida como um problema para todos os

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

membros da nossa cultura, e não é surpreendente que constitua um núcleo indefectível de conflitos neuróticos.

Na nossa cultura, a ânsia neurótica de competição diferencia-se da competição normal por três formas: primeiro, o neurótico valoriza-se sempre a si próprio comparando-se com os outros, inclusive em situações despropositadas. Embora o impulso para superar o próximo seja essencial em toda a situação de competição, o neurótico coteja-se também com pessoas que em absoluto não são suas rivais e que não partilham com ele algum objectivo comum. Aplica a toda a gente sem discriminação a questão de estabelecer quem é mais inteligente, formoso ou amável. Os seus sentimentos perante a vida assemelham-se aos de um «jockey» antes de uma corrida, a quem só importa passar à frente dos demais concorrentes. Tal atitude conduz forçosamente à perda de real interesse por qualquer propósito, pois interessa-lhe não o conteúdo do que faz mais a medida do êxito, prestígio e riqueza que com o que faz ganhará. O neurótico pode verificar que continuamente se compara ao próximo, ou fazê-lo automàticamente, sem disso possuir consciência. Em qualquer caso, muito reduzidas vezes reconhece conscientemente o saliente papel que nele ocupa tal atitude.

O segundo traço que distingue a competição neurótica da competição normal reside na ambição do neurótico de não visar apenas lograr mais do que os outros ou alcançar maior êxito; está além disso convencido de ser único e excepcional. Embora possa pensar no comparativo, os seus fins estão sempre no superlativo. Pode

possuir plena noção de ser impelido por uma insaciável ambição, mas, mais frequentemente, reprime-a totalmente ou encobre-a parcialmente. Nesta hipótese, por exemplo, acredita não se preocupar com o êxito e só com a causa pela qual o busca; ou pensa não desejar colocar-se em evidência e tão-só constituir uma eminência parda; ou admitirá haver sido ambicioso em tempos, em alguma época da sua vida — quando, criança, sonhava ser Cristo ou um segundo Napoleão ou salvar o mundo da guerra; ou, sendo rapariga, querendo casar-se com o príncipe de Gales. Mas afirmará ter a partir de então abandonado por completo todas as ambições, queixando-se inclusive disso. Se completamente as reprimiu, fàcilmente acreditará jamais as haver possuído. Será contudo suficiente remover o analista algumas máscaras protectoras para que se recorde de fantasias de grandeza ou de ter querido ser o melhor no seu campo de actividades e excepcionalmente belo ou inteligente. Ou lembrar-se-ia de que não conseguia compreender como se tornou possível a uma mulher, tendo-o à mão, haver-se enamorado de um terceiro — facto que, mesmo retrospectivamente, o deixará ressentido. Não obstante, na maioria dos casos, a ignorância do activo papel que a ambição possui nas suas reacções fá-lo-á negar qualquer significado a tais ideias.

Estas ambições incidem às vezes sobre objectivos determinados: a inteligência, a atracção física, êxitos de qualquer espécie ou a moral. Mas, noutros casos, não se destinam a finalidades específicas; abarcam todas as actividades do indivíduo, que sente a necessidade de se

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

afirmar o mais notável em qualquer terreno: ao mesmo tempo um grande inventor, um médico notável e um brilhante músico. Uma mulher quererá ser não apenas a primeira no seu trabalho mas ainda uma perfeita dona de casa e a melhor vestida das elegantes. Os adolescentes deste tipo encontram dificuldades em decidir-se por uma carreira, pois, escolhendo-a, renunciam a outra, ou pelo menos renunciam a parte dos seus interesses e ocupações favoritas. Na sua maioria, teriam decerto grandes dificuldades em dominar simultâneamente a arquitectura, a cirurgia e o violino. Tais adolescentes podem também iniciar trabalhos com esperanças fantásticas e excessivas, desejando pintar como Rembrandt, escrever dramas como Shakespeare e fazer uma rigorosa análise de sangue no primeiro dia de laboratório. Como a sua desmedida ambição os induz a esperar demasiado, não alcançam cumprir os objectivos; daí que fàcilmente se sintam descoroçoados e defraudados e bem ràpidamente abandonem as suas empresas para começar outras. Noutros termos, muitas pessoas dotadas malbaratam energias durante toda a vida. Embora possuam grande capacidade nos mais diversos campos, são incapazes de prosseguir com constância um objectivo, uma vez que têm interesse e ambições em todos: finalmente, nada obtêm e desperdiçam elevadas faculdades.

Possuam ou não consciência da sua ambição, são sempre muito sensíveis a qualquer desengano. Até um triunfo pode constituir frustração, se não satisfaz integralmente uma expectativa. O êxito de um livro ou de um artigo científico, por exemplo, se não provocar uma

impressão muito forte e ùnicamente um limitado interesse, decepcioná-los-á. Uma pessoa deste tipo, depois de haver passado um exame difícil, diminuirá o seu êxito fazendo notar não ter sido o único bem sucedido. Tal tendência persistente para a desilusão é um motivo pelo qual as pessoas deste tipo são incapazes de saborear o triunfo. Mais adiante nos referiremos a outros. Naturalmente, mostram também excessiva sensibilidade a críticas. Muitos deles, por se haverem profundamente sentido com quaisquer críticas, ainda que leves, apenas produzem um primeiro livro ou quadro. Elevado número de neuroses latentes manifestam-se pela primeira vez em consequência de críticas de superiores ou por causa de fracassos, mesmo que tais críticas e tal fracasso tenham sido insignificantes ou, pelo menos, sem proporção com a subsequente perturbação psíquica.

A terceira diferença em relação à competição normal reside na hostilidade implícita nas ambições do neurótico, atitude que poderia exprimir-se assim: *Só eu sou belo, dotado, triunfador*. A hostilidade é inerente a toda a competição intensa, já que a vitória de um implica a derrota de outro. Como existe acentuada competição destrutiva em todas as culturas individualistas, quase hesitamos em considerá-la, quando a encontramos isoladamente, um traço neurótico. Na realidade, trata-se quase de uma norma cultural. Mas, no neurótico, o aspecto destrutivo supera em muito o construtivo, torna-se muito mais importante para ele a derrota alheia do que a vitória própria. Com maior precisão: o neurótico ambicioso actua como se para ele fosse mais importante vencer o

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

próximo do que triunfar. O seu próprio êxito possui para si grande importância mas, devido a enormes inibições frente ao êxito — como veremos adiante —, o único caminho que lhe resta aberto é ser (ou, pelo menos, sentir-se) superior, aniquilando, transportando os outros até ao próprio nível ou, melhor ainda, para baixo dele.

Nas lutas competitivas da nossa cultura frequentemente se verifica conveniente prejudicar o adversário para realçar a própria posição, glória ou predomínio; mas o neurótico está cegamente movido pela necessidade indiscriminada e compulsiva de diminuir os outros. Fá-lo ainda quando tenha perfeita noção de que eles não lhe causariam dano algum ou quando a desgraça alheia seja manifestamente contraditória dos próprios interesses. Os seus sentimentos podem qualificar-se como uma firme convicção de que *só um pode triunfar*, mera paráfrase de *só eu devo triunfar*. Atrás dos impulsos destrutivos porventura se esconderá uma ingente carga afective; assim, certo autor que escrevia um livro tornou-se presa de cega cólera ao saber que um dos seus amigos trabalhava noutro.

Este impulso destinado a derrotar ou frustrar os esforços alheios é susceptível de se observar em inúmeras circunstâncias. Uma criança excessivamente ambiciosa pode ser impelida pelo desejo de frustrar quaisquer tentativas paternas no sentido de a educar; se os pais quiserem influir na sua conduta e nas suas actividades socais, manifestará um comportamento socialmente escandaloso; se procuram estimular a sua evolução intelectual, poderá apresentar tais inibições perante o estudo que dará a

impressão de debilidade mental. Lembramo-nos de duas raparigas suspeitas de serem atrasadas mentais que, uma vez revelado — pois actuavam da mesma maneira em relação ao analista — o seu desejo de derrotar os pais, se manifestaram muito inteligentes e capazes. Durante algum tempo, uma delas simulou não nos compreender, fazendo-nos duvidar da nossa opinião acerca da sua inteligência, até que verificámos tentar ela connosco o mesmo jogo que empregava contra os pais e mestres. Ambas tinham poderosas ambições, que no começo do tratamento se submergiram inteiramente nos impulsos destruidores.

Idêntica atitude pode surgir em relação ao ensino ou a todas as espécies de tratamento. Se alguém estuda ou se submete a um tratamento, fá-lo no seu interesse, mas para um neurótico deste tipo — ou, mais exactamente, para a sua personalidade competitiva — reveste maior importância desbaratar os esforços e o possível êxito do mestre ou do médico. E, se puder atingir este objectivo pela simples demonstração na sua própria pessoa de que nada se adiantou, encontra-se disposto a pagar o preço de continuar enfermo ou ignorante desde que convença os outros da inoperância daqueles. Escusado será acrescentar que este processo se desenrola inconscientemente. Uma tal pessoa está conscientemente convencida de serem o mestre ou o médico verdadeiros incapazes, ou de não serem a pessoa de quem precisa.

Assim, um doente desta espécie receará fortemente que o analista alcance êxito no tratamento, recorrendo a qualquer expediente a fim de esterilizar os seus esforços

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

e ainda que com isso malogre decisivamente os objectivos próprios. Não só enganará o analista ou lhe ocultará informações importantes como poderá até permanecer na mesma condição ou, enquanto lhe seja possível, piorar dramàticamente. Não reconhecerá a menor melhoria. Aceitá-la-á contra vontade ou irá atribuí-la a factores exteriores, como uma mudança de temperatura, uma aspirina, um livro, etc. Não seguirá qualquer sugestão do analista, tentando assim provar-lhe que se encontra totalmente equivocado. Ou então considerará uma descoberta pessoal determinada sugestão do analista que anteriormente rejeitara enèrgicamente. Esta última atitude observa-se com frequência na vida quotidiana, constituindo a base dinâmica do plágio inconsciente e o fundamento psicológico de muitas pretensões de prioridade. Assim, semelhantes pessoas não suportam a possibilidade de alguém para além delas possuir ideias originais. Afastará convictamente qualquer sugestão que não lhe pertença: por exemplo, não gostará de um filme ou de um livro recomendado por uma pessoa com quem se encontre em competição.

Quando, no processo da análise e depois de uma boa interpretação, todas estas reacções aparecem à luz, o neurótico pode ser objecto de ataques de fúria e sentir impulsos para quebrar qualquer coisa ou insultar o analista. Noutros casos e após terem sido clarificados certos problemas, afirmará imediatamente existirem ainda muitos outros por resolver. Embora tenha melhorado sensìvelmente e intelectualmente o admita, luta contra qualquer sentimento de gratidão. Há numerosos

factores relacionados com o fenómeno da ingratidão (como o receio de incorrer em obrigações); mas um dos seus mais importantes elementos costuma ser a humilhação que o neurótico experimenta quando é forçado a reconhecer algo ao próximo.

Os impulsos para vencer o semelhante condensam intensa angústia, pois o neurótico supõe automàticamente que os outros se sentirão perante a derrota tão ofendidos e rancorosos como ele próprio está. Por conseguinte, experimenta angústia ao ferir os outros e dissimula a intensidade das suas tendências agressivas convencendo-se de serem justificadas.

Se o neurótico mantém uma atitude fortemente depreciativa, tem dificuldade em fixar opiniões e atitudes positivas e decidir-se em sentido construtivo. Uma opinião positiva a respeito de qualquer pessoa ou assunto pode ficar aniquilada em virtude da mais leve observação de alguém, pois o mínimo é suficiente para desencadear os impulsos depreciativos.

Todos os impulsos destrutivos implícitos na ânsia neurótica de poder, prestígio e posse entram na luta competitiva. Também os seres normais tendem a manifestá-los na competição geral que reina na nossa cultura, mas no neurótico adquirem importância por si próprios, sem consideração dos sofrimentos e das desvantagens susceptíveis de acarretarem. A capacidade de humilhar, explorar ou enganar o próximo constitui para o neurótico uma manifestação da sua superioridade e, se fracassa, um verdadeiro descalabro. Grande parte da ira

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

que demonstra quando se verifica incapaz de superar os outros deve-se a tal sentimento de derrota.

Se o espírito de competição individualista prevalece numa sociedade, é fácil imperarem más relações entre os sexos, a menos que as esferas de actividade do homem e da mulher se encontrem estritamente compartimentadas; mas, por causa do seu carácter especificamente destrutivo, a competição neurótica produz perturbações ainda maiores do que as correntes.

As tendências neuróticas para derrotar, submeter e humilhar desempenham nas relações amorosas um papel muito importante, convertendo-se os vínculos sexuais em meios de subjugar ou degradar o outro ou de, por seu intermédio, ser-se por seu turno subjugado e degradado. Surge assim, frequentemente, uma situação que Freud descreveu como desdobramento das relações amorosas do homem — que, em tal estado, apenas se sente sexualmente atraído por mulheres inferiores ao seu nível, faltando-lhe potência e desejos frente a mulheres amadas ou admiradas. Tal pessoa, porque o contacto sexual está inevitàvelmente unido a tendências humilhantes, reprime desejos sexuais em relação a quem ame ou possa amar. A origem de semelhante atitude remonta amiúde à mãe (por quem se sentiu humilhado e que em contrapartida deseja humilhar), mas, devido ao seu oculto temor, o neurótico teve de esconder estes impulsos atrás de uma exagerada devoção — fenómeno geralmente qualificado de fixação. Durante o resto da vida, recorre à solução de dividir as mulheres em dois grupos e manifesta uma

persistente hostilidade em relação àquelas que ama, frustrando-as realmente.

Se um homem deste tipo inicia relações amorosas com uma mulher de nível ou personalidade iguais ou superiores, em lugar de experimentar orgulho sente-se frequentemente envergonhado por sua causa. Tal reacção provoca-lhe espanto, pois, no seu pensamento consciente, a mulher não se desvaloriza pelo facto de ter contactos sexuais. Mas ignora serem tão fortes os impulsos tendentes a rebaixar a mulher mediante as referidas relações que, emocionalmente, ela se torna desprezível a seus olhos. Esta reacção de vergonha aparece portanto lógica. Uma mulher pode igualmente sentir-se envergonhada pelo companheiro; demonstra-o não querendo que o vejam com ele, negando-lhe todas as virtudes e, assim, apreciando-o menos do que seria justo. A análise revela possuir ela uma tendência inconsciente para humilhar os homens (1); embora a possua também em relação às mulheres, aparece por motivos pessoais mais acentuada quanto àqueles. Tais motivos podem ser de vária ordem: ressentimento contra um irmão preferido, desprezo por um pai fraco, a convicção de não ser atractiva e anteci-

(1) Dorian Freigenbaum descreveu um caso deste tipo num artigo que apareceu no «Psychoanalytic Quarterly» com o título *Vergonha mórbida*. No entanto, a sua interpretação diverge da nossa, uma vez que em última análise atribui a vergonha à inveja fálica. Grande parte do que na literatura psicanalítica se considera tendências castrativas da mulher, imputadas à inveja fálica, são, na nossa opinião, decorrentes do desejo de humilhar o homem.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

par assim uma rejeição por parte dos homens. Pode também sentir excessivo medo das mulheres para se permitir exprimir tendências humilhantes em relação a elas.

A mulher, tal como o homem, é susceptível de possuir plena consciência dos seus propósitos de subjugar e humilhar o sexo oposto. Uma jovem iniciará um namoro com a finalidade determinada de humilhar o outro, ou poderá atrair os homens para, na medida em que lhe respondam afectivamente, depois os repelir. Por via de regra, contudo, o desejo de humilhar não é consciente, e a ansiedade manifesta-se nesses casos por muitos meios indirectos, por exemplo, através de um riso compulsivo perante as exigências do homem, ou assumir a forma de frigidez, com o que demonstra ao homem ser ele incapaz de a satisfazer: consegue assim humilhá-lo — particularmente se ele, por sua vez, possui o temor neurótico de ser humilhado por uma mulher. O reverso — muitas vezes observável na mesma pessoa — consiste no sentimento de que se abusa dela, de que é degradada e humilhada mediante as relações sexuais. Na época vitoriana, era norma cultural acreditarem as mulheres que as relações sexuais constituíam uma humilhação, sentimento que se aliviava quando elas eram legal e decentemente frígidas. Semelhante influência cultural atenuou-se nos últimos trinta anos, mas ainda é suficientemente poderosa para explicar por que, com maior frequência do que os homens, consideram as mulheres ferirem os vínculos sexuais a sua dignidade. Esta convicção pode levá-las à frigidez ou à total segregação dos homens, mau grado o seu desejo de estabelecer contactos com eles. A mulher

pode ainda encontrar aqui satisfações secundárias, abandonando-se a tendências ou preversões masoquistas; mas, por antecipadamente adivinhar a humilhação, será então dominada por violenta hostilidade contra os homens.

Um homem profundamente inseguro da sua masculinidade, embora possua suficientes provas do afecto que lhe dedica a mulher, fàcilmente suspeitará ser apenas aceite como instrumento de satisfação de desejos sexuais. Por isso, julgando que ela está a servir-se de si, experimenta ressentimento. Para o homem, também a falta de resposta da mulher poderá ser insuportável humilhação, sentindo-se angustiado por ela não chegar a satisfazer-se. Tal preocupação parece-lhe muito nobre, mas pode noutros aspectos mostrar-se brutal e inconsiderado, mostrando assim que o seu cuidado em satisfazer a mulher apenas disfarça o seu próprio receio de se sentir degradado.

Existem duas formas de encobrir os impulsos depreciativos ou humilhantes: ocultá-los sob uma atitude de admiração ou intelectualizá-los mediante o cepticismo. Naturalmente, este último pode porventura constituir a autêntica expressão de um desacordo intelectual, e apenas na medida em que indubitàvelmente se excluiu semelhante cepticismo justificado será lícita a suspeita de motivos subjacentes. Estes motivos podem estar tão à superfície que a mera dúvida acerca da sua validade chegue a provocar ataques de ansiedade. Uma das nossas doentes, embora não o reconhecesse, humilhava-nos grosseiramente em cada sessão. Tempos depois, quando lhe perguntámos se acreditava realmente nas suas dú-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

vidas quanto à nossa idoneidade, reagiu com um estado de grave angústia.

O processo é mais complicado quando a atitude depreciativa se dissimula atrás de uma atitude de admiração. Assim, os homens que secretamente desejam ferir ou desdenhar uma mulher por via de regra endeusam-na intimamente. As mulheres que inconscientemente procuram frustrar ou humilhar o homem podem tender para a admiração do herói. Esta adoração, quer se apresente no neurótico quer no ser normal, pode exprimir um genuíno sentimento de valor e de grandeza, mas é característica especial da atitude neurótica constituir um compromisso entre duas tendências: por um lado, cega idolatria do triunfo, sem ter em conta o seu valor e devido aos próprios desejos nesse sentido; por outro, ocultação dos desejos destrutivos contra uma pessoa bem sucedida.

Convém compreender nestes termos certos conflitos matrimoniais típicos. Afectam na nossa cultura com maior frequência a mulher, uma vez que o homem encontra maiores incentivos externos e maiores possibilidades de alcançar o êxito. Suponhamos, por exemplo, que uma mulher do tipo venerador do herói se casa com um homem porque os êxitos deste (existentes ou potenciais) a seduzem. Como na nossa cultura a mulher desfruta em certa medida do renome do marido, ser-lhe-á possível obter satisfações enquanto durem aqueles; mas estará sempre dominada por um conflito: ama o marido devido ao êxito mas odeia-o pela mesma razão; quer destruí-lo mas acha-se ao mesmo tempo ini-

bida, pois, por outro lado, deseja simultâneamente participar de tal êxito. Esposas desta espécie podem traduzir o desejo de fazer frustrar o triunfo do cônjuge pondo em perigo a sua estabilidade económica, perturbando a sua serenidade com questiúnculas enervantes, minando a sua autoconfiança com perversas atitudes desdenhosas. Também evidenciam os desejos destrutivos forçando o marido a visar incessantemente mais e maiores êxitos, não tendo assim em conta o seu bem-estar. Este ressentimento propende a manifestar-se perante o menor sinal de perigo; ainda que em face do êxito do marido tenham parecido mulheres a todos os títulos devotadas, voltar-se-ão agora contra ele, em vez de tentarem ajudá-lo e apoiá-lo. A ânsia de vingança, encoberta enquanto podem partilhar o êxito, emerge mal se vislumbra o menor indício de desaire. As tendências destrutivas podem disfarçar-se sob a capa do amor e da admiração.

Cabe citar outro exemplo quotidiano para demonstrar como se utiliza o amor com o fito de compensar os impulsos agressivos que surgem da ambição. Imaginemos uma mulher que sempre tenha sido segura de si própria, capaz e bem sucedida. Casada, não só abandona o trabalho como adopta uma atitude dependente e parece renunciar a qualquer ambição (atitude geralmente qualificada com o apodo de «se haver tornado uma verdadeira mulher»). Na maior parte dos casos, o marido sente-se desiludido, pois esperava uma boa companheira e, pelo contrário, vive com uma mulher que não o ajuda e se lhe subordina. Uma mulher que experimenta semelhante mudança desconfiará das próprias aptidões, sen-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

tindo vagamente que, para alcançar os seus objectivos ambiciosos — ou, pelo menos, segurança —, lhe convirá muito mais casar com um homem bem sucedido ou em quem perceba faculdades de vir a sê-lo. Até aqui, a situação não está condenada a sofrer perturbações, pois pode resolver-se satisfatòriamente; mas, secretamente, a mulher neurótica opõe-se a abandonar os seus desejos, sente ódio contra o marido e, conforme o princípio neurótico do tudo ou nada, cai em sentimentos de nulidade e chega a converter-se em nada.

Segundo havemos dito, a causa da maior frequência deste tipo de reacção na mulher provém da nossa situação cultural, que circunscreve o êxito à esfera masculina. A circunstância de não ser exclusivamente feminina testemunha-se pela existência de idêntica reacção masculina se a situação é a inversa, isto é, se a mulher tem mais força, inteligência ou êxito. Devido à crença cultural segundo a qual o homem é superior em tudo excepto no amor, tal atitude, quando aparece no homem, disfarça-se muito menos frequentemente sob as vestes da admiração. Pelo contrário, surge quase sempre na forma de ataque aberto contra os interesses e a obra da mulher.

O espírito de competição não influi apenas nos laços vigentes entre homem e mulher; afecta também a escolha do companheiro. A este respeito, as neuroses sòmente apresentam uma imagem exagerada do que costuma ser normal na nossa cultura competitiva. Por via de regra, a eleição do companheiro está determinada por desejos de prestígio ou de posse, isto é, por motivos alheios à esfera erótica. Semelhantes desejos podem pre-

valecer no neurótico ainda com maior intensidade, por um lado porque são mais compulsivas e inflexíveis do que no homem corrente as ânsias de domínio, prestígio e posse, e, por outro, porque as suas relações pessoais com o próximo, inclusive com o sexo oposto, se acham demasiado perturbadas para lhe permitirem uma escolha satisfatória.

A competição neurótica pode estimular por duas formas as tendências homossexuais: em primeiro lugar, a fim de evitar toda a competição sexual com os seus semelhantes, impele um dos sexos a apartar-se completamente do outro; além disso, a angústia engendrada necessita de ser apaziguada e, como já fizemos notar, tal necessidade de um afecto reconfortante determina muitas vezes a ligação com uma pessoa do mesmo sexo. Esta conexão entre a rivalidade destrutiva, a ansiedade e os impulsos homossexuais, se o doente e o analista pertencem ao mesmo sexo, é susceptível de ser observada com certa assiduidade no processo da análise. Um doente pode atravessar períodos em que se vangloria dos seus êxitos e em que despreza o analista. Fá-lo de início tão encobertamente que não tem disso consciência; mas reconhece depois a sua atitude, embora se encontre desvinculado dos seus sentimentos ao ponto de não verificar a poderosa emoção que o move. Mais tarde, quando começa gradualmente a perceber o impacto da sua hostilidade contra o analista e, simultâneamente, a sentir-se mais inquieto (tendo sonhos angustiosos, palpitações e agitação), inesperadamente sonha que o analista o abraça, adquirindo consciência das suas fantasias e de-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

sejos de um mais íntimo contacto com ele. Revela por aí a sua necessidade de sossegar a ansiedade. Esta série de reacções é passível de repetição até o doente conseguir finalmente encarar o problema da sua angústia competitiva tal qual ele é. Assim, em suma, a admiração ou o amor podem servir de compensações para os impulsos agressivos, seja excluindo-os completamente ao estabelecer uma distância inseparável entre si mesmo e o competidor, seja aproveitando uma participação substantiva no êxito alheio, seja, por fim, aplacando o competidor para, por este modo, evitar a sua hostilidade.

Embora estas observações acerca da influência da competição neurótica nos vínculos sexuais estejam muito longe de serem exaustivas, bastam para demonstrar como prejudica ela as relações entre os sexos; consequência tanto mais grave quanto a mesma competição, que na nossa cultura mina a possibilidade de boas relações entre os sexos, é ao mesmo tempo uma fonte de angústia, tornando por isso ainda mais urgentes as relações satisfatórias.

XII

O ABANDONO DA COMPETIÇÃO

Em razão do seu carácter destrutivo, a ânsia de competição provoca grande angústia nos neuróticos, fazendo-os assim abandonar qualquer actividade que potencialmente a inclua. Cabe perguntar, pois, de onde provém semelhante angústia.

Fácil será compreender que uma das suas fontes residirá no medo de uma desforra que seja contrapartida da inescrupulosa prossecução de ambições. Quem calque o próximo, humilhando-o e procurando derrubá-lo quando alcance êxito ou busque alcançá-lo, temerá inevitàvelmente que o próximo, por seu turno, deseje com não menor intensidade derrubá-lo. Mas tal medo de vingança, embora domine quantos obtêm êxito à custa de terceiros, dificilmente poderá ser considerado a única razão da exaltada angústia do neurótico e da sua consequente inibição frente à competição.

A experiência indica que, por si só, o medo de represálias não conduz necessàriamente a inibições. Pelo

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

contrário, pode levar a uma fria consideração da inveja imaginária ou real dos outros, da sua má-fé ou rivalidade, ou, como escudo contra qualquer eventual desaire, traduzir-se num esforço por maior poderio. Certo tipo de pessoas triunfadoras visam um único objectivo: a aquisição de poder e fortuna. Mas, comparando a sua estrutura com a das pessoas decididamente neuróticas, encontraremos uma fundamental diferença. O homem que apenas busca o êxito não se importa em medida alguma com o afecto alheio; nada deseja nem espera dos outros, trate-se de ajuda ou da mais ínfima generosidade; sabe-se capaz de obter o que pretende pelos seus próprios meios e empenho. Por isso, se se aproveita do próximo, apenas se preocupa com a opinião dele na medida em que possa servir-lhe para atingir os próprios fins. O afecto em si mesmo considerado carece de significado para tal homem. Os seus desejos e defesas seguem linhas rectas e definidas; poder, prestígio, riquezas. Inclusive aqueles que se viram impelidos para semelhante comportamento em virtude de conflitos internos, se não houver neles algo que interfira com as suas tendências, não desenvolverão as características neuróticas correntes. Sòmente o medo o precipitará em renovados esforços para se tornar mais próspero e invulnerável.

O neurótico, pelo contrário, prossegue dois rumos incompatíveis: uma agressiva tendência para o «ninguém senão eu» e, simultâneamente, uma excessiva ânsia de ser amado por todos. Este conflito é uma das contradições centrais das neuroses. O motivo principal pelo

qual o neurótico tanto receia as suas próprias aspirações e exigências — ao ponto de nem sequer as reconhecer ou de as coarctar ou abandonar por completo — reside no temor de perder o afecto alheio. Por outras palavras, não é devido a exigências do «supereu» que o neurótico restringe os seus impulsos competitivos (exigências particularmente severas impeditivas da excessiva manifestação da sua agressividade) mas por se encontrar preso entre dois impulsos igualmente imperiosos: a sua ambição e a sua necessidade de afecto.

O dilema é, de facto, insolúvel, dado não ser a um tempo possível espezinhar os outros e ser-se querido por eles. Não obstante, é tal a intensidade do conflito no neurótico que ele procura resolvê-lo de duas formas: ora justificando o seu apetite de domínio e a amargura que resulta do fracasso, ora tentando refrear os próprios desejos. Podemos ser breves quanto à justificação das exigências agressivas: elas revelam as mesmas características mencionadas a respeito das formas de obter carinho e da sua justificação. Num e noutro caso, a justificação torna-se importante para a táctica do neurótico porque tem como finalidade tornar incontestáveis as suas exigências, não cortando assim todas as possibilidades de ser amado. Se o neurótico menospreza o próximo para o humilhar — ou para o aniquilar numa luta competitiva —, continuará perfeitamente convencido de actuar com plena objectividade; se quer explorá-lo, julgará ou tentará fazê-lo julgar de que depende em absoluto da sua ajuda.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Esta necessidade de justificação, mais do que qualquer outro factor, satura subtilmente de hipocrisia profunda a personalidade, ainda que se verifique num indivíduo fundamentalmente honesto; explica ao mesmo tempo a implacável soberba, traço habitual do carácter neurótico — às vezes patente e outras disfarçado por atitudes humildes ou inclusive auto-acusadoras. Esta soberba confunde-se normalmente com o narcisismo. Mas não apresenta na realidade semelhança com qualquer forma de amor por si próprio nem sequer condensa o menor sentimento de complacência ou de enfatuamento; ao contrário do que pareceria, o sujeito nunca chega de facto a persuadir-se de haver razão: apenas está dominado pela constante e desesperada necessidade de legitimar as suas atitudes. Numa palavra, trata-se de uma atitude defensiva imposta pela urgência da resolução de determinados problemas, em última instância provocados pela angústia.

A observação desta necessidade de justificação foi talvez um dos motivos que sugeriram a Freud a concepção das severas exigências do «supereu» — a que o neurótico se submete como reacção contra os seus impulsos destrutivos. Existe outro aspecto da necessidade de justificação que fàcilmente poderemos interpretar no mesmo sentido. Além de indispensável enquanto recurso estratégico para enfrentar os outros, constitui em muitos neuróticos um expediente para satisfazer a necessidade de aparecer isento aos próprios olhos. Quando estudarmos o papel dos sentimentos de culpa nas neuroses, voltaremos a ocupar-nos da questão.

O resultado directo da angústia implícita na competição neurótica consiste no medo simultâneo do fracasso e do êxito. Aquele, em parte, é expressão do temor à humilhação, pois nestas pessoas qualquer insucesso se converte em verdadeira catástrofe; assim, uma colegial ignorando em certa ocasião algo que devia saber, além de sentir excessiva angústia, convenceu-se de que seria desprezada pelas colegas e de que elas se voltariam contra si. Esta reacção é sobremaneira grave porque são frequentemente interpretados como fracassos certos factos não significando de facto a menor derrota ou, pelo menos, possuindo fraca importância: não obter as classificações mais elevadas na escola, o menor desaire em um exame, organizar uma festa que não resulta um êxito extraordinário, não ter sido muito brilhante em uma conversa — isto é, qualquer coisa que fique aquém de desmedidas expectativas. Também se entende como fiasco (e portanto humilhação) qualquer forma de repúdio, o qual, como vimos, desperta no neurótico intensa hostilidade.

O medo do neurótico é susceptível de se agudizar pelo facto de temer um regozijo alheio pelo seu insucesso, pois conhece a excessiva ambição que o anima. Mais do que o próprio fracasso, teme o fracasso posterior a uma demonstração sua de haver entrado em competição; isto é, receia revelar haver desejado o êxito e ter realizado esforços em vista dele. Sente que um pequeno deslize poderá ser perdoado — ou inclusivé despertar maior simpatia do que hostilidade —, mas sente também que, uma vez manifestado o menor interesse no

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

êxito, está cercado por uma horda de inimigos dispostos a esmagá-lo ao menor sinal de fraqueza.

As atitudes resultantes variarão de acordo com o conteúdo do medo. Se o problema se cifra no receio do fracasso em si, o neurótico redobrará os seus esforços ou tentará, até, desesperadamente, evitá-lo. A sua reforçada angústia pode então emergir frente a provas decisivas como exames ou aparições em público. Ao invés, se o problema consiste em medo de um reconhecimento alheio da sua ambição, o quadro subsequente será exactamente inverso. A angústia fá-lo-á parecer desinteressado e conduzi-lo-á a não realizar o menor esforço ou tentativa de alcançar êxito. Este contraste merece ser destacado, pois assinala como dois tipos de medo, no fundo afins, podem engendrar grupos de características em absoluto diferenciadas. Uma pessoa do primeiro tipo estudará febrilmente antes de exames, enquanto a segunda trabalhará muito pouco e se dedicará ostensivamente a actividades sociais ou outros interesses, demonstrando ao Mundo a sua falta de interesse na tarefa a cumprir.

O neurótico não verifica por via de regra a angústia e tão só as consequências dela; assim, mostra-se incapaz de se concentrar no trabalho ou experimenta apreensões hipocindríacas (como o medo de uma perturbação cardíaca por esgotamento físico ou de um desiquilíbrio nervoso por desgaste mental). Pode também sentir-se extenuado depois de um exercício — quando uma actividade é executada angustiadamente, fàcilmente esgota o seu agente —, aproveitando-se imediatamente este can-

saço como testemunho de todos os esforços prejudicarem a sua saúde, devendo nessa medida ser evitados.

Na sua renúncia a todo o empenho, o neurótico poderá perder-se nas mais diversas actividades fúteis, como fazer paciências e oferecer festas; ou assumir uma atitude de indolência ou preguiça. Uma mulher neurótica vestir-se-á mal, preferindo mostrar desinteresse pelo vestuário a tentar vestir-se bem, pois crê que qualquer cuidado nesse sentido a exporia ao ridículo. Assim, uma rapariga extraordinàriamente bela mas que julgava possuir poucos atractivos não se atrevia a maquilhar-se em público com medo de que os outros pensassem: «Que ridículo, uma rapariga feia tentar parecer bonita!»

Desta forma, o neurótico sente-se geralmente mais seguro não fazendo aquilo que desejaria. O seu lema é: *Ficar à margem, ser modesto e, acima de tudo, discreto.* Certamente, como fez notar Vebleu, a ostentação — o ócio exibido e os gastos exibidos — desempenha importante papel na competição; portanto, o abandono desta deve, necessàriamente, provocar a atitude contrária, ou seja, evitar chamar a atenção. O que significa um ajustamento às normas convencionais, conservar-se a pessoa na penumbra, não aparecer diferente dos outros.

Quando a tendência para a renúncia se converte em característica primordial do sujeito, leva-o a não arriscar nada. Não será preciso dizer que semelhante atitude significa um total empobrecimento da vida e o malogro de todas as possibilidades; de facto e salvo em circunstâncias excepcionalmente favoráveis, a conquista da feli-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

cidade ou a realização de qualquer obra implicam certos perigos e determinados esforços.

Considerámos até agora apenas o medo do fracasso. Mas ele constitui sòmente uma das manifestações da angústia verificada na competição neurótica. Tal angústia pode também apresentar-se sob a forma de temor ao êxito. Assim, em muitos neuróticos é tão poderoso o medo da hostilidade alheia que, ainda quando se sintam seguros de o obter, os leva a fugir do êxito.

Semelhante apreensão é motivada pelo receio da inveja alheia e da consequente perda de afecto; receio que pode ser consciente, como numa das nossas doentes, escritora talentosa que abandonou os trabalhos literários por a sua mãe haver começado a triunfar nos mesmos. Quando, depois de largo tempo, vacilante e cautelosamente os reiniciou, não receava escrever mal e antes demasiado bem. Durante muito tempo, por intenso medo da inveja dos outros, foi incapaz de se entregar a qualquer actividade. Em contrapartida, tentava com todas as suas energias que os outros fossem tão inúteis como ela. O mesmo temor manifesta-se ainda na forma de apreensão vaga e incerta de uma perda de amizade proporcional à obtenção do êxito.

Não obstante, neste temor como em tantos outros, o neurótico não tem geralmente consciência do próprio medo e só das consequências resultantes. Por exemplo, uma pessoa dessa natureza, estando prestes a vencer uma partida de ténis, pode sentir que algo a detém e a impede de ganhar. É ao mesmo tempo capaz de esquecer um encontro de decisiva importância para o seu

futuro. Se tem a possibilidade de intervir com êxito numa discussão ou conversa, falará em voz tão baixa ou tão enigmàticamente que não causará a menor impressão ou deixará que outros recebam os aplausos por uma obra que realizou. Observará também que, podendo falar inteligentemente em determinados círculos, se exprime dificilmente perante outros; que, tocando bem algum instrumento ao pé de certas pessoas, toca como um novato junto de outras. Embora fique assustada com tais atitudes contraditórias, nada saberá fazer a fim de as evitar. Só depois de haver alcançado consciência da sua tendência para evitar a competição, verificará que, conversando com uma pessoa de menor inteligência, se vê compulsivamente compelida a conduzir-se por forma ainda menos inteligente; que, tocando com um mau músico, a sua execução é deliberadamente pior, pois teme, superando-o, humilhá-lo e magoá-lo.

Por fim, se obtém algum êxito, não consegue usufruí-lo como uma experiência própria. Chega também a diminuir o seu autêntico valor, atribuindo-o a alguma circunstância fortuita ou a certo estímulo insignificante e exterior. Além disso, uma vez logrado o triunfo, tende a sentir-se deprimido; por um lado, em virtude dos citados receios, e, por outro, pela circunstância de o realizado se situar sempre muito abaixo das suas exageradas esperanças íntimas.

Assim, a situação de conflito que persistentemente aflige o neurótico origina-se no seu desejo frenético e compulsivo de ser o primeiro em qualquer competição e, simultâneamente, no seu igualmente notável im-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

pulso para se coarctar a si próprio após um bom começo ou algum progresso. Se fez algo com êxito, está condenado a fracassar na oportunidade seguinte. Isto repete-se contìnuamente, fazendo-o sentir-se preso numa luta sem esperanças contra obstáculos insuperáveis. O neurótico, como Penélope, desfaz assim à noite o que durante o dia tece.

Deste modo, as inibições podem afectar todos os estádios da sua acção: o neurótico reprimirá as suas ambições de forma tão absoluta que não empreenderá qualquer tarefa; tentará porventura fazer alguma coisa, mas é incapaz de se concentrar ou de a levar até ao fim; pode fazer excelente trabalho mas fugir ante o mais ligeiro indício de êxito; finalmente, alcançará notáveis triunfos, mas não lhe será dado apreciá-los ou mesmo verificá-los.

Entre as variadas maneiras de abandonar a competição, talvez mais importante seja a criada pelo neurótico na sua própria imaginação ao estabelecer esta inferioridade frente ao real ou suposto competidor. Toda a pretensão de triunfo lhe parece absurda, sendo por isso imediatamente eliminada da consciência. Estabelece semelhante relação de inferioridade colocando os outros num pedestal que lhe é inacessível ou colocando-se tão abaixo que qualquer pensamento ou tentativa de competição lhe parece ridícula e impossível. Consideraremos agora este último sentimento, designando-o por «empequenecimento».

É possível constituir o empequenecimento uma medida táctica consciente, realizada por mera conveniência.

Se o discípulo de um pintor realizou um excelente trabalho mas receia a atitude maldosa do mestre, poderá diminuí-lo para aplacar a inveja dele. Pelo contrário, o neurótico apenas tem uma vaga noção da sua tendência para a subestimação. Se realizou um bom trabalho, julgará sinceramente que outros o fariam melhor ou que obteve êxito por mera casualidade e que, provàvelmente, não saberá repeti-lo. Ou, afim de desvalorizar o realizado, acaso se prenderá a um pormenor, como haver trabalhado com excessiva lentidão. Um homem de ciência acabará por se convencer de que ignora questões da sua especialidade, ao ponto de os amigos lhe deverem recordar ser ele próprio o autor de trabalhos sobre o assunto. Se lhe é feita uma pergunta carecendo de sentido ou de resposta, inclinar-se-á a reagir com um sentimento de estupidez própria; se lê um livro com que não concorda, não tenderá a elaborar uma crítica mas a supor-se incapaz de compreender o autor. E vem a persuadir-se de que mantém uma atitude crítica e objectiva a seu respeito.

Estas pessoas não dão aos sentimentos de inferioridade apenas o seu valor aparente. Insistem ainda na sua objectiva vigência. Apesar de se queixarem dos sofrimentos que lhes provocam, não aceitam qualquer prova em contrário. Por exemplo, se são considerados trabalhadores competentes, afirmam tenazmente que o seu mérito está a ser exagerado ou que conseguiram enganar o próximo. A rapariga atrás mencionada que na escola manifestou uma enorme ambição (com raiz numa experiência humilhante infligida pelo irmão),

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

ocupando sempre o primeiro lugar da classe e sendo por todos julgada uma brilhante aluna, estava, não obstante, convicta da sua invencível incapacidade. Embora uma olhadela para o espelho ou a atenção despertada nos homens deva ser o suficiente para persuadir uma mulher dos seus atractivos, continuará firmemente convencida de não possuir os menores encantos. Outra pessoa pode mostrar-se plenamente segura na exposição das suas opiniões até aos quarenta anos e depois dessa idade recorrer à desculpa de ser já demasiado velha. Assim, um sábio bem conhecido admirava-se imenso com o respeito de que era rodeado, insistindo intimamente em não passar de medíocre e insignificante. Consideram-se lisonjas ocas ou são atribuídos a motivos interessados todos os cumprimentos que se recebem, e revelam-se inclusive capazes de desencadear uma reacção de raiva e de hostilidade no sujeito.

Observações desta índole, susceptíveis de quase infinitamente se repetirem, demonstram desempenharem os sentimentos de inferioridade — quiçá o mais comum dos males da nossa época — uma função muito importante, pela qual são defendidos e sustentados pelo sujeito. A sua importância reside em que, diminuindo-se mentalmente a si próprio e situando-se abaixo dos outros, o neurótico reprime as suas ambições, conseguindo dominar a angústia que emparelha com a ânsia de competição (1).

(1) D. H. Lawrence, em *The Rainbow*, faz uma descrição muito sugestiva de tal reacção: «Esta estranha sensação de estar sempre

Incidentalmente, convirá advertir que os sentimentos de inferioridade podem também enfraquecer objectivamente a posição do sujeito, pois o empequenecimento reduz a autoconfiança. Em certa ordem de grandeza, esta constitui um pré-requisito de qualquer triunfo — quer se traduza em actos tão diferentes como alterar a receita de uma salada, vender uma mercadoria, defender uma opinião ou impressionar bem um parente de influência.

Uma pessoa com fortes tendências para se empequenecer poderá ter sonhos em que os seus rivais aparecem engrandecidos e ela em desvantagem. Sendo indubitável querer inconscientemente triunfar dos seus antagonistas, tais sonhos parecem contradizer a tese freudiana segundo a qual os sonhos são realizações de desejos; mas esta concepção freudiana não deve ser estreitamente interpretada. Se a satisfação de desejos é acompanhada por excessiva angústia, aplacar esta torna-se mais importante do que a própria efectivação daqueles. Portanto, se uma pessoa temerosa da sua ambição sonha ser derrotada, isto não significa desejo de

ante a iminência de algo cruel e maléfico, disposto a dominá-la; este sentimento do poder maléfico da massa, que a esmagava, a ela, uma *excepcional* (sublinhado por nós), constituía uma das mais profundas influências da sua vida. Onde quer que se encontrasse, na escola, entre amigos, na rua, no eléctrico, diminuía-se instintivamente, fazia-se mais pequena, simulava ser menos do que na realidade era, receando ver descoberta a sua oculta intimidade, o seu eu secreto; receando ser ferida e atacada pelo brutal ressentimento do vulgar, do eu comum».

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

fracassar mas a preferência deste como mal menor. Uma nossa doente devia proferir uma conferência durante determinado período de tratamento em que procurava desesperadamente derrotar-nos. Teve então um sonho no qual fazíamos uma brilhante conferência, olhando-nos ela tristemente de uma cadeira. Noutra ocasião, um mestre ambicoso sonhou ser um aluno o mestre e não saber ele próprio a lição.

A medida em que o autodesprezo serve para reprimir as ambições fica também demonstrada pelo facto de serem as capacidades depreciadas aquelas em que, justamente, o indivíduo deseja com maior veemência sobressair. Se a ambição é de carácter intelectual, o seu instrumento será a inteligência, que, por conseguinte, deve ser rebaixada. Se é erótica, o aspecto exterior e os encantos constituem o expediente utilizado, e serão estas qualidades que nessa hipótese se inferiorizarão. A relação é tão constante que, uma vez considerado o foco da tendência para o empequenecimento, imediatamente se verificarão quais as mais intensas ambições.

Até aqui, os sentimentos de inferioridade não apresentam qualquer relação com uma inferioridade real; apenas os examinámos na qualidade de resultantes da tendência para abandonar a competição. Significará isto não possuírem eles a menor conexão com defeitos existentes ou com a compreensão de reais faltas? Na realidade, tais sentimentos fundam-se em inadequações concretas e imaginadas, isto é, representam combinações entre tendências determinadas pela angústia e o reconhecimento de defeitos existentes. Já o assinalámos mais

do que uma vez: embora consigamos manter certos impulsos afastados da consciência, não conseguimos enganar-nos totalmente. Por isso, um neurótico do tipo que temos vindo a considerar saberá, no mais recôndito do seu ser, possuir tendências anti-sociais que precisa de ocultar, estarem as suas atitudes longe de ser genuínas, serem os seus supostos sentimentos muito distintos das correntes subterrâneas que os animam. O registo de todas estas discrepâncias constitui uma importante causa dos sentimentos de inferioridade, embora, porque residem nos seus impulsos reprimidos, nunca chegue a reconhecer claramente as origens de tais discrepâncias. Ignorando-as, propõe-se a si mesmo razões que expliquem o seu sentimento de inferioridade — raramente as legítimas e, pelo contrário, meras racionalizações.

Além disso, existe outro motivo pelo qual sente serem os sentimentos de inferioridade expressão directa de um defeito real. As suas ambições impeliram-no a elaborar ideias fantásticas acerca do próprio valor e importância. Como não pode evitar a comparação entre as efectivas realizações e a pretensão em ser um génio ou um indivíduo humano perfeito, os seus actos e possibilidades concretas deverão necessàriamente parecer-lhe inferiores.

Resultado último de todas as tendências para abandonar a competição é a circunstância de o neurótico incorrer em positivos fracassos ou, no melhor dos casos, não realizar tudo quanto lhe seria dado em face das suas oportunidades e dos seus dotes. Outros, que come-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

çaram com ele, em breve o superam, fazem melhor carreira e obtêm maiores êxitos. Esta situação não afecta apenas o triunfo exterior. Com o aumento da idade, convence-se mais e mais do desfasamento entre as suas capacidades e os seus feitos, sentindo agudamente que os seus dotes são malbaratados, que o desenvolvimento da sua personalidade se encontra estancado, que não amadurece com o correr dos anos (1). Reage à compreensão desta situação com um vago mal-estar, já não masoquista mas real e justificado.

Por outro lado, como já acentuámos, a divergência entre as capacidades potenciais e as realizações efectivas pode obedecer a factores exteriores. Ao invés, o desacordo existente no neurótico é um traço permanente e invariável da própria neurose e corresponde inteiramente a conflitos interiores. Os desaires afectivos do neurótico e a sua directa consequência, a crescente discordância entre aptidões e realizações, exacerbarão, progressiva e necessàriamente, os pré-existentes sentimentos de inferioridade.

Entretanto, o outro desfasamento apontado — o que medeia entre as elevadas ambições e uma realidade proporcionalmente magra — torna-se insuportável ao ponto de exigir imperiosamente remédio, manifestando-se a fantasia o recurso mais acessível ao sujeito.

(1) C. G. Jung equacionou com clareza o problema das pessoas próximas dos quarenta anos, que vêem terminado o seu desenvolvimento; mas, não havendo tomado em conta os factores que conduzem a tal estado, não pôde dar-lhe solução satisfatória.

O neurótico vai gradualmente substituindo objectivos alcançáveis por ideias de grandeza. É evidente o valor que estas apresentam para ele: encobrem os seus sentimentos intoleráveis de não ser nada, permitem-lhe sentir-se importante sem intervir na menor competição e sem portanto afrontar os riscos do fracasso ou do êxito; consentem-lhe a construção de uma ficção de grandeza que amplamente transcende qualquer objectivo realizável. O perigo destas fantasias cifra-se precisamente em tornarem-se becos sem saída; pois, para o neurótico, os becos oferecem muito mais vantagem do que as estradas rectas e abertas.

As ideias neuróticas de grandeza devem distinguir-se das que o sujeito normal e psicótico possuem. Eventualmente, mesmo uma pessoa normal se considerará maravilhosa, atribuirá importância excessiva ao que faz ou embarcará em fantasias sobre o que poderia fazer. Mas semelhantes ideias ou fantasias são apenas decorativas, e o próprio sujeito não as toma muito a sério No que se refere ao psicótico, passam-se as coisas inversamente. Está convenciado de ser um génio, imperador do Japão, Napoleão ou Jesus Cristo, e rejeitará qualquer prova concreta do contrário, mostrando-se totalmente incapaz de compreender algo que lhe recorde ser de facto um pobre porteiro, um enfermo asilado ou uma vítima do desprezo ou do ridículo. Se chega a verificar a oposição entre as suas fantasias e a realidade, decide-se a favor das primeiras e julgará estar o próximo equivocado ou que deliberadamente a rebaixa com a intenção de o ferir.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

O neurótico encontra-se entre estes dois pólos. Se consegue verificar o seu exagerado auto-apreço, a sua reacção consciente assemelha-se mais à do indivíduo são. Se aparece rei em sonhos, tenderá a considerar-se ridículo; mas, embora afaste conscientemente tais fantasias de grandeza, elas guardam, não obstante, um valor de realidade emocional análogo ao que apresentam para o psicótico. Nos dois casos, a valorização da fantasia obedece a uma mesma causa: as fantasias desempenham uma importante função, pois, ainda que ténues e fracas, significam os pilares sobre que repousa a auto-estima, vendo-se, portanto, o sujeito obrigado a prender-se-lhes.

O perigo implicado por esta função manifesta-se se algum contratempo exterior afecta o auto-apreço. Quando vacilam os seus alicerces, o indivíduo cai, e pode depois não se levantar. Assim, uma jovem que se sabia amada deu-se conta de que o noivo hesitava em casar-se. Ele disse-lhe sentir-se demasiado jovem e inexperiente para se casar, pensar fazer-lhe bem o conhecimento de outras mulheres antes de se ligar definitivamente. A rapariga não conseguiu libertar-se deste golpe: tornou-se deprimida, começou a sentir-se insegura no seu trabalho, desenvolveu um imenso medo ao insucesso, com o consequente desejo de desistir de tudo, desde as relações sociais até à profissão. Esse medo era tão poderoso que inclusive certos factos posteriores reconfortantes (como a final decisão do noivo de se casar e perspectivas de um emprego melhor onde eram muito apreciadas as suas qualidades) não bastaram para lhe devolver a perdida segurança.

Diferentemente do psicótico, o neurótico regista com doloroso escrúpulo os milhares de pequenos incidentes da vida real desajustados das suas ilusões conscientes. Consequentemente, a sua autovalorização oscila entre um sentimento de total inutilidade e uma sobrevalorização, podendo em cada momento deslocar-se de um pólo para o outro. Estando perfeitamente persuadido dos seus excepcionais dotes, admirar-se-á de ser tomado a sério; ou então, ao mesmo tempo que se sente infeliz e completamente abandonado, quiçá se enfurecerá por alguém querer ajudá-lo. A sua sensibilidade pode comparar-se com a de uma pessoa que sinta dores fortíssimas em todo o corpo e estremeça ao menor contacto. Fàcilmente se sente magoado, depreciado, abandonado e afrontado, reagindo com vingativo ressentimento de grandeza proporcional a tais ofensas.

Vemos de novo intervir aqui um «círculo vicioso»; se as ideias de grandeza cumprem decididamente a função de reconfortar o sujeito e de lhe proporcionar certo apoio — ainda que só imaginário —, por outro lado, além de reforçarem a tendência para o abandono da competição, engendram também e através da sensibilidade maior ira e, com ela, maior angústia. Este quadro oferece-se evidentemente em neuroses graves, mas também se observa com menor intensidade em casos mais leves, onde tais mecanismos são susceptíveis de passar despercebidas até pelo próprio sujeito. Pelo contrário, uma espécie de círculo feliz pode surgir — na medida em que o neurótico é capaz de iniciar algum trabalho construtivo. Mercê deste, a autoconfiança aumenta, dimi-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

nuindo portanto a necessidade de recorrer a ideias de grandeza.

A falta de êxito do neurótico, o seu atraso em qualquer aspecto relativamente aos outros — carreira profissional, matrimónio, fortuna ou felicidade —, converte-o numa vítima da inveja, intensificando-se a atitude ciumenta alimentada por outras fontes. Diversos factores são susceptíveis de o levar a reprimir esta atitude, como, por exemplo, a sua nobreza de carácter, a profunda convicção de não possuir direito a exigir seja o que for de alguém ou a mera ignorância de ter uma existência desgraçada. Mas quanto mais reprimir esta inveja tanto mais a projectará sobre os outros, dando eventualmente lugar ao temor quase paranóico de que estes experimentem ciúmes por tudo quanto possui ou alcança. Esta angústia poderá ser aguda ao ponto de o sujeito se sentir positivamente incomodado quando algo de bom lhe sucede, quando consegue um novo emprego, elogio para as suas obras, fortuna nos negócios ou felicidade nas relações amorosas. Daí ser possível reforçaram-se em larga medida as suas tendências para se abster de possuir ou alcançar alguma coisa.

Excluindo todos os pormenores, é possível delinear em traços largos o «círculo vicioso» desenvolvido a partir da ânsia neurótica de poder, prestígio e riqueza: angústia, hostilidade, diminuição do auto-apreço; ânsia de poder e de valores análogos; reforço da hostilidade e da angústia; tendências para abandonar toda a competição (com concomitantes impulsos para o autodesprezo); fracassos e desfasamentos entre as capacidades e as rea-

lizações; exaltação dos sentimentos de superioridade (com ciumenta inveja); exaltação das ideias de grandeza (com receio da inveja alheia); exaltação da sensibilidade (com renovada tendência para abandonar a competição); exaltação da hostilidade e da angústia, pela qual o ciclo se inicia novamente.

Não obstante, a fim de compreendermos cabalmente o papel que a inveja desempenha nas neuroses, devemos examiná-la segundo uma perspectiva mais larga. Sinta-o ou não conscientemente, o neurótico não só decerto é uma pessoa muito infeliz como tão-pouco vê possibilidade alguma de escapar à sua miséria. O que o observador descreve como círculo vicioso surgido das tentativas de recuperar a perdida segurança, percebe-o o próprio neurótico como uma desesperada situação de aprisionamento. Na descrição de um nosso doente, o neurótico sente-se preso num sótão com muitas portas — mas desembocando todas em novas trevas — e, conscientemente, sabe todavia que os outros passeiam fora à luz do sol. Não julgamos possível penetrar-se profundamente o significado de uma neurose grave se não for reconhecido o angustioso desespero que condensa. Alguns neuróticos exprimem o seu desalento em termos que não deixam lugar a dúvidas; noutros, porém, encontra-se profundamente velado pela resignação ou por um optimismo de fachada. Pode configurar-se difícil a verificação de que, atrás de semelhantes exigências e hostilidades vãs, existe um ser humano a sofrer, sentindo-se irremediàvelmente cindido de tudo quanto torna a vida desejável, sabendo que, ainda que conseguisse quanto deseja, jamais

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

lhe seria dado desfrutá-lo. Uma vez compreendido este desespero em toda a sua extensão, não será difícil entender a agressividade e inclusive a maldade do neurótico — à primeira vista desmedidas e inexplicáveis pela situação em que se encontra. Uma pessoa tão isolada de qualquer perspectiva de felicidade deveria ser um verdadeiro anjo para não albergar ódio contra um mundo do qual se acha irremediàvelmente excluído.

Voltando ao problema da inveja, faremos notar ser justamente este desespero gradualmente desenvolvido o manancial que incessantemente nutre aquela. Não se trata de uma inveja determinada e antes daquilo que Nietzche descreveu como *Lebensneid*, uma inveja genérica em relação a todos quantos se sintam mais seguros, mais confiantes, mais felizes, mais rectos e mais esperançados em si próprios.

No momento em que tal sentimento de desalento se manifesta numa pessoa e quer se ache próximo ou muito afastado da consciência, tentará ela explicá-lo a si própria. Não consegue ver — como faz o analista — em semelhante sentimento o inexorável resultado de um processo. Pelo contrário, considera-o provocado pelos outros ou por si próprio. Invocará muitas vezes ambas as fontes, embora regularmente predomine uma. Quando inculpa o próximo, exibe uma atitude acusadora que pode dirigir-se ao destino em geral, às circunstâncias ambientais ou a certas pessoas, parentes, mestres, cônjuge, médicos. Como já por várias vezes assinalámos, as exigências neuróticas em relação ao próximo devem em grande parte compreender-se desse ponto de vista. Sucede

como se o pensamento do neurótico fosse, aproximadamente, este: *Dado que todos vós sois responsáveis pelo meu sofrimento, o vosso dever é ajudar-me e tenho direito a esperá-lo.* Na medida em que tender a encontrar em si a fonte de todos os seus males, sentirá merecer a sua infelicidade.

De quanto vimos dizendo sobre a tendência do neurótico para culpar o próximo poderia extrair-se uma conclusão errada, interpretando as nossas palavras como se as acusações daquele fossem injustificadas. Na realidade, possui boas razões para incriminar o mundo, pois, na infância sobretudo, foi objecto de um tratamento desleal. Mas existem nas suas imputações evidentes elementos neuróticos, uma vez que elas tendem a substituir todo o esforço construtivo dirigido a fins positivos, apresentando-se, geralmente, cega e indiscriminadamente. Daí poder o neurótico dirigi-las a pessoas, as quais inclusive desejam ajudá-lo, e sentir-se ao mesmo tempo incapaz de possuir e exprimir recriminações contra quantos o tenham realmente prejudicado.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

XIII

SENTIMENTOS NEURÓTICOS DE CULPA

Os sentimentos de culpa parecem desempenhar um papel capital no quadro manifesto das neuroses. Exprimem-se em algumas de forma declarada e intensa, mas encontram-se disfarçados noutras, embora a sua presença se traduza no comportamento, nas atitudes e na maneira de pensar e reagir. Começaremos por expor brevemente as diversas manifestações que indicam a existência de tais sentimentos.

Como dissemos no capítulo anterior, o neurótico inclina-se muitas vezes a explicar os seus sentimentos pela convicção de não merecer melhor sorte. Este sentimento pode ser incerto ou indefinido ou fixar-se em ideias e actividades socialmente vedadas, como a masturbação, os desejos incestuosos e de morte em relação a familiares. Tais pessoas costumam sentir-se culpadas em face do mais leve motivo. Assim, ao saberem que alguém se interessa por elas, a primeira reacção será esperar acusações por algo que teriam cometido; quando os amigos não

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

os visitam ou não lhes escrevem durante algum tempo, perguntam-se se porventura os terão ofendido; quando algo corre mal, imediatamente pensam haver sido por culpa delas. Embora outros sejam notòriamente culpados e os tenham submetido a maus tratos, persistem na mesma atitude de auto-acusação. Em qualquer conflito de interesses ou qualquer polémica propendem a aceitar cegamente as razões alheias.

Só um variável e incerto limite separa estes latentes sentimentos de culpa, prontos a manifestar-se no momento mais oportuno, dos designados por sentimentos inconscientes de culpa, postos em evidência pelos estados depressivos. Tais sentimentos assumem a forma de auto-acusações muitas vezes fantásticas ou, pelo menos, grosseiramente exageradas. A existência de sentimentos flutuantes de culpa, em relação aos quais se torna necessário exercer domínio constante, traduz-se ao mesmo tempo nas contínuas tentativas do neurótico de se justificar perante si próprio e os outros, ou especialmente se não é reconhecido o enorme valor estratégico de semelhantes esforços.

Os sentimentos difusos de culpa também se descobrem através do temor neurótico de se ser desmascarado e reprovado. Nas suas discussões com o analista, o neurótico poderá conduzir-se como se a relação entre ambos fosse a de criminoso e juiz, criando assim sumos obstáculos a uma cooperação. Toma como crítica qualquer interpretação proposta e, se, por exemplo, a análise lhe demonstra que atrás da sua angústia latente se esconde uma atitude defensiva, não hesitará em responder: «Já

sabia que sou um cobarde». Se o analista lhe explica que ele se não atreve a aproximar-se das pessoas por medo de ser rejeitado, culpar-se-á, interpretando a observação como se ela quisesse dizer que evitou correr riscos. A tendência compulsiva para a perfeição origina-se em grande medida na necessidade de prevenir qualquer censura.

Finalmente, o neurótico pode sentir-se mais feliz e inclusive perder certos sintomas quando lhe ocorre uma adversidade: revezes de fortuna ou acidentes. A observação destas reacções, assim como a circunstância de, por vezes, o neurótico parecer dispor ou promover os infelizes acontecimentos que lhe sucedem (embora inconscientemente), induzem-nos a aceitar sofrer o doente tão poderosos sentimentos de culpa que, a fim de os aliviar, desenvolve em si uma urgência de castigo.

Parecem pois existir abundantes testemunhos da presença de sentimentos de culpa particularmente agudos no neurótico e ainda do império que exercem sobre a sua personalidade. Não obstante esta aparente revelação, cabe perguntar se os sentimentos conscientes de culpa são no neurótico realmente genuínos e se as atitudes sintomáticas que sugerem a existência de sentimentos inconscientes de culpa não consentiriam outra interpretação. De facto, muitas são as razões que sustentam tais dúvidas.

Os sentimentos de culpa (como os de inferioridade) de modo algum suscitam desagrado no neurótico. Muito longe de procurar eliminá-los, insiste em que é culpado e opõe-se veementemente a qualquer intento de o exone-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

rar. Esta atitude basta para indicar que, subjacente à sua convicção subjectiva de culpa, outra tendência ocupando uma função importante deve existir nos sentimentos de culpa (tal como nos de inferioridade).

Outro factor deve ser igualmente considerado. É doloroso sentir-se uma pessoa honestamente arrependida e envergonhada por alguma coisa, e mais penoso ainda confessar a alguém este sentimento. O neurótico, mais do que ninguém, resistirá a proceder assim devido ao seu temor à reprovação; ao invés, não vacilará em exprimir livremente os sentimentos que designámos de culpa.

Além disso, as auto-acusações, que tão amiúde se interpretam como sentimentos inconscientes de culpa, caracterizam-se por elementos a todos os títulos irracionais. O neurótico tende a apelar para a mais extrema irracionalidade, desde grosseiros exageros até à mais flagrante fantasia, e não só nas suas auto-acusações específicas como ainda nos sentimentos difusos de não ser credor de qualquer amabilidade, elogio ou êxito.

Outro factor demonstrativo de as auto-acusações não constituirem necessàriamente expressões de culpa reside no facto de que, no seu inconsciente, o neurótico não está convencido de ser por completo inútil e indigno. Inclusive quando dá a impressão de estar dominado por sentimentos de culpa, pode ressentir-se profundamente se o próximo se mostra inclinado a tomar a sério as suas auto-acusações.

Estas observações levam-nos a um último factor, apontado por Freud ao estudar as auto-acusações na me-

lancolia (1); a contradição entre os sentimentos de culpa manifestos e a falta de humildade que lògicamente deveria acompanhá-los. Ao mesmo tempo que proclama aos quatro ventos a sua indignidade, o neurótico alberga e exibe grandes exigências de respeito e consideração, manifestando grandes reticências a aceitar a mais ligeira crítica. Tal discordância pode traduzir-se com evidência, como no caso de uma mulher que se sentia responsável por qualquer crime anunciado nos jornais — chegando até a culpar-se por quantos falecimentos ocorressem na sua família — mas que, esgotada por um súbito ataque de ira, desmaiou quando uma irmã, em termos cordatos, a criticou por exigir excessiva consideração. Esta contradição nem sempre é porém tão perceptível, e existe na realidade com muito maior frequência do que parece à primeira vista. O neurótico pode confundir a sua atitude auto-acusadora com uma sã posição de lucidez a respeito de si próprio. A sua receptividade às críticas é susceptível de se disfarçar sob a convicção de ser capaz de perfeitamente as tolerar desde que formuladas amistosa ou construtivamente. Mas tal convicção é apenas um véu e não suporta a prova dos factos. Inclusive os conselhos mais cordiais são recebidos com furor e raiva, pois qualquer conselho implica para o neurótico a censura por não ser inteiramente perfeito.

---

(1) Sigmun Freud, *Mourning and Melancholia* («Lamentação e Melancolia»), em *Collected Papers*, vol. 4, pp. 152-170, Psychoanalytischer Verlag. Karl Abraham, *Versuch einer Entwickungsgeschichte der Libido* (ensaio de uma História do Desenvolvimento do Líbido»), Psychoanalytischer Verlag.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Por esta forma, se examinarmos em pormenor e procurarmos estabelecer o verdadeiro carácter dos sentimentos de culpa, verificaremos que muitos que aparentam sê-lo apenas representam expressão da angústia ou defesa contra ela. O que, em parte, também vale para o homem normal. Assim, na nossa cultura considera-se mais nobre temer a Deus do que aos homens, ou, dito em termos profanos, valoriza-se mais a abstenção de fazer algo ditado por motivos de consciência do que pelo temor a ser-se descoberto. Muitos maridos que, por motivos de consciência, fingem ser fiéis na vida conjugal são-no na verdade por receio das mulheres. No neurótico, a angústia é tão intensa que, muito mais correntemente do que o indivíduo normal, se vê impelido a disfarçá-la com sentimentos de culpa. Ao contrário daquele, não só receia as suas consequências como também prevê outras — claramente desproporcionadas à realidade. A índole destas consequências antecipadas depende da situação respectiva. Assim, pode estar dominado por um exagerado medo de castigos iminentes, vinganças, abandonos, ou acaso os seus temores assumem um carácter totalmente vago e difuso. Mas, qualquer que seja a sua natureza, todas as apreensões possuem um traço comum: estão vinculadas num sentido determinado que em grandes traços podemos qualificar como medo da reprovação ou, se este chega a transformar-se numa convicção, como temor a ser-se desmascarado.

O temor da reprovação é assaz comum nas neuroses. Quase todos os neuróticos, embora pareçam à primeira vista muito seguros de si e indiferentes às opiniões

alheias, se encontram dominados por excessivo temor ou por hipersensibilidade às censuras, por medo de serem criticados, acusados ou desmascarados. Apontámos já que esta apreensão das censuras costuma ser interpretada como indício de subjacentes sentimentos de culpa; por outras palavras, é considerada consequência deles. A observação crítica duvidará porém de tal opinião, pois, na análise, sucede tornar-se às vezes a um neurótico extremamente difícil falar acerca de determinadas experiências ou pensamentos — por exemplo, quantos se reportam a desejos de morte, masturbação, desejos incestuosos — pelo facto de se sentir ou julgar sentir-se culpado deles. Estes «sentimentos de culpa» desaparecem quando, não encontrando qualquer censura, o neurótico adquire suficiente confiança para os relatar. O neurótico sente-se culpado porque, como consequência das suas angústias, depende ainda mais do que outros da opinião pública e, ingènuamente, confunde-a com a sua própria. No restante, contudo, a sua sensibilidade geral à reprovação permanece inalterada, embora os sentimentos específicos de culpa, uma vez resolvido a comunicar as experiências que os provocaram, se desvaneçam. Isto leva-nos a concluir que os sentimentos de culpa não constituem a causa mas o resultado do temor à reprovação.

Examinaremos agora algumas das suas manifestações, em face da importância que apresenta para a compreensão dos sentimentos de culpa.

O temor desproporcionado da reprovação é susceptível de ser cegamente estendido a todos os seres humanos

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

ou abarcar apenas os amigos — e apesar de o neurótico aparecer normalmente incapaz de diferenciar com nitidez amigos e inimigos. Inicialmente apenas se refere ao mundo exterior, e em maior ou menor grau vincula-se sempre com a reprovação do próximo; mas pode também chegar a interiorizar-se. Quanto mais isso suceda, mais se produzirá a importância outorgada à reprovação exterior, e mais aumentará aquela que o sujeito a si próprio se confere.

O medo da reprovação pode verificar-se por variadas maneiras. Traduz-se às vezes em constante receio de incomodar; o neurótico terá medo de aceitar um convite, discordar de alguma opinião, exprimir qualquer desejo, transgredir as normas estabelecidas ou, sob qualquer forma, chamar a atenção. Pode manifestar-se também como um persistente temor a que os outros descubram algo a seu respeito e, ainda quando se sinta estimado, tenderá a fincar-se em si próprio a fim de impedir a possibilidade de ser desmascarado ou repudiado; é igualmente susceptível de se cifrar num excessivo pudor em dar a conhecer algo da sua vida privada, ou numa desmedida irritação em face de qualquer pergunta inocente que se lhe refira, pois sente que, com ela, alguém procura imiscuir-se nos seus assuntos.

O temor da reprovação é um dos principais factores que fazem da análise um processo difícil para o analista e penoso para o doente. Por distintas que sejam as análises individuais, têm todas em comum a circunstância de o doente, buscando embora a ajuda do analista e desejando chegar a uma compreensão, se ver simultâneamente obrigado a repudiá-lo como ao mais perigoso dos intrusos. É este temor que induz ao mesmo tempo o doente a comportar-se como um réu perante um juiz e a sentir, tal como aquele, a tenaz determinação de negar e confundir tudo. Esta atitude é susceptível de se apresentar nos sonhos na forma de se ver obrigado a confessar e a sofrer por isso os piores tormentos. Um doente nosso, numa altura em que estávamos prestes a descobrir algumas das suas tendências reprimidas, teve, acordado, uma divagação muito significativa a este respeito. Imaginava ver uma criança que, de vez em quando, se refugiava numa ilha maravilhosa. Ali se incorporava numa comunidade regida por uma lei proibindo a revelação da existência da ilha e impondo a pena de morte a todo o intruso. Uma pessoa querida pela criança, a qual num aspecto diferente do real representava o analista, encontrou o caminho da ilha e devia ser morta em conformidade com a citada lei. A criança conseguiu salvá-la, jurando por sua vez jamais regressar a esse território. Artisticamente formulado, foi este o conflito que, do princípio ao fim da análise, se manifestou de um ou outro modo; um conflito entre o afecto e o ódio em relação ao analista, por este se atrever a intervir nos seus ocultos pensamentos e sentimentos; um conflito entre os impulsos do doente para lutar em defesa dos seus impulsos e a necessidade de os abandonar.

Poderia porém perguntar-se: por que se preocupa tanto o neurótico com a perspectiva de ser desmascarado e censurado, se o seu medo da reprovação não obedece aos sentimentos de culpa?

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

O factor capital do medo da reprovação é o profundo desfasamento entre a fachada (1) que o neurótico exibe como própria e todas as tendências reprimidas que atrás dela se encobrem. Apesar de sofrer, inclusive mais de quanto compreende, por não se sentir em paz consigo próprio e pelas simulações que deve manter a todo o custo, é-lhe preciso resguardar enèrgicamente estas últimas: representam as únicas defesas que possui contra a ameaçadora angústia. Se reconhecermos que aquilo que deve esconder constitui o fundamento do seu medo da reprovação, compreenderemos melhor por que não o liberta de tal temor a desaparição de certos «sentimentos de culpa». Muito mais será preciso para o atingir. Em termos claros, é toda a insinceridade da sua personalidade ou, melhor, da porção neurótica dela quem é responsável pelo seu medo da reprovação. E é esta insinceridade que o neurótico realmente teme.

No que se reporta ao conteúdo peculiar dos seus segredos, o neurótico tenta, mais do que tudo, disfarçar a soma total do que abarca a palavra «agressão». A qual não inclui apenas a hostilidade reactiva — irritação, desejos de vingança, inveja, impulsos para humilhar e outros análogos — mas também todas as secretas exigências dirigidas em relação ao próximo. Como já as examinámos em pormenor, bastará agora repetir sintèticamente que o neurótico não quer firmar-se sobre os próprios pés, nem tão-pouco fazer esforços para alcançar por si próprio aquilo que deseja; pelo contrário, insiste contìnuamente em viver à custa alheia, ora dominando o próximo, ora servindo-se dele mediante o afecto, o «amor» ou a submissão. Mal são tocadas as suas reacções hostis ou as suas exigências, produz-se angústia — não porque se sinta culpado mas por ver em perigo as possibilidades de obter o apoio de que necessita.

(1) Correspondendo ao que C. G. Jung chama a *persona*.

Em segundo lugar, deseja manter oculta a medida da sua fraqueza, insegurança e falta de defesas, a medida da sua incapacidade de se afirmar por si próprio e da angústia que experimenta. Por tal razão exige uma fachada de aparente energia; mas, quanto mais os seus desejos particulares de segurança se concentram na dominação do próximo, quanto mais se vincula ao poder o seu orgulho, com tanto maior profundidade se despreza. Não só percebe significar a fraqueza um risco como ainda a julga desprezível, em si mesmo e no próximo, não hesitando em considerar fraqueza qualquer insuficiência — quer consista em não ser senhor em sua casa, na incapacidade de superar os obstáculos que em si próprio encontra, na necessidade de aceitar ajuda alheia ou, inclusive, no facto de estar tomado pela angústia. Dado que despreza radicalmente toda a «fraqueza» em si, e porque não pode deixar de crer que os outros, se a descobrirem, também a desprezarão, realiza grandes esforços para a esconder. Mas continua subjugado pelo constante temor de cedo ou tarde ser desmascarado; daí a sua permanente angústia.

Estes sentimentos de culpa, com as auto-acusações que os acompanham, não são apenas o resultado — e não a causa — do medo da reprovação. Representam ao

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

mesmo tempo uma defesa contra ele. Cumprem para o sujeito a dupla missão de induzir os outros a acarinhá-lo e de confundir os verdadeiros termos do problema. Conseguem esta última finalidade distraindo a atenção do que é preciso encobrir ou manifestando-se por forma tão exagerada que deixam de parecer sinceros.

Dois exemplos chegarão para iluminar muitos outros. Certo dia, um doente acusou-se amargamente de ser ingrato, de representar uma carga para o analista, de não apreciar suficientemente a circunstância de este o tratar com honorários reduzidos. Mas, no final da sessão, confessou haver-se esquecido do dinheiro que se propunha pagar-lhe nessa ocasião. Isto constituía apenas uma das muitas provas da sua vontade de obter tudo a troco de nada. Aqui, como noutras situações, copiosas e generalizadas auto-acusações preenchiam a função de obscurecer o problema real.

Uma mulher inteligente e adulta sente-se culpada de acessos de ira que teve durante a infância, apesar de saber intelectualmente haverem eles sido provocados pelo comportamento irracional dos pais e de entretanto se ter libertado da crença segundo a qual os pais estão acima de qualquer censura. No entanto, os sentimentos de culpa a esse respeito continuavam tão intensos que tendia a atribuir a um castigo pela hostilidade que dirigira contra os pais o seu fracasso em estabelecer relações eróticas com os homens. Imputando a uma ofensa infantil a sua actual incapacidade de criar tais vínculos, conseguia esconder os factores que verdadeiramente intervinham: a sua própria hostilidade em relação aos homens

e o seu ensimesmento como consequência de temor ao repúdio.

As auto-acusações não protegem apenas contra o medo da reprovação. Reconfortam também o sujeito, pois o próximo sente-se obrigado a dissuadi-lo da sua pretensa culpabilidade, e mesmo quando não intervém outra pessoa oferecem ainda um outro conforto. Levantam o auto-apreço do neurótico, demonstrando-lhe possuir um sentido moral tão agudo que se incrimina a si próprio por faltas que os outros deixam passar — sentindo-se desta forma uma pessoa realmente admirável. Também lhe proporcionam certo alívio, já que por via de regra não tocam o real motivo do descontentamento consigo próprio, deixando assim as portas abertas para uma secreta crença de, ao fim de tudo, não ser tão mau como parece.

Antes de expormos outras funções das tendências auto-acusadoras, examinaremos os outros meios de que o indivíduo dispõe para evitar a reprovação dos seus semelhantes. Uma defesa directamente oposta à auto-acusação — mas que desempenha idêntico propósito — consiste em evitar todas as críticas, considerando-se sempre com razão e sendo em tudo perfeito. Não deixa assim qualquer ponto vulnerável a semelhantes críticas. Onde prevalece este tipo de protecção, todo o comportamento, por mais flagrantemente equivocado que seja, justificar-se-á com uma profusão de sofismas intelectuais dignos do mais hábil e inteligente dos advogados. Tal atitude pode eventualmente chegar ao ponto de lhe impor uma iniludível necessidade de ter razão ainda nos mais insigni-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

ficantes e triviais pormenores — por exemplo, nunca se enganar quanto ao tempo que faz —, pois o equívoco em qualquer pormenor expõe estas pessoas ao perigo de estarem totalmente erradas. Geralmente, as pessoas deste tipo tão-pouco são capazes de suportar a menor diferença de opinião, nem sequer uma discrepância na ênfase emocional prestada a qualquer coisa; no seu pensamento, até a mais ínfima discordância equivale a uma crítica. Semelhantes tendências explicam em grande parte o fenómeno chamado «pseudo-adaptação», observável em pessoas que, apesar de sofrerem uma grave neurose, conseguem manter, segundo o seu próprio juízo (por vezes também segundo o alheio), uma aparência de serem «normais» e de se encontrarem bem adaptadas. Nos neuróticos deste tipo, é possível predizer, com quase absoluta segurança, que têm terrível medo de serem desmascarados ou reprovados. Um terceiro recurso, mediante o qual se torna possível uma preservação das críticas, é o refúgio na ignorância, na doença e na carência de defesas. Nítido exemplo disto ofereceu uma rapariga francesa que tratámos na Alemanha, uma das raparigas já mencionadas que nos mandaram na presunção de serem atrasadas mentais. Durante as primeiras semanas da análise chegou a fazer-nos duvidar da sua capacidade intelectual, pois, mau grado o cabal domínio da língua alemã, não compreendia nada do que lhe dizíamos. Dois factores vieram finalmente esclarecer a situação: teve sonhos em que o nosso consultório aparecia como um cárcere ou como o consultório de um médico que a submetera a um exame físico. Os dois sonhos revelavam

a sua angústia de ser descoberta ou desmascarada — no segundo, pelo facto de qualquer exame físico a aterrorizar. O outro factor foi um incidente da sua vida consciente. Esquecera-se em determinada data de apresentar o passaporte às autoridades, como mandava a lei; quando finalmente o foi apresentar, simulou não entender o alemão, esperando escapar assim ao castigo, atitude que nos contou entre risos. Reconheceu imediatamente que por idênticos motivos estava a empregar a mesma táctica connosco. A partir deste momento, mostrou ser uma rapariga muito inteligente. Apenas se havia refugiado atrás da ignorância e da estupidez a fim de escapar ao perigo de ser acusada e castigada.

Em princípio, esta é a táctica utilizada por quem se sente e actua como uma criança irresponsável e brincalhona que não deve ser levada a sério. Alguns neuróticos assumem permanentemente esta atitude ou, ainda quando não se comportam infantilmente, podem não tomar a sério tudo quanto se refira aos próprios sentimentos. A função de semelhante atitude observa-se também na análise, onde certos doentes, quando em vias de dever reconhecer tendências agressivas, se sentem sùbitamente inermes ou procedem como crianças que apenas desejam ser protegidas, amparadas e queridas ou têm sonhos em que se vêem pequenos e desvalidos, no ventre da mãe ou abraçados a ela.

Se a ausência de defesas se manifesta ineficaz ou não é aplicável em determinada situação, as doenças são susceptíveis de preencher o mesmo propósito. É bem sabido poderem estas servir de escapatórias para as difi-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

culdades da vida prática. Ao mesmo tempo, o neurótico vale-se delas contra a compreensão de ser o seu medo que o obriga a fugir de uma circunstância que deveria resolver. Um neurótico que tenha conflitos com o seu chefe porventura se refugiará num grave acesso de indigestão; a incapacidade física criará no sujeito um completo impedimento da sua actividade, isto é, um alibi, evitando assim dever enfrentar a sua cobardia. Daí a conveniência que apresenta (1).

Um último e muito importante expediente defensivo contra toda a espécie de censuras consiste no sentimento de se ser vítima. Sentindo-se enganado, o neurótico ilude a própria tendência para enganar o próximo. Sentindo-se miseràvelmente abandonado, anula as recriminações devidas aos seus apetites de domínio. Sentindo que o próximo não o ajuda em nada, deixa de reconhecer a sua propensão para o prejudicar. Esta táctica é utilizada com tão grande frequência e é alimentada tão eficaz-

(1) Se esse desejo é interpretado como uma necessidade de castigo, como o faz Franz Alexander em *Psychoanalysis of the Total Personality*, («Psicanálise da Personalidade Total»), devida à existência de impulsos agressivos contra os seus superiores, o doente ficará muito satisfeito por poder aceitar tal interpretação, pois, assim, o analista ajuda-o a fugir a enfrentar o facto de que lhe é necessário impor-se, de que tem medo de o fazer e de que está irritado consigo próprio por abrigar esse medo. Dessa forma, o analista apoia a ideia que o doente forjou de si próprio — uma pessoa tão nobre que qualquer desejo malévolo contra os superiores a incomoda violentamente — e reforça assim os impulsos masoquistas pré-existentes, rodeando-os com a auréola de um elevado valor moral.

mente porque, de facto, constitui o mecanismo de defesa mais eficaz — uma vez que permite ao neurótico não só afastar todas as críticas como, simultâneamente, culpar o próximo.

Volvendo agora às atitudes auto-acusadoras, faremos notar que, além de protecção contra o receio de censuras e de facilitarem um positivo reconforto, cumprem o objectivo de impedir que o neurótico verifique a necessidade de se modificar. Em toda a personalidade desenvolvida as modificações são difíceis, mas tal empresa é duplamente penosa para o neurótico: porque encontra maiores dificuldades em aceitar a sua urgência, porque, sendo as suas atitudes a tal ponto impostas pela angústia, se sente mortalmente assustado ante a perspectiva de dever aceitar uma transformação de si próprio, repelindo qualquer conhecimento dessa imperiosa necessidade. Um dos disfarces possíveis radica na crença secreta de que, auto-acusando-se, «salvará a face». Este processo pode observar-se fàcilmente na vida quotidiana, quando uma pessoa lamenta ter feito algo ou deixado de o fazer e portanto quer compensar a sua falta ou abandonar a atitude de responsabilidade através da submersão em sentimentos de culpa. Fazendo-o, afasta a incómoda tarefa de ter de se modificar. É de facto muito mais fácil sentir uma pessoa remorsos do que transformar-se.

Outra forma que permite ao neurótico fechar os olhos à necessidade de se reformar consiste na intelectualização dos problemas reais. Os doentes inclinados a fazê-lo manifestam grande prazer intelectual na aquisição de no-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

vos conhecimentos psicológicos, inclusive referidos a si próprios, mas não vão mais além. Aproveitam tal atitude de intelectualização como medida protectora contra toda a experiência emocional e, por conseguinte, contra a compreensão de deverem submeter-se a uma mudança. Sucede como se se contemplassem a si mesmos e não fizessem senão exclamar: «Que intessante sou!»

As auto-acusações podem também servir para iludir o risco de acusar os outros — é por vezes mais seguro lançar a culpa sobre si próprio. As inibições perante críticas e acusações do próximo, reforçando fàcilmente as tendências auto-acusativas, desempenham nas neuroses um papel tão importante que convirá estudá-las mais detidamente.

Por via de regra, estas inibições possuem antecedentes na história do indivíduo. Assim, uma criança criada numa atmosfera de angústia e ódio, paralelamente a uma diminuição do seu espontâneo auto-apreço, desenvolverá profundos sentimentos acusadores contra o ambiente; mas, se está intimidada, além de se revelar incapaz de os exprimir, nem sequer se atreverá a verificá-los conscientemente. Esta circunstância é em parte devida a um simples medo de castigos e, também, ao medo de perder o afecto alheio de que carece. Tais reacções infantis têm sólidos fundamentos na realidade, pois os pais que produzem semelhante atmosfera, e por virtude da sua própria sensibilidade neurótica, dificilmente suportam críticas. Não obstante, o carácter universal da crença na infalibilidade dos progenitores é um factor específico

da cultura (1). Na nossa, a posição paternal fundamenta-se num podem autoritário que impõe sempre a mais absoluta obediência. As relações domésticas regem-se em muitos casos pela benevolência e os pais não precisam de aplicar o seu poder autoritário, mas, e na medida em que existir semelhante atitude culta, não deixará ela de projectar certas sombras nas relações familiares — por muito que em determinadas circunstâncias permaneça relegada para o fundo dos vínculos familiares.

Quando uma relação se baseia na autoridade, qualquer crítica fica vedada, pois minaria necessàriamente aquela. Pode ser manifestamente proibida, sendo a proibição imposta pelo castigo; ou então, por uma forma mais efectiva, ser antes tácita e decretada sobre fundamentos morais. Em tal caso, a crítica dos filhos não só aparece coarctada pela sensibilidade individual dos pais como ainda pelo facto de estes, imbuídos da atitude cultural segundo a qual é pecado criticar os progenitores, tentarem influir, implícita ou explìcitamente, sobre os filhos no sentido de adoptarem a mesma atitude. Em tais condições, uma criança pouco intimidada acaso experimentará certos sinais de rebelião, mas sentir-se-á culpada por eles. Pelo contrário, uma mais amedrontada não se arriscará a evidenciar o menor ressentimento e acabará por nem sequer ousar pensar que pais pudessem estar enganados. Mas nem por isso deixa de sentir

(1) A este respeito, e em vista do que se segue, consulte-se o citado estudo de Erich Fromm, em *Autorität und Familie*, editado por M. Horkheimer.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

dever estar alguém errado — e chega assim à conclusão de que, assistindo sempre razão aos pais, será ela a culpada. Supérfluo é dizer que este processo não é por via de regra intelectual mas afectivo e que aparece determinado pela angústia e não pelo pensamento.

A criança começa assim a sentir-se culpada ou, mais exactamente, desenvolve tendência para buscar e encontrar defeitos em si mesma, em lugar de cotejar serenamente as duas partes e considerar objectivamente a situação familiar. As censuras podem levá-la a sentir-se mais inferior do que culpada, mas a distinção entre estes dois sentimentos é flutuante: dependem por completo da importância implícita ou explícita que no ambiente se atribui à moral. A propósito duma rapariga subordinada à irmã e que por medo se submeta aos mais injustos tratos, afogando as acusações que na realidade lhe dirige pode chegar a dizer-se justificar-se tão injusto tratamento pela sua inferioridade em relação a ela (por ser menos formosa ou menos inteligente) — ou considerá-lo até legítimo porque ela própria se julga má. Nos dois casos, atribuir-se-á as culpas, em vez de compreender que é objecto de uma injustiça.

Este tipo de reacção não persiste necessàriamente; pode modificar-se se não se encontra profundamente arreigado, se se alteram as condições do meio ou se a criança conhece pessoas que a apreciem realmente ou emocionalmente e que a apoiem. Mas, não sobrevindo tal mudança, a tendência para transformar as acusações em auto-acusações reforça-se com o tempo. Simultâneamente, o ressentimento contra o mundo nutre-se cada vez

mais a partir de várias fontes, crescendo também o temor a exprimi-lo, em virtude do progressivo medo de ser desmascarada e da presunção de que os outros devem manifestar idêntica hipersensibilidade.

No entanto, o reconhecimento da origem histórica de uma atitude não basta para a explicar. Tanto prática como dinâmicamente, apresenta assaz maior importância estabelecer quais os reais factores que a impelem. Na personalidade neurótica do adulto diversos factores determinam a extraordinária dificuldade que encontra em criticar e acusar o próximo.

Esta incapacidade constitui antes de mais uma das expressões da sua carência de espontânea auto-afirmação. A fim de a entendermos, bastará compará-la com a maneira por que as pessoas sãs da nossa cultura sentem e actuam quando fazem e formulam acusações — ou, em termos mais gerais, no ataque e na defesa. A pessoa normal é capaz de sustentar a sua opinião numa polémica, rejeitar acusações, insinuações ou imposições injustificadas, rebelar-se interior ou exteriormente contra o desprezo ou o engano, resistir a um pedido ou a uma oferta se não lhe agradam e se a situação dada lhe consente negar-se a cumpri-los. Tem a capacidade de sentir e exprimir críticas e acusações e, se o julgar necessário, retirar-se ou repelir os outros. Acha-se apta a defender-se e atacar sem sofrer uma tensão emocional desproporcionada e a seguir o caminho médio entre as auto-acusações e uma agressividade exagerada que a precipitaria em insólitas e violentas acusações contra o mundo. Este feliz termo médio pode ùnicamente surgir com base em

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

condições que, em maior ou menor grau, não se verificam nas neuroses: uma certa ausência de hostilidade inconsciente e difusa e um auto-apreço relativamente sólido.

Se falta tal auto-afirmação espontânea, será sua inevitável consequência o sentimento de fraqueza e de ausência de defesas. Quando uma pessoa sabe — talvez sem nunca haver pensado nisso — que pode atacar ou defender-se quando necessário, decerto se sentirá forte, e sê-lo-á de facto. Ao invés, um indivíduo consciente de serem maiores as probabilidades de não poder fazê-lo é e sente-se fraco. Ainda quando enganamos com êxito a nossa consciência, registamos matemàticamente a razão por que fugimos a uma disputa: temor ou prudência. Para o neurótico, pelo contrário, a verificação da sua debilidade constitui uma perpétua e secreta fonte de cólera. Muitas depressões começam após o sujeito se haver visto incapaz de defender argumentos ou formular uma opinião crítica.

Outro importante impedimento das críticas e das acusações vincula-se directamente à angústia básica. Quando uma pessoa sente ser o mundo exterior hostil e estar inerme frente a ele, parecer-lhe-á verdadeira ousadia incorrer em qualquer risco, por leve que seja, de molestar alguém. O neurótico sente este perigo com muito maior intensidade, e quanto mais se funde o seu sentimento de segurança no afecto alheio, tanto mais temerá perdê-lo. Para ele, importunar apresenta uma comotação totalmente distinta da que se verifica na pessoa normal. Porque as suas próprias relações com o

próximo são frágeis e fracas, não consegue convencer-se de que possam ser melhores as deste com ele. Sente por isso implicar a menor ofensa dirigida contra o outro o perigo de uma ruptura definitiva e teme ser abandonado, desprezado ou odiado sem remédio. Ao mesmo tempo, aceita consciente ou inconscientemente estarem os outros tão atemorizados como ele e manifestarem idêntico pavor de serem descobertos e criticados: tende portanto a tratá-los com a mesma consideração com que quereria ser tratado. A sua extrema apreensão ao formular e, inclusive, ao sentir acusações precipita-o num dilema particular, pois, como já dissemos, encontra-se inçado de ressentimentos acumulados. Quem por experiência conheça o comportamento neurótico sabe perfeitamente poderem apresentar-se muitas acusações veladamente ou mais aberta e agressivamente. Não obstante, afirmamos padecer o neurótico de uma essencial timidez frente a críticas e acusações. Nessa medida valerá a pena examinar brevemente as circunstâncias nas quais elas são susceptíveis de se exteriorizar.

Podem exprimir-se sob o império do desespero ou, mais especìficamente, quando o neurótico sente que nada perderá com elas porque, em qualquer caso e seja qual for a sua conduta, está rejeitado ou repudiado. Tal ocasião surge, por exemplo, quando os seus especiais esforços para ser amável e delicado não encontram resposta imediata ou são menosprezados. A duração do desespero decidirá se tais acusações hão-de descarregar-se explosivamente, numa só cena crítica, ou se perdurarão por algum tempo. O neurótico pode lançar

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

aos outros, numa só crise, quanto desde há muito acumulou contra eles — ou estender as suas inculpações por períodos mais largos de tempo. Na realidade, se pensa no que diz e confia em que os outros o tomem a sério, alimenta contudo a secreta esperança de que entendam o seu desespero e por isso lhe perdoem. Embora não intervenha aí o desespero, algo semelhante se produz também quando as recriminações concernem pessoas que o neurótico odeia conscientemente ou de quem não espera nada bom. Noutra condição, que discutiremos agora, até este elemento de sinceridade falta.

O neurótico, se percebe que é ou está em vias de ser desmascarado e acusado, pode, com maior ou menor violência, conduzir-se por forma acusadora. Sente-se numa posição crítica e efectua um contra-ataque, como um animal, cobarde por natureza, que ataca quando se vê ameaçado. Assim, os doentes frequentemente dirigem as mais iracundas acusações ao analista quando experimentam mais medo de que descubra algo neles ou quando tenham cometido algo cuja condenação pelo analista receiem.

Diferentemente das acusações feitas em estado de desespero, os ataques desta espécie são lançados cegamente; o neurótico formula-os sem a menor convicção de haver razão, pois surgiram da profunda necessidade de repelir um perigo imediato, sem atender aos meios utilizados. Embora possam acidentalmente conter censuras que o sujeito julgue verdadeiras, são em geral ataques exagerados e fantásticos. No mais fundo do seu ser, o neurótico não crê neles e, não esperando ser levado a

sério, é o primeiro a surpreender-se se os outros o fazem: por exemplo, quando se dispõem a uma discussão formal ou se sentem feridos.

Uma vez compreendido o medo à acusação, inerente à estrutura neurótica, e apreendidas ainda as maneiras por que este temor se pode superar, entenderemos a superficial contraditoriedade que o quadro apresenta a este respeito. O neurótico é muitas vezes incapaz de formular uma crítica justificada, embora se ache saturado das mais fortes acusações. Sempre que perde qualquer coisa, pode convencer-se de que a criada o roubou, mas será incapaz de a acusar ou de sequer a admoestar por nesse mesmo dia não ter feito o jantar a horas. As incriminações que chega a exteriorizar têm um certo carácter irreal, não são precisas, por vezes são falsas, são injustificadas ou inclusive perfeitamente fantásticas. Na análise, pode contemplar o analista com as mais arbitrárias inculpações de que ele o está arruinando economicamente — mas, em contrapartida, será incapaz de expor uma opinião sincera contra a qualidade dos cigarros que o analista fuma.

Estas formulações manifestas das acusações não bastam por via de regra para descarregar todo o ressentimento acumulado no neurótico. Para esse efeito, tem de recorrer a vias indirectas, a meios que lhe permitam traduzir o ressentimento sem ter consciência de que o faz. Uma parte liberta-se inconscientemente; a outra transfere-se das pessoas a quem na verdade respeita para pessoas mais ou menos indiferentes — uma mulher pode repreender a criada quando está irritada com o

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

marido — ou transfere-se então para determinadas circunstâncias ou para o destino em geral. Estas válvulas de segurança não são, em si, privativas das neuroses. O método especificamente neurótico de fazer indirecta e inconscientemente acusações consiste no recurso ao sofrimento. Mercê deste, o neurótico pode apresentar-se perante os seus semelhantes como uma verdadeira censura viva; uma esposa que cai doente porque o marido chega tarde a casa manifesta a sua irritação com muito maior efectividade do que através de uma cena — com vantagem suplementar de aparecer aos próprios olhos uma inocente mártir.

O grau de eficácia com que o sofrimento pode exprimir acusações depende da inibição que em relação a estas mostre o neurótico. Se o seu temor não é excessivamente intenso, o sofrimento poderá demonstrar-se dramàticamente, com censuras manifestas a cujo conteúdo genérico se apropria a fórmula: *Olha como me fazes sofrer*. Esta é, na realidade, uma terceira condição, na qual frequentemente se formulam as acusações, pois o sofrimento fá-las parecer justificadas. Também aqui se verifica uma íntima conexão com os métodos, já antes examinados, para lograr o afecto alheio; o sofrimento acusador serve, simultâneamente, como súplica de piedade e como súplica de favores que reparem os prejuízos sofridos. Quanto maior a inibição em formular acusações, tanto menos demonstrativo o sofrimento, ao ponto de alguns neuróticos nem sequer fazerem notar aos outros a realidade do seu sofrimento. Em suma,

pois, existem as maiores variações na manifestação do sentimento acusador.

Devido ao medo que de todos os lados o acossa, o neurótico flutua constantemente entre acusações e auto-acusações. Uma consequência disso reside na sua permanente e desesperada incerteza sobre se, criticando o próximo ou supondo-se agravado por ele, tem ou não razão. Verifica ou sabe por experiência que as recriminações não são muitas vezes procedentes e ùnicamente se fundam nas suas próprias reacções irracionais. Também isto o impede de reconhecer se se cometem ou não injustiças para com ele, incapacitando-se deste modo de, quando as circunstâncias o aconselhem, assumir uma firme posição de resistência.

O observador tende a aceitar ou a interpretar todas estas manifestações como expressões de sentimentos de culpa particularmente agudizados. Isto não significa que o próprio observador seja neurótico, mas implica que tanto o seu pensamento como o modo de sentir e de pensar do neurótico se encontram submetidos a idênticas condições culturais. Para compreender os factores culturais que ditam a nossa atitude frente aos sentimentos de culpa, seria preciso considerar questões históricas, culturais e filosóficas que em muito excederiam o escopo deste livro. Mas, deixando embora de lado o problema, devemos pelo menos mencionar a influência que o cristianismo exerceu sobre os conceitos morais.

Esta discussão dos sentimentos de culpa pode sintetizar-se nos seguintes termos: quando um neurótico se acusa a si próprio e denuncia sentimentos de culpa

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

de qualquer espécie, a primeira pergunta a colocar não deve ser «De que se sente realmente culpado?» mas «Que funções pode desempenhar esta atitude de auto-acusação?» As principais funções com que temos deparado são as seguintes: expressão de um temor à reprovação; defesa contra tal temor; defesa contra o impulso de acusar o próximo.

Freud, e com ele a maioria dos analistas, inclinando-se a considerar os sentimentos de culpa uma motivação última, reflectem a maneira de pensar característica da sua época. Freud reconhece que os sentimentos de culpa surgem do medo, pois aceita contribuir este para a formação do supereu, por sua vez responsável por aqueles sentimentos. Tende contudo a admitir que as exigências da consciência e os sentimentos de culpa, uma vez estabelecidos, actuam como agentes últimos irredutíveis. Não obstante, aprofundando a análise, compreende-se que, inclusive depois de se haver aprendido a reagir com sentimentos de culpa à pressão da consciência e das normas morais aceites, se esconde atrás desses sentimentos o medo directo das consequências dos nossos actos, embora por modo subtil e indirecto. Uma vez aceite que os sentimentos de culpa não constituem em si mesmos agentes motivadores últimos e primários, será preciso rever certas teorias analíticas baseadas na presunção de que eles — particularmente os de carácter difuso, que Freud aconselhou a chamar sentimentos inconscientes de culpa — possuiriam magna importância na produção das neuroses. Apenas mencionaremos aqui as três teorias mais importantes: a da

«reacção terapêutica negativa», segundo a qual o doente preferiria continuar doente em virtude dos seus sentimentos inconscientes de culpa (1); a do supereu, como estrutura interna que impõe castigos ao próprio sujeito, e a do masoquismo moral, explicando pela necessidade de castigo o sofrimento imposto a si próprio.

(1) Cf. K. Horney, *The Problem of the Negative Therapeutic Reaction* («O Problema da Reacção Terapêutica Negativa»), em «Psychoanalytic Quarterly, 1936, vol. 5, pp. 29-45.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

XIV

O SIGNIFICADO DO SOFRIMENTO NEURÓTICO (O PROBLEMA DO MASOQUISMO)

Como vimos, ao lutar com os seus conflitos, o neurótico sofre muito e, além disso, utiliza o sofrimento como expediente para alcançar certos fins que de outro modo, devido aos dilemas que o tolhem, lhe seria difícil atingir. Ainda que em cada situação isolada possamos verificar as razões pelas quais se recorre ao sofrimento e os objectivos comummente visados, aparece não obstante estranho que o homem se encontre disposto a pagar um tão elevado preço. Pareceria que a disposição para recorrer ao sofrimento e evitar o domínio activo da vida surgiria de uma tendência subjacente que, aproximadamente, poderíamos qualificar de tendência para se tornar mais fraco e não mais forte, mais infeliz e não mais feliz.

Porque semelhante tendência contradiz todas as concepções vigentes sobre a natureza humana, sempre significou para a psicologia e para a psiquiatria um considerável enigma e inclusive um obstáculo. Trata-se com efeito do problema básico do masoquismo. Originà-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

riamente, o termo masoquismo aplicou-se a perversões e a fantasias sexuais em quem se obtém satisfação mediante o sofrimento, sendo-se humilhado, castigado, torturado, violado e escravizado. Freud reconheceu serem tais perversões e fantasias sexuais muito afins das tendências gerais para o sofrimento, isto é, das tendências que carecem de um fundamento manifesto e se classificam sob a epígrafe de «masoquismo moral». Dado que o sofrimento persegue uma função positiva nas fantasias e perversões sexuais, deduziu-se daí estar todo o sofrimento neurótico também determinado pelo desejo de obter satisfação ou, mais simplesmente, desejar o neurótico realmente sofrer. Admite-se também que a diferença entre as perversões sexuais e o chamado masoquismo moral residem apenas no maior grau de consciência que estes impulsos alcançam. Naquelas, tanto a tendência para a satisfação como a própria satisfação são conscientes. No segundo, inconscientes.

A consecução do prazer mediante o sofrimento constitui um difícil problema inclusive nas perversões, mas torna-se ainda mais árduo nas tendências gerais para o sofrimento.

Efectuaram-se múltiplas tentativas de determinação dos fenómenos masoquistas: a mais brilhante é a hipótese do instinto da morte, estabelecida por Freud (1). Sucintamente, esta hipótese afirma a existência de duas

(1) S. Freud, *Beyond the Pleasure Principle* («Para além do Princípio do Prazer»), em «The International Psycho-Analytical Library», n.º 4.

forças biológicas cardiais actuando no homem: o instinto da vida e o instinto da morte. O último, que visa a autodestruição, quando combinado com os impulsos da líbido engendraria os fenómenos masoquistas.

Uma questão do maior interesse cifra-se em saber se a tendência para sofrer é susceptível de se compreender psicològicamente, sem necessidade de recorrermos à biologia. É o que vamos discutir.

Antes de mais, convém rectificar uma má interpretação que consiste em confundir a tendência para o sofrimento com o sofrimento real. Não existe razão alguma para, em face da existência do sofrimento, nos precipitarmos a concluir que também deveria existir a tendência para incorrer neste, provocá-lo ou até a gozá-lo. Assim e por exemplo, não nos é possível seguir Helen Deutsch (1) quando considera o facto de na nossa cultura as mulheres experimentarem dores de parto como prova de, no fundo, sentirem prazer masoquista com elas (embora isso seja evidentemente certo em casos excepcionais). Grande parte dos sofrimentos que ocorrem nas neuroses nada têm a ver com um desejo de sofrer; apenas são consequências inevitáveis dos conflitos existentes, produzindo-se tão simplesmente como o sofrimento provocado pela fractura de uma perna. Nos dois casos a dor aparece independentemente da vontade do sujeito, e nada ganha ele com o seu sofrimento. A angús-

(1) H. Deutsch, *Motherhood and Sexuality* («Maternidade e Sexualidade»), em «Psychoanalitytic Quarterly», vol. 2 (1933), p. 476-488.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

tia manifesta, engendrada pelos conflitos existentes, constitui o exemplo mais frisante — mas não o único — desta espécie de sofrimento nas neuroses. Outras formas de sofrimento neurótico devem também ser assim entendidas — por exemplo, as produzidas pela compreensão do crescente desfasamento entre as capacidades do sujeito e as suas realizações objectivas, pelo sentimento de se encontrar desesperadamente preso em determinados dilemas, pela hipersensibilidade às menores ofensas, pelo desprezo por si próprio devido à neurose. Estas modalidades do sofrimento neurótico, por serem quase imperceptíveis, não são geralmente contempladas quando se aborda o problema na hipótese de que o neurótico deseja sofrer. Perante tão grande erro, não podemos senão admirar-nos com a medida em que os profanos, e até alguns psiquiatras, partilham inconscientemente a atitude depreciativa do neurótico em relação à sua própria neurose.

Excluídos assim os sofrimentos neuróticos não causados por tendências para sofrer, dirijamo-nos agora aos que obedecem a este motivo e ingressam portanto na categoria dos impulsos masoquistas. Colhemos nestes a impressão superficial de o neurótico sofrer em maior grau do que a realidade justificaria. Mais precisamente, parece haver algo que se precipita àvidamente sobre qualquer oportunidade de martírio; que o neurótico consegue mesmo transformar circunstâncias agradáveis em acontecimentos dolorosos; que de modo algum aparece disposto a renunciar ao sofrimento. Mas é mister verificar que semelhante comportamento obedecia em

larga medida às funções que o sofrimento neurótico desempenha na pessoa afectada.

Em quanto se refere a estas funções do sofrimento neurótico, bastará limitarmo-nos a sintetizar o exposto em anteriores capítulos. Sofrer pode assumir para o neurótico o valor de uma defesa directa e, porventura, será muitas vezes a única protecção contra perigos iminentes. Mercê das auto-acusações, evita ser acusado e acusar os demais; quando aparenta doença ou ignorância, ilude as censuras; diminuindo-se, afasta o risco da competição: mas o sofrimento que assim se inflinge a si próprio constitui ainda um meio de defesa. O sofrimento também constitui um recurso para obter o que quer, para realizar eficazmente as suas exigências e sustentá-las em base justificada. No que se reporta aos seus desejos frente à vida, o neurótico acha-se em um dilema. Tais desejos tornaram-se imperativos e incondicionais, em parte por serem impostos pela angústia, e em parte também por não aparecerem coarctados por qualquer consideração em relação aos outros. Mas, por outro lado, a própria capacidade do neurótico em estabelecer exigências está assaz afectada pela sua carência de auto-afirmação espontânea ou, mais genèricamente, pelos seus sentimentos básicos de falta de defesas.

O resultado final deste dilema é aguardar que os outros se encarreguem dos seus desejos. O neurótico produz a impressão de agir na convicção de que o próximo é responsável pela sua vida, e que deve ser inculpado se ela não lhe corre bem. Isto colide com outra sua ideia, a convicção de que ninguém lhe concede

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

nada; e tal conflito vem a redondar em sentir a necessidde de obrigar os outros a satisfazer as suas exigências. É aqui que o sofrimento intervém em seu benefício. O sofrimento e a ausência de defesas constituem, de facto, os primordiais recursos para obter afecto, apoio, domínio sobre si próprio e, ao mesmo tempo, fugir a todas as exigências que pudessem impor-lhe.

Por último, o sofrimento preenche a função, disfarçada mas efectiva, de exprimir recriminações contra os outros. Analisámos este objectivo com certo pormenor no precedente capítulo.

Reconhecidas as funções que ocupa o sofrimento neurótico, o problema clarifica-se consideràvelmente, ainda que não se ache totalmente resolvido. Apesar do alto valor estratégico do sofrimento, existe um elemento favorável à hipótese de que o neurótico quer, realmente, sofrer: decerto sofre muitas vezes mais do que o exigiria a necessidade estratégica; propende a exagerar a sua desgraça, a afundar-se em sentimentos de infelicidade e autodesprezo. Embora saibamos perfeitamente tenderem as suas emoções para o exagero e não lhes dever ser atribuído todo o valor que aparentem, não deixa de impressionar a circunstância de as decepções resultantes de tendências em conflito o precipitarem em um abismo de desgraça, desproporcionada à importância que a situação assumiu para ele. Assim, obtendo apenas relativo êxito, avulta dramàticamente a sua derrota, como uma irremediável infelicidade; não logrando impor-se por forma absoluta, o seu auto-apreço esvazia-se como um balão furado; deparando na análise com a desagradável perspectiva de dever encarar um novo problema, cai no mais profundo desespero. Resta ainda examinar, pois, o motivo que impele o neurótico a exagerar os sofrimentos, a voluntàriamente parecer querer sofrer mais do que é estratègicamente necessário.

Com a utilização deste sofrimento não tem visíveis vantagens a obter, não existe público algum que possa impressionar, nenhuma simpatia a conquistar, sem o íntimo triunfo de vencer o próximo. No entanto, o neurótico alcança um benefício, mas de índole distinta dos citados. Para uma pessoa com ideias tão exaltadas acerca da singularidade própria, torna-se insuportável experimentar um fracasso amoroso ou uma derrota, aceitar uma fraqueza ou um visível defeito. Assim, ao ficar reduzido a nada na sua auto-estima, deixam de funcionar as categorias de triunfo e fracasso, superioridade e inferioridade; ao exagerar as suas dores, fundindo-se em sentimento global de infelicidade e menosprezo, a experiência agravante perde parte da sua realidade e o aguilhão da dor aparece embotado, narcotizado. Actua neste processo um princípio dialéctico que tem implícita verdade filosófica de a certo ponto a quantidade se tornar em qualidade. Concretamente significa que, embora sendo o sofrimento doloroso, a entrega a um sofrimento excessivo pode atenuar a dor.

Encontramos num romance dinamarquês uma magistral descrição deste processo (1). Trata-se de um poeta

(1) Aage von Kohl, *Der Weg durch die Nacht* («O Caminho Através da Noite»).

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

cuja esposa fora vítima de um crime passional. Dois anos atrás pudera aliviar a sua insuportável dor, apercebendo-se só vagamente do que acontecera; para escapar à compreensão do sofrimento, dedicou-se infatigàvelmente, dia e noite, a escrever um livro. O relato começa na data em que o livro terminou, isto é, no momento psicológico em que o autor se vê compelido a enfrentar a situação. Encontrámo-lo pela primeira vez no cemitério, para onde os seus passos o haviam conduzido sem que disso se desse conta. Vemo-lo imerso nas especulações mais fantásticas e horríveis; imagina vermes comendo os mortos, pessoas enterradas vivas e outras ideias semelhantes. Acaba por ficar esgotado e regressa a casa, onde os tormentos continuam. Sente-se assim impelido a recordar com minúcia o que sucedera. Talvez não houvesse crime se tivesse acompanhado a mulher na noite em que fora visitar uns amigos e em que morrera; ou se ela lhe telefonasse para a ir buscar; ou se tivesse ficado mais tempo em casa dos amigos; se, por casualidade, ele fosse dar uma volta e a encontrasse na estação dos eléctricos. Constrangido a imaginar com todos os pormenores a ocorrência do crime, acaba por se fundir em um êxtase de dor e por perder o conhecimento. Até aqui, o romance assume especial interesse para o que temos vindo a examinar. Quanto ao resto, uma vez o protagonista melhor, tem ainda de elaborar o problema da vingança, adquirindo por fim a capacidade de enfrentar a dor por uma forma realista. O processo exposto no romance é o mesmo que encontramos em certas práticas funerárias destinadas a mi-

tigar a dor por uma sua exacerbação, para assim facilitar o seu completo abandono uma vez passado o período de luto.

Reconhecido este efeito neurótico da dor exagerada, será mais fácil admitir que os impulsos masoquistas obedecem a motivos compreensíveis, mas subsiste ainda o problema de saber porque são eles susceptíveis de proporcionar satisfação — como evidentemente acontece nas fantasias e perversões masoquistas, e como suspeitamos também ocorra nas tendências neuróticas para o sofrimento.

Para o resolvermos, será preciso reconhecer os elementos comuns a todas as tendências masoquistas ou, mais exactamente, a atiude básica em relação à vida que a todos subjaz. Examinando-se segundo esta perspectiva, comprova-se sem deixar lugar a dúvidas que o seu denominador comum se radica em certo sentimento de intrínseca fraqueza — sentimento que se exprime por atitudes frente à própria pessoa, frente aos outros ou ao destino em geral. Em síntese, poderemos qualificá-lo de um profundo sentimento de insignificância ou, melhor ainda, de não-importância total. A pessoa sente-se como uma folha arrastada pelo vento, entrega-se ao poder dos outros, sujeita-se passivamente ao seu arbítrio. Sentimento que se manifesta pela tendência a uma excessiva subordinação; pelo exagero defensivo do domínio sobre si próprio e da reticência em ceder aos impulsos; pela dependência do afecto e do juízo alheios, exprimindo-se aquela por uma desmedida necessidade de caridade e este por um irreprimível temor de reprova-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

ções. Além disso, é um sentimento de não caberem ao sujeito quaisquer decisões, confiando-as aos outros com a respectiva responsabilidade, é a convicção de tanto o bem com o mal provirem do exterior, de o indivíduo se encontrar inteiramente inerme perante o destino. Sentimento que se traduz negativamente pela sensação de iminentes desastres, e positivamente pela esperança de que, sem necessidade de mover um dedo, suceda algum milagre. Sentimento de não ser possível respirar, trabalhar ou usufruir algo, sem que os outros ministrem os incentivos, os meios e os objectivos: sentimento, em suma, de se ser barro nas mãos de um escultor. Como compreender, pois, este sentimento de intrínseca fraqueza? Será acaso e em última análise a expressão de uma falta de energia vital? Poderia sê-lo em determinados indivíduos; mas, geralmente, as diferenças de vitalidade entre os neuróticos não são maiores do que no resto das pessoas. Será porventura simples consequência da angústia básica? Indubitàvelmente se relaciona com a angústia; mas, por si só, a angústia pode inversamente impelir a pessoa a desejar e obter maior força e poderio a fim de se sentir segura.

A resposta reside em que, primàriamente, tal sentimento de fraqueza intrínseca não é um facto real: aquilo que se experimenta como fraqueza e parece sê-lo, constitui apenas o resultado de uma inclinação para ela. Este facto pode deduzir-se de características que expusemos: nas ideias que tem a seu próprio respeito, o neurótico majora inconscientemente a fraqueza e insiste tenazmente em sentir-se débil. No entanto, a tendência

para a fraqueza não se descobre apenas dedutivamente. Torna-se muitas vezes possível observá-la em plena actuação. Assim, os doentes podem apegar-se, na sua imaginação, a todas as possibilidades de julgarem possuir uma doença orgânica; por exemplo, um doente nosso, sempre que surgia uma dificuldade, desejava ardentemente ser tuberculoso, estar internado em um sanatório, amparado e tratado pelos outros. Perante uma exigência alheia, o primeiro impulso destas pessoas poderia ser ceder, mas passam imediatamente ao outro extremo e por nenhum preço consentem submeter-se. Na análise, as auto-acusações de um doente constituem geralmente a consequência da adopção como uma opinião pessoal de uma crítica alheia antecipada traduzindo assim a sua tendência a acatar de antemão qualquer juízo estranho. A inclinação a vergar-se cegamente a qualquer declaração autoritária, a apoiar-se em alguém, a fugir sempre das dificuldades com um inerme «não posso», em lugar de as admitir como um desafio à acção, constitui mais um testemunho da profunda tendência para a fraqueza.

Os sofrimentos condensados por tais tendências não proporcionam por via de regra a menor satisfação consciente. Pelo contrário, integram a consciência genérica que o neurótico possui da própria miséria, qualquer que seja o propósito que cumpram. Estas tendências visam não obstante um prazer, ainda que o não alcancem ou, pelo menos, não pareçam alcançá-lo. É às vezes possível observar tal finalidade e, em outras, chega a ser evidente haver sido logrado o objectivo da

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

satisfação. Assim, uma doente que foi visitar uns amigos ao campo, sentiu-se defraudada verificando que ninguém a viera buscar à estação e que alguns deles nem sequer estavam em casa à sua chegada. Até esse momento, dizia, a experiência fora muito dolorosa. Mas sentiu-se depois deslizar para um sentimento de plena desolação e abandono, sentimento cuja enorme desproporção em relação às causas motivantes pouco tempo depois reconheceu. Esta imersão na infelicidade não só atenuou a sua dor, como inclusive a percebeu como positivamente agradável.

O alcance da satisfação é assaz mais frequente e manifesto nas fantasias e perversões sexuais de carácter mazoquista; fantasias de violação, humilhação, escravização, ou a sua efectiva realização. Na verdade, são apenas outras manifestações da mesma tendência geral para a fraqueza. A consecussão de prazer por uma dissolução na infelicidade é expressão do princípio geral pelo qual se obtêm satisfações mediante perda em algo maior do que o indivíduo, aniquilando a personalidade, libertando-se a si próprio, com todas as suas dúvidas, conflitos, dores, limitações e solidão (1). É o que Nietzsche chamou libertação do *principium individuationis*, e o que este pensador designa quando fala da tendência «dionisíaca» — que considera uma das pulsações básicas do ser humano —, oposta à tendência «apolínea», dirigida

(1) Esta explicação do tipo de saitsfação obtida pelo masoquismo é bàsicamente idêntica à sugerida por E. Fromm, *op. cit.*

ao domínio activo da vida. Também Ruth Benedict se refere aos traços dionisíacos ao mencionar as tentativas de provocar experiências de êxtase, apontando como se encontram difundidas tais experiências nas diversas culturas e como são múltiplas as suas expressões.

O termo dionisíaco procede dos ritos gregos de Dionisos. Estes, semelhantemente aos anteriores cultos trácios (1), tinham por objectivo a máxima estimulação de todos os sentimentos, até se atingirem estados de êxtase religioso. Instrumentos para esse efeito eram a música, ritmos uniformes de flauta, delirantes danças nocturnas, bebidas intoxicantes e orgias sexuais, procurando-se assim despertar violenta excitação e o êxtase. (Literalmente, «êxtase» significa estar fora de si ou alheio a si próprio). Em todo o mundo existem costumes e cultos que se ajustam ao mesmo princípio: colectivamente, encontramo-los nos festivais e no êxtase religioso; individualmente, no olvido obtido através de narcóticos. A dor também intervém na produção do estado dionisíaco. Em algumas tribos de índios da planície provocam-se visões mediante jejum, cortando a pessoa um bocado da própria carne, ou fazendo-se amarrar em uma posição dolorosa. Nas danças do Sol, uma das mais importantes cerimónias destas tribos, as torturas físicas constituíam recursos muito usados para a produção do

(1) Erwin Rohde, *Psyche, the cult of souls and belief in immortality among the Greeks* («Psique, o Culto das Almas e a Crença na Imortalidade Entre os Cegos»), 1925.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

êxtase (1). Os flagelantes da Idade Média empregavam o castigo com idêntica finalidade, e os penitentes do Novo México torturam-se com espinhos, com golpes ou carregando pesadas cargas.

Embora semelhantes expressões culturais das tendências dionisíacas de modo algum representem normas habituais na nossa cultura, não nos são, no entanto, inteiramente estranhas. Em certa medida, sabemos todos que «abandonarmo-nos» proporciona satisfação. Sentimo-lo quando adormecemos após um grande esforço físico ou mental, ou fundindo-nos gradualmente na narcose. Idêntico efeito pode ser produzido pelo álcool. Se é certo constituir a perda das inibições um dos principais factores do prazer provocado pelo álcool, e outro o entorpecimento da aflição e da angústia, também aqui a satisfação última é o olvido e o abandono. E poucas pessoas não conhecem o prazer da entrega a um forte sentimento, seja o amor, a natureza, a música, o entusiasmo por uma causa ou o abandono sexual. Como explicar, pois, o carácter aparentemente universal destas tendências?

Apesar de toda a felicidade que a vida pode oferecer, ela encontra-se ao mesmo tempo prenhe de iniludível tragédia. Embora nenhum sofrimento particular nos incomode, permanecem sempre os factos inexoráveis da velhice, de doença e da morte. Mais genèricamente, não é possível separar da vida humana o facto de estar o

(1) Leslie Spier, *A Dança do Sol nos Índios das Planícies: Sua Origem e Difusão*, em «Antropological Papers of the American Museum of Natural History», N. Y., 1921, vol. 16, VII parte.

indivíduo limitado e isolado: limitado no que lhe é dado compreender, alcançar ou usufruir; isolado, enquanto é um ente singular, separado dos seus congéneres e da natureza englobante. São justamente esta limitação e este isolamento individual que a maioria das tendências culturais para o esquecimento e o abandono tenta superar. Encontramos nos Upanishadas a expressão mais perfeita e mais bela deste desejo, nessa imagem dos rios que confluem e que, desaparecendo no oceano, perdem o seu nome e a sua forma. Dissolvendo-se em algo que o excede e incorporando-se em uma maior realidade, o indivíduo vence em certa medida as suas próprias limitações e, na fórmula dos Upanishadas: *Desvanecendo-nos no nada, participamos do princípio criador do Universo.* Parece ser esta a grande consolação e a maior gratificação que as religiões podem dar ao homem — o qual, perdendo-se, chega à comunhão com Deus ou com a Natureza. A devoção a uma grande causa pode proporcionar satisfação análoga: entregando-se-lhe, o indivíduo sente-se comungar com uma entidade maior.

Na nossa cultura predomina uma atitude oposta, qual é a do indivíduo frente a si próprio, a valorização das próprias peculiaridades e singularidades. De facto, o homem actual está imbuído do sentimento de ser o seu próprio ou uma realidade isolada, distinta e oposta ao mundo exterior. Não só insiste nesta individualidade como tira grande satisfação dela; encontra felicidade manifestando as suas capacidades específicas, dominando-se a si próprio e no mundo mediante uma activa luta, sendo construtivo e realizando um trabalho criador. Deste

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

ideal do desenvolvimento pessoal disse Goethe: *Hoechstes Glueck der Menschenkinder ist doch die Persoenlichkeit* («A maior felicidade do ser humano é a personalidade»). Mas a já mencionada tendêncita oposta — rompendo a couraça da individualidade, superando as suas suas limitações e o seu isolamento — representa uma atitude humana de não menos profundas raízes, e que igualmente encerra uma grande satisfação potencial. Nenhuma das duas tendências é em si mesma patológica; quer a conservação e o enriquecimento da personalidade como o seu sacrifício representam objectivos legítimos para a solução dos problemas humanos.

Raras são as neuroses em que não verificamos a tendência para a negação da individualidade. Pode aparecer em desejos de abandono do lar e de tornar-se o indivíduo um vagabundo, ou de perder a identidade; em uma identificação com alguém cuja biografia se lê; em um sentimento, exprimido por um nosso doente, de nos encontrarmos perdidos nas trevas e nas ondas do mar, de nos fundirmos com a noite e as vagas. Essa tendência aparece igualmente no desejo de se ser hipnotizado, na propensão para o misticismo, nos sentimentos de irrealidade, na excessiva necessidade de dormir e na atracção pela doença, pela loucura e pela morte. E, como já dissémos, o denominador comum das fantasias masoquistas consiste no sentimento de se transformar o indivíduo em argila nas mãos de um escultor, de se achar desprovido de toda a vontade e de todo o poder, de ser joguete do arbítrio do próximo. Cada uma destas manifestações possui as suas causas peculiares e as suas consequências

específicas. Por exemplo, o sentimento de o sujeito estar escravizado pode integrar uma tendência mais geral a sentir-se vítima dos outros e, nessa qualidade, representar uma defesa contra o impulso de subjugar os outros (assim como uma acusação contra eles por não se deixarem submeter). Embora tenha este valor de exprimir a defesa e a hostilidade, possui no entanto o oculto valor positivo de um abandono a si próprio.

A satisfação que o neurótico busca parece ser o enfraquecimento ou até anulação da própria personalidade, quer se sujeite a uma pessoa determinada ou ao destino, e qualquer seja o tipo de sofrimento a que se entregue. Deixa em qualquer caso de constituir o sujeito activo dos seus actos e transforma-se em um objecto a que falta vontade própria.

Assim integradas as tendências masoquistas no fenómeno geral da tendência para o abandono da individualidade, o prazer visado ou alcançado mediante a fraqueza e o sofrimento perde o seu carácter estranho. Tal impulso básico inclui-se em um sistema de referências que nos é familiar (1). Efectivamente, a tenacidade dos impulsos masoquistas nos neuróticos pode explicar-se,

(1) W. Reich, em *Psychischer Kontakt und vegetative trömung* («Contacto Psíquico e Corrente Vegetativa») e *Über Charakteranalyse* («Sobre a Análise de Carácter»), ensaiou uma tentativa análoga para resolver o problema do masoquismo. Também afirma não serem as tendências masoquistas opostas ao princípio do prazer sexual e concebe como tendência para o orgasmo o que nós considerámos tendência para uma dissolução dos limites individuais.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

nestes termos, pelo facto de servirem a um tempo como protecção contra a angústia e como factor de satisfação potencial ou actual. Conforme vimos, poucas vezes esta satisfação é real (excepto nas fantasias e nas perversões sexuais), e por mais que a tendência para ela constitua importante elemento dos impulsos gerais para a debilidade e a passividade. Coloca-se assim a questão final: porque tão raramente obtém o neurótico o olvido por que anseia e, com ele, a satisfação procurada.

Uma importante circunstância impeditiva de uma plena satisfação consiste em os impulsos masoquistas se defrontarem com o extraordinário valor que o neurótico atribui à singularidade da sua personalidade. A maioria dos fenómenos masoquistas partilha com os sintomas neuróticos a característica de representar soluções de compromisso entre impulsos incompatíveis. O neurótico tende a sentir-se à mercê da vontade de todos, mas insiste ao mesmo tempo em que o mundo se deve adaptar a ele. Tende a sentir-se escravizado, mas insiste ao mesmo tempo em que não se duvide do seu poderio sobre o próximo. Deseja-se inerme e desamparado mas, ao mesmo tempo, não só insiste em ser auto-suficiente, como, decerto, em ser omnipotente. Propende a supor-se uma nulidade, e apesar disso irrita-se quando não é considerado um génio. Não existe absolutamente alguma solução satisfatória susceptível de conciliar tais extremos, sobretudo quando ambas as tendências são igualmente vigorosas.

O impulso para o abandono é muito mais imperioso no neurótico do que no indivíduo normal. Além de ten-

tar libertar-se dos temores, das limitações e do isolamento inerentes à existência humana, visa ainda libertar-se dos seus sentimentos de aprisionamento em conflitos insolúveis, e da sua consequente dor. Simultâneamente, a tendência contraditória para o poder e para a exaltação de si mesmo é igualmente imperativa e mais intensa do que a normal. Tenta sem dúvida alcançar o impossível, ser ao mesmo tempo tudo e nada. Pode assim viver em desesperada dependência e tiranizar os outros mediante a sua fraqueza. Acaso ele próprio confunde tais compromissos com uma pretensa capacidade de entrega. Mais ainda: os próprios psicólogos parecem por vezes inclinados a cair nesta confusão, aceitando ser o abandono, em si mesmo, uma tendência masoquista. Muito ao contrário, o masoquista é na realidade incapaz de se abandonar a algo ou alguém; incapaz, por exemplo, de consagrar todas as suas forças ao serviço de uma causa ou de se devotar inteiramente ao amor. Pode entregar-se ao sofrimento, mas essa entrega será completamente passiva; e só utiliza o sentimento, o interesse ou a pessoa que causam os seus sofrimentos como meios para se perder gratuitamente, e apenas para esse fim. Não existe inter-relação activa entre si e os outros, mas apenas uma egocêntrica absorção nos seus próprios fins. A genuína entrega a uma pessoa ou a uma causa traduz força interior; o abandono masoquista, ao invés, constitui em última análise um sinal de fraqueza.

Outro motivo pelo qual raramente a satisfação é atingida funda-se nos elementos destrutivos inerentes à estrutura neurótica. Já os apontámos. Tais elementos não se

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

verificam nas tendências culturais «dionisíacas» que nada oferecem de comum com a tendência neurótica a destruir quanto constitui a personalidade, a aniquilar toda a capacidade de acção e felicidade. Comparemos, por exemplo, o culto dionisíaco grego com as fantasias neuróticas de loucura. Ali, o desejo era lograr uma experiência extática transitória que permitisse exaltar a alegria de viver; aqui, a mesma tendência para o olvido e abandono não contribui para uma imersão transitória que conduza a uma reemersão, nem serve de instrumento para enriquecer e completar a vida. A sua finalidade é libertar-se do inteiro eu atormentador, quaisquer sejam os seus valores: por isso a porção intacta da personalidade reage com medo contra esse objectivo. De facto, o medo das desastrosas perspectivas para que uma parte da personalidade impele a totalidade dela é, por via de regra, o único factor do processo que se torna consciente. O neurótico apenas sabe ter medo de enlouquecer. Só depois da discriminação do processo nos seus elementos componentes — tendência para o abandono de si próprio e temor reactivo —, será possível compreender que o neurótico visa determinado prazer mas que os seus temores impedem a respectiva consecussão.

Um factor peculiar da nossa cultura concorre para reforçar a angústia vinculada às tendências para o abandono. Na civilização ocidental existem poucos ou nenhuns meios culturais que permitam satisfazer estas tendências, mesmo sem atendermos ao seu carácter neurótico para a maioria das pessoas. Não só carecemos de instrumentos culturais eficazes para atingir tal satisfa-

ção, como o seu desenvolvimento se vê activamente contrariado; numa cultura individualista espera-se que o indivíduo se defenda a si próprio, seja independente, se imponha e, se for caso disso, lute pelos seus objectivos. Na nossa cultura, ceder conscientemente às tendências para o abandono de si próprio condensa o perigo do ostracismo social.

Tendo em conta os temores que comummente vedam ao neurótico os prazeres específicos que procura, tornar-se-á possível apreciar o valor que, para ele, possuem as fantasias e perversões masoquistas. De facto, se realiza em fantasias e práticas sexuais as suas tendências para o abandono, poderá evitar o perigo de uma completa obliteração de si próprio. Como os cultos dionisíacos, tais práticas masoquistas proporcionam olvido e abandono temporários, com escasso risco de prejuízo. Invadem geralmente toda a estrutura da personalidade, mas concentram-se às vezes nas actividades sexuais, enquanto as outras partes da personalidade continuam relativamente ilesas. Há homens, activos, agressivos e eficientes no seu próprio trabalho, que se vêem compelidos a incorrer ocasionalmente em perversões masoquistas, como vestir-se de mulher ou fazer de «menino mau» que, por isso, deve ser batido. Por outro lado, os temores que negam ao neurótico a possibilidade de atingir uma solução satisfatória dos seus conflitos, podem também invadir as suas tendências masoquistas. Se estas são de índole sexual, conservar-se-á afastado da sexualidade, experimentando então repugnância pelo sexo oposto ou, pelo menos, graves inibições eróticas.

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Freud considera os impulsos masoquistas fenómenos essencialmente sexuais, tendo proposto teorias para os explicar. Inicialmente, julgou-os um aspecto de certa fase definitiva e biològicamente determinada do desenvolvimento sexual: a chamada fase sado-anal. Mais tarde formulou a hipótese de que os impulsos masoquistas apresentam uma relação intrínseca com a natureza feminina, significando qualquer coisa como o desejo de ser mulher (1). Já apontámos defender na sua última hipótese os impulsos masoquistas representam combinações das tendências autodestrutivas com as sexuais, e que sua função é tornar as primeiras inofensivas para o indivíduo.

O nosso ponto de vista pode sintetizar-se nos seguintes termos. As tendências masoquistas não constituem fenómenos essencialmente sexuais, nem resultam de processos biològicamente determinados. Originam-se nos conflitos da personalidade. O seu objectivo não é o sofrimento. Na medida em que desempenha determinadas funções, o sofrimento neurótico não é o objectivo do sujeito, mas o preço que se vê obrigado a pagar — e a satisfação que visa não é o próprio sofrimento mas uma aniquilação do eu.

(1) S. Freud, *The Economic Principle of Masochism* («O Princípio Económico do Masoquismo»), em *Collected Papers*, vol. 2, pp. 255-268, e *Novas Contribuições à Psicanálise*. V. também K. Horney, *The Problem of Feminine Masochism* («O Problema do Masoquismo Feminino»), em «Psychoanalytic Review», vol. 22 (1935).

XV

CULTURA E NEUROSE

A análise de qualquer indivíduo oferece sempre problemas novos, inclusive ao analista mais experimentado. Depara em cada doente com dificuldades que nunca encontrou antes, com atitudes difíceis de reconhecer e mais ainda de explicar, com reacção muito longe de terem transparência à primeira vista. Semelhante variedade não nos surpreenderá se nos recordarmos da complexidade da estrutura do carácter neurótico tal como o descrevemos nos capítulos anteriores, e se tomarmos em consideração os múltiplos factores implícitos. Diferenças hereditárias e as diferentes experiências que a pessoa sofre na sua vida, particularmente na infância, produzem variantes quase ilimitadas na combinação dos factores implicados.

No entanto, como já dizíamos de início, apesar de todas estas variações individuais, os conflitos básicos em torno dos quais se organiza uma neurose revelam-se

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

pràticamente sempre os mesmos, e são, geralmente, semelhantes também àqueles a que se acham submetidos os indivíduos sãos da nossa cultura. Talvez seja um truísmo insistir na impossibilidade de fixar uma distinção nítida entre o neurótico e o normal, mas convirá apontá-lo uma vez mais, pois muitos leitores, em face dos conflitos e das atitudes que observam na sua própria experiência, poderão perguntar-se a si próprios: «Sou ou não neurótico?» O melhor critério para uma resposta consiste em saber se o indivíduo se sente ou não perturbado pelos seus conflitos, se pode enfrentá-los e superá-los directamente.

Tendo assim reconhecido que os neuróticos da nossa cultura estão dominados pelos mesmos conflitos subjacentes que, em maior ou menor grau, afligem o indivíduo normal, novamente encontramos a pergunta formulada de início: que condições da nossa cultura se configuram responsáveis pelo facto de as neuroses se encontrarem em volta de determinados problemas e não de quaisquer outros?

Freud dedicou escassa atenção a este problema; o reverso da sua orientação biologista era a falta de um critério sociológico, e propendia portanto a atribuir primordialmente os fenómenos sociais a factores psíquicos, e estes por seu turno a factores biológicos (teoria da líbido). Tal inclinação conduziu alguns analistas a crer, por exemplo, que as guerras são causadas por acção do instinto de morte; que o nosso actual sistema económico se baseia em tendências erótico-anais e que a razão pela qual a era das máquinas não começou há

dois mil anos se deve à circunstância de o narcisismo então imperar.

Freud não concebe a cultura como resultante de um complexo processo social, mas, fundamentalmente, como produto de tendências biológicas reprimidas ou sublimadas, com a consequência de se erigirem formações reactivas contra elas. Quanto mais radicalmente se suprimissem estas tendências, tanto maior seria o desenvolvimento cultural alcançado. Porque a capacidade de sublimação é limitada, e porque a intensa supressão das tendências primitivas, sem sublimação alguma, pode conduzir à neurose, o desenvolvimento de uma civilização deveria condensar inevitàvelmente o incremento das neuroses. Elas constituiriam o preço que a humanidade deve pagar pela evolução cultural.

A premissa teórica implícita nesta maneira de pensar reside na aceitação de uma natureza humana biològicamente determinada ou, mais precisamente, na crença de que os impulsos orais, anais, genitais e agressivos se produzem, em quantidades mais ou menos idênticas, em todos os seres humanos. As variações da integração do carácter nos diversos indivíduos e nas diferentes culturas obedeceriam, então, à mutável intensidade da supressão requerida — devendo-se acrescentar que esta supressão não afecta em igual grau os impulsos de diversa espécie.

As verificações históricas e antropológicas não confirmam a existência de tal relação directa entre nível cultural e supressão das tendências sexuais ou agressivas. O erro consiste, capitalmente, em aceitar uma rela-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

ção quantitativa em lugar de uma «qualitativa». A vinculação não se estabelece entre a importância da supressão dos instintos e a importância da cultura correspondente, mas entre a qualidade dos conflitos individuais e a qualidade das dificuldades culturais. Se não é possível repudiar o factor quantitativo, ele apenas deverá ser apreciado no contexto da estrutura global.

Certas dificuldades típicas inerentes à nossa cultura reflectem-se como conflitos psíquicos na vida de todos os indivíduos e, acumulando-se, podem conduzir à formação de neuroses. Por não sermos especialistas em sociologia, limitar-nos-emos a assinalar sucintamente os traços culturais básicos que incidem sobre o problema da neurose e da cultura.

O princípio da competição individual é o fundamento económico da cultura moderna. O indivíduo isolado deve lutar com outros indivíduos do mesmo grupo, procurando superá-los e, muitas vezes, afastá-los do caminho. A vantagem de uns significa a desvantagem de outros, e, como consequência psíquica desta situação, estabelece-se uma difusa tensão hostil entre os indivíduos. Cada um é concorrente real ou potencial dos demais, situação que claramente se manifesta entre os membros de uma mesma classe profissional, sejam eles ou não correctos nos seus actos ou tendam a disfarçar a situação real com uma amável deferência para com o próximo. Não obstante, deve sublinhar-se que a competição e a hostilidade potencial que encerra saturam todas as relações humanas e decerto constituem factores predominantes nos contactos pessoais. Dominam os vín-

culos entre homem e homem, mulher e mulher, e coarctam profundamente a possibilidade da criação de amizades sólidas, seja seu objecto a popularidade, a competição, a atracção ou qualquer outro valor social. Como já indicámos, perturbam ao mesmo tempo as relações entre homens e mulheres, não só em quanto se refere à escolha do companheiro como na luta contra ele para alcançar superioridade. Saturam também a vida escolar e, mais terrìvelmente ainda, minam a situação familiar; de modo que, geralmente, a criança é inoculada com este gérmen a partir do próprio começo da sua vida. A rivalidade entre pai e filho, mãe e filha, irmão e irmão, não é um fenómeno humano geral, e tão-só uma resposta a estímulos culturalmente condicionados. Um dos relevantes méritos de Freud foi haver descoberto o papel da rivalidade na família, formulando-o na sua concepção do complexo de Édipo e em hipóteses análogas. Cabe, no entanto, acrescentar que esta rivalidade não se encontra por seu turno biològicamente condicionada e, além disso, que as relações familiares não são os únicos factores susceptíveis de desencadear a rivalidade. Nesse sentido operam ainda, desde o berço ao túmulo, os estímulos competitivos.

A potencial tensão hostil entre os indivíduos engendra constante temor pela possível hostilidade dos outros, reforçado pelo medo de que estes se vinguem da própria hostilidade de cada um. Outra importante fonte de medo no indivíduo normal reside na perspectiva do fracasso; o medo do fracasso tem fundamentos reais, pois as possibilidades de perder superam normalmente as de

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

vencer, e, numa sociedade competitiva, os desaires condensam a frustração real das necessidades pessoais. Não só implicam revezes económicos como ainda quebra de prestígio e toda a espécie de frustrações individuais.

Outro motivo pelo qual o êxito é um espectro tão sedutor reside na sua repercussão sobre o auto-apreço. Não são apenas os outros quem nos julga segundo o grau do nosso êxito — também a nossa própria auto-estima se ajusta a idêntico padrão. Em conformidade com as ideologias dominantes, os triunfos devem-se a méritos intrínsecos ou, em termos religiosos, representam sinais visíveis da graça de Deus; mas dependem na verdade de uma série de factores fora do nosso alcance: circunstâncias fortuitas, desonestidade e outros do mesmo teor. Não obstante, sob a pressão da ideologia imperante, até a pessoa mais normal se vê constrangida a sentir-se valiosa quando obtém êxito e a menosprezar-se quando fracassa. Desnecessário será dizer fornecer esta situação uma escassa base para o auto-apreço.

Tomados todos estes factores em conjunto — o sentido de competição e subsequente hostilidade potencial em relação aos outros, os temores, a diminuição do auto-apreço —, o seu resultado consiste no sentimento do isolamento pessoal. Embora o indivíduo tenha múltiplos contactos com os seus semelhantes, embora desfrute de uma vida conjugal feliz, está efectivamente isolado. O isolamento emocional é difícil de suportar para qualquer pessoa, mas torna-se uma verdadeira calamidade quando coincide com apreensões e incertezas a respeito de si próprio.

É esta situação que provoca no indivíduo normal do nosso tempo uma intensa necessidade de conseguir afecto. A obtenção de afecto fá-lo sentir menos isolado, menos ameaçado pela hostilidade e menos incerto a seu respeito. Por isso é o amor sobrevalorizado na nossa cultura, convertendo-se — como o êxito — em um verdadeiro fantasma, e arrastando a ilusão acessória de que mediante ele todos os problemas podem resolver-se. O amor não é intrìnsecamente uma ilusão — embora na nossa cultura quase sempre seja uma cortina encobrindo desejos completamente outros —, mas, esperando dele muito mais de quanto pode dar, transformá-lo em uma ilusão. Por sua vez, o valor ideológico que empprestemos ao amor contribui para velar os factores que engendram a nossa exagerada necessidade de o obter. Por esta forma, o indivíduo (continuamos a falar do indivíduo normal) encontra-se prisioneiro do dilema de requerer uma apreciável quantidade de afecto e de tropeçar nas mais árduas dificuldades para o alcançar.

Nesta medida, tal situação aparece como um terreno fértil para a produção de neuroses. Os mesmos factores culturais que influem na pessoa normal, precipitando-a em um auto-apreço vacilante, na hostilidade potencial, na apreensão, na ânsia competitiva que implica temores, hostilidades e ódios, na exaltada necessidade de manter relações pessoais satisfatórias, afectam o neurótico ainda em grau mais acentuado, produzindo consequências que são reproduções amplificadas das anteriores: aniquilamento da auto-estima, destrutividade, desmedida ânsia de comptição acarretando maior ansie-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

dade e impulsos destrutivos, e excessiva necessidade de afecto.

Se nos recordarmos da existência em todas as neuroses de tendências contraditórias que o neurótico é incapaz de conciliar, coloca-se-nos a questão de saber se na nossa cultura não existirão também certas incompatibilidades definidas, sobre as quais se fundem os conflitos neuróticos típicos. Seria tarefa de sociólogo estudar e descrever tais antagonismos culturais, mas bastar-nos-á apontar breve e esquemàticamente algumas das tendências contraditórias mais relevantes na cultura.

A primeira contradição que cabe mencionar é a verificada entre, por um lado, a competição e o êxito, e, por outro, o amor fraterno e a humildade. Fazemos por um lado todo o possível para atingirmos êxito, o que não só significa devermos tentar impor-nos como ainda sermos agressivos e capazes de esmagar quem se atravesse no nosso caminho. Em contrapartida, estamos profundamente imbuídos dos ideais cristãos, que condenam como egoísmo querer algo para si, que nos prescrevem a humildade, oferecer a outra face à bofetada e a condescendência para com o próximo. Dentro dos limites da normalidade, existem apenas duas soluções para tal contradição; tomar a sério uma das tendências e desinteressar-se o indivíduo da outra, ou, então, considerar as duas, com a consequência de se produzirem graves inibições nos dois sentidos.

A segunda contradição estabelece-se entre a estimulação das nossas necessidades e as frustrações reais que, ao cumpri-las, sofremos. Razões económicas as ne-

cessidades do indivíduo tornam na nossa cultura contìnuamente acicatadas por processos como a propaganda, o «consumo ostensivo» e a preocupação de «alinhar com a opinião». No entanto, a efectiva satisfação destas necessidades é muito restrita para a grande maioria das pessoas — o que tem para o indivíduo a consequência de os seus desejos se encontrarem permanentemente desfasados da respectiva satisfação.

Existe ainda outra contradição entre a pretensa liberdade do indivíduo e as suas reais restrições. A sociedade diz ao indivíduo ser ele livre e independente, poder ordenar a vida segundo a sua livre vontade, estar «o grande jogo da vida» à sua inteira disposição e que, se for eficaz e enérgico, alcançará quanto deseja. A verdade é que todas estas possibilidades são na prática muito menores para a generalidade dos homens. O que se diz em tom de brincadeira quanto à impossibilidade de escolher os pais, é igualmente aplicável à vida em geral, à escolha profissional e ao êxito nela, à escolha das diversões e do cônjuge. O resultado de tudo isto é uma incessante flutuação entre o sentimento de ilimitado poderio na determinação do próprio destino e o sentimento de total impotência e carência de defesas.

Estas contradições inscritas na nossa cultura constituem, justamente, os conflitos que o neurótico tenta conciliar: as suas tendências agressivas e os seus impulsos para a condescendência; as suas excessivas exigências, e o medo de nada alcançar; a sua ânsia de auto-exaltação e os seus sentimentos de defesas. A diferença em relação ao indivíduo normal é meramente quantita-

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

tiva. Enquanto este é capaz de superar tais dificuldades sem que a sua personalidade sofra maior dano, os conflitos encontram-se intensificados no neurótico, ao ponto de impedirem qualquer desenlace satisfatório.

Segundo parece, o ser humano mais predisposto para a neurose é aquele que mais intensamente experimentou todas estas dificuldades culturais, sobretudo através de experiências infantis — e que, portanto, foi incapaz de as resolver, ou as resolveu com grave prejuízo da sua personalidade. Poderíamos chamar-lhe um enteado da nossa cultura.

ÍNDICE

	Pág.
Prefácio	7
Introdução	17
I - Implicações Culturais e Psicológicas das Neuroses	23
II - Fundamentos da «Personalidade Neurótica do Nosso Tempo»	41
III - A Angústia	53
IV - Angústia e Hostilidade	75
V - Estrutura Básica das Neuroses	97
VI - A Necessidade Neurótica de Afecto	121
VII - Outras Características da Necessidade Neurótica de Afecto	135
VIII - Modos de Alcançar o Afecto e Sensibilidade à Rejeição	155
IX - Papel da Sexualidade na Necessidade Neurótica de Afecto	167
X - A Ânsia de Poderio, Prestígio e Posse	183
XI - A Competição Neurótica	209
XII - O Abandono da Competição	227
XIII - Sentimentos Neuróticos de Culpa	251
XIV - O Significado do Sofrimento Neurótico (O Problema do Masoquismo)	281
XV - Cultura e Neurose	303

Loja Independente de Teosofistas
www.FilosofiaEsoterica.com - www.CarlosCardosoAveline.com

Composto e impresso na
Sociedade Industrial Gráfica
Rua do Campolide, 133-B-C
Telefone 68 16 12 - LISBOA 1

KAREN HORNEY

A PERSONALIDADE NEURÓTICA DO NOSSO TEMPO

Independentemente do título «A personalidade neurótica do nosso tempo», a que motivos de circunstância emprestam sabor de quase irresistível chamariz, o aparecimento da versão portuguesa deste livro, em que se discute a validade dalgumas ideias fundamentais da psicanálise e se propõem outras hipóteses, afigura-se-nos bastante prestativo pelo real valor da obra e, ao mesmo tempo, muito oportuno, em razão do interesse social que o tema já desperta hoje entre nós. (...) As novas interpretações ou reavaliações das observações e teorias de Freud, por Karen Horney e por outros psicalanistas dissidentes, revestem-se de grande valia, não só porque alargam e enriquecem o âmbito do debate mas até porque acusam o quanto de arbitrário e subjectivo impregna as tomadas de posição de uns e de outros. Sem dúvida, Karen Horney, com a visão culturalista, dilatou, fortificando-o e clarificando-o, o campo de investigação freudiano, que, em alguma medida, se patenteara idealistamente biologizante.

(Do prefácio de J. SEABRA-DINIS)

Próximo volume:

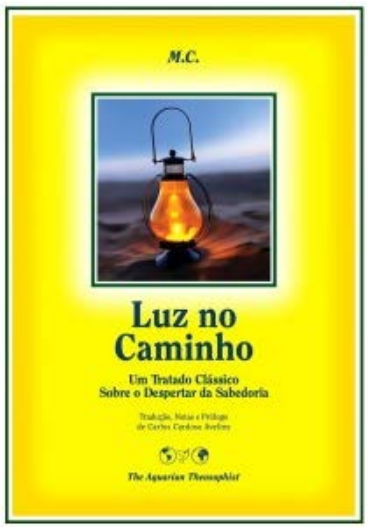
O TEATRO E O SEU DUPLO
Antonin Artaud

000

Final de "**A Personalidade Neurótica do Nosso Tempo**".

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de "**Luz no Caminho**", de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por "**The Aquarian Theosophist**".

000